

**ACADEMIA CABEDELENSE DE
CIÊNCIAS, ARTES E LETRAS –
LITORÂNEA**



**ACADEMIA CABEDELENSE DE
CIÊNCIAS, ARTES E LETRAS –
LITORÂNEA**



1ª edição

2021

Copyright © 2021 – Todos os direitos reservados aos Acadêmicos da ACCAL - Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

REVISÃO E SUPERVISÃO EDITORIAL
Prof. Francelino Soares de Souza
E-mail *francelino-soares@bol.com.br*

PROJETO GRÁFICO
Luis Carlos Kehrle
E-mail *luis.kehrle@gmail.com*

CAPA
Layout – Omar Khayam Meira de Souza
omark2@hotmail.com

Idealização – Tanea Castelliano

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Mídia Gráfica e Editora

BRASÃO
Layout de Jacques Yves Belmont com alterações de Tania Regina Castelliano

FOTOS
Arquivos dos(as) Acadêmicos(as)

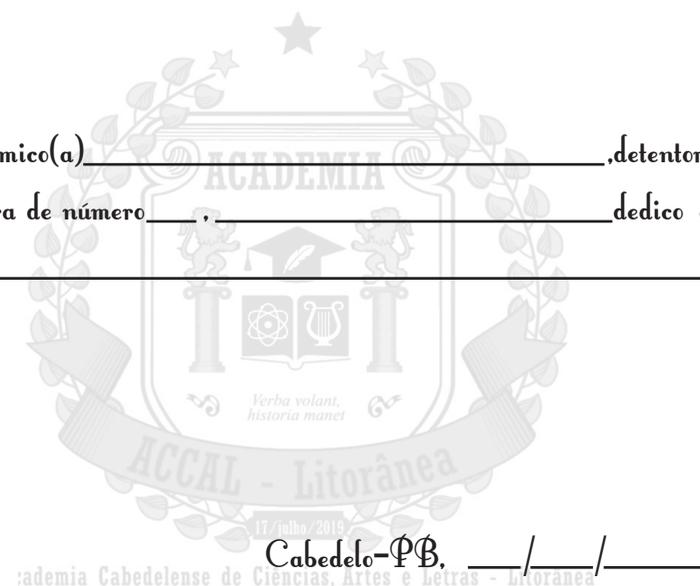
FICHA CATALOGRÁFICA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ele impresso, digital, áudio, ou visual sem a expressa autorização por escrito da ACCAL – Litorânea, sob penas criminais e ações cíveis.

Os conceitos emitidos, concretos ou abstratos, bem como a veracidade das informações sobre Patronos/Patronesses é de absoluta responsabilidade dos detentores das respectivas Cadeiras.

Os conceitos, concretos ou abstratos, bem como a veracidade de informações sobre Patronos e Patronesses são de absoluta responsabilidade dos senhores(as) acadêmicos e acadêmicas.

Eu, acadêmico(a) _____, detentor(a)
da Cadeira de número _____, dedico este
livro a _____.



Cabedelo-PB, ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Ao nosso Mestre companheiro do silêncio das madrugadas, que atentamente ouviu nossas palavras, contribuindo para que este livro chegasse até você. Ao carpinteiro de Nazaré, que entalha o coração dos acadêmicos com seu amor: **Jesus Cristo!**

Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea

SUMÁRIO

CADEIRA 1	
PATRONO - AUGUSTO DE CARVALHO RODRIGUES DOS ANJOS	23
ACADÊMICA - <i>Tania Regina Castelliano</i>	48
CADEIRA 2	
PATRONO - ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS, PE.....	50
ACADÊMICO - <i>Gilvando Estevam da Silva</i>	59
CADEIRA 3	
PATRONO - ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL.....	60
ACADÊMICA - <i>Cleide Rocha da Silva Pimentel</i>	69
CADEIRA 4	
PATRONO - ÁLVARO PEREIRA DE CARVALHO.....	71
ACADÊMICO - <i>Manoel Hélder de Moura Dantas</i>	79
CADEIRA 5	
PATRONO - AMÉRICO AUGUSTO DE SOUZA FALCÃO	81
ACADÊMICA - <i>Tereza Maria Madalena de Lira Braga Vieira</i>	86
CADEIRA 6	
PATRONESSE - ANAYDE BEIRIZ.....	88
ACADÊMICA - <i>Neide Medeiros dos Santos</i>	100
CADEIRA 7	
PATRONO - ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS	102
ACADÊMICO - <i>Valério Costa Bronzeado</i>	109
CADEIRA 8	
PATRONO - ANTÔNIO RIBEIRO PESSOA.....	111
ACADÊMICA - <i>Maria Mercedes Pessoa Cavalcanti</i>	124

CADEIRA 9

PATRÃO - ARIANO VILAR SUASSUNA	127
ACADÊMICA - <i>Maria do Socorro Silva de Aragão</i>	137

CADEIRA 10

PATRÃO - JURANDY MOURA	139
ACADÊMICA - <i>Maria do Carmo Cândido Moura</i>	143

CADEIRA 11

PATRÃO - ENIVALDO DE FIGUEIREDO MIRANDA	145
ACADÊMICA - <i>Vera Lúcia de Almeida Simões</i>	154

CADEIRA 12

PATRÃO - EULAJOSÉ DIAS DE ARAÚJO	156
ACADÊMICO - <i>José Nunes da Costa</i>	164

CADEIRA 13

PATRÃO - HERMANO JOSÉ GUEDES	167
ACADÊMICO - <i>Hermano José Falconi de Almeida</i>	172

CADEIRA 14

PATRÃO - HERMES NASCIMENTO	173
ACADÊMICO - <i>Aroaldo Sorrentino Maia</i>	180

CADEIRA 15

PATRÃO - INÁCIO DE SOUSA ROLIM, PE.	182
ACADÊMICO - <i>José Caitano de Oliveira</i>	190

CADEIRA 16

PATRÃO - JOACIL DE BRITO PEREIRA	191
ACADÊMICO - <i>Eitel Santiago de Brito Pereira</i>	203

CADEIRA 17

PATRÃO - JOÃO FERNANDES PRAXEDES	206
ACADÊMICA - <i>Léa Santana Praxedes</i>	215

CADEIRA 18

PATRONESSE - MARIA DAS GRAÇAS CARLOS REZENDE	217
ACADÊMICO - <i>Sebastião Tavares Campos Quintans</i>	223

CADEIRA 19

PATRÃO - JOÃO LELIS DE LUNA FREIRE	226
ACADÊMICO - <i>Jorge Costa de Luna Freire</i>	242

CADEIRA 20

PATRÃO - JOSÉ BENEDITO DA SILVA FILHO (MESTRE BENEDITO) ..	244
ACADÊMICA - <i>Andrea Fernandes Nunes Padilha</i>	254

CADEIRA 21

PATRÃO - JOSÉ DE LIMA SIQUEIRA	256
ACADÊMICA - <i>Ana Isabel de Souza Leão Andrade</i>	271

CADEIRA 22

PATRÃO - JOSÉ GOMES FILHO (JACKSON DO PANDEIRO)	273
ACADÊMICO - <i>Antonio Soares da Fonseca Jr.</i>	281

CADEIRA 23

PATRÃO - LUIZ AUGUSTO DE FRANÇA CRISPIM	283
ACADÊMICO - <i>Flávio Sátiro Fernandes Filho</i>	295

CADEIRA 24

PATRÃO - MANUEL ARRUDA CÂMARA	297
ACADÊMICO - <i>Carlos Pessoa de Aquino</i>	307

CADEIRA 25

PATRONESSE - MARIA JOSÉ LIMEIRA	308
ACADÊMICA - <i>Ana Paula Cavalcanti Ramalho</i>	316

CADEIRA 26

PATRONESSE - MARIANA CANTALICE SOARES	318
ACADÊMICO - <i>Fábio Antônio de Albuquerque Smith</i>	322

CADEIRA 27

PATRÃO - MÁRIO MOACYR PORTO	325
ACADÊMICO - <i>José Ricardo Porto</i>	344

CADEIRA 28

PATRÃO - MAURÍLIO AUGUSTO DE ALMEIDA	345
ACADÊMICO - <i>Manoel Wellington de Assis</i>	353

CADEIRA 29

PATRÃO - ORLANDO TEJO	355
ACADÊMICO - <i>Stelo Olímpio Barata de Queiroga</i>	367

CADEIRA 30

PATRÃO - OSIAS NACRE GOMES	370
ACADÊMICO - <i>Cleanto Gomes Pereira</i>	377

CADEIRA 31	
PATRONO - PEDRO AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELO.....	379
ACADÊMICO - <i>Oliveira Francisco de Melo</i>	383
CADEIRA 32	
PATRONO - SEVERINO RAMOS PEDRO DA SILVA	386
ACADÊMICO - <i>Rouger Xavier Guerra Júnior</i>	393
CADEIRA 33	
PATRONO - SILVINO OLAVO DA COSTA.....	395
ACADÊMICO - <i>Francelino Soares de Souza</i>	405
CADEIRA 34	
PATRONO - TARCÍSIO DE MIRANDA BURITY.....	407
ACADÊMICO - <i>Abelardo Jurema Filho</i>	413
CADEIRA 35	
PATRONO - VANILDO RIBEIRO DE LYRA BRITO.....	415
ACADÊMICA - <i>Madja Hamad Pereira</i>	423
CADEIRA 36	
PATRONO - VICENTE DE PAULA HOLANDA PONTES.....	425
ACADÊMICO - <i>José Bezerra Filho</i>	430
CADEIRA 37	
PATRONESSE - VIOLETA GONÇALVES FORMIGA	433
ACADÊMICA - <i>Erika Patrícia Serafim Ferreira Brums</i>	444
CADEIRA 38	
PATRONO - VIRGINIUS FIGUEIREDO DA GAMA E MELO	445
ACADÊMICO - <i>Cosmo Feliciano da Silva</i>	454
CADEIRA 39	
PATRONO - WALFREDO RODRIGUEZ.....	455
ACADÊMICO - <i>Hélio Rodrigues da Costa</i>	458
CADEIRA 40	
PATRONO - WILLS LEAL.....	460
ACADÊMICO - <i>Gilberto Silva</i>	469

APRESENTAÇÃO

Inesperadamente, distintos aspectos de mutações podem acontecer em nossas vidas seja pelos desígnios divinos seja pela inteligência humana. Quero crer que duas explosões cruzaram no caminho volátil dos meus sonhos: um deles é ver a reconstrução de uma Nova Cabedelo, município que escolhi para viver; o outro sonho, a fundação e construção de uma Academia de Ciências, Artes e Letras. Contento-me em ser privilegiada e ter formação acadêmica nessas três áreas. Além do mais, seria inadmissível não ver renascer, junto com a reestruturação do município, a criação e a fundação de uma academia que pudesse resgatar a cultura, as artes e as letras do seu povo.

Na minha varanda, não foi difícil entregar-me ao canto dos pássaros, num domingo cinzento no ano de 2019, e pairar meus pensamentos na criação da academia. No entanto, teria que encontrar um outro sonhador que pudesse realimentar o meu sonho. Sei bem que algumas pessoas são anjos e admitem que são tão fulgentes ao cruzarem os nossos caminhos. Não foi difícil que cruzasse o meu caminho um anjo chamado professor Gilberto Silva e pudesse contar-lhe sobre o meu sonho em fundar uma academia no nosso município, mesmo sabendo que, apesar das intemperes de uma tarefa como essa, trabalharíamos a todo vapor. Gilberto precisou

compreender o provérbio: “*Quanto mais fala o coração, menos fala o cérebro*”. Imediatamente, ele entendeu que alguns sonhadores são muitas vezes tocados pelo poder do devaneio e não seria diferente ter que conjugar e abstrair-se das minhas palavras raciocinadas como, por exemplo, se a academia tiver que enfrentar uma ameaça desfavorável, possivelmente a evitarei, contudo, prefiro encará-la de frente, pois a ansiedade é uma perda de tempo. Vencemos um dia de cada vez, com a ponderação em nossas mãos.

– Gilberto! – exclamei, precisamos de pessoas que possam assumir responsabilidades; do contrário, essas pessoas se contentarão em ser eternamente vítimas dos infortúnios. A ACALC precisa de corajosos, dispostos a resgatar a cultura, os valores adormecidos da história do nosso município.

Aos 11 de julho de 2019, na Casa dos Conselhos Municipais de Educação, em Cabedelo, reuniram-se para um brinde os postulantes a acadêmicos interessados na fundação da Academia de Ciências, Artes e Letras de Cabedelo-ACALC. Ressalto a minha homenagem aos que abraçaram o meu sonho e acreditaram nele, externando os meus sinceros agradecimentos a Gilberto Silva, Rougger Xavier Guerra Filho, Eloisa Marlene de Carvalho Viana, Kelly Cristina Lima, Eutímio Pinto Ramalho, Lusânia Brandão Costa e Janderson Bezerril de Brito, revivendo neste momento aquele brinde que nos fortaleceu com a pedra angular.

Instantaneamente, fomos surpreendidos e interrompidos pelo enigma da pandemia da COVID-19, que ceifou muitas vidas. Mas, lembrei-me das minhas palavras para o anjo Gilberto: *Se tiver que enfrentar uma ameaça desfavorável, possivelmente a evitarei; entretanto, prefiro encará-la de frente*. O mundo não para, preciso de outro anjo, meu Deus! Em maio de 2021, cruzou o meu caminho o anjo, o escritor Jose Caitano, e, prontamente, decidi colaborar com os esforços para o renascimento da ACALC, convidando o professor Francelino Soares para que assumisse o car-

go de Secretário-Geral e nos ajudasse a dar continuidade ao andamento do projeto. Foi com muita inspiração e dedicação, em casa daquele, na praia de Lucena, que começamos a nos reunir nos finais de semana, quando vários ilustres nomes começaram a permear a lista dos quarenta acadêmicos. Agora, já formada com os seus postulantes, a ACALC passou a adotar uma outra nomenclatura: Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras / ACCAL – Litorânea, com a inclusão deste último adjetivo, objetivando tornar ainda maior a sua abrangência cultural e histórica.

O porquê de o poeta Augusto dos Anjos ser o escolhido patrono da ACCAL – Litorânea, melhor dizendo, continuar como patrono escolhido da Cadeira que ocuparei. Um dos motivos é haver eu recebido a comenda Augusto dos Anjos, fato que me sensibilizou pela grandiosidade do que ela representa na história trilhada na vida do poeta; o outro é que fui a segunda mulher a receber a tão honrosa Medalha Augusto dos Anjos. Foi uma dádiva de Deus conquistar essa homenagem, propositura do vereador do município de Sapé, Derval Moreira. Ressalto que foi a primeira homenagem de reconhecimento por meu trabalho desenvolvido em todo o Estado da Paraíba, concedida por aquele município, em evento ocorrido no Palácio da Redenção, quando do lançamento do meu livro “A Tempestade dos Sonhos”.

Por fim, nossa belíssima posse com as Cadeiras ocupadas por seletos vultos da sociedade do nosso Estado, no dia 10 de dezembro de 2021, sela a realização de um “sonho”: a fundação da Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras – ACCAL – Litorânea.

Mas, agora, apressemo-nos para a leitura do primeiro Capítulo desta obra.

TANIA REGINA CASTELLIANO
Presidente/Fundadora da ACCAL – Litorânea

PREFÁCIO

Em princípio, exteriorizamos os agradecimentos a todos os que envidaram o necessário esforço no sentido de viabilizar a escrita desse trabalho que busca resgatar e/ou preservar o perfil biográfico dos que compõem a galeria de Patronos e Patronesses desta Academia Cabedense de Ciências, Artes e Letras – ACCAL – Litorânea.

Deve-se esclarecer que, para alguns, a pesquisa dos dados necessários à elaboração do esboço biográfico de cada homenageado nem sempre foi fácil. Demandou um trabalho consultivo tanto de fontes primárias como de secundárias, razão pela qual coube à Secretária-Geral auxiliar aqueles carentes de maiores informações.

Evidentemente, por meio deste trabalho, objetivamos possibilitar aos leitores, como aos confrades e congreiras, um pouco do que foram e do que fizeram os quarenta Patronos e Patronesses desta entidade.

O resgate histórico e cultural constante do esboço biográfico de cada Patrono/Patronessa apresenta-se-nos como uma obrigação acadêmica, no sentido de uma melhor divulgação de suas atuações no que concerne às ciências, artes, letras, bem como à própria história e ao momento histórico em que cada um viveu.

Com pequenas e raras exceções, os textos foram produzidos pelos respectivos ocupantes das quarenta Cadeiras, salvo indicação, cujos trabalhos foram finalizados por este organizador, atividade inerente ao próprio cargo de Secretário-Geral.

Citações de textos de alguns dos Patronos/Patronesses servem de motivação, a fim de que melhor se conheça o pendor literário e/ou cultural dos mesmos.

Necessário se faz dizer que a escolha de que redundou a lista final dos quarenta Patronos/Patronesses se deu por um processo de criteriosa seleção ao qual fomos levados pelo caráter de abrangência que pretendíamos dar à Academia Cabeledense de Ciências Artes e Letras. Daí, derivou a junção da terminologia “Litorânea”.

A verdade é que se privilegiaram nomes ligados à história cultural de Cabedelo, que constituíram a grande maioria (Cadeiras 2, 3, 5, 6, 8, 11, 14, 17, 18, 19 e 20). Facilmente, há de notar-se, quando da leitura, o vínculo desses com as raízes cabedelenses, mormente no condizente com as suas tradições históricas, folclóricas bem como com a vocação teatral.

Buscou-se, igualmente, também fortalecer-se o desempenho artístico, literário, em suma, cultural de grandes personalidades do nosso Estado. Afinal, a cultura não pode ser dissociada do nosso sentimento telúrico. Sob este aspecto é que surgiram os nomes de Augusto dos Anjos, Ariano Suassuna, Padre Rolim, Osias Gomes, José Siqueira, Hermano José, Walfredo Rodriguez, Álvaro de Carvalho, Vidal de Negreiros, Arruda Câmara e Pedro Américo.

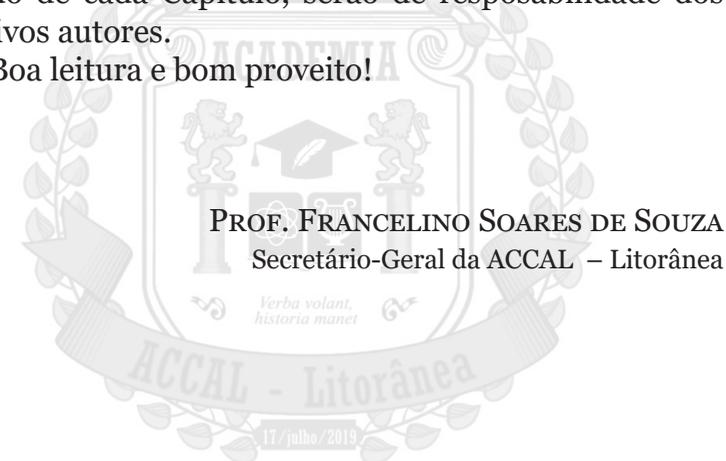
Relevante também foi lembrarmos de intelectuais mais recentes, como Eulajose, Luiz Augusto Crispim, Joacil de Brito Pereira, Silvino Olavo, Maria José Limeira, Mariana Soares, Jurandy Moura, Jackson do Pandeiro, Mário Moacyr Porto, Orlando Tejo, Severino Ramos, Tarcísio

Burity, Maurílio Almeida, Paulo Pontes, Vanildo Brito, Violeta Formiga, Virginius da Gama e Melo e Wills Leal.

A primeira grande etapa deste fato memorável e histórico – a criação e instalação da Academia – foi concretizada. Resta-nos, a nós que fomos selecionados para fazer parte de tão nobre instituição, mantermos essa chama histórica e cultural de Cabedelo sempre acesa, buscando elevar cada vez mais altos ideais que devem circundar os nossos pósteros.

Por dever de ofício, esclarecemos que conceitos e informações, sejam objetivas sejam subjetivas, emitidos no conteúdo de cada Capítulo, serão de responsabilidade dos respectivos autores.

Boa leitura e bom proveito!



PROF. FRANCELINO SOARES DE SOUZA
Secretário-Geral da ACCAL – Litorânea

Academia Cabeledense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras – Litorânea

DIRETORIA

PRESIDENTE:	Tania Regina Castelliano
VICE-PRESIDENTE:	Abelardo Jurema Filho
SECRETÁRIO-GERAL:	Francelino Soares de Souza
2º SECRETÁRIO:	José Nunes da Costa
TESOUREIRO:	Rougger Xavier Guerra Júnior
2º TESOUREIRO:	Erika Patrícia Serafim Ferreira Bruns
RELAÇÕES PÚBLICAS:	Hélio Rodrigues da Costa Ana Paula Cavalcanti Ramalho
COORDENADOR DA CÂMARA DE CIÊNCIAS:	Hermano José Falconi de Almeida Cosmo Feliciano da Silva
COORDENADOR DA CÂMARA DE ARTES:	Fábio Antônio de Albuquerque Smith Hélio Rodrigues da Costa
COORDENADOR DA CÂMARA DE LETRAS:	Manoel Hélder de Moura Dantas Ana Isabel de Souza Leão Andrade
CONSELHO DELIBERATIVO FISCAL:	Carlos Pessoa de Aquino Eitel Santiago de Brito Pereira Sebastião Tavares Campos Quintans
CONSELHO DELIBERATIVO SOCIAL:	Flávio Sátiro Fernandes Filho José Caitano de Oliveira Tereza Maria Madalena de L. B. Vieira
CONSELHO DELIBERATIVO DE ÉTICA:	Aroaldo Sorrentino Cleanto Gomes Pereira Gilberto Silva



CADEIRA 1

PATRONO
AUGUSTO DE CARVALHO
RODRIGUES DOS ANJOS
(1884 – 1914)

ACADÊMICA
Tania Regina Castelliano

No dia 20 de abril de 1884, no Engenho Pau D'Arco, Cruz do Espírito Santo, município do Estado da Paraíba, nascia Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos. Sua mãe, Córdula de Carvalho Rodrigues dos Anjos (Sinhá Mocinha) e seu pai, Dr. Alexandre Rodrigues dos Anjos, possuidor de dois engenhos – o Pau D'Arco e o Coité – proporcionaram ao filho uma infância abastada, permitindo-lhe dispor de professores, com os quais pudesse receber lições de latim, grego, italiano, inglês e francês. Pelo lado materno, Augusto descende dos senhores rurais antigos latifundiários; pelo lado paterno, da cultura erudita, filho de um pai de ideias abolicionistas e republicanas, versado em letras clássicas, atualizado com a cultura do seu tempo, leitor de Spencer e até de Marx. Seu pai foi seu primeiro preceptor. Dele e dos seus irmãos, ensinando-lhes desde as primeiras letras e dos exames preparatórios. Aos dezesseis anos, no ano de 1900, Augusto sai do engenho da família em direção à Capital do Estado – então Parahyba, ingressando no Colégio Liceu Paraibano.

É dessa época o seu primeiro soneto, intitulado de

Saudade

Hoje que a mágoa me apunhala o seio,
E o coração me rasga atroz, imensa,

Eu a bendigo da descrença em meio,
Porque eu hoje só vivo da descrença.

À noite quando em funda soledade
Minh'alma se recolhe tristemente,
Pra iluminar-me a alma descontente,
Se acende o círio triste da Saudade.

E assim afeito às mágoas e ao tormento,
E à dor e ao sofrimento eterno afeito,
Para dar vida à dor e ao sofrimento,

Da saudade na campa enegrecida
Guardo a lembrança que me sangra o peito,
Mas que, no entanto, me alimenta a vida.

Em 1901, publica o soneto "Abandonada" no jornal O Comércio, periódico de Artur Aquiles e, em a União, passando a contribuir com este por um longo período com outros poemas e algum texto em prosa. O referido soneto, ele o dedica ao seu irmão Odilon dos Anjos.

Abandonada

Bem depressa, sumiu-se a vaporosa
Nuvem de amores, de ilusões tão bela;
O brilho se apagou daquela estrela
Que a vida lhe tornava venturosa!

Sombras que passam, sombras cor-de-rosa
– Todas se foram num festivo bando,
Fugazes sonhos, gárrulos voando
– Resta somente um'alma tristurosa!

Coitado! O gozo lhe fugiu correndo,
Hoje ela habita a erma soledade,
Em que vive e em que aos poucos vai morrendo!

Em que vive e em que aos poucos vai morrendo!
Fazem lembrar em noute de saudade
A luz mortíça d'um olhar nublado.

Em 1903, muda-se para o Recife e inscreve-se na tradicional Faculdade de Direito. Quando o jovem estava com 21 anos de idade, o pai dele, acometido de um AVC, fica impossibilitado de mover a língua e falar, embora compreendesse o que lhe diziam. Diante desse fato, Augusto é acometido de uma imagem de obsessiva melancolia diante da situação de impotência do seu pai, na articulação oral. Observa-se que, diante do flagrante da dor que lhe toma conta do coração, ocorre uma ruptura que se transforma em continuidade, o que, possivelmente, se torne a fonte inesgotável da criação do poeta.

Em 1905, morre-lhe o pai. Augusto escreve e publica, no jornal O Comércio, três sonetos que farão parte da futura obra "Eu".

No ano de 1907, conclui o curso de Direito, entretanto, por não desejar exercer a carreira jurídica, retorna à Capital da Paraíba onde começa a ministrar aulas particulares.

Em 1908, com a morte de Aprígio Pessoa de Melo, padraсто de sua mãe e conduzido a patriarca da família, o poeta toma conhecimento de que o Engenho passava por grave situação financeira. Nesse ano, já na capital paraibana, começa a lecionar no instituto Maciel Pinheiro, sendo nomeado professor do colégio Liceu Paraibano. Por essa época, como colaborador, seus textos começam a ser publicados no jornal Nonevar e na revista Terra Natal.

Em 1909, publica o seu antológico soneto "Budismo Moderno" e numerosos outros poemas em A União.

Tome, doutor, esta tesoura, e... corte
Minha singularíssima pessoa.
Que importa a mim que a bicharia roa
Todo meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha sorte!
Também, das diatomáceas da lagoa
A criptógama cápsula se esbroa
Ao contacto de bronca destra forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida
Igualmente a uma célula caída
Na aberração de um óvulo infecundo.

Mas o agregado abstrato das saudades
Fique atento nas perpétuas grades
Do último verso que eu fizer no mundo!

Em comemorações ao “13 de Maio”, em solenidade ocorrida no Teatro Santa Roza, profere um discurso, deixando atônita a plateia presente, em face do uso de um vocabulário não usual e incompreensivo.

Já em 1910, publica, em A União, dois poemas antológicos: Mistério de um Fósforo e Noite de um Visionário. Data desse ano o casamento dele com a professora Ester Fialho, numa época em que presencia sua família vender o Engenho Pau d’Arco. Augusto deixou a Paraíba, abatido, ferido e magoado por ter solicitado ao governador Dr. João Machado uma licença sem vencimentos, na certeza de ter garantido seu emprego no seu retorno, mas o mesmo lhe negara. Alegou o governador que ele havia sido nomeado interinamente, não tendo, portanto, direito à licença pretendida, e que não o amolasse mais.

Demitindo-se do Liceu Paraibano, despede-se de sua terra natal e embarca com a esposa para a cidade do Rio de Janeiro, hospedando-se numa pensão localizada no Largo do Machado. Termina o ano sem que ele consiga emprego.

Mistérios de um fósforo

Pego de um fósforo. Olho-o. Olho-o ainda. Risco-o
Depois. E o que depois fica e depois
Resta é um ou, por outra, é mais de um, são dois
Túmulos dentro de um carvão promíscuo.

Dois são, porque um, certo, é do sonho assíduo
Que a individual psiquê humana tece e
O outro é o do sonho altruístico da espécie
Que é o substractum dos sonhos do indivíduo!

E exclamo, ébrio, a esvaziar báquicos odres:
– “Cinza, síntese má da podridão,
Miniatura alegórica do chão,
Onde os ventres maternos ficam podres;

Na tua clandestina e erma alma vasta,
Onde nenhuma lâmpada se acende,
Meu raciocínio sôfrego surpreende
Todas as formas da matéria gasta!”

Raciocinar! Aziaga contingência!
Ser quadrúpede! Andar de quatro pés
É mais do que ser Cristo e ser Moisés
Porque é ser animal sem ter consciência!

Bêbedo, os beiços na ânfora ínfima, harto,
Mergulho, e na ínfima ânfora, harto, sinto
O amargor específico do absinto
E o cheiro animalíssimo do parto!

E afogo mentalmente os olhos fundos
Na amorfia da cítula inicial,
De onde, por epigênese geral,
Todos os organismos são oriundos.

Presto, irrupto, através ovóide e hialino
Vidro, aparece, amorfo e lúrido, ante
Minha massa encefálica minguante
Todo o gênero humano intra-uterino!

É o caos da ávita víscera avarenta
– Mucosa nojentíssima de pus,
A nutrir diariamente os fetos nus
Pelas vilosidades da placenta!

– Certo, o arquitetural e íntegro aspecto
Do mundo o mesmo inda é, que, ora, o que nele
Morre, sou eu, sois vós, é todo aquele
Que vem de um ventre inchado, ínfimo e infecto!

É a flor dos genealógicos abismos
– Zooplasma pequeníssimo e plebeu,
De onde o desprotegido homem nasceu
Para a fatalidade dos tropismos:

– Depois, é o céu abscondito do Nada,
É este ato extraordinário de morrer
Que há de, na última hebdômada, atender
Ao pedido da célula cansada!

Um dia restará, na terra instável,
De minha antropocêntrica matéria
Numa côncava xícara funérea
Uma colher de cinza miserável!

Abro na treva os olhos quase cegos.
Que mão sinistra e desgraçada encheu
Os olhos tristes que meu Pai me deu
De alfinetes, de agulhas e de pregos?!

Pesam sobre o meu corpo oitenta arráteis.
Dentro um dínamo déspota, sozinho,
Sob a morfologia de um moinho,
Move todos os meus nervos vibráteis.

Então, do meu espírito, em segredo,
Se escapa, dentre as tenebras, muito alto,
Na síntese acrobática de um salto,
O espectro angulosíssimo do Medo!

Em cismas filosóficas me perco
E vejo, como nunca outro homem viu,
Na anfigonia que me produziu
Nonilhões de moléculas de esterco.

Vida, mônada vil, cósmico zero,
Migalha de albumina semifluida,
Que fez a boca mística do druida
E a língua revoltada de Lutero;

Teus gineceus prolíficos envolvem
Cinza fetal!... Basta um fósforo só
Para mostrar a incógnita de pó,
Em que todos os seres se resolvem!

Ah! Maldito o conúbio incestuoso
Dessas afinidades eletivas,
De onde quimicamente tu derivas,
Na aclamação simbiótica do gozo!

O enterro de minha última neurona
Desfila... E eis-me outro fósforo a riscar.
E esse acidente químico vulgar
Extraordinariamente me impressiona!

Mas minha crise artrítica não tarda.
Adeus! Que eu vejo enfim, com a alma vencida,
Na abjeção embriológica da vida
O futuro de cinza que me aguarda!

No dia 2 de fevereiro de 1911, Ester, grávida de seis meses, sofre um aborto. No Rio, Augusto é nomeado professor de Geografia, Coreografia e Cosmografia do Brasil no Ginásio Nacional (o conceituado Colégio Pedro II). Por essa época, começa a ministrar aulas também na Escola Normal.

Em 1912, o poeta começa a colaborar com o jornal O Estado. Seu irmão Odilon junto com Augusto custeiam a primeira impressão do EU, com edição de mil exemplares. O livro recebido com espanto pela crítica, que oscila entre admiração e desprezo. Nasce no dia 12 de junho sua filha Glória.

Em 1913, nasce o filho Guilherme Augusto.

Em 1914, Augusto transfere-se para Leopoldina, município de Minas Gerais, onde é nomeado diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira. No jornal Gazeta de Leopoldina, que é dirigido pelo seu concunhado Rômulo Pacheco, é publicado seu poema “O Lamento das Coisas”. Augusto já

está doente. Depois de viver cinco meses em seu novo lar, após dez dias de sofrimento, com pneumonia dupla, vem a falecer no dia 12 de novembro às 4 horas da madrugada. Augusto tinha apenas trinta anos de idade, deixando Dona Ester e os filhos Glória e Guilherme.

Em 1920, vem a lume uma nova edição do seu livro, agora com o título de “EU e Outras Poesias”. Com organização e prefácio de Órris Soares, a segunda edição é publicada pela Imprensa Oficial da Paraíba.

Em 1928, com sucesso de público e crítica, é lançada pela livraria Castilho, no Rio de Janeiro, a terceira edição das suas poesias.

Augusto dos Anjos é hoje considerado único em nossa literatura, sem precedentes e seguidores. Sua obra reúne a soma de todas as tendências da segunda metade do século XIX e início do século XX. Suas influências são assinaladas no parnasianismo, simbolismo, baudelairismo e naturalismo. Com relação à temática abordada, não há uma classificação exata para sua obra, sendo Augusto considerado um “poeta de transição”.

Interpretar cada verso que compõe os poemas de Augusto dos Anjos não é meu objetivo, tampouco tecer-lhe elogios, ressaltando a inteligência que expressava em seu estilo de ocultar-se em metáforas, alternando-se entre a vitória e a perda, a angústia e a dúvida. Vou acompanhá-lo na trajetória do viés da entonação que permeiam a **melancolia** da morte e da vida na essência de suas poesias conflitantes em relação ao contexto da época e que ainda se refletem nos leitores da atualidade.

○ SUJEITO AUGUSTO DOS ANJOS NA POESIA

O poeta era de uma magreza esquelética, olhos fundos, orelhas violáceas e testa descalvada com face reentrante, cabelos pretos e lisos. Sua boca fazia a catadura crescer de

sofrimento, com seu olhar de doente revelando a tristeza da alma poética. A fisionomia melancólica por si só já entoava tons de catástrofes, traindo-lhe a psique. A dor e o olhar melancólico de Augusto dos Anjos, nessa lúgubre evidência, “vivo” no morto, revela essa obsessão com a morte, uma fixação no cadáver em que vamos todos nos transformar. O tema morte é onipresente no pensamento romântico de Augusto dos Anjos. Como quem expressivamente veste esteticamente seu próprio túmulo, a morte é retratada poeticamente de forma singularíssima que é marcada por uma irônica originalidade que faz implodir a falsidade do seu tempo e as máscaras da sociedade. Sua morbidez alterava tudo que via e ouvia, dando-lhe o poder de traçar elementos inesquecíveis de decadência física nas pessoas e nas coisas. Inesquecível pelo seu próprio eu empático. A beleza dos mistérios da morte é o ato da sublimação estética da sua poesia. A teoria da sublimação tem seus efeitos culturais, psíquicos, ou seja, a ciência aliada à tecnologia. Na estrutura do ato, existe um apagamento do sujeito, para ser coerente, o estilo do sujeito que escapa com o sujeito.

Pode-se dizer que, em sua obra literária EU, é abordado um conjunto de impressões e ideias de um mundo sentido através de órgãos doentes, de um sistema nervoso de tísico, de olhos arregalados e de olfato e ouvido aguçado pela tísica e pela falta de sono.

Adentrando na hereditariedade, especificamente apontando a mãe do poeta, sabemos que, ainda em estado de gestação, ela sofre um susto, provocado pela perda súbita do estimado irmão, estudante de Medicina, de quem o sobrinho que há de nascer herda o nome e as consequências do choque. Acredita-se que esse traumatismo tenha sido o responsável, ao que se sabe, pelo seu desajuste, que foi além mesmo da gravidez. Um desequilíbrio pelo resto da vida com inquietação atenuante de grandeza e fidalguia. Além disso, com comprometimento no seu comportamento

emocional, por distúrbios no seu sistema nervoso, era possuidora de sestros, fobias, e, obviamente, que tal fato pode ter refletido no filho, no decorrer da gestação, ao que se é levado a crer, pela razão de que seus irmãos que nasceram antes e depois do poeta nunca denotaram similaridade com a alma bizarra de Augusto. Isto posto sobre as características hereditárias biológicas do poeta, ainda se tratando de não haver nenhum comprometimento psicológico do seu pai, o Dr. Alexandre, leva a avaliar que esse “suposto” desajuste de argúcia, estilo, emoção, cálice da dor para muitos, provenha da parte materna.

A história, segundo a classificação dos antropologistas do século passado, a partir da teoria de Cesar Lombroso (1836-1909), revela-nos que degenerados superiores como Leopardi, Byron, Oscar Wilde, Nietzsche e outros, todos, cada um em sua época, eram tachados de loucos. Fazendo-se uma comparação, leva-se em consideração que todos passaram pelas mesmas tensões intrauterinas que, quase com certeza, afetaram a sensibilidade do poeta Augusto. Exemplificando-se, sabe-se que as mães de Leopardi, de Nietzsche, de Byron eram essencialmente quase loucas. Ainda, como exemplificação, a mãe de Oscar Wilde, assim como a mãe de Augusto, sofreu perturbações fortes em suas gestações. Esses notáveis homens, ainda hoje, são referências no universo literário.

Não quero aqui retratar a coincidência da personalidade de Augusto em relação casuística aos chamados degenerados superiores, para justificar a alma do poeta, retratada sob o viés da melancolia, mas para que se possa abarcar a personalidade do autor do EU, fundidas com a ajuda biográfica.

A INFLUÊNCIA DO ROMANTISMO (1825 – 1865)

A manifestação do Romantismo ocorre nos países europeus mais desenvolvidos, em especial na Alemanha e na

Inglaterra, onde se destacam Goethe (1749-1832) e Schiller (1759-1805). Mas é na França que o movimento literário ganha proporções revolucionárias. Ele é remontado na origem do movimento à evolução econômica e social da burguesia. A escola romântica está relacionada com o surgimento de um novo público leitor, cujos padrões clássicos começam a ser ignorados. Surge então um novo estilo, novo significado estético, e novos gêneros literários são criados. Havia um inconformismo em relação a temas, a intelectualismo e absolutismos literários. O ossianismo, iniciado na Escócia por MacPherson (1760-1763), a redescoberta de Shakespeare, o *Sturm und Drang* (década de 1770) na Alemanha que se reflete na burguesia.

Desde o século XVII, os filósofos, historiadores, críticos, literários e artistas de todas as áreas discutem sobre o Romantismo que possui um determinado valor heurístico, embora o estilo romântico esteja impregnado na contemporaneidade com movimentos ecológicos e com todos os tipos de teorias e terapias holísticas, situando-se nos meados do século XVIII e XIX, principalmente na Europa. O que se observa nas poesias de Augusto dos Anjos é a predominância de sentimento de ruptura, vivenciada com a perda no terreno social, um acompanhar crítico com a realidade presente na morte física para com a realidade da história da vida, levando ao leitor momentos reflexivo e autorreflexivo.

Sabendo-se que o Romantismo era a divinização do sentimento, em alguns momentos o estilo romântico para o poeta é marcado fortemente pelo viés da entonação da morte como resposta ao campo da ciência, arte, filosofia, religião e política que evidenciam uma crise no processo da “vida”, fazendo uma alusão à única coisa certa no homem – a morte –, despertando no homem o mundo natural e sobrenatural, o hiato instaurado entre o homem e a natureza, e é o estilo que nos revela uma postura desesperançada (vida) e outra otimista (morte). A ironia vem configurada

com uma situação eminentemente trágica – a dor, a perda. Para o poeta a entonação da morte vem carregada da sede de justiça, alívio, desamparo, desespero, sorriso, promessa, que livra da fome, da dor, da sede, da separação, do ciúme, do ódio etc. É uma etapa de transição rumo à outra dimensão, tomando vulto de um estilo romântico: a morte é a entonação melancólica expressiva do fim e início ao mesmo tempo. Ela é o mais doce amor para quem ama; uma noite nupcial selada pela união com seus segredos e mistérios.

Pode-se dizer que a entonação no tema morte e melancolia são onipresentes no pensamento romântico de Augusto dos Anjos, e a pulsão da morte para Freud (1914) é evocada como sinal de ascendência romântica. Já morrer, para Freud, se discerne como “consentimento de passagem”, assim como o estilo romântico aposta na morte como equilíbrio e resistência.

Não vou adentrar com profundidade na psicanálise porque seria perigoso e equivocado abordar concepção de morte entre Freud e a tradição romântica, como ainda ele afirma que a psiquiatria não alcançou uma única definição para melancolia.

A INFLUÊNCIA DO REALISMO – NATURALISMO (1865 – 1900)

Já o Naturalismo estava voltado ao ponto de vista tecnológico, cuja realidade era concebida através de uma observação empírica: as minúcias deveriam ser vistas, o artista imparcial, indiferente, objetivo. Mas o que daí ressalta é que a neutralidade não existe, e os artistas surgem como defensores dos valores ideológicos de sua época.

A INFLUÊNCIA DO DECADENTISMO – SIMBOLISMOS (1890 – 1915)

O Decadentismo se dá no final do século XIX com a ideia da decadência da sociedade positivista burguesa, mas

não com as suas produções artísticas, situação em que o poema deveria ser bem trabalhado.

Observa-se um arrebento que máscara em alguns momentos uma explosão individual, uma similaridade ideologia entre o individualismo e o comportamento anarquista.

As produções artísticas *finis seculares* podem ser explicadas através da correlação entre a música, a pintura, a poesia, a literatura etc. – equivalências sensoriais. Esse movimento pode ser visto em dois momentos: o Simbolismo e o Impressionismo.

A INFLUÊNCIA DO MODERNISMO (1915 – 1940)

No período do Modernismo são questionados os princípios positivistas do século XIX, quando são registradas as transformações em todos os campos do conhecimento.

O surgimento de ideologias irracionistas é estimulado ao final do século XIX e início do século XX pela crise do progressismo quando se registra o pensamento filosófico, de Friedrich Nietzsche (1844-1900), que defende o surgimento de uma nova aristocracia do pensamento, de caráter anticristão e que aceitaria com coragem o cumprimento de um “destino” irracional; o intuicionismo, de Henri Bergson (1859 – 1941), que se coloca contra o racionalismo: o conhecimento viria do absoluto de forma natural e espontânea, e não pela ciência, inteligência, técnica ou vida social; o anti-humanismo, de Martin Heidegger (1889 – 1976, que coloca a existência individual como determinação do próprio indivíduo e não como determinação social.

TENDÊNCIAS LITERÁRIAS: PARNASIANISMO, SIMBOLISMO, BAUDELAIRISMO E NATURALISMO QUE INFLUENCIARAM AUGUSTO DOS ANJOS

Inúmeras tendências literárias e filosóficas foram marcadas no período de 1890 a 1915, e o poeta Augusto dos Anjos revê suas posições, pois as ideias nacionalistas começam

a ganhar vulto no campo da literatura, e esse movimento começa a restaurar uma sociedade em crise. As verdades do idealismo são restauradas, a verdade moral, sentimentos, as verdades da imaginação, do subconsciente, da alma nos oferecendo um racionalismo científico e materialista. O nacionalismo tem uma proposta voltada para as forças interiores do homem em sua dimensão psicológica, beirando o místico e o irracional. Essa tendência recebeu influência do simbolismo francês em 1886, quando se observa uma introspecção do poeta saudosista já com a entonação dos desencontros da vida, como a angústia diante da vida e da morte que é a marca da sua poesia.

A literatura simbolista recebeu influência em parte da reação ao espírito racionalista e cientificista do Realismo-Naturalismo e do Parnasianismo, que também influenciaram Augusto dos Anjos, como também os traços da modernidade através de Baudelaire que é marcado na sua poesia.

UMA LEITURA NOS SONETOS

Nota-se que o seu primeiro soneto, de 1900, “Saudade”, reflete pelo título uma constante dos seus poemas.

O soneto “Sombra Imortal”, como outros, denota o viés da melancolia e saudades da infância.

– E tu velas, a sós, no pó da fulgurância
Como uma velha cruz vela na sombra morta!
Fora, a noute é tumbal... e a saudade da infância,
Como um’alma de mãe, me acalenta e conforta!

Levando em consideração que foi seu pai que lhe deu a instrução primária e secundária, portanto grande influência familiar na infância, é de esperar-se que os três sonetos que escreveu no ano da sua morte – pai – sejam também marcados por dor, nostalgia, melancolia...

No soneto “Coração Frio”, característico das suas falas sobre a morte, cita a lua e o sol. Curiosamente, quer para a lua quer para o sol, muitas das referências que faz na sua obra (Eu) são também com aspectos negativos (sol malvado que secou a fonte). Nesse soneto, reforça-se a teoria da sua ligação à infância, seja ela de ligação afetuosa ou, contrariamente, conflituosa com os pais. Vejam-se as últimas estrofes do soneto e do poema, respectivamente:

Coração Frio

E estava morta, eu vi, eu que te almejo.
– Sombra de gelo que me apaga a febre,
– Lua que esfria o sol do meu desejo!

Gemidos da Arte

Sol brasileiro! Queima-me os destroços!
Quero assistir, aqui, sem pai que me ame,
De pé, à luz da consciência infame,
À carbonização dos próprios ossos!

Como já dito acima, Augusto dos Anjos é autor de um único livro intitulado EU, que foi custeado por ele e por seu irmão Odilon. Consta de 58 poemas, que constituem o seu universo literário, a sua literatura poética, dentro do gênero lírico, mas que também diz respeito à entidade subjetiva e do mundo.

Observa-se que suas rimas são perfeitas, decassílabas, sonoras e harmoniosas, utiliza uma linguagem revolucionária e renovadora em que se percebe uma entoação de teatralidade musical e uma nova estética, embora nunca tenha revelado amor pela natureza tropical em seus poemas. Veja-se o poema

Monólogo de uma Sombra

Sou uma sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das moneras...

Pólipo de recônditas reentrâncias,
Larva do caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias!

A simbiose das coisas me equilibra.
Em minha ignota mônada, ampla, vibra
A alma dos movimentos rotatórios...
E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saúde das forças subterrâneas
E a morbidez dos seres ilusórios!

Pairando acima dos mundanos tetos,
Não conheço o acidente da Senectus
– Esta universitária sanguessuga
Que produz, sem dispêndio algum de vírus,
O amarelecimento dos papiros
E a miséria anatômica da ruga!

Na existência social, possuo uma arma
– O metaficismo de Abidarma –
E trago, sem bramânicas tesouras,
Como um dorso de azêmola passiva,
A solidariedade subjetiva
De todas as espécies sofredoras.

Com um pouco de saliva quotidiana
Mostro o meu nojo à Natureza Humana.
A podridão me serve de Evangelho...
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques
E o animal inferior que urra nos bosques
É com certeza o meu irmão mais velho!
[...]

Augusto dos Anjos é conhecido como poeta da morte, poeta do mau gosto, anjo mórbido, um sujeito que retrata na entonação a sua melancolia na vida, revelando o lado positivo da morte, como está registrado na maioria de suas poesias, como por exemplo, em SONETOS – 1 – dedicado

A meu Pai doente

Para onde fores, Pai, para onde fores,
Irei também, trilhando as mesmas ruas...
Tu, para amenizar as dores tuas,
Eu, para amenizar as minhas dores!

Que coisa triste! O campo tão sem flores,
E eu tão sem crença e as árvores tão nuas
E tu, gemendo, e o horror de nossas duas
Mágoas crescendo e se fazendo horrores!

Magoaram-te, meu Pai?! Que mão sombria,
Indiferente aos mil tormentos teus
De assim magoar-te sem pesar havia?!

– Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim
É bom, é justo, e sendo justo, Deus,
Deus não havia de magoar-te assim!

A ENTONAÇÃO NO VIÉS DA MELANCOLIA NA POESIA

A curiosidade biográfica do poeta Augusto dos Anjos suscita, sobretudo, a própria figura do poeta. Observa-se que a existência está entrelaçada dentro da sua alma com a poesia.

Apesar de alguns estudiosos o apontarem como um melancólico cheio de mágoa e remorso, coadunando com um perfil de um estudioso, adverte-se que o viés que marca entonação da melancolia é muito mais rico e verdadeiro no que tange à realidade da vida: a morte. Não se conhece outro poeta que tenha tido tanta intimidade em transcrever reflexivamente para o papel, de forma sobejante, a respeito da morte como Augusto dos Anjos.

Embora a crítica literária tenha esmiuçado a alma do poeta para uma explicação sobre suas anomalias psíquicas, ninguém tem o direito de penetrar neste mundo subliminal, porque não se pode encontrar o autor se não através da entonação do viés da melancolia em sua poesia.

Sua personalidade se projeta na poesia, facilitando a interpretação do viés da entonação em sua poesia marcada pela melancolia.

Para Freud, a psicologia não alcançou uma única definição para a melancolia. A entonação na melancolia da poesia do paraibano Augusto dos Anjos é a verdade que comove. É a entonação da magia dos seus monstros humanos que anima e valoriza as coisas mais prosaicas, como a numeração, os nomes próprios e a terminologia técnica. Ela tem uma voz reconhecível entre todas as outras no plano metafórico da morte e não consome o poeta. Por meio da entonação, as marcas da melancolia são registradas. O paradigma melancólico, uma referência chamado luto e melancolia de Freud, 1917 afirma que

No **luto**, o sujeito consente com a perda, através de um trabalho (o termo é de Freud) que consiste em uma retirada de libido, o que faz com que o objeto perdido retome o seu caráter de necessidade estrutural. Ou seja, ele passa de contingente (o fato abrupto do desaparecimento, a materialidade do objeto que se perde e a dor sem palavras do sujeito) a necessário. Segundo Lacan, trata-se de um “buraco no real”, que exige um trabalho simbólico. Neste sentido, é a rigor o contrário da alucinação que, na conhecida definição de Lacan, é o aparecimento no real daquilo que não foi simbolizado.

Na **melancolia**, o recurso simbólico não funciona: a perda para o melancólico somente completa com a destruição do sujeito, identificado ao objeto. Não há separação entre a queixa que o sujeito enlutado dirige ao objeto, o que, segundo Freud, é uma condição para o esvaziamento da sua presença, e o ataque contra si próprio. É o que leva Freud a dizer que a única verdadeira diferença entre o luto e a melancolia são as autoacusações que o melancólico se faz. Mas isto também quer dizer que a experiência do melancólico não é apropriadamente de perda: o objeto sobreviverá enquanto o melancólico mantiver as autorrecri-

minações que lhe dão consistência, e enquanto o seu corpo se oferecer como sede dessa dor indizível.

O Lamento das Coisas

Triste, a escutar, pancada por pancada
A sucessividade dos segundos,
Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe oriundos,
O choro da Energia abandonada!

É a dor da Força desaproveitada,
– O cantochão dos dinamos profundos,
Que, podendo mover milhões de mundos,
Jazem ainda na estática do Nada!

É o soluço da forma ainda imprecisa...
Da transcendência que senão realiza...
Da luz que não chegou a ser lampejo...

E é, em suma, o subconsciente aí formidando
Da Natureza que parou, chorando,
No rudimentarismo do desejo!

A MORTE E A MELANCOLIA

Por tematizar a morte e a melancolia registrada em sua imagem entoada num vocabulário áspero do universo da doença e putrefação, Augusto dos Anjos ganhou notabilidade, utilizando-se de metáforas orgânicas da queda, perda entre a morbidez e o sentimento de culpa, o pulsão da morte e a culpa, onde se observa que a melancolia invade o poeta como se ele significasse deterioração, morte e ruína.

Fechado em seu próprio mundo, testemunhava seus versos dentro da sua mente, entoando a melancólica vida dentro da morte amalgamada ao vocabulário cientificista, que é uma das dimensões da sua arte. O melancólico Augus-

to tende a projetar, na natureza e nas coisas, a dissolução dos seus elos psíquicos.

[...]
Eu depois de morrer,
Depois de tanta tristeza,
Quero, uma vez de nome Augusto,
Possuir aí o nome de um arbusto
Qualquer ou de qualquer obscura planta!

Já no plano lexical há uma preferência por vocábulos eruditos, uma influência que exercia o Simbolismo na sua primeira fase:

Escarrar de um abismo noutro abismo,
mandando ao Céu o fundo de um cigarro,
há mais filosofia neste escarro
Do que toda a moral do cristianismo!

Uma atitude típica do melancólico é refletir sobre o homem e as coisas.

A MORTE E A ALEGORIA

A entonação da melancolia é alimentada pela intelectualidade, uma angústia que é confrontada pela filosofia, ciência, o prosaico sentimental em que suas vivências do cotidiano entendiam a uma pungente nostalgia do poeta. Já a entonação, a melancolia da morte têm seus traços alegóricos quando ele sempre procura transformar o vivo no morto. A alegoria construtiva ou retórica visa a uma tendência metafórica de representar e personificar abstrações, ou seja, consiste em metáforas sucessivas em que vários objetos ou conceitos no plano real aludem à idêntica sequência no plano poético. Já a alegoria interpretativa, hermenêutica (dos teólogos) visa interpretar os textos sagrados.

A obsessão pela morte é um traço característico do alegorista. Ele vai sempre transformar o vivo no morto. E somos cadáveres potenciais porque a morte já está inscrita em nossas vidas, comprometendo-as desde o início. Segundo Valter Benjamim, “[...] a alegorização da *physis* só pode consumir-se em todo o seu vigor no cadáver”. O homem evolui para a morte, o corpo marcha para se transformar em esqueleto, em caveira. Esta é a entoação do poeta, o olhar melancólico que se alheia à lúgubre evidência; o olhar alegórico que consegue transpor a superfície corporal e concentra-se nas vísceras ou nos ossos; o espólio que a morte nos reduz; o esqueleto. Ele é concreção, o limite, estágio último da fatalidade de ossatura a que estaremos todos submetidos.

Transcrição da carta de Ester Fialho dos Anjos à mãe do poeta Augusto dos Anjos

Leopoldina, 27 de novembro de 1914
Caríssima D. Mocinha,

Não me é possível descrever-lhe a grande dor que me tem causado a separação eterna do nosso querido e venerando Augusto!

Sinhá Mocinha lê e relê este primeiro parágrafo. Há nele qualquer coisa de fatalidade. É preciso um esforço para continuar a leitura da carta que já não lhe parece conter bom alvitre.

Nunca imaginei que tão depressa Deus me reservasse um golpe tão terrível!

Quando vivíamos com descanso, gozando da companhia alegre dos nossos estremecidos filhinhos, eis que uma congestão pulmonar, que degenerou em pneumonia, rouba-me bruscamente o Augusto, deixando-me na mais desoladora situação.

Todos os recursos da medicina, acompanhados dos

meus carinhos e cuidados, foram baldados diante da moléstia atroz que me privou, para sempre, de quem fazia a minha felicidade e a minha alegria.

Hoje sou somente um elemento de amparo e de vigilância para os meus filhinhos, que não têm consciência do precioso tesouro de virtudes que perderam.

O mês de outubro já corria em meados quando Augusto dos Anjos adoeceu. O Dr. Custódio Junqueira lhe fez uso de alguns remédios, que não fizeram ceder o mal-estar. No dia 29, Augusto caiu na cama com muita febre, frio e dor de cabeça. O Dr. Custódio foi novamente chamado. A base do pulmão direito está congestionada, disse, depois que o examinou.

Dois dias passados, a congestão não cedia. O médico fez o exame do escarro. Pneumonia – declarou. Augusto quis saber se o exame bacteriológico não demonstrava o bacilo da tuberculose. Não, disse o médico.

Tudo foi empregado: compressas frias; banhos mornos; cataplasmas sinapizadas; injeções intravenosas de electrargol; injeções hipodérmicas de óleo canforado, de cafeína, de esparteína; lavagens intestinais; laxativos e grande quantidade de poções e outros remédios internos... Augusto tinha tamanha fraqueza, que tomou injeções de soro fisiológico com rum, e tão enérgico remédio não pôde reanimá-lo.

A doença abateu o seu corpo franzino, não conseguindo, entretanto, abater-lhe o espírito que se conservou lúcido até vinte minutos antes de expirar... Ele me chamou, despediu-se de mim, dizendo-me: Mande as minhas lágrimas para a minha mãe; mande lembranças para os meus amigos do Rio; trate bem as criancinhas Glória e Guilherme; dê lembranças às meninas do grupo... Recomendou-me que guardasse com cuidado todos os seus versos...

Quem recolherá as minhas lágrimas? Geme a Sinhá Mocinha, pois elas brotam abundantes dos seus olhos e se derramam pelo fatal papel. Não há grito. Pranto. Lágrima destilada pelo inevitável destino. Um tudo-nada que tudo define.

Sinhá Mocinha abre a gaveta da cômoda escura, grande e pesada – lembrança tardia do Pau d’Arco. Sobre as cartas de Augusto, caprichosamente guardadas ao longo dos anos, repousa o exemplar do livro derradeiro e agora único, o título grande e vermelho no frontispício, impondo ao mundo a magnanimidade de sua singularíssima pessoa: EU. É, enfim, tudo o que resta de Augusto dos Anjos.

Augusto! Chama pelo filho a mãe do poeta, acariciando as páginas do livro como se fosse de Augusto o rosto querido.

Não fosse senhora temente aos desígnios do Altíssimo, teria talvez gritado neste instante contra o Criador, gritado pela vida contra a morte, pelo útero contra a urna, chorando o corpo agora coberto por uma terra que nem de longe lembrava o cheiro do Pau d’Arco, desprotegido da sombra, do manto que, mesmo de longe, lhe estendia o velho tamarindeiro.

Sinhá Mocinha abre o livro e, ao abrir, sente como se Augusto reclamasse, sussurrante na lonjura do nunca mais, o seu lugar no concerto da existência, folheia-o devagar, virando as primeiras páginas, demorando-se um tanto no oferecimento, que lhe faz recordar os seus, dispersos pelo mundo, cada um procurando tomar conta de sua vida. Vira mais uma vez a página e encontra o primeiro poema. Um testamento ontológico, desalentador quanto ao fatal destino da natureza humana, porém esperançoso quanto ao alento com que a arte pode proporcionar ao espírito desse animal fatídico, o homem.

A entonação retrata não a morte física, que é sua visão de mundo em descrever a miséria, intrigas, desamor, desilusão; como também, os problemas sociais que são tipificados em seus personagens: morcego (O Morcego – a consciência humana); morte (Agonia de um Filósofo – o inconsciente), cão (versos a um cão – fala, voz), etc.

Vozes da Morte

Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da nervura,
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!
E a podridão, meu velho! E essa futura
Ultrafatalidade de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!
E, assim, para o Futuro, em diferentes
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte, inda teremos filhos!

Versos a um Cão

Que força pôde, adstrita a embriões informes,
Tua garganta estúpida arrancar
Do segredo da célula ovular
Para latir nas solidões enormes!
Esta obnoxia inconsciência, em que tu dormes,
Suficientíssima é para provar
A incógnita alma, avoenga e elementar,
Dos teus antepassados vermiformes.

Cão! – Alma de inferior rapsodo errante!
Resigna-a, ampara-a, arrima-a, afaga-a, acode-a
A escalada dos latidos ancestrais...

E irá assim, pelos séculos, adiante,
Latindo a esquisitíssima prosódia
De angústia hereditária dos teus pais!

A morte para o poeta Augusto dos Anjos transfigura,
transcende o sentido imediato dos fatos, sentimentos e im-

pressões. A entonação na melancolia das suas poesias precede de um acervo rico de fonemas, vocábulos e imagens cujo compromisso é com a arte da vida, da morte e das palavras.

Uma entonação por vezes satírica e caricatural, conforme revelam seus sonetos, seu sorriso descarnado e irônico de um esqueleto tísico que revela uma intimidade com a morte.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail; *Estética da Criação Verbal*, (2003). Editora Martins Fontes. São Paulo.

BARROS, Rego Romildo, *Um Objeto que não se consumiria nunca*, artigo-2007.

BENJAMIN, Abdala Júnior, Paschoal, Maria Aparecida, *Historia Social da Literatura Portuguesa*, 1990, 3ª Edição, Editora Ática. SP.

CARPEAUX, Otto Maria; *Augusto dos Anjos – Toda a poesia*, (1995) Editora Paz e Terra. São Paulo.

DOS ANJOS, Augusto; *A Saga de um Poeta* (1994). Editora Gráfica Brasileira. FBB – Governo do Estado da Paraíba.

FREUD, S. *Luto e Melancolia*, (1917), BN II, p. 2092.

FREUD, S. Seminário “O Desejo e suas interpretações”, aula de 22 de abril de 1959, inédito. Uma semana mais tarde, Lacan dirá, ainda sobre o trabalho do luto, que “mais exatamente, a sua operação consiste em fazer coincidir com o buraco aberto pelo luto o buraco maior, o ponto x, a falta simbólica”.

VIANA, Chico, *A Sombra e a Quimera*, (2000), Editora Ideia. JP.

www.jornaldepoesia.jor.br, dia 30/01/2020 às 10h27min

joaomariano.blogspot.com, (dia 30/01/2020 às 11:24)



Tania Regina Castelliano

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 23 de novembro de 1950. Tem título de Cidadã Pessoaense e Cidadã Cabedelense.

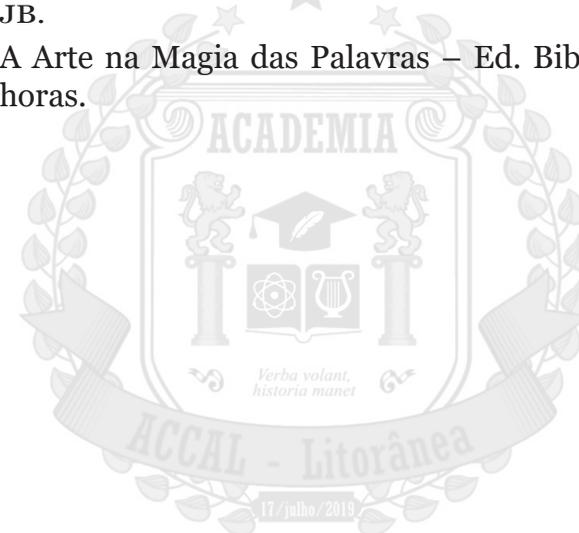
Doutora em Direito pela *Absolute Christian Universit* – Florida/ USA. Mestre em Linguística pela da Universidade Federal da Paraíba – Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING. Possui graduação em Fonoaudiologia em Comunicação – Faculdades Integradas Estácio de Sá (1987) e graduação em Artes Plásticas pela Universidade Católica do Salvador (1983). Tem experiência na área de Fonoaudiologia, com ênfase em Fonoaudiologia, atuando principalmente nos seguintes temas: oratória, comunicação, público autoestima e produção textual.

Presidente da Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras Litorânea – ACCAL-LITORÂNEA.

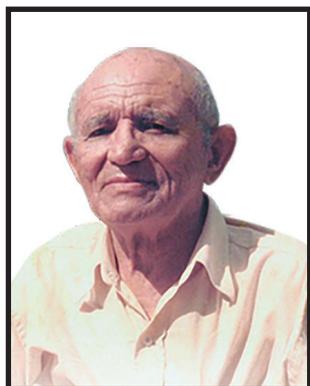
Obras publicadas:

- Desperte! É Tempo de falar em público – Ed. Record.
- A Comunicação e suas Diversas Formas de Expressão – Ed. Record.
- Telemarketing 100% – Ed. Record.
- Entenda seus conflitos e livre-se deles – Ed. Record.

- Você sabe ouvir? – Ed. Best-seller.
- A Tempestade dos Sonhos – Ed. Letras e Expressão.
- Aspectos Dialógicos e Axiológicos da Entonação no Discurso dos Candidatos à Presidência da República do Brasil no ano de 2006 – Ed. Litteris.
- Antologia E Por Falar em Amor – Litteris Editora Ltda.
- S. O. S Educação – Editora Independente.
- Uma Nova Cabedelo – O Gestor do Povo – Editora JB.
- A Arte na Magia das Palavras – Ed. Biblioteca 24 horas.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 2

PATRONO
ALFREDO BARBOSA DOS
SANTOS, PE.
(1917 – 2000)

ACADÊMICO
Gilvandro Estevam da Silva

PADRE ALFREDO: UMA VOZ QUE NÃO QUER CALAR

Alfredo Barbosa dos Santos, mais conhecido na Paraíba como Padre Alfredo, foi um religioso, filósofo, idealizador, orador, uma das personalidades mais importantes da cidade de Cabedelo e adjacências, que se destacou como missionário nas suas andanças em busca de uma justiça social. Nesta qualidade, defendeu incansavelmente os direitos daquele povo, combatendo a sua exploração e fazendo sua evangelização de forma singular, pois conseguia chegar bem próximo aos seus fieis, com uma linguagem apropriada e convincente.

Nasceu em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, em 21 de agosto de 1917, primogênito de uma prole de seis filhos, sendo seus pais Cícero Mariano dos Santos e Dona Maria Barbosa. Iniciou seus primeiros estudos no bairro de Jaguaribe, na escola particular de Dona Chiquinha. Posteriormente, transferiu-se para Grupo Escolar Isabel Maria das Neves, onde concluiu seu primeiro período escolar.

Naquela época, apesar de muito jovem, o pequeno Alfredo já demonstrava um sentido religioso muito aguçado, e ninguém colocava em dúvida a sua bondade singular, bem como uma inclinação pastoral bastante perceptível. Era fre-

quentador assíduo das missas dominicais da Igreja do Rosário e da paróquia de Nossa Senhora de Lourdes, onde já demonstrava uma inclinação para desenvolver a sua fé em prol de uma igreja progressista, por isso participava ativamente das atividades pastorais daquela comunidade eclesial.

No ano de 1933, entrou para o Seminário Arquidiocesano da Paraíba, em João Pessoa, onde começou a preparar-se para desenvolver sua habilidade sacerdotal, destacando-se logo nos primeiros estudos propedêuticos, coadjuvando ativamente nas atividades escolares de história e encontrando na Revolução Francesa a plena realização política do conceito universal de liberdade, que surgira pela primeira vez no cristianismo.

Alfredo também se dedicou muito ao Latim, pois percebeu que os documentos mais importantes emitidos pelo Papa e pela Santa Sé, inclusive as missas, eram escritos oficialmente naquele idioma, além do que a Vulgata, versão padrão da bíblia utilizada na igreja católica, também era escrita em Latim. Houve a sua identificação com as aulas de Canto Gregoriano, que no seminário eram ensinadas como uma forma de demonstrar o amor a Deus, eram ministradas no modelo *Scholae Cantorum* (Escola de Cantos), com os alunos cantando as músicas sem acompanhamento instrumental, tornando mais vivo o seu encontro com a divindade.

Na fase seguinte do seminário, dedicou os três anos posteriores, aos estudos de Filosofia. Nesse sentido, identificou uma racionalidade que para ele se tornou reflexiva e percebeu uma ciência da ética muito próxima da razão à qual ele acrescentava suas ideias: “Se os Gregos foram para Hegel homens éticos, mas não morais, o homem moderno de Kant é um homem moral, mas não ético”. Essa dicotomia fez com que ele se aprofundasse nesse estudo. Já nos seus estudos socioantropológicos, procurou compreender o homem nas suas vicissitudes históricas, bem como a relação da socieda-

de com a democracia, ressaltando uma tendência do ser humano para uma comunhão com Deus.

Sempre se reportava ao comentário do “Cântico dos Cânticos”, da obra de São Bernardo:

Há quem deseje saber simplesmente por saber, e isto é vã curiosidade; há os que desejam conhecer apenas para serem conhecidos, e isto é vaidade; há os que querem aprender a fim de vender sua ciência por dinheiro ou honrarias, e isto é ganância. Há, porém os que desejam conhecer para edificar os outros: é a caridade; há também os que buscam o conhecimento a fim de se edificarem a si próprios: é a prudência.

Durante todo o seu tempo de seminário, percebeu que seria impossível progredir nos seus estudos teológicos se não absorvesse a prudência como base sacerdotal. Ele refletia que, apesar da verdade da fé ser perene, mesmo assim elas podem ser expostas e professadas de maneira mais popular, para atingir a comunidade católica, oferecendo ainda um maior conforto espiritual.

Para concluir seus estudos teológicos, já na fase final de seminário, baseou sua aprendizagem nos estudos de uma teologia moral, em que procurou desenvolver pesquisas no sentido de perceber as atividades humanas em relação aos princípios de fé e da razão. Para isso buscou apoio na teologia dogmática ou sistemática, extraindo princípios sobre os dogmas da fé e solução das dificuldades por elas suscitados.

Concluiu seus estudos no seminário, aprofundando-se na teologia fundamental ou apologética e percebeu que a inteligência humana em contato com dados revelados procurava a diretriz da razão para, sob o argumento da crença na fé divina e católica em Deus, externar sua autoridade nas manifestações emanadas por um ser superior. No tempo restante, adquiriu experiência e amadurecimento suficiente para tratar o ser humano de maneira afetiva,

intelectual, comunitária e espiritual, elementos necessários para desenvolver suas atividades sacerdotais, numa sociedade em crise de fé.

Em 19 de novembro de 1944, concluiu os estudos no seminário e passou a desenvolver a vivência dos valores sacerdotais, desconstruindo paredes profanas e reconstruindo seu templo interior no solo de uma igreja de propósitos, preparado para enfrentar os desafios da evangelização, mesmo sabendo que precisava continuar seu processo de educação e de aperfeiçoamento de estudos, para tornar o seu coração cada vez mais piedoso e dissolver todo sentimento de “separatividade”, agora, pronto para matar a dor e a causa da dor daquele que sofre. Para isso, foi preciso criar uma conexão entre o mundo interior e o mundo exterior, o que se tornou uma batalha espiritual no mundo contemporâneo.

Quando foi amadurecendo nos seus estudos, percebeu que era preciso escutar mais a sua voz interior, uma voz sem som, que eleva ao cosmo espiritual, um mundo que não é dominado por pensamentos impuros, tão presente na racionalidade do homem, cada vez mais dominada pela mente, que geralmente aniquila o espiritual, percebendo que olhos da carne estão se tornando cada vez mais cegos, deixando de ver suas próprias dores e o porquê das dores daqueles que sofrem. Assim foi a trajetória inicial do seminarista Alfredo, sempre num desejo muito grande de promover a glória de Deus e o zelo pela salvação das pessoas que dele necessitassem.

UM PESCADOR DE ALMAS

No ano de 1944, Alfredo Barbosa dos Santos é ordenado padre, um homem valente, mas, sobretudo, preocupado sempre com o bem comum. Durante dois anos, assumiu, como coadjutor, a paróquia de Nossa Senhora de Lourdes,

nas Trincheiras, transferido depois para a cidade de Monteiro, onde permaneceu por um ano. Posteriormente, seguiu sua trajetória rumo a Campina Grande, ambas no Estado da Paraíba, tendo sido o primeiro pároco da igreja de São José, localizada no bairro de José Pinheiro, sempre carregando consigo a vontade de transformar o mundo. Dessa forma, por onde passou, buscou modificar o comportamento de pessoas e lugares, como um pescador de almas.

Nas paróquias onde serviu de pároco, deixou a sua marca registrada: um homem simples que tinha como princípio o amor e o ensinamento do instituto do perdão. Das suas leituras do seminário, vinha-lhe sempre à mente o romance “O Velho e o Mar”, escrito por Ernest Hemingway, que o fazia lembrar-se sempre de que a vida é como o mar: umas vezes, a maré é alta; outras vezes, é baixa, sendo que essa dualidade na vida é representada pela luta constante do ser humano com os obstáculos que ela lhe oferece. Para ele, o mundo, assim como o mar, é uma constante provocação ao homem e deixa de ser opaco, quando visto pelos olhos de um experiente pescador. Ficava reflexivo, quando lembrava que, no seu encontro com o mar, o velho aprendeu a ter olhos para “ver e ouvir” as estrelas, mesmo que nem sempre conseguisse entendê-las e ver o encanto do pôr do sol.

Padre Alfredo via a crença como uma convicção da realidade de algo e com base numa subjetividade tida como suficiente. Assim, quando adicionado a um elemento de confiança, encontra-se a fé que, quando cristalizada em uma doutrina imposta por uma autoridade religiosa, faz surgir um dogma, que substitui a certeza objetiva da prova, pela certeza subjetiva da fé. Com essa convicção, ele conduzia os cultos e os rituais das missas por ele celebradas, acreditando que a religião católica nasce a partir das perguntas que o ser humano se faz para situar-se dentro do contexto histórico, cujos elementos conduzem ao transcendente.

O sacerdote, em contato com as comunidades visitadas, percebia que um dos grandes debates enfrentados pela humanidade na contemporaneidade é encarar os desafios éticos (entendidos como um conjunto de princípios que traduzem a vontade moral de um grupo específico) nas suas relações interpessoais com Deus, consigo mesmo e com o próximo, sem ver maculada a sociabilidade existente entre os sujeitos do grupo em que esteja inserido, ou seja, de uma forma objetiva.

Nas suas andanças pelas regiões menos favorecidas de João Pessoa, Monteiro e Campina Grande, percebeu também que o principal componente do bem comum é a “retidão moral” que ajuda a reger as conquistas e a distribuição dos bens materiais, enquanto que, na percepção da pobreza, viu que os mais favorecidos financeiramente encontravam suas fontes na riqueza material em detrimento da perfeição moral e espiritual. E como os homens, independentemente de sua condição financeira, são dotados de corpo e alma, só há plena realização quando esses dois fatores forem contemplados.

O Padre Alfredo destacava o papel da Igreja na sociedade, acrescentando a negação desta, enquanto uma instituição política, mas, sim, a de condutora principal das relações como um todo, já que se coloca acima de qualquer instituição criada pelo homem e julga-se apta a aplicar a justiça divina, uma vez que tem como justificativa o poder investido a ela por Deus, que não deve ser entendido como um nome comum, mas como um nome próprio, que pode ser invocado e que o sagrado e o divino distinguem-se apenas no ponto de vista analítico, pois, na sua condição de religioso, tal diferença é operativa e, dessa maneira, esclarece matizes da atitude religiosa.

○ SACERDOTE EM CABEDELÓ

No dia 8 de dezembro de 1951, foi criada a paróquia de Cabedelo, pelo então Arcebispo da Paraíba, Dom Moisés Si-

zenando Coelho, e, naquela ocasião, foi nomeado como seu primeiro pároco o Padre Alfredo Barbosa. Oito dias depois, tomou posse, passando, ao mesmo tempo, a administrar a antiga paróquia de Livramento, Forte Velho, Ribeira, Costinha, Fagundes, Gameleira, Lucena e mais outras dez capelas. Segundo pesquisa realizada no *site* da Prefeitura de Cabedelo, andava por todos esses lugares, de bote, canoa, a pé, a cavalo, de jipe, muitas vezes enfrentando ventos e tempestades para prestar assistência às famílias.

Sobre a atuação sacerdotal, do Padre Alfredo, assim se referia a ele o Padre Ernando Teixeira: “Ao chegar ao local, o padre logo foi tomando conhecimento da realidade religiosa, econômica, social e cultural de seus paroquianos e, aos poucos, conquistando as pessoas, fazendo o mais urgente e necessário, sem preocupação com promoção pessoal ou qualquer conforto de vida”. Assim, com toda experiência humana, usou a expressão religiosa para se comunicar e socializar-se, de acordo com a linguagem e a cultura de cada comunidade, percebendo cada pessoa unicamente do ponto de vista das suas necessidades naturais e como sujeito de todas as relações sociais.

A Câmara Municipal de Cabedelo fez uma justa homenagem ao Padre Alfredo pela importância dele e sua dedicação, servindo por mais de quarenta anos à história do Município, principalmente no que diz respeito à parte religiosa, cultural, social e humana, tendo ainda uma participação muito ativa no processo de emancipação política da cidade, como destacou a vereadora Jaqueline Viana, autora do projeto.

Em consequência da diabetes, sofreu a amputação das pernas, entre 1983 e 1985, mas permaneceu alegre e bastante ativo até o final de sua vida. Faleceu no dia 11 de agosto de 2000 (dia de Santa Clara).

No dia 21 de agosto de 2017, a Câmara dos Deputados, em Brasília, fez uma sessão solene em homenagem ao centenário de nascimento do Padre Alfredo, numa propo-

situra do deputado federal Luiz Couto (PT-PB), em solenidade ocorrida no Plenário Ulysses Guimarães. Na abertura dos trabalhos, o deputado assim se expressou: “Ele foi um homem simples que tinha o dom do amor, sabia ensinar o princípio do perdão e sempre estava junto de quem mais precisava”, acrescentando que o religioso paraibano tinha muita esperança e vontade de transformar o mundo, até por seu ilimitado amor ao próximo. E prosseguiu: “Onde ele passava transformava pessoas e lugares. Com sua alegria contagiante marcou a sociedade paraibana com transformações educacionais, sociais e políticas. Sempre firme em suas convicções, era um homem valente, mas, sobretudo, preocupado com o bem comum”.

Importante e histórica foi a tradução, feita por ele, das missas, celebrações e rituais do latim para o português. Ele ensinava o povo a rezar os salmos e acompanhar o Ofício Divino.

Em relação ao trabalho realizado pelo missionário, o deputado foi enfático:

Além do trabalho religioso e tradicional, Padre Alfredo muito se empenhou na luta pelos pobres e marginalizados. Em seu legado, fundou a AEC, Associação dos Educadores Católicos, e, de maneira pioneira, esteve à frente do Movimento de Promoção da Mulher, objetivando as vítimas da prostituição. Também foi o responsável, em 1951, pela instalação e o funcionamento do Ginásio Imaculada Conceição.

Quanto ao liame político, Couto acrescentou: “À época da ditadura, quando desenvolvia o projeto João XXIII, estimulando o trabalho cooperativo para os alunos, foi pressionado a abandonar a ideia, mas resistiu”. Ajudou a construir o Centro Social da Paróquia de Cabedelo que tinha a finalidade de profissionalizar jovens, preparando-os para o mercado de trabalho.

Padre Alfredo será aqui por mim eternizado. Apesar de todas as dificuldades, como a de ter suas pernas amputadas por causa da diabetes, nunca deixou de dar um sorriso em toda sua vida, no encontro com as pessoas, na celebração de eucaristia e no encontro solidário e amoroso com os pobres e desvalidos – declarou Luiz Couto.

No ano de 1962, aos dez anos de idade, tive oportunidade de participar das atividades recreativas e religiosas da casa paroquial, onde semanalmente tínhamos encontros com crianças e adolescentes, cujo objetivo era firmar compromisso com o evangelho. Desses encontros, tornei-me “coroinha” da igreja matriz, onde assistia às missas.

Eu próprio testemunhei, na incansável atividade pastoral dele, a forma como pregava o evangelho, aconselhava, ouvia confissões e visitava a comunidade. Seu amor pela educação o tornava um obcecado, tendo criado o Ginásio Imaculada Conceição, a Escola João XXIII e um Centro Social, com a finalidade de acolher, por meio da educação, pessoas de todas as camadas. Ele sempre me ensinava: “Educar é mudar hábitos”. Nesse sentido, tornei-me professor da Escola Imaculada Conceição, uma das minhas primeiras atividades docentes.

O Arcebispo da Paraíba na época, Dom José Maria Pires, sempre repetia nas intervenções litúrgicas, que Padre Alfredo tinha perdido as pernas para a diabetes, e o Senhor tinha lhes dado “asas”, tamanho o poder de criação do padre. Sua morte fez ecoar uma voz que não queria calar.



Gilvando Estevam da Silva

Paraibano, nasceu em Cabedelo, no dia 25 de abril de 1952. Matemático, advogado, sociólogo e teólogo. Mestre e especialista em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Professor de Direitos Humanos e de Família. Na advocacia, faz parte da sociedade Estevam & Ferreira. Diretor Executivo Jurídico da *Symmetric*. Atua em Consultoria e *Mentoring* em *Compliance* & Comitê de Ética & Auditoria e Consultoria em RH da Solides Tecnologia.

Tem publicado os seguintes trabalhos:

- Cultura Indiana – O Mundo Mítico Da Índia – Editora da UFPB – 2006.
- A Mediação Familiar nos Processos de Separação Conjugal – DIGITAL – 2013.
- Representatividade de Conteúdo, Fidedignidade e Consistência da Estrutura Fatorial da Medida de Suporte Organizacional em Trabalhadores Brasileiros em Função do Tempo de Serviço – 2014.
- A Reatividade Interpessoal em Universitários: Verificação de uma Medida Multidimensional de Empatia – 2013.
- O Conflito entre a Igreja Católica e a Maçonaria no Brasil e a Des(União) Entre o Trono e o Altar – 2008.



CADEIRA 3

PATRONO
ALTIMAR DE ALENCAR
PIMENTEL
(1936 – 2008)

ACADÊMICA
Cleide Rocha da Silva Pimentel

Altimar Pimentel nasceu em 30 de outubro de 1936, na cidade de Maceió, Alagoas. É especializado em Direção Teatral pela Federação das Escolas Isoladas do Rio de Janeiro – FEFIERJ – (Centro de Artes). Formou-se em Letras e em Comunicação Social pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Paraíba, e em Jornalismo pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB).

Foi casado com Cleide Rocha da Silva Pimentel. Foram seus pais Altino de Alencar Pimentel (alagoano) e Maria das Neves Batista Pimentel (primeira mulher repentista paraibana). Altimar era neto de repentistas alagoanos.

Dentre os títulos e comendas com que foi agraciado, destacam-se algumas, como título de Cidadão Cabedelense, outorgado pela Câmara Municipal de Cabedelo, em 1997; medalha do Mérito da Fundação Joaquim Nabuco por sua “relevante contribuição à cultura brasileira”, em Recife, 13 de maio de 1997, ocasião em que foi distinguido com a indicação para proferir discurso em nome dos agraciados; comenda do Mérito Cultural José Maria dos Santos, conferida pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, em João Pessoa, 12 de outubro de 1994; “*Primum inter pares*”, lãurea outorgada pela Câmara do Livro do Brasil Central, em Brasília, novembro de 1995; comenda “Câmara Cascudo”,

outorgada pela Prefeitura Municipal de Natal–RN; título de Cidadão Paraibano, outorgado pela Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba, em 2001.

ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS

Dentre essas atividades administrativas e profissionais, exerceu algumas que merecem destaque: Secretário de Cultura do Município de Cabedelo, Subsecretário de Cultura do Município de Cabedelo, Secretário de Educação do Município de Cabedelo, Vereador junto à Câmara Municipal de Cabedelo.

Alguns dos cargos diretivos que exerceu: Diretor da Divisão de Padronização, Conservação e Segurança dos Edifícios Públicos do Estado da Paraíba; Diretor do Teatro Santa Roza (João Pessoa–PB, janeiro de 1967); Diretor do Departamento de Extensão Cultural do Estado da Paraíba (abril de 1967); Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular da UFPB e Diretor da Rádio Correio da Paraíba.

Funções de Assessoramento exercidas: Assessor Cultural do Instituto Nacional do Livro (Rio de Janeiro, 1969), Assessor Cultural da Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da UFPB (1977 a 1979), Assessor Administrativo da Câmara dos Deputados (Brasília, 1980).

Fez parte de alguns colegiados: membro do Conselho Estadual de Cultura da Paraíba (1963), Secretário do Conselho Consultivo de Alto Nível do Instituto Nacional do Livro (Rio de Janeiro, 1969), membro da Comissão Executiva do IV Centenário da Paraíba (1985), membro do Conselho da Lei Viva Cultura (1999), Presidente da Comissão Paraibana de Folclore, Vice-presidente da Associação de Dramaturgos do Nordeste.

Atinentes à atividade jornalística: redator da Coordenação do Ministério da Agricultura (Brasília, 1974), redator da Assessoria de Imprensa do Ministério da Agricultura

(Brasília, 1975), redator da Assessoria de Divulgação, Imprensa e Relações Públicas da Câmara dos Deputados (Brasília, 1975), redator do Jornal Correio Braziliense (Brasília, 1976), redator da Agência de Notícias dos Diários Associados – ANDA (Brasília, 1976), redator do Jornal e da Rádio Correio da Paraíba (João Pessoa, 1970/1973); implantou o Curso de Comunicação Social, do Departamento de Arte e Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (1977); foi editorialista do jornal O Momento (João Pessoa, PB, 1º/10/1986 a 15/11/1986) e Redator de A Tribuna (João Pessoa, a partir de dezembro de 1987).

OBRAS

Folclore – Livros: Coco Praieiro – Uma Dança de Umbigada; O Diabo e Outras Entidades Míticas no Conto Popular; O Mundo Mágico de João Redondo; Estórias da Boca da Noite; Saruã, lenda de árvores e plantas do Brasil; Barca da Paraíba; Catálogo Prévio do Conto Popular da Paraíba I; Sol e Chuva: ritos e tradições; Estórias de Cabedelo I; Estórias de São João do Sabugi; *Incantations*; Estórias do Diabo; Estórias de Luzia Teresa; Esquindô – Lê, Lê, cantigas de roda (parceria com Cleide Rocha da Silva Pimentel); Barca; Boi de Reis; Coco de Roda; Ciranda de Adultos; Lapidinha; Fandango; Romanceiro de Tia Beta; Bibliografia de Folclore e Cultura Popular da Paraíba (parceria Francisca Neuma Fechine Borges).

Estudos sobre o folclore: A Demologia no Teatro Nordeste; Bumba, meu boi, uma proposição teatral; O Auto do Boi na Paraíba; O Conto Popular no Distrito Federal; In Euro-América: uma realidade comum?

Artigos sobre o folclore: Três Peças de João Redondo; Ritual do Fogo no Carnaval do Nordeste; Imagem da Vida no Teatro Popular do Crato; Mineiro pau, uma dança dramática?; João Redondo; O Herói Demoníaco; Literatura de

Cordel I: origens e formas; Literatura de Cordel II: temas; Literatura de Cordel III: ciclos; A Sagração do Herói; o Romanceiro do Padre Cícero; A Vida de Cão do Herói Diabo; Sinais de Chuva pro Sertão; Mário de Andrade e a Barca; Ex-voto: uma realidade do catolicismo popular.

TEATRO

Peças publicadas: Auto da Cobiça, A Construção, A Última Lingada, Viva a Nau Catarineta, Alamoia, Teatro Arbitrário (reunião das peças Casamento de Branco, Auto da Cobiça, Auto de Maria Mestra, Viva a Nau Catarineta); Coitros, Flor do Campo, Jacinta, Ceia de Natal – Presente de Papai Noel, A Construção, Cemitério das Juremas, Como nasce um cabra da peste.

Teatro de raízes populares I: Casamento de Branco, Auto da Cobiça, Auto de Maria Mestra, Viva a Nau Catarineta, A Construção.

Teatro de raízes populares II: Cemitério de Juremas, Alamoia, Não chega pra Padre César, Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita, Como nasce um cabra da peste, A Lenda da Cobra Grande.

Peças apenas encenadas (não publicadas): Pedro Corredor, Pedido de Casamento, Quem estiver achando ruim, saia, Auto do Menino Deus, A Estreita Porta do Céu.

Peças inéditas: Quero-quero só com a noite, Encontro do Homem do Fumo com a Mulher do Tabaco, Presente de Papai Noel, O Preço, Natal em Família, Ceia de Natal, A escada de Jacó, Tambiá, Onde o rio encontra o mar.

Direção Teatral: A Incelença (de Luiz Marinho), em Brasília, com o Grupo Espelho (1976); Cemitério de Juremas (autoria própria), em Cabedelo, com o Teatro Experimental de Cabedelo – TECA (1978); Auto da Cobiça (autoria própria), em João Pessoa, com o Grupo de Danças Folclóricas da UFPB (1978); Casamento de Branco (autoria

própria), em Cabedelo, com o TECA (1978); As Aventuras de um Diabo Malandro (de Maria Helena Khüner), em Cabedelo, com o TECA (1978), Auto de Maria Mestra (autoria própria), com o TECA (1979), Cemitério das Juremas (autoria própria), em Cabedelo, com o TECA (1979); Nossos Melhores Momentos (cenas de peças de autoria própria), em Cabedelo, com o TECA (1985); Não chega pra Padre César (autoria própria), em Cabedelo, com o TECA (1986); A Última Lingada (autoria própria), em Cabedelo, com o TECA (1988); Romance da Fortaleza de Santa Catarina (autoria própria), em Cabedelo, com o TECA (1989); Quem estiver achando ruim, saia (autoria própria), no Teatro Santa Catarina, com o grupo TECA (1990); Flor do Campo (autoria própria), em Cabedelo, com o TECA (1992); Alamoia (autoria própria), em Cabedelo, com o TECA (1993); Viva a Nau Catarineta (autoria própria), na Fortaleza de Santa Catarina, com o Getab/TECA (1998).

TRABALHOS DE PESQUISA

Pesquisas I e II – Encontro de Teatro Popular de Fantoches da Paraíba – promoção MEC/DAC/FUNARTE/UFPB (1977 e 1978); gravação e reprodução de doze peças de teatro popular de fantoches – João Redondo; I Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba – promoção MEC/DAC/FUNART/UFPB (1978); reconta de 1700 contos populares; transcrição e publicação de 324 estórias; levantamento, pesquisa e documentação da cultura popular do Distrito Federal – Ênfase: conto popular – promoção FUNARTE (Escritório de Brasília), Instituto Nacional de Folclore, apoio Mobral e LBA; recolta de duzentos contos populares; registro de espetáculos, em Brasília (1976), para o Projeto Memória do Teatro Brasileiro, desenvolvido pelo Serviço Nacional de Teatro.

HISTORIOGRAFIA

Cabedelo – Vol. I; Cabedelo – Vol. II; Igreja de N. S. de Nazaré da Praia do Almagre.

Algumas obras de Altimar Pimentel foram publicadas no exterior: *Incantations*, em Miami, Flórida-USA: The-saurus Publishing Co.(1990); *O Auto do Boi na Paraíba* (separata da revista Caravelle, nº 48. Université de Toulouse – Le Mirail – França (1987).

Há o registro de obras catalogadas em bibliotecas internacionais: na Bibliothéque Nationale de France: “O Diabo e Outras Entidades Míticas no Conto Popular”; “O Coco Praieiro”, “Estória da Boca da Noite”, “Auto da Cobiça”, “Barca da Paraíba” e “Saruã”; na Biblioteca da Universidade de Toulouse Le Mirail, França, 1988 – “Estórias de Cabedelo”.

Suas obras também foram objeto de estudos pela Ilma. Sra. Regina Igel, professora do Departamento de Espanhol e Português do Colégio de Artes e Ciências da Universidade de Maryland-USA, que proferiu conferência sobre as suas peças “A Construção” e “Auto da Cobiça”, em Madri, Espanha.

PRÊMIOS E DISTINÇÕES

Teatro: 2º lugar no concurso de Peças Teatrais do Serviço Nacional de Teatro, com a peça “A Construção” (1968); prêmio do 3º Concurso de Dramaturgia do SESC/de Alamoia (1982); melhor autor nacional do I Festival Nacional de Teatro Amador do Estado da Guanabara, com a peça “Auto de Maria Mestra” (1968); melhor autor nacional do VI Festival Nacional de Teatro de Estudantes (Aldeia, Arcozelo, Estado do Rio de Janeiro), com a peça “Pedro Corredor” (1971); prêmio Oduvaldo Viana Filho, no Concurso de Peças Teatrais do Teatro Opinião do Rio de Janeiro, com

a peça “Jornada do Medo”, posteriormente intitulada “Cemitério das Juremas” (1975); melhor autor, no II Festival Nacional de Teatro de São Mateus (São Mateus, Espírito Santo), com a peça “Alamoá” (maio de 1986); 3º prêmio do Concurso Nacional de Dramaturgia – Prêmio Nelson Rodrigues, do Instituto Nacional de Artes Cênicas (INACEM), com a peça “Jacinta” (1987); 1º lugar no Concurso Nacional sobre Questão Agrária, com a peça “Flor do Campo”, promoção Minc/Mirad/Fundacen, Brasília(1988);

Folclore: 1º lugar em Concurso de Monografias sobre Folclore Nacional, promovido pela Comissão Nacional de Folclore (IBEEC), Rio de Janeiro, com o trabalho “O Diabo no Conto Popular Paraibano” (1967); 1º lugar em Concursos sobre o Folclore Paraibano, promovido pelo Departamento Cultural da Universidade Federal da Paraíba, com o trabalho “O Auto dos Caramurus”(1967); 1º lugar em Concurso sobre o Folclore Paraibano, promovido pelo Departamento Cultural da Universidade Federal da Paraíba, com o trabalho “À Sombra da Caiana” (1968).

DISTINÇÕES HONROSAS

Homenagem ao autor Altimar Pimentel – X Festival de Inverno de Campina Grande (julho de 1985), placa alusiva à homenagem; Troféu Altimar Pimentel, criado pela Fundação José Augusto e Federação de Teatro do Rio Grande do Norte, entregue na Semana Potiguar de Teatro Amador, Natal–RN, (dezembro de 1979); Troféu *Parahyba* 90 Teatro, conferido pelo Gabinete Paraibano de Cultura à peça “Romance da Fortaleza de Santa Catarina”; Comenda do Mérito Cultural José Maria dos Santos, conferida pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (João Pessoa, 12 de outubro de 1994); destaque em dramaturgia – V Mostra Estadual de Teatro e Dança, Teatro Santa Roza (2 a 30 de novembro de 1996);

Medalha do Mérito da Fundação Joaquim Nabuco, “por relevante contribuição à cultura brasileira” (Recife, 13 de maio de 1997), sendo distinguido para falar em nome dos agraciados; diploma de reconhecimento pelos relevantes serviços prestados em prol do desenvolvimento da Comunicação Social no Estado da Paraíba, UFPB – CCHLA – DLC (9 de junho de 1997); título de Cidadão Cabedelense, outorgado pela Câmara Municipal de Cabedelo (13 de junho de 1997); *Mencion (‘reconocimiento especial’) no Gran Premio Iberoamericano* Dr. Augusto Raúl Cortazar (1989) com o livro “Estórias de Cabedelo”. Os jurados destacaram a “*excelente recopilación de relatos y cuentos con bueno apoyo técnico científico y comentarios de investigación comparada*” (Buenos Aires, Argentina, 3 de abril de 1990); láurea “*Primum inter pares*”, outorgada pela Câmara do Livro do Brasil Central (Brasília, novembro de 1995); título de Cidadão Paraibano, outorgado pela Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba (5 de maio de 2001).

CITAÇÕES DE REFERÊNCIA EM OBRAS DIVERSAS

Hermilo Borba Filho. *Espetáculos populares do Nordeste*. Rio de Janeiro: Buriti (citação pág. 118); Hermilo Borba Filho. *Fisionomia e espírito do mamulengo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional Coleção Brasileira (citação na Bibliografia, pág.. 294); Luiza Barreto Leite. *Teatro e criatividade*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro. Capítulo nº 7 da II Parte. *A Construção – barroco psicanalítico* (pág.. 141); Nelson Araújo. *Histórias do teatro*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia. (citação págs. 335, 338 e 372; Félix Coluccio e Maria Isabel Coluccio. *Presencia del Diablo en la Tradición Oral de Iberoamérica*. Buenos Aires, Argentina, Ediciones Culturales Argentinas (1987).

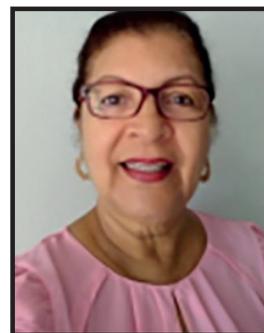
MEMBRO DE JÚRI DE CONCURSOS

I Concurso Universitário de Peças Teatrais, promovido pelo Serviço Nacional de Teatro (1975); I Concurso Paraibano de Peças Teatrais, promovido pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba (1976); II Concurso Paraibano de Peças Teatrais, promovido pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba (1977); IV Congresso Nacional de Violeiros, promovido pela Fundação Universidade Regional do Nordeste (Campina Grande, 1977); Concurso Marechal Rondon, promovido pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (1979); representante da Campanha no Júri – Concurso de Peças Teatrais do IV Centenário da Paraíba, promovido pelo Governo da Paraíba, através da Comissão do IV Centenário; Concurso Nelson Chaves de teses sobre o Norte e o Nordeste Brasileiros, promovido pela Fundação Joaquim Nabuco (1998); Concurso de Dramaturgia “Lourdes Ramalho”, promovido pela Fundação Cultural de Campina Grande (2001).

SOCIEDADE DAS QUAIS FEZ PARTE

Sócio efetivo da Sociedade de Autores Teatrais – SBAT; sócio da Associação Paraibana de Imprensa; sócio da Associação dos Escritores de Brasília; sócio do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal; sócio – fundador do Teatro Experimental de Cabedelo – TECA; sócio do Sindicato dos Jornalistas do Estado da Paraíba; membro correspondente da Academia Norte-riograndense de Letras; membro correspondente da Comisión Permanente Internacional de Folklore de Buenos Aires, Argentina.

Professor e jornalista aposentado, escritor, teatrólogo, folclorista e grande pesquisador da cultura popular, Altimar de Alencar Pimentel faleceu no dia 21 de fevereiro de 2008, em João Pessoa, deixando um grande legado cultural para a cidade de Cabedelo, bem como para o Estado da Paraíba e para o Brasil.

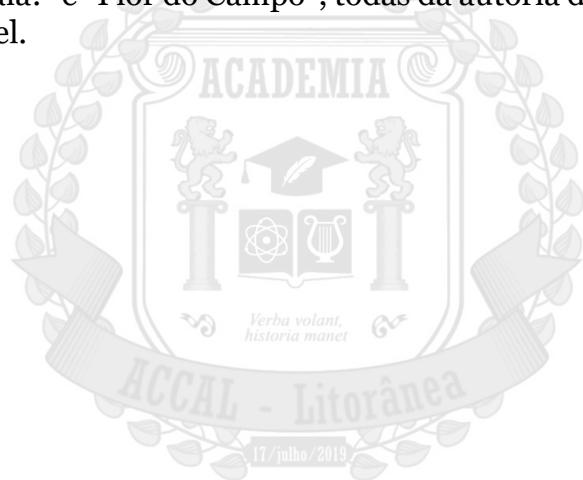
**Cleide Rocha da Silva Pimentel**

Nasceu em 7 de setembro de 1947, na cidade de Santos, São Paulo. Especializada em Educação na Zona Rural, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Formada em Letras e Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba. Professora, supervisora escolar, técnica em assuntos educacionais, aposentada. Filha de Maria Benedicta da Silva e Agrício Rocha da Silva, ambos paraibanos. Viúva de Altimar de Alencar Pimentel. Foi contemplada com o título de Cidadã Cabedelense, em 12 de dezembro de 2014, e participa ativamente das atividades culturais e folclóricas do Estado da Paraíba.

Exerceu os cargos de professora e supervisora escolar do Grupo Escolar Paulino Siqueira, do Grupo Escolar Maria Pessoa Cavalcante, do Grupo Escolar Pedro Américo, do Colégio Imaculada Conceição; Coordenadora Pedagógica do Complexo Escolar Santa Catarina; Técnica em Assuntos Educacionais pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Diretora do Teatro Santa Catarina do Município de Cabedelo – PB; Secretária de Educação; Secretária do Meio Ambiente; Secretária de Turismo, junto ao município de Cabedelo; Fundadora do Grupo de Teatro Experimental de TECA; Coordenou a Associação de Crianças Carentes; Atualmente,

coordena o grupo de danças “Retalhos Folclóricos”. É coautora do livro *Esquindô – Lê, Lê*, junto a Altimar de Alencar Pimentel; coautora de *Cantigas* de pesquisadora, na criação da coletânea *Folclore Paraibano* (Boi de Reis, Coco de Roda, Ciranda de Adultos, Lapinha, Fandango), de Altimar de Alencar Pimentel.

No teatro, dirigiu as peças “Aventuras de um Diabo Malandro”, de Maria Helena Kühner; “A Bruxinha que era boa” de Maria Clara Machado. Atuou em diversas peças teatrais, como “Cemitério das Juremas”, “Viva a Nau Catarineta”, “O Auto de Maria Mestra”, “Quem estiver achando ruim, saia!” e “Flor do Campo”, todas da autoria de Altimar Pimentel.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 4

PATRONO
ÁLVARO PEREIRA DE
CARVALHO
(1885 – 1952)

ACADÊMICO
Manoel Hélder de Moura Dantas

Um dos fatos mais marcantes da História da Paraíba foi o assassinato de João Pessoa, em 26 de julho de 1930, um estopim que determinou os rumos políticos do País, inclusive com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, a partir da chamada Revolução de 30. Na Paraíba, com a morte de João Pessoa, quem assumiu o governo foi precisamente Álvaro Pereira de Carvalho.

E este é apenas um dos muitos fatos que enriquecem a notável biografia do jornalista, advogado, professor, escritor e tribuno Álvaro Pereira de Carvalho, um dos fundadores da Academia Paraibana de Letras, um homem culto e versado nos clássicos da literatura universal, com proficiência em português, inglês, francês e italiano.

Álvaro nasceu na cidade de Mamanguape–PB, em 19 de fevereiro de 1885, filho de Manuel Pereira de Carvalho e de Francisca Leopoldina de Carvalho.

O Vale do Mamanguape era, naquele período, uma região economicamente importante, a partir, especialmente, das usinas de cana-de-açúcar. Era comum os senhores de engenho, mas não apenas eles, enviarem seus filhos para estudar no Recife ou até no exterior. E assim, vários filhos da terra foram governadores do Estado.

Não foi exatamente o caso de Álvaro de Carvalho. Seu pai era barbeiro, mas conseguiu, com seu ofício, financiar os estudos do filho.

Após se transferir para a Capital do Estado, Álvaro estudou no Lyceu Paraibano e, já aos dezoito anos, passou a exercer a militância no jornalismo como secretário de redação do *Jornal do Comércio*, dirigido então por Artur Aquiles, jornalista da Paraíba.

Concluídos seus estudos, passou a lecionar italiano no Lyceu Paraibano e, posteriormente, francês e inglês. Então, em 1916, já em Recife, formou-se pela Faculdade de Direito de Pernambuco e foi nomeado por Francisco Camilo de Holanda, então presidente da Paraíba, como diretor do mesmo Lyceu Paraibano.

No governo de Sólton Barbosa de Lucena (1920-1924), Álvaro foi guindado ao cargo de Secretário-Geral do Estado. E seguiu sua carreira no serviço público sempre em ascensão.

No governo seguinte de João Suassuna (1924-1928), teve sob a sua responsabilidade o estudo da reforma para o ensino público, missão que o levou a realizar várias viagens por diversos países da América do Sul, para colher subsídios e confeccionar as diretrizes do ensino na Paraíba.

Ainda nos anos 20, Álvaro disputou cadeira na Câmara Federal e foi eleito para a legislatura de 1927 a 1929. Mas, em 1928, renunciou ao mandato, após ter sido eleito vice-presidente da Província da Paraíba, na chapa encabeçada por João Pessoa, sobrinho de Epitácio Pessoa.

Álvaro chegou a assumir o governo, em várias oportunidades, durante a campanha eleitoral da Aliança Liberal. Como se sabe, João Pessoa foi candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio Vargas contra Júlio Prestes, numa campanha das mais acirradas no País.

Então, em 26 de julho de 1930, Álvaro, que não tinha participação efetiva no movimento revolucionário,

assumiu de forma definitiva o comando da Província, com o assassinato de João Pessoa, tornando-se o 16º presidente da Província da Paraíba. Uma de suas decisões foi manter José Américo na Secretaria de Segurança, com o objetivo de manter a ordem, especialmente na Capital, ante toda a comoção pública sequente ao assassinato de João Pessoa.

Como de amplo conhecimento público, José Américo era o único secretário em quem João Pessoa confiava, respeitava e ouvia. Era, portanto, de sua confiança. A cidade estava convulsionada, com a população saqueando e queimando estabelecimentos comerciais e residências dos opositores do líder assassinado. José Américo tinha a autoridade para lidar com o momento delicado, já que Álvaro não era um revolucionário, sequer participou do movimento. Era, na verdade, antirrevolucionário.

No final dos anos 1920, a título de ilustração, havia um clima especial na Província, em decorrência, seja da fadiga para com a política oligárquica vigente na Paraíba, depois, porque se estabeleceu uma revolta de parte da oligarquia contra a quebra das regras estabelecidas da chamada política do café-com-leite, com a Presidência do País alternando-se entre lideranças de São Paulo e Minas Gerais. Por fim, havia um crescente movimento militar.

O curto governo de Álvaro caracterizou-se, no entanto, pela ousadia e coragem como tomava as decisões, apesar de, muitas vezes, ser reprovado pelo povo. Sempre insistia que, como governante, não poderia agir com demagogia, e suas decisões deveriam ser sempre por convicção. (PINTO, 1967)

Foi esse torvelinho de circunstâncias que marcou o turbulento período de Álvaro como presidente da Paraíba, enfrentando, inclusive, a Rebelião de Princesa, um movimento sedicioso liderado pelo coronel Zé Pereira (José Pereira Lima), que fazia ferrenha oposição ao seu governo, como, aliás, já fazia a João Pessoa.

Em agosto daquele ano, a pedido do governo federal, o general Alberto Lavanère Wanderley, comandante da 7ª Região Militar (Pernambuco), praticamente à revelia de Álvaro, assumiu a linha de frente, integrando-se às forças locais e conseguiu pacificar a Província, sufocando o movimento de Princesa.

No mês seguinte, Álvaro até relutou, mas diante da enorme pressão política e popular, catapultada pelos jornais Norte e Correio da Manhã, ele decidiu sancionar projeto de lei aprovada pela Assembleia Legislativa, que denotava João Pessoa como nome oficial da Capital.

Contudo, em 9 de setembro daquele ano, houve um episódio significativo que certamente contribuiu para determinar o futuro de Álvaro no governo: o deputado estadual Generino Maciel apresentou um projeto de lei mudando também a bandeira da Paraíba, para as cores vermelha e preta, com o dístico “Nego”, que era uma referência ao nego de João Pessoa à candidatura de Júlio Prestes, mas o projeto foi vetado por Álvaro de Carvalho.

Álvaro vetava o projeto sob o seguinte argumento:

Considerando que – nego – desacompanhado de qualquer explicação é, por si só, incompreensível, e encerra um grito de puro negativismo, resolvo vetar este projecto, devolvendo-o à Assembléia para que se cumpram os dispositivos constitucionaes que regem o caso. (grafia da época) (CARVALHO, 1930)

Na sequência, os deputados estaduais desconhecaram seus argumentos e derrubaram o veto do presidente e ficou estabelecida a fragilidade de sua autoridade política naquele momento.

Fato digno de registro foi a mensagem que Álvaro de Carvalho, ainda na condição de vice-presidente, havia apresentado à Assembleia em 26 de junho, em que faz uma

prestação de contas do governo, mas também justifica a negativa de João Pessoa apoiar a candidatura de Prestes:

A Parahyba tinha a zelar as tradições da política do eminente conterrâneo senador Eptácio Pessoa, que no próprio cargo de Presidente da República se recusara a indicar ou patrocinar qualquer candidatura à sua sucessão. Não era possível apoiar a que surgira (Prestes) em desacordo com os princípios liberaes do regimen [...] A candidatura de Prestes foi, portanto, vetada pela Parahyba, por questões de princípios. (grafia da época) (CARVALHO, 1930)

Na madrugada de 3 de outubro de 1930, um grupo de civis, envergando fardas do Exército, invadiu o quartel do 22º Batalhão, em Cruz das Armas (João Pessoa). Na troca de tiros, o general Lavanère foi morto. Os chamados revolucionários, então, seguiram para o centro da cidade. Oradores se revezaram num comício, dentre eles, José Américo e Adhemar Vidal que, em seguida, foram à casa de Álvaro dar conta da Revolução. (MELLO, 1987)

José Américo de Almeida, como um dos líderes do movimento no País, assumiu o chamado comando civil do Norte, que incluía Rio Grande do Norte e Paraíba, e então, por sua ordem, Álvaro de Carvalho, apesar de não ter sido oficialmente deposto, viu-se na contingência de deixar o cargo no dia 4 e foi logo substituído, segundo determinação das lideranças revolucionárias, pelo próprio José Américo. Estava selado o destino de Álvaro de Carvalho.

Álvaro, como já dito, apesar de seu alinhamento administrativo com João Pessoa, não era um “revolucionário” e fazia parte do chamado grupo dos epitacistas (adeptos de Eptácio Pessoa), além do mais, após a morte de João Pessoa, trabalhou pela pacificação da Província, sendo, por isso mesmo, acusado pelos “revolucionários” de traidor, por manter entendimentos com o governo Federal.

A Revolução de 30 foi um marco e também significou o final da chamada República Velha, Primeira República, República das Oligarquias ou República dos Coronéis, que se havia iniciado com o golpe militar encabeçado por Deodoro da Fonseca, em 1889, quando derrubou a Monarquia e estabeleceu a Proclamação da República no País.

A propósito da Revolução de 30, Álvaro escreveu “Nas Vésperas da Revolução”, livro em que narra os episódios que marcaram seu curto mandato e aborda, dentre outras, a questão dos planos “revolucionários”, muitos tramados à sua revelia e no interior do seu governo, por seus auxiliares, enquanto trabalhava tentando manter a ordem na Província.

Aliás, é neste livro que ele registra, com certa ironia, um dos episódios mais emblemáticos da História da Paraíba e que compôs o conjunto de eventos que levaram ao assassinato de João Pessoa:

A apreensão de cartas de sua família e de um diário de suas aventuras amorosas, feita à revelia de João Pessoa, por 'amigos oficiosos do governo', conforme ele próprio mo disse, sem que lhe perguntasse [...] as cartas foram publicadas por ordem do Presidente, e o Diário ficou exposto na redação d'A União, então órgão oficial, e aí andou de mão em mão para mostrar o estofo moral do 'bandido' que o redigira. Tive o em mãos e lhe apreciei as minúcias, indignas de um Casanova, por excesso de realismo. (CARVALHO, 1932)

A exposição das cartas, como amplamente conhecido na Paraíba, teria levado João Dantas a assassinar João Pessoa, numa confeitaria em Recife, episódio que teria sido um dos gatilhos da Revolução de 30. João Dantas, a propósito, era natural de Mamanguape, tanto quanto Álvaro. Seu irmão, Manoel Dantas, tinha uma propriedade na região que, inclusive, tentou reaver décadas após a Revolução de 30. (ALBUQUERQUE, 2013)

A partir de 1930 e, ao deixar o governo, estava selado o destino de Álvaro, que passou a se dedicar com mais afinco ao magistério, como professor de Literatura, e também à advocacia. Logo depois, ele decidiu se transferir para Santos (SP), onde morou durante sete anos, lecionando inglês, literatura e italiano em colégios particulares, acumulando este ofício com o trabalho na advocacia.

Mas, ao mesmo tempo, Álvaro passou a integrar a plêiade de intelectuais, dentre eles, José Américo, Ademar Vidal e João Lélis, que se dedicaram, com grande competência, à escritura de textos abordando a temática da Revolução de 30, sobretudo porque foram atores protagonistas e vivenciaram, de perto, as tramas e conflitos políticos daquela conjuntura histórica. E, a partir desses textos, é possível compreender a Paraíba que emergia daqueles acontecimentos marcantes.

Também passou a escrever ensaios e textos de crítica literária. Um de seus livros sempre citados é “Augusto dos Anjos e outros ensaios”, em que afirma de forma corajosa, contra uma certa corrente literária vigente, que o poeta “não formou escola” e sequer “abriu caminho para o futuro”. Estas observações mereceram reparos de vários críticos literários, como Martins Filho (*Reflexões sobre Augusto dos Anjos*). (CARVALHO, 1946)

É igualmente importante registrar sua militância, na área jornalística, como redator do jornal O Combate e como diretor de O Comércio. No campo literário, participou ativamente da fundação da Academia Paraibana de Letras, em 14 de setembro de 1941, sendo um de seus membros mais ativos.

Dentre as obras de Álvaro Pereira de Carvalho, constam *Ensaio da Crítica Estética* (1920), *Revelações do Eu* (1920), *Ensaio da Crítica* (1924), *Nas Vésperas da Revolução* (1932), *Educação Profissional* (1946) e *Augusto dos Anjos e Outros Ensaio* (1946), além de outros publicados nas Revistas da Academia Paraibana de Letras.

Álvaro foi casado com Luiza Gonzaga dos Santos, com quem teve sete filhos: Stélio, Glaura, Stela, Nerina, Dalva, Vilma e Clóvis. Em 1947, após ficar viúvo, casou-se, pela segunda vez, com Francisca Marques da Rocha. Faleceu a 5 de outubro de 1952, em João Pessoa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Aurélio de. *Sobretudo um homem de bem*. João Pessoa (1973).

ALBUQUERQUE, Marcos C. *História da Comarca de Mamanguape*. João Pessoa: Editora TJPB (2013).

BATISTA Juarez da Gama. *Justiça, imprensa e academia – degraus da vocação*. (discurso de recepção ao acadêmico Aurélio de Albuquerque na APL), 1973.

CARVALHO, Álvaro de. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa. João Pessoa, 26 de junho de 1930.

_____. *Jornal A União*, 25 de setembro de 1930b.

_____. *Nas vésperas da Revolução: 70 Dias na Presidência do Estado da Paraíba*. São Paulo: Revista dos Tribunais (1932).

_____. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. João Pessoa: Dep Publicidade (1946).

MELLO, José Octávio A. coordenador. *Capítulos de História da Paraíba*. Campina Grande: Grafset (1987).

PINTO, Luís. *Traços de vidas ilustres*. João Pessoa: Imprensa Universitária (1967).

PORDEUS, Terezinha Ramalho. *História da Paraíba na sala de aula*, João Pessoa: Gráfica Universal (1978).



Manoel Hélder de Moura Dantas

Hélder Moura (Manoel Hélder de Moura Dantas) nasceu Campina Grande, em 1957, onde concluiu o curso de Bacharelado em Informática, em 1978, e, em 1982, concluiu o curso de Pós-Graduação em Engenharia de Sistemas (Algoritmos), no Campus II da Universidade Federal da Paraíba, atual Universidade Federal de Campina Grande.

Em 1981, ingressou no curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba e, em 1983, foi contratado pelo jornal *Gazeta do Sertão*, onde se tornou editor-chefe, passando a atuar no jornalismo político.

Em 1992, foi contratado, por concurso público, como assistente de administração e, posteriormente, como professor de Informática, do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), campus de João Pessoa, onde leciona disciplina sobre Lógica e Algoritmo.

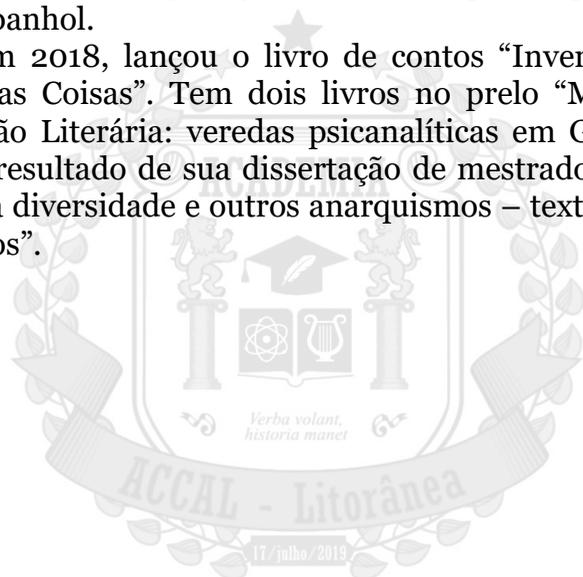
Ainda em João Pessoa, Hélder foi contratado colunista do jornal *Correio da Paraíba* em 1992 e, em seguida, apresentador da TV *Correio* (Rede Record), à frente do *Correio Debate*, tendo ganhado vários prêmios de Imprensa, e permaneceu até 2012. Foi comentarista da CBN (Rede Globo) até dezembro de 2015.

Em 2017, formou-se em Psicanálise, pelo Instituto Lattes. Ainda em 2017, obteve o grau de mestre no curso de

Mestrado em Literatura, pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente, é doutorando em Literatura pela UFPB e também em Literatura e Psicologia pelo Instituto Interamericano do México.

Na área literária, venceu alguns prêmios de ensaios e poesia e, em 1985, lançou o livro “Coração de Cedro”. Em 2012, lançou, em Lisboa e Óbidos (Portugal), seu primeiro romance “O Incrível Testamento de Dom Agapito”, que se encontra em 4ª edição e já foi traduzido para inglês, italiano e espanhol.

Em 2018, lançou o livro de contos “Inventário das Pequenas Coisas”. Tem dois livros no prelo “Melancolia e Criação Literária: veredas psicanalíticas em Guimarães Rosa”, resultado de sua dissertação de mestrado, e “Princípio da diversidade e outros anarquismos – textos pandemômicos”.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 5

PATRONO
AMÉRICO AUGUSTO DE SOUZA
FALCÃO
(1880 – 1942)

ACADÊMICA
Tereza M. Madalena de Lira
Braga Vieira

O POETA DO MAR

ORIGENS

O advogado, poeta e jornalista Américo Augusto de Souza Falcão nasceu em Lucena, que à época pertencia ao município de Santa Rita, na Paraíba, no dia 11 de fevereiro de 1880.

Seus pais, Mariano de Souza Falcão e Deolinda Zeferina de Carvalho Falcão, tiveram onze filhos.

VIDA ESCOLAR E ACADÊMICA

Conhecido também como o “Cantor das Praias”, o garoto Américo Falcão fez o curso primário na sua terra natal, e o secundário, no Lyceu Paraibano.

Já o seu bacharelado em Direito, o autor dos versos “não há tristeza no mundo que se compare à tristeza dos olhos de um maribundo fitando uma vela acesa”, optou por fazer na Capital pernambucana, tendo colado grau no ano de 1908.

CASAMENTOS

O jovem lucenense casou-se, em primeiras nupciais, com Maria Eugênia de Alencar com quem teve a filha Marluce que, segundo o poeta, significava “Mar de Lucena”.

Após enviuar, no ano de 1912, casa-se Euvira Natália Fernandes com quem teve quatro filhos: João Leomax, Marlinda Augusta, Durvalina Lucemar e Maurisa.

CARREIRA PROFISSIONAL

Jornalista por vocação, Américo Falcão colaborou nos principais jornais do Estado da Paraíba, a exemplo de A União, onde foi redator.

Colaborava também no jornal NONEVAR, “Órgão do amor, da graça e da beleza”, jornal que circulava durante a festa de Nossa Senhora das Neves, padroeira da cidade de João Pessoa. Nessa publicação, ele respondia pela coluna “Croquis”.

Contemporâneo de jornalistas e escritores do quilate de Artur Achilles, Carlos Dias Fernandes, Mathias Freire, Coriolando de Medeiros e Álvaro de Carvalho, Américo Falcão colaborou com o jornal O NORTE e com a revista ERA NOVA, que era editada e publicada pela Cúria Metropolitana.

Mesmo tendo se formado em Direito, no vizinho Estado de Pernambuco, muito cedo ingressou no serviço público, passando a dirigir a Biblioteca Pública e o Arquivo do Estado da Paraíba.

OBRAS PUBLICADAS

Auras Parahybana – obra publicada na cidade de Fortaleza–Ceará, em 1898, quando o autor contava apenas dezoito anos de idade.

Outras publicações: Náufragos (1914), Visão de Outrora (1924), A Rosa de Alençon (1928) e Soluções de Realejos (1934).

Devido à sua convivência nas proximidades litorâneas, era possuído por um apego às coisas do mar. Para ilustrar a informação, leia-se o seu

Hino aos Jangadeiros

Pescadores audazes do Norte,
Que rumastes jangadas ao Sul,
Atirastes sarcasmos à morte
Entre as ondas de límpido azul!
Verdadeiros heróis do presente,
Brilhareis ainda mais no porvir —
Vossa glória será mais fulgente,
Quando, altiva, a cem anos subir!
A ironia do tempo vencestes,
Recortando do Atlântico as vagas,
Destemidos heróis, que nascestes
Para orgulho eternal destas plagas!
Que saudade da triste cabana,
Solitária, a esbater-se na bruma...
Peregrinos da plaga indiana
Num pomar que tem flores de espuma!
Jangadeiros do Norte, eu bemdigo
Vossa firme coragem suprema!
Se no mar encontraes o perigo,
Nele tendes o vosso poema!
Não conheço, na vida, quem seja
Como vós, imortais jangadeiros:
Vosso lenho com as águas peleja...
Sois, por isso, os heróis verdadeiros!
Na áurea luz, doce luz, fina e clara,
Venturosos, assim, vos banhastes...
Quando à linda e gentil Guanabara,
Vencedores, altivos, chegastes!
Vosso feito é de eterna memória,

E já tendes, na pátria gentil,
Uma página de ouro na história
Dos sublimes heróis do Brasil!
A jangada ao partir — vela panda...
Mais soluça ao gritar da jandaia,
E ao adeus que, em silêncio, lhe manda
O formoso coqueiro da praia!
Já não há para vós vento forte,
Pescadores de linha e de anzol,

ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS E ACADEMIA PARAIBANA DE
POESIA

Considero o representante do Romantismo na Paraíba, Américo Augusto de Souza Falcão é o Patrono da Cadeira nº 38 da Academia Paraibana de Letras, cujo acadêmico atual é o imortal Luiz Nunes Alves.

Na Academia Paraibana de Poesia, o poeta é Patrono da Cadeira de nº 12.

INSTITUTO CULTURAL *Verba volant,
historia manet*

O Instituto Cultural Américo Falcão, localizado no município de Lucena, litoral norte paraibano, é considerado de utilidade pública e tem como objetivo divulgar a vida e a obra do maior poeta da sua terra.

IDEALIZADOR

O poeta foi um dos idealizadores da mudança do nome da nossa Capital, de Parahyba para João Pessoa.

FALECIMENTO

O poeta de Lucena faleceu no dia 9 de abril de 1942 em decorrência de problemas cardíacos.

FERIADO

Em razão da data de seu falecimento, 9 de abril, o vereador Severino Amâncio (Sibiu) apresentou do projeto, depois transformado em lei, considerando a data feriado municipal em Lucena.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



**Tereza Maria Madalena de Lira
Braga Vieira**

Tereza Maria Madalena de Lira Braga Vieira é natural de Orós-CE, filha de Francisco Vieira da Silva e Raimunda Lira Braga Vieira.

Divorciada, reside, hoje, na Capital paraibana. É professora, com registro no MEC, e jornalista, radialista e apresentadora (DRT/PB). Tem curso superior de Letras neo-latinas, pela antiga Universidade Regional do Nordeste (Campina Grande-PB) e é formada em Direito pela Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Fez curso de aperfeiçoamento em Língua e Literatura Francesa pela Instituição *Etudes Françaises pour Letranger* – Sorbonne Nouvelle Paris – França; aperfeiçoamento em Língua, Literatura e Linguística Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba/UFPB; concluiu Estágio de Formação – CREDIF pela Instituição *Bureau ET d’Action Pédagogique* Brasília-DF; estágio de formação em língua francesa, pelo Serviço Cultural do Consulado da França – Recife-PE; curso de Psicologia Aplicada às Relações Públicas, pelo Instituto Fundação Padre Ibiapina – Campina Grande-PB; curso de Cerimonial Público – ABRP / MR Cerimonial – Recife-PE; curso de Etiqueta Social Profissional – Instituto Reciclar – João Pessoa-PB, entre muitos outros.

Participou de vários Seminários inerentes às suas atividades profissionais.

Foi diretora do Colégio Pio XI e do Teatro Severino Cabral, em, Campina Grande-PB.

É membro da API – Associação Paraibana de Imprensa e da ABRAJET-PB (Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo-PB); atua na apresentação de eventos sociais e como apresentadora da TV Master – João Pessoa-PB.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 6

PATRONESSE
ANAYDE BEIRIZ
(1905 – 1930)

ACADÊMICA
Neide Medeiros dos Santos

Anayde Beiriz (*in memoriam*), escolhida como minha Patronesse, na ACCAL – Litorânea. A todas as mulheres que contribuíram para o reconhecimento dos valores femininos na sociedade brasileira.

Pavana para Anayde Beiriz

Vanildo Brito

I *Verba volant,
historia manet*
Anayde Beiriz, o tempo é cego
Por entre os escuros labirintos,
Mas não desfez o itinerário certo
Da verdade sepulta sobre mitos

Da História. O teu martírio infante
Viverá sempre como os sonhos vivem
Entretecido pela fatalidade
No sudário sem cor da morte livre.

II

Nós vemos-te Anayde quase impúbere
Em torno à tua sina acorrentada,
Seres ferida pelos ódios rudes
Das multidões incendiárias.

Vemos também teus íntimos segredos
Que com tanto carinho acalentaste,

Devassados e expostos nos roteiros
Maledicentes da cidade

E vemos-te por fim transfigurada,
Lutando tua derradeira luta,
Seres alvo do escárnio da canalha
Sofrendo a dor de alheias culpas.

Mas nós não vemos teus perseguidores
Embuçados que estão nos descaminhos
Nem que te fez acompanhar o fel da morte
E maldizer o teu destino.

III

Anayde Beiriz, a mão do tempo
Refez tua face peregrina
Não dormes mais no esquecimento
Vives no sempre, fábula menina.

ANAYDE BEIRIZ: LUMINISCÊNCIA E TRAGICIDADE

A cidade da Parahyba, atual João Pessoa, foi o berço de nascimento de Anayde Beiriz, ocorrido no dia 18 de fevereiro de 1905. Seu pai, José Beiriz, trabalhava como tipógrafo do jornal *A União* e sempre levava exemplares do jornal para casa. Assim a menina conviveu com as letras desde a mais tenra idade. Sua mãe, Maria Augusta Azevedo, cuidava dos afazeres domésticos e acompanhava o crescimento da menina que gostava de cantar modinhas, recitar poemas e participar das peças de teatro na escola. Era uma menina feliz, vivia cercada pelo carinho dos pais e o afeto dos irmãos. A família era constituída dos pais e dos filhos Anayde, Antônio Helena e Maria José (Zezita).

Após o término do antigo curso primário, Anayde se encaminhou para a Escola Normal e conviveu com as moças da alta sociedade da Paraíba. Mantinha amizade com três

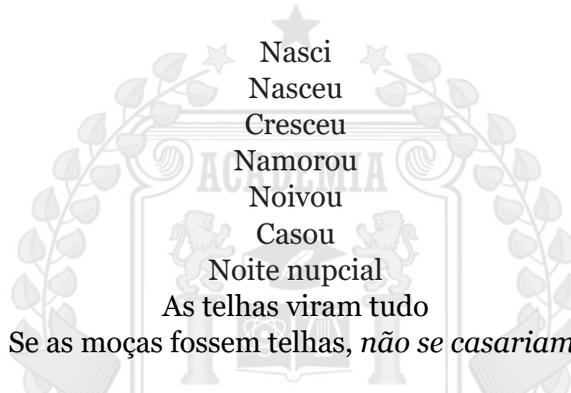
colegas que gozavam de prestígio social: Amelinha Theor-ga, Maria Deolinda Cavalcanti e Alice Sobreira. Destacou-se como boa aluna e foi diplomada professora em 1922, quando contava a idade de apenas dezessete anos. Foi a laureada da sua turma por ter conseguido o 1º lugar entre as colegas. Para aprimorar seus estudos, fez também o curso de datilografia na Escola Remington.

Ao terminar o curso normal, submeteu-se a concurso público para exercer a profissão de professora e obteve o 1º lugar. Desejava muito lecionar na cidade onde morava, mas a família era humilde, e seu pai não gozava prestígio político nem social para conseguir o emprego na Capital. Assim, foi designada para ensinar na Colônia de Pescadores Epitácio Pessoa, localizada em Cabedelo. Durante o dia, ministrava aulas para crianças e, à noite, para jovens e adultos. Numa época em que não se falava em EJA, vamos encontrar Anayde alfabetizando jovens e adultos. Pode-se afirmar que ela foi uma precursora do educador Paulo Freire. Passava a semana em Cabedelo e, no fim de semana, voltava para João Pessoa onde participava da vida literária e social da cidade.

O jornalista e advogado João Lelis, em artigo publicado no jornal *A União*, afirma que, de 1922 a 1929, a Paraíba vivenciou uma fase intelectualmente brilhante. Na capital do Estado, circulava a revista *Era Nova*, e os escritores, poetas e jornalistas publicavam artigos e poemas nessa conceituada revista que marcou época no periodismo conterrâneo. José Américo e José Lins do Rego eram colaboradores, algumas mulheres também escreviam para a revista, entre elas Eudésia Vieira e Anayde Beiriz.

Nesse período, era comum a organização de tertúlias ou saraus literodançantes em residências de pessoas que amavam as letras, a música, a poesia. Um dos locais escolhidos para essas tertúlias era a residência do médico José Maciel. Havia também reuniões literomusicais, que ocor-

riam nas residências ora do casal Alceu Navarro, ora na do comerciante estrangeiro Mr. Davidson. O ambiente era predominantemente masculino, e Anayde era a única mulher que comparecia e participava das discussões sobre literatura e arte. Com muita desenvoltura, escrevia e recitava versos futuristas. Um dos poemas composto por Anayde e recitado em um desses saraus foi considerado ousado, causou certo constrangimento entre os presentes, mas isso não abalou a poetisa.



Nasci
 Nasceu
 Cresceu
 Namorou
 Noivou
 Casou
 Noite nupcial
 As telhas viram tudo
 Se as moças fossem telhas, *não se casariam.*

A atitude de recitar seus poemas para o público conservador da época demonstra que ela era uma mulher corajosa e antecipada. José Jofilly, no livro *Anayde Beiriz – Paixão e Morte na Revolução de 30* (1980), assim a descreve: [...] foi das primeiras a sair desacompanhada, a usar cabelos “à la garçon” e abandonar saias que se arrastavam pelo chão – símbolos da subordinação feminina. (op. cit.p.36)

Maria de Lourdes Luna, secretária de José Américo de Almeida durante dezessete anos, em plaquete publicada pela editora *A União*, registra um depoimento da esposa de Oswaldo Pessoa que teve convívio estudantil com Anayde. Sobre a colega enalteceu o caráter da normalista que se destacava entre as demais pela sua altivez e inteligência. José Américo viu poucas vezes Anayde, mas achava-a “interessante, porque reunia aos dotes físicos, atributos de inteligência, malícia e graça.”

Lourdinha Luna faz a descrição física de Anayde:

Era de estatura mediana, morena, olhos negros expressivos, lábios carnudos e nariz afilado. O conjunto fisionômico não expressava formosura, entanto, não passava despercebido. O penteado de pastinha cobria-lhe parte da face esquerda, como se pode co-tejar com as fotografias. Vaidosa, vestia-se com bom gosto, dentro do estilo dos anos vinte, que tinha na melindrosa, de corpo inteiro e saia curta, o must da moda brasileira. Com elegância, equilibrava-se nos saltos Luiz XV e caminhava levitando como se tivesse asas nos pés.

Lourdinha Luna não conheceu Anayde, examinou fotografias da professora/poeta, conversou com seus familiares, com José Américo de Almeida e assim a descreveu.

Em concurso de beleza realizado em 1925 e instituído pelo jornal *Correio da Manhã*, Anayde Beiriz tirou o primeiro lugar, e isso teve repercussão no meio social da cidade. Com uma beleza diferenciada – morena, elegante –, a presença da moça chamava a atenção dos rapazes.

Marcus Aranha, no livro *Anayde Beiriz – Pantera dos olhos dormentes* (2ª edição, 2015: p. 23), afirma que foi uma das precursoras do movimento feminista, podendo ser considerada o primeiro ícone feminino do Modernismo na Parahyba, assemelhando-se a Patrícia Galvão (Pagu), de projeção nacional e tida como a musa do Modernismo brasileiro. Inteligente e bonita, não faltavam pretendentes. Há registros que teve namoros breves com Jorge Bahia e Orris Soares.

Em 1924, conheceu Heriberto Paiva, um estudante de medicina que morava no Rio de Janeiro. Este veio passar as férias na casa do pai, que morava na Capital paraibana, e ficou preso aos encantos daquela morena de cabelos negros e de olhos dormentes. A cor da pele de Heriberto contrastava com a de Anayde – era bem alvo e de cabelos louros, havia ainda a diferença social. O estudante de medicina era

filho de um rico comerciante, e Anayde, de um funcionário do jornal oficial do governo. A família do rapaz se opôs ao namoro, e a rejeição era mais forte por parte da madrasta de Heriberto. Terminadas as férias, o rapaz voltou para o Rio e teve início uma longa correspondência entre os dois que se iniciou em 1924 e terminou em 1926.

Marcus Aranha teve acesso à correspondência entre Heriberto e Anayde através da família da moça. Nas cartas de Anayde endereçadas ao namorado, ele era tratado de forma carinhosa como Hery. Com o título *Diário de Cartas*, a correspondência está guardada em uma caixa. Além das cartas enviadas por Anayde, aparecem cartas e bilhetes do namorado. Com sua letra de professora, a primeira página do *Diário* traz pensamentos românticos, um pequeno poema.

Em letras bem grandes e grifadas, pode-se ler: Cartas do meu grande Amor, seguindo-se, entre outros, esses textos:

[...] dolorosas reminiscências do sonho desfeito da minha mocidade.

Para conhecer a verdadeira dor e toda sua amargura, é preciso ter sofrido esperando [...] antes de sofrer sem esperança.” (respeitada a grafia da época).

Quem ama um dia nunca mais se esquece da dor.

Ainda pode ser lido este pequeno poema que se assemelha a uma quadrinha queixosa:

Toda mentira começa
no mesmo princípio vão:
no meio há sempre a promessa,
no fim a decepção.

Não sabemos se os textos são da autora ou se copiou de algum poeta, uma vez que aparecem entre aspas.

A primeira carta da longa correspondência mantida entre os dois é de Heriberto e traz a data: Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1924.

Nessa carta, o estudante faz referência à madrasta, a grande opositora do namoro, e diz que se surpreendeu com a atitude de Tonha (a madrasta), não pensou que ela fosse capaz de difamar sua namorada. Acredita nas palavras de Anayde, desfazendo a mentira, e lamenta que, sob o jugo da minoridade, não adiantava discordar da família. Por fim, pede resignação para suportar essa fase difícil para os dois.

Durante vários meses, houve silêncio... Somente em 13 de junho de 1925, Anayde escreve e lamenta o “doloroso silêncio” entre os dois. É uma longa carta, em que ela confessa o imenso amor que sente e conta que foi convidada para fazer parte dos Novos, um grupo de jovens intelectuais que realizava serões literodançantes e diz que aceitou fazer parte deste para afogar no turbilhão desses encontros a sua intensa amargura.

Ao lado das juras de amor eterno, as cartas eram acompanhadas de retratos, de fios do cabelo de Anayde, mas nada dura para sempre. Nas histórias de amor, como ocorre também nos contos de fada, é comum aparecer uma madrasta má que procura colocar obstáculos para que a união entre dois apaixonados não aconteça, e a madrasta de Heriberto tudo fez para pôr fim ao relacionamento.

Marcus Aranha transcreve inúmeras cartas trocadas entre os namorados. Algumas estão sem data, mas é na última, datada de 30 de agosto de 1926, que Heriberto resolve romper definitivamente o namoro com Anayde. Em carta anterior, sem data (é provável que seja do início de agosto de 1926), o rapaz relata que esteve com o amigo Flávio Maroja Filho, e este lhe contara que havia dançado com Anayde em festa realizada na casa de Dr. Maciel no mês de fevereiro. O ciúme, acrescido das injúrias da madrasta, tomou conta de Heriberto, e ele acabou o namoro. Foi um golpe muito grande para a moça que sonhava com o casamento. Todas as suas esperanças ruíram. O tempo de luminescência parecia ter se acabado.

Tudo cura o tempo, já diz o Eclesiastes, e Anayde voltou a frequentar os saraus dançantes, a escrever poemas, publicá-los. Foi em uma das ocasiões de um sarau dançante, no ano de 1928, que conheceu o advogado João Dantas. Este confessou ser admirador dos poemas que ela escrevia, e começaram a namorar. Por ser adversário político do presidente João Pessoa que governava a Parahyba, quando ocorreu a “Revolta de Princesa”, João Dantas resolveu mudar-se para o Recife. O clima político estava insuportável. Numa época em que toda comunicação era feita pelos jornais, telegramas ou cartas, Anayde e João Dantas começaram a se corresponder.

Sob o pretexto de que na casa onde João Dantas residia em João Pessoa havia armas, a polícia invadiu a residência do advogado, levou pertences pessoais e expôs as cartas amorosas trocadas com Anayde, fato que ocasionou um grande escândalo na sociedade. As cartas foram expostas em uma delegacia, sendo consideradas indecorosas, e os poemas, escritos por Anayde, libertinos. Devido à exposição pública, diante desse episódio, Anayde e a família passaram a ser hostilizados e humilhados. João Dantas, quando tomou conhecimento da invasão que fora feita em sua casa, ficou enlouquecido e planejou uma vingança.

No dia 26 de julho de 1930, João Pessoa viajou ao Recife, e João Dantas, que estava morando em Olinda, tomando conhecimento dessa viagem através da leitura do jornal *A União*, dirigiu-se à Confeitaria Glória, situada no centro de Recife e que era bastante frequentada por políticos e autoridades, lá encontrou o Presidente da Parahyba que tomava café calmamente. Conta a história que, dirigindo-se ao rival, Dantas pronunciou estas palavras: “Eu sou João Dantas, a quem tanto injuriaste e ofendeste!”. Desferiu alguns tiros que atingiram o Presidente que caiu inerte, morrendo poucos minutos depois. João Dantas estava

acompanhado de seu cunhado Augusto Caldas. Os dois foram presos imediatamente.

Quando a notícia chegou à Paraíba, houve muita revolta e confusão na Capital. Os perrepistas, adversários de João Pessoa, foram perseguidos, tiveram suas casas invadidas, e a família de Anayde passou a ser hostilizada. As pessoas apontavam para Anayde e diziam: esta é a amante de João Dantas. Impossibilitada de permanecer na cidade, Anayde procurou refúgio em Recife, na casa de familiares do namorado, pois era também uma maneira de ficar mais perto de João Dantas. Foram seis semanas de muito desespero e apreensão. No dia 6 de outubro, a casa de Detenção onde João Dantas e Augusto Caldas estavam presos foi invadida e os dois foram mortos. A polícia pernambucana deu a versão de que eles se suicidaram, fato que depois foi contestado. Por conta de perseguições, Anayde mudou de residência várias vezes em Recife. Ao saber da morte do noivo, ficou transtornada e suicidou-se. Um ambiente de tragicidade tomou conta da cena política na Paraíba.

Anayde morreu às 13h30 no Abrigo Bom Pastor, em Recife, no dia 22 de outubro de 1930. Estava com 25 anos de idade. No livro *Anayde Beiriz em quadrinhos* (2016: p.33), Sabrina Bezerra afirma que Anayde foi enterrada pela família de João Dantas no Cemitério Santo Amaro, no Recife, na cova nº 5.657. “Morreu sem pai nem mãe, sem trabalho, sem domicílio e sem lugar de nascimento” – assim está escrito em sua certidão de óbito.

Se na infância e na juventude a vida de Anayde Beiriz parecia ser de luminescência – menina inteligente e viva, moça bonita e cortejada pelos rapazes, declamadora nos sa-raus que frequentava, sensível à poesia e à literatura, seus últimos dias de vida foram marcados pela tragicidade.

Livros, dissertações de mestrado, teses, trabalhos acadêmicos, artigos em jornais e revistas literárias, poemas, filmes e peças de teatro procuram apresentar a vida e a obra

da paraibana que enfrentou muitos desafios, que tentou superar os preconceitos de uma sociedade machista e intolerante com cuja mediocridade não se contentava e que almejava uma vida mais humana e mais justa para todos.

O reconhecimento do valor de Anayde Beiriz para a história e as letras paraibanas vem sendo reconhecido com o passar dos anos. Hoje empresta seu nome a uma escola pública. A Assembleia Legislativa da Paraíba instituiu, em 2002, o prêmio “Diploma Mulher Cidadã Anayde Beiriz” para homenagear as mulheres aguerridas que contribuíram e contribuem para a defesa dos direitos das mulheres. Existe, na cidade de João Pessoa, o Coletivo Cultural Anayde Beiriz, criado em 2008, com o objetivo de reunir artistas, poetas e escritores, músicos e agentes culturais que fazem parte do *Movimento Paraíba capital Parahyba*. A finalidade desse coletivo é preservar a memória de artistas, poetas e escritores paraibanos.

A editora Patmos publicou, em 2016, para o público infantojuvenil o livro *Anayde Beiriz em quadrinhos*, com roteiro de Sabrina Bezerra e ilustrações de Américo Filho. Se antes já tínhamos uma vasta bibliografia para adultos sobre Anayde Beiriz, com este livro sua vida e obra chegam para os estudantes do ensino fundamental.

Para conhecer mais um pouco dessa mulher que foi chamada pelo biógrafo Marcus Aranha de “pantera de olhos dormentes”, selecionamos alguns trechos de um questionário formulado em um caderno de perguntas que circulava entre as moças de antigamente. O questionário completo, de que selecionamos algumas passagens, se encontra no livro de Marcus Aranha – *Anayde Beiriz: panthera dos olhos dormentes*.

Diz-me o teu nome e o teu tipo?

Anayde Beiriz. Alta, morena, de olhos e cabelos castanhos.

A data de teu aniversário?

Ficou para além das datas...
A tua terra natal?
A encantadora e adorável Cidade dos Jardins.
Tua paixão dominante?
O Oriente – terra de mystério e de sonho.
A quem dedicas o teu maior affecto?
A mim mesma.
Qual o estado do teu coração?
Um vulcão encoberto por uma geleira.
Defina-me a saudade?
Talvez seja o desejo pungente da alma de voltar para onde ficou outra alma.
Qual a tua maior mágoa?
Saber-me fraca para vencer a fatalidade do destino.
Que flor preferes?
Rosas rubras. “Rosas vermelhas, flores do Peccado, flores que lembram sangue derramado”.
Já amaste?
“Se amei? Se amei?” ... Pode-se lá viver sem ter amado alguém?...
O que farias pela pessoa que amas?
Tudo, até a morte.

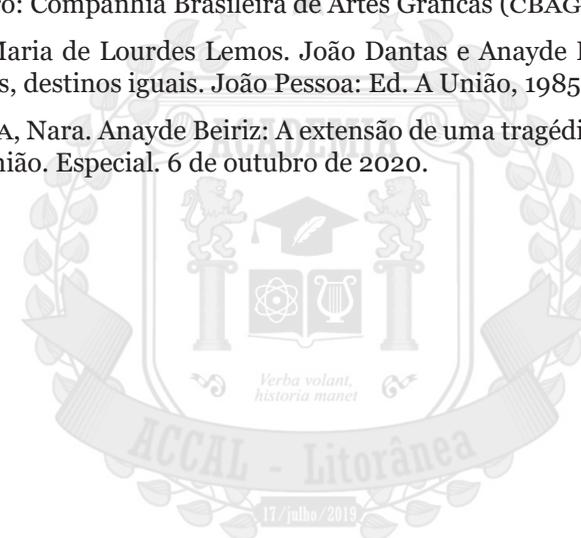
(Obs.: procuramos manter a ortografia da época).

O questionário é longo, e dele pinçamos algumas respostas que definem quem era Anayde e o que pensava da vida, do amor...

Muito teria ainda o que dizer sobre essa mulher valorosa que resistiu a muitas adversidades, mas sucumbiu diante da morte violenta do noivo. Este breve perfil biográfico, de quem estava além do seu tempo, dá para dimensionar sua importância para o movimento feminista e para as letras paraibanas.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Marcus. Anayde Beiriz: Panthera dos Olhos dormentes. 2ª edição. João Pessoa: Cultura e Arte, 2015.
- BEZERRA, Sabrina. Anayde Beiriz em quadrinhos. Roteiro de Sabrina Bezerra. Ilustrações de Américo Filho. João Pessoa: Patmos Editora, 2016.
- JOFFILY, José. Anayde Beiriz. Paixão e Morte na Revolução de 30. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas (CBAG), 1980.
- LUNA, Maria de Lourdes Lemos. João Dantas e Anayde Beiriz: vidas diferentes, destinos iguais. João Pessoa: Ed. A União, 1985.
- VELUSCA, Nara. Anayde Beiriz: A extensão de uma tragédia. João Pessoa: A União. Especial. 6 de outubro de 2020.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



Neide Medeiros dos Santos

Natural de Jardim do Seridó–RN, é radicada na Paraíba desde os oito anos de idade.

Tem formação em Letras pela antiga FURNE, atual UEPB, Campina Grande (1969-1972), com especialização em Linguística. É mestra em Teoria Literária, pela UFPE (1981) e tem doutorado em Estudos Literários, pela UNESP/Car (1999).

Foi professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Colégio Estadual da Prata, em Campina Grande (1973-1975); professora de Literatura Brasileira, no Colégio Madalena Sofia, Maceió–AL (1976); professora concursada de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (provas e títulos) da antiga Escola Técnica Federal de Alagoas (Maceió, 1976-1978); professora de Teoria Literária (seleção por títulos) da Universidade Federal de Alagoas (Maceió, 1976-1978); professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio de Aplicação da UFPE (CAP), Recife–PE (1979-1980); professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da antiga Escola Técnica Federal da Paraíba, atual CEFET (João Pessoa–PB, 1981); professora Concurada (provas e títulos) de Teoria Literária e Literatura Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba, Campus II (Campina Grande, 1982-1985); foi classificada (1º lugar)

no concurso para professora de Teoria Literária e Literatura Infantil da Universidade Federal da Paraíba, Campus I (João Pessoa, 1985–2000); professora de Literatura Infantil, no Mestrado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, Campus I (João Pessoa, 1984-1994);

Foi pesquisadora do Programa de Pesquisas em Literatura Popular (PPLP/UFPB) (1988-1994), tendo sido Coordenadora deste programa (1992-1994); Coordenadora do Programa de Pesquisas em Literatura Infantil e Juvenil (PPLIJ/UFPB, 1986-1994). Vice-coordenadora do Ateliê de Produção Textual da UFPB (1990-1994); exerce as atividades de Coordenadora do Projeto “Mandala de Livros” e é leitora votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Publicou dez livros solo, sendo cinco na área de literatura infantil; dois, na área de crítica literária; e três, na área de leitura; tem sete publicações em parceria com Socorro Aragão e Ana Isabel de Souza Leão; dois, com a professora Marinalva Freire; e dois, com a historiadora e jornalista Yolanda Limeira, todos na área de Leitura e Literatura Brasileira.

Na área jornalística, colabora com vários periódicos, na Paraíba.



CADEIRA 7

PATRONO
ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS
(1606 – 1680)

ACADÊMICO
Valério Costa Bronzeado

ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS: UM HERÓI NACIONAL

André Vidal de Negreiros foi um herói nacional. É tido como um dos fundadores do Exército e da nacionalidade brasileira. Liderou as lutas para a expulsão do invasor holandês do Nordeste brasileiro.

Vidal de Negreiros era descendente de portugueses. Nasceu no Engenho São João, na capitania da Paraíba, nas proximidades da cidade de Goiânia. Seu pai era lisboeta, e sua mãe, oriunda da Ilha da Madeira, nobres proprietários de terras e de engenhos de açúcar a serviço da colonização portuguesa do Novo Mundo.

Desde tenra idade André Vidal de Negreiros foi direcionado para atividades militares. Assim exigia a defesa da colônia. Também sua educação foi voltada para o gerenciamento agrário para o incremento da produção, motivos primordiais do sistema de capitanias hereditárias implantado para a colonização do Brasil.

Ainda em tenra idade viu ocorrer a invasão dos holandeses. Contam que ele tenha deixado vários filhos de mãos solteiras, embora nunca tenha se casado. Segundo o Barão do Rio Branco, André Vidal de Negreiros foi o “fator máximo da expulsão dos holandeses de Pernambuco”, com eficiente e intrépida atuação.

CONTEXTO HISTÓRICO

A partir da dinastia de Avis, que se instaurou em 1345 em Portugal, os portugueses, apesar de serem um povo com pequena população, começaram a fazer conquistas através do mar em outros continentes. Tal fato foi impulsionado pelo comércio com nações amigas. Houve necessidade de Portugal colonizar e criar enclaves comerciais em outros continentes. Um fato marcante ocorreu no ano de 1498. O português Vasco da Gama conseguiu chegar, por via marítima, às Índias, um rico produtor de especiarias que abastecia a Europa. Dois anos depois, no ano de 1500, Portugal confiou a Pedro Álvares Cabral o comando de uma grande frota cujo objetivo era comercializar com a Índia. Contudo, por conta de forças climáticas adversas e por ser levada por calmarias e correntes marinhas, a frota cabralina desviou-se da rota e acabou topando com novas terras e descobrindo o Brasil.

Para explorar as terras descobertas do Brasil, que se constatava serem férteis e “onde tudo dá”, foi criado o sistema de capitanias hereditárias, conforme nos conta a professora Juliana Bezerra, no texto “História de Pernambuco”:

Através do sistema de Capitanias Hereditárias, Duarte Coelho tomou posse da Capitania de Pernambuco, chamada inicialmente de Capitania Nova Lusitânia. Em 1535, foi fundado o povoado de Olinda e, em 1537, esta passou a ser Vila.

E prossegue a professora:

Já no final do século 16, a Capitania de Pernambuco se tornara uma das mais ricas da colônia. Este fato atraiu a atenção de ingleses, holandeses e franceses que organizaram expedições para tomar a então capital, Olinda. Importante lembrar que, nesta época, Portugal estava unido à Espanha, no período conhe-

cido por União Ibérica. Por sua vez, a Espanha estava em guerra com a Inglaterra e a Holanda. Assim, tanto fazia invadir Olinda como Sevilha. Os ingleses, aliados com os holandeses, tomaram Recife em 1595 e levaram vários produtos valiosos como o açúcar, madeiras e algodão.

Diante desse contexto histórico, surge a figura de André Vidal de Negreiros, como filho de colonizadores portugueses, organizando e participando das lutas em nome da Coroa Portuguesa, para garantir a supremacia de Portugal nas terras chamadas de Nova Lusitânia, região polarizada por Pernambuco, em especial na guerra travada para expulsar do Nordeste brasileiro o invasor holandês.

A PARTICIPAÇÃO DE VIDAL DE NEGREIROS NA LUTA CONTRA A OCUPAÇÃO HOLANDESA (1630-1645)

A invasão tem início na Bahia, em 1624. Os flamengos foram expulsos da Capital graças à ação de uma armada luso-espanhola um ano depois. Vidal de Negreiros, ainda jovem, participou ativamente dessa luta, recebendo o seu batismo de fogo e angariando experiências no campo militar.

Em 1630, os holandeses invadiram Recife e Olinda. Buscavam tomar conta do próspero comércio açucareiro.

Dilva Frazão, em biografia, destaca o papel de Vidal de Negreiros como herói da Insurreição Pernambucana, nestes termos:

Em Pernambuco, Vidal de Negreiros, com o apoio de Antônio Dias Cardoso e João Fernandes Vieira, ricos comerciantes e senhores de engenho, enfrentou os holandeses na batalha de Casa Forte, onde derrotou os invasores na propriedade de D. Ana Paes, grande colaboradora dos holandeses, que foi casada duas vezes com holandeses e era amiga do Conde Maurício de Nassau. Participou do cerco ao Recife, onde foi

ferido ao entrar com suas tropas no Forte das Cinco Pontas, no extremo sul da ilha de Antônio Vaz, onde se localiza hoje o bairro de Santo Antônio. Lutou nas duas batalhas nos Montes Guararapes, ao sul do Recife. A primeira em 19 de abril de 1648 e a segunda em 19 de fevereiro de 1649, sendo os holandeses derrotados nas duas batalhas.

Consta que o Conde Maurício de Nassau ofereceu dois mil florins pela cabeça de André Vidal de Negreiros. Este retrucou, oferecendo cinco mil cruzados pela cabeça de Maurício de Nassau.

Com João Fernandes Vieira Henrique Dias e Felipe Camarão, André Vidal comandou o exército patriota nas duas Batalhas dos Guararapes – 1648 e 1649 – e também no cerco à cidade de Recife, o que resultou na rendição dos holandeses.

UM HOMEM VIAJADO

Ronald Raminelli, na obra “Matias Vidal de Negreiros Mulato entre a norma reinol e as práticas ultramarinas”, com narrativa sobre a vida do filho de André Vidal de Negreiros, fala sobre os feitos do pai – o nosso herói –, nesses termos:

Academia Cabedense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea

Na Chancelaria da Ordem de Cristo existe extenso relato de serviços prestados à monarquia pelo mestre de campo André Vidal de Negreiros. As mercês régias eram em consideração dos ‘muitos e bons serviços’. Sagrou-se fidalgo e cavaleiro professo da Ordem de Cristo devido há mais de vinte anos de serviço em ‘viva guerra’ no Brasil. Nas pelepas, feriu-se muitas vezes e tornou-se aleijado de uma perna. Mas seus préstimos não se reduziam à guerra, pois recebeu várias incumbências na administração das conquistas ultramarinas. Ocupou postos de capitão, sargento-mor, mestre de campo e ‘governador das armadas

no exército da campanha de Pernambuco'. Sempre desempenhou as funções com grande satisfação e 'recorreu à despesa de fazenda própria, arriscando de ordinário a vida'. Durante a ocupação holandesa, zelou pela defesa e conservação dos moradores e submeteu-se a vários sacrifícios [...], com tão grande reputação do nome português não reparando para esse efeito na perda de sua fazenda porque, quando foi necessário e conveniente abrasar os canaviais e engenhos de açúcar, foi o primeiro que por suas mãos pôs fogo ao engenho de seu pai e a esse exemplo o executou no mais afora entre muitos serviços particulares obrados por ele com zelo e amor da pátria de mais do despacho do governo do Maranhão que tinha pelos segundos serviços e fica em seu vigor. Hei por bem de lhe fazer mercê, além de outras que pelos mesmos respeitos lhe fiz de uma comenda efetiva do lote de trezentos mil réis e com faculdade que havendo entrado nela e tendo filho legítimo a possa testar nele [...].

Vidal de Negreiros foi Governador das Capitanias de Pernambuco, Maranhão e do Grão-Pará. Foi também Capitão-Geral em Angola. Impressiona como naquela época, com todas as dificuldades, quando os meios de locomoção eram precários – apenas navios a vela ou no lombo de cavalos –, André Vidal de Negreiros logrou andar e viajar por distintos e distantes lugares, cruzando o oceano Atlântico várias vezes, indo a Portugal, Angola, deslocando-se por grandes distâncias pelo Brasil, entre Salvador e o Pará, na foz do rio Amazonas. Realmente, tratava-se de pessoa com experiências múltiplas, o que lhe proporcionou larga e extraordinária visão, que não se restringia apenas à região do seu nascimento, na Paraíba.

Conforme Diva Frazão, com a expulsão dos holandeses, Vidal de Negreiros foi escolhido para levar a boa nova ao rei Dom João IV. Este lhe concedeu o hábito da Ordem de Cristo, uma ordem religiosa militar criada no Século

XIV, cujo símbolos enfunavam as velas das caravelas portuguesas que singravam os mares na época das descobertas marítimas.

André Vidal de Negreiros, devido ao seu prestígio e bravura, foi escolhido para exercer relevantes cargos públicos e adquiriu riquezas e propriedades. No dia 26 de março de 1657, assumiu o governo da Capitania de Pernambuco, cargo ambicionado por João Fernandes Vieira, cargo em que permaneceu até 1660.

Após governar Pernambuco, recebeu incumbências governativas em Angola. Deve-se ressaltar que a Capitania de Pernambuco, a esse tempo, para manter a produção de açúcar em níveis satisfatórios, necessitava de mão de obra escrava. Como Angola era um importante entreposto, resulta daí que Pernambuco mantinha estreitas relações comerciais e políticas com aquela. Conforme a historiadora Diva Frazão, André Vidal de Negreiros,

[...] de volta a Pernambuco, recolhe-se ao Engenho Novo, propriedade sua, em Goiana, na então Capitania de Itamaracá, onde desenvolvia a produção de açúcar, algodão e criação de gado. Suas terras se estendiam até o vale do Paraíba, área em que nascera.

André Vidal de Negreiros morreu no Engenho Novo, em Goiana, na Capitania de Itamaracá, no dia 3 de fevereiro de 1680, aleijado de uma perna devido aos ferimentos recebidos em combate.

CONCLUSÃO

Por toda a sua atuação em prol da formação da nacionalidade brasileira, André Vidal de Negreiros deve ser cultuado como um herói nacional. Seu exemplo deve ser mostrado e ensinado à juventude para a grandeza do Brasil.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Juliana. História de Pernambuco endereço eletrônico <https://www.todamateria.com.br/historia-de-pernambuco/>

FRAZÃO, Dilva. André Vidal de Negreiros Militar, líder na expulsão dos holandeses endereço eletrônico https://www.ebiografia.com/andre_vidal_de_negreiros/

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva. Vidal de Negreiros: um homem do Atlântico no Século XVII, Anais ANPUH, endereço eletrônico https://anpuh.org.br/uploads/anais-imposios/pdf/2019-01/1548772004_90bce40b914479e80f3c02a518ecde97.pdf

RAMINELLI, Ronald. Matias Vidal de Negreiros Mulato entre a norma reinol e as práticas ultramarinas – endereço eletrônico <https://www.scielo.br/j/vh/a/8bRRYX79F4hxF9FjywF4Czf/abstract/?lang=pt>

VERBETE Vidal de Negreiros. Enciclopédia Britânica Edições, 1986, p. 409.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



Valério Costa Bronzeado

Natural de João Pessoa–PB, é filho do casal Luiz da Costa Araújo Bronzeado e Criselides Costa Bronzeado, nasceu em 18 de fevereiro de 1955. Formou-se em Direito pela UFPB, em 1991. Amante da língua inglesa concluiu o *Advanced Curso (Referring to the 5st Section of the Fisk Program)*. É Procurador-Geral do Estado (aposentado).

Dentre outros cursos e estágios concluídos, destacam-se alguns: Direito do Menor e da Família, pela Universidade Gama Filho (1986); estágio no STF (1978); estágio na Procuradoria-Geral do Estado da Paraíba (1978); estágio, em nível universitário, na Câmara dos Deputados (1979).

Seminários, Congressos e Encontros de que participou: XII Congresso Internacional da Associação de Magistrados de Menores e de Família (Rio de Janeiro, 1986), I Encontro Estadual de Juízes e Curadores de Menores (João Pessoa-PB, 1988), X e XI Conferências da OAB (respectivamente, em Porto Alegre-RS, 1988, e em Belo Horizonte-MG, 1990), XI, XII e XIII Congressos Brasileiros da Associação de Juízes e Curadores de Menores (respectivamente, Recife-PE, 88, em Cuiabá-MT, 1990 e em Vitória-ES, 1991), Conferência Continental da Associação Americana de Juristas (Porto Alegre, 1991).

Exerceu atividades diversas, vinculadas à sua titulação acadêmica: assessoria da Secretaria de Segurança Pública-PB (1979-1982), conselheiro da OAB-PB (1992-1993), membro do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescentes (1992-1994), advogado de ofício. Integrou, mediante concurso público, o Ministério Público-PB. Exerceu o magistério junto à Escola Superior do Ministério Público e participou, como cronista, do periódico Correio da Paraíba.

Obras publicadas: *Adoção no Terceiro Mundo, Estímulo ou Polarização?* União Gráfica e Editora, 1991;

Interesses difusos – Estudos e propostas – Ideia Editora, 2010.

Temas Relevantes – Cidadania e Políticas Públicas – Ideia Editora, 2011

Crônicas Ambientais – Meio ambiente Urbano e outros temas paraibanos – F & A Editora e Editorq Ltda, 2012

Outros trabalhos publicados: *O Ministério Público e a Obrigatoriedade do Ensino Fundamental*, monografia apresentada no XI Congresso Nacional do Ministério Público, (Livro de Teses, tomo I, pág. 410, 1996)

Notas para efetivação do Estatuto da Criança e do Adolescente, in *Revista da Associação Paulista do Ministério Público*, (dezembro de 1997)

Monitoramento da garantia da absoluta prioridade, in *Revista da Associação Paulista do Ministério Público* (junho/98).



CADEIRA 8

PATRONO
ANTÔNIO RIBEIRO PESSOA
(1920 – 1967)

ACADÊMICA
Maria Mercedes R. P. Cavalcanti

PRIMEIRO PREFEITO DE CABEDELÔ

Mergulho em um mar de emoção, ante o ensejo de prestar esta homenagem ao Bacharel em Direito Antônio Ribeiro Pessoa, primeiro Prefeito do município de Cabedelo, que agora ocupa a Cadeira nº 8 como Patrono da ACCAL Litorânea. Era filho de Octavia Ribeiro Coutinho e de Adolpho Velho Camello Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, Promotor Público em Pernambuco, Deputado Estadual da Paraíba, e, depois, dedicado ao cultivo da cana de açúcar. Antônio tinha duas irmãs: a primogênita, Dorita e Maria da Penha, a caçula¹.

O biografado viu a luz do sol em 9 de março de 1920, na Parahyba – capital.² Cresceu em um seio familiar cristão

¹ A poetisa Dorita Ribeiro Pessoa casou-se com o Bacharel em Direito Basílio Pordeus, que foi Diretor dos Serviços Elétricos da Capital, Secretário de Viação e Obras públicas, Juiz do TRE/PB e Professor do Curso de Direito da UFPB. Maria da Penha contraiu núpcias com o Comendador Jordão Emerenciano, escritor de História e Literatura portuguesa e brasileira, jornalista e professor pernambucano.

² Sobre a questão onomástica, recorde-se que, em sua fundação, em 5 de agosto de 1585, a Capital da Paraíba havia sido batizada em louvor à Santa do dia: Nossa Senhora das Neves. Em 29 de outubro do mesmo ano, por ocasião do domínio espanhol, mudou para Filipeia, em atenção ao rei da Espanha, D. Felipe II. Com a invasão holandesa, tornou-se Frederica, em 26 de dezembro de

e católico, sob os cuidados de sua mãe Octavia, pois o seu pai faleceu antes de ele completar dezessete anos. Formou-se Bacharel na Faculdade de Direito do Recife, mas não exerceu a advocacia: desde moço, teve que administrar o engenho³ da família.

Em 1951, foram ao Porto de Santos, tomar um navio que os levaria à Europa, o Governador Osvaldo Trigueiro⁴, o Juiz Giacomo Porto⁵, o citado Patrono Antônio Ribeiro Pessoa e o seu primo, o Abelardo Ribeiro Coutinho⁶. Este havia trazido consigo o seu Cadillac, a fim de passearem nas cidades europeias onde ancorassem. Porém, no *Conte Grande* não restava espaço para uma bagagem tão grande como um automóvel. Quiçá estivesse escrito nas estrelas que os amigos esperariam doze dias em Santos, até que chegasse o *Conte Biancamano*, da mesma empresa italiana de viagens marítimas.

A mudança de navio alterou o destino do futuro Prefeito de Cabedelo, pois o conduziu ao encontro do amor. Encantou-se ante a visão de uma jovem na piscina, a flutuar graciosamente qual um cisne. Sua pele tinha uma alvura acetinada, que contrastava com o azabache intenso dos seus cabelos. Logo, conseguiu revê-la: estava com uma amiga num *happy hour*. Ofereceu-lhes uma taça de *Strega*,

1634, em honra ao Príncipe Frederico Henrique. Em 10 de fevereiro de 1654, com a volta do domínio português, a Capital passou a se chamar Parahyba – mesma denominação do Estado. Finalmente, em 4 de setembro de 1930, à época da Revolução, decidiu-se pela designação João Pessoa, como tributo póstumo ao governador morto em Recife.

³ Mesmo não produzindo cachaça, rapadura, etc., as terras dedicadas tão somente ao cultivo da cana-de-açúcar são denominadas de engenho.

⁴ Osvaldo Trigueiro foi Ministro do STF, Presidente do mesmo, Governador da Paraíba, Prefeito de João Pessoa, Deputado Federal e Procurador-Geral da República.

⁵ Giacomo Porto foi Juiz do TRE/PB, presidente da OAB/PB em vários mandatos, Deputado Federal/ PB 1958-1959, advogado de Sindicatos e da Federação do Comércio, e Procurador do Sesc e Senac.

⁶ Abelardo Ribeiro Coutinho era usineiro.

que degustaram naquele recinto aconchegante, recoberto de cedro perfumado e lustres de alabastro e cristais.

Soube, então, que sua musa viajava com os seus pais, Don Juan Jesus e Doña Asunción Troncoso Novelle, mais a amiga Violeta, que não a largava. Seu nome era Mercedes, nascida em Mar del Plata, Argentina, onde se registrou, mantendo, porém, a nacionalidade espanhola, por parte dos pais. Estes eram da Galícia, pertinho da Capital Vigo, poética cidade praieira, orlada de enseadas. Contudo, viviam em Viña Del Mar, há longo tempo e, por isso, muitos acreditavam que Mercedes fosse chilena.

Posteriormente, Antônio e Mercedes diriam que o cupido deles fora o *Strega*, que, em italiano, significa bruxa. Reza a lenda que o licor contém a magia secreta das bruxas de Benevento, Itália, oriundas da Idade Média, quando praticavam cultos pagãos. O certo é que, num ensolarado verão de 1953, os noivos contraíram núpcias, em Viña del Mar.

Tiveram um matrimônio feliz, até ele adquirir uma incurável enfermidade que o levou à outra dimensão, em 10 de janeiro de 1967, desprendendo-se da dor maiúscula com que, durante um longo tempo, convivera. Se viajar ao Paraíso proporcionou-lhe o alívio eterno, para os familiares e amigos, significou uma tragédia. Jamais se conformaram com a partida daquele homem que se via ainda bonito e tão moço, a pele do rosto milagrosamente rosada, nos seus incompletos 49 anos de idade.

Antônio deixou viúva, aos 37 anos, Mercedes Ribeiro Pessoa, e órfãos, cinco crianças: M^a. Mercedes, M^a. de Fátima, M^a. Cristina, Antônio e Carlos Alberto⁷. A primogê-

⁷ Maria Mercedes é Escritora, Artista Plástica, Professora Doutora do Curso de Letras da UFPB e membro da APL, UBE, ALANE e ACCAL Litorânea. É casada com Guilherme de Albuquerque Cavalcanti, Economista, Professor Doutor do Curso de Economia e dos Programas de Doutorado em Engenharia de Produção e em Economia da UFPB, Coordenador do Doutorado, Chefe de Departamento e Diretor do CCSA. Filhos do casal: Rafael, Eduardo e Henrique. O primeiro é esposo de Amanda Cruz; são pais de Lara.

nita não passava dos catorze anos, e o caçula contava com apenas três. A mãe dessa numerosa prole, embora ainda no cimo da juventude, decidiu voltar-se visceralmente aos filhos e ao árduo trabalho do campo. Quando todos pensaram que venderia tudo e regressaria a Viña del Mar para ficar com seus pais, decidiu assumir, aqui, o engenho que herdara do falecido. A denominação desse campo lhe sugeria bênçãos e segredava vaticínios: Santa Francisca.

Essa época coincidiu com uma fase de aumento de impostos, taxações e outras pesadas obrigações sobre as propriedades agrícolas. Mesmo tendo que aprender tudo sobre a nova atividade, pois não distinguia uma cana de um bambu, a jovem senhora jamais desistiu. De espírito empreendedor, pesquisou, promovendo inovações, consultando agrônomos e enriquecendo o terreno. Isso a levou a, pioneiramente, cultivar a desprezada região do tabuleiro, que, até então, era considerado ruim e imprestável para o plantio. Deu certo, e o aumento da produção favoreceu o pagamento de algumas dívidas adquiridas durante a enfermidade do marido.

Quantas vezes ela mesma chegou a dirigir na madrugada até o campo, para ajudar a apagar incêndios na lavoura? Somente alguns anos depois, tomou conhecimento de que as queimadas, que também haviam atormentado o seu falecido marido, eram provocadas pelos próprios trabalhadores. Teve, então, a compreensão de que se torna muito mais fácil aos funcionários labutar com o auxílio do fogo,

Maria de Fátima é médica da FIOCRUZ – R.J., casada com o Engenheiro carioca Paulo Roberto Cortez, que trabalhou na CERJ. Filhos: Paulo Gustavo e Bárbara Carolina.

Maria Cristina é Arquiteta da FIOCRUZ e Doutora em Biossegurança de Laboratórios alto risco.

Antonio Ribeiro Pessoa Filho é Advogado, Administrador e proprietário rural.

Carlos Alberto Troncoso R. Pessoa é Engenheiro, Advogado, Fiscal da Receita Estadual da Paraíba e participou do desenvolvimento do Sistema E-Fisco, instalada na GTI; casado com Ana Carolina, Advogada, Mestre e Professora universitária. Filhas: Anna Beatriz e Giovanna.

que destrói a aspereza da cana, do que ter de usar a enxada na planta verde. O problema é que a sua folha é uma lâmina serrilhada e cortante a qual provoca talhos na carne do trabalhador; ao passo que a palha queimada perde a borda denteada, o que a torna inofensiva à pele.

Ser viúva de Antônio Ribeiro Pessoa, um homem de energia e magnetismo forte e vibrante, popular e influenciador de opiniões, numa época em que a influência se dava através da voz cristalina, direta, pessoal, *vis a vis*, e do próprio exemplo de ser e de viver, tornou Mercedes exigente. Assim – usando uma imagem simbólica – ela, como a valerosa santa que designa a propriedade, retirou-se para a casa das Oblatas.

Resguardou somente para Antônio (*in memoriam*), a sua decantada graça e formosura, que os anos não apagaram. Durante todo esse tempo (e não por falta de esperanças pretendentes) se manteve solitária, estado em que se encontra até hoje, aos 91 anos – isto sim, sempre rodeada da ternura de seus filhos, familiares, amigos mais próximos e a pequenina bisneta Lara que, na inocência dos seus dois aninhos, ilumina a sua existência e a de todos nós. Como o seu esposo ido deve sorrir lá em cima, ao ver seu sangue palpitar nos filhos, netos e bisneta!

Os parentes e demais pessoas que tiveram a oportunidade de conhecer Antônio são unânimes em afirmar que era um homem para se amar e lembrar por todo o sempre. Amável, imponente, revelava altivez e distinção, inclusive na altura física; sem, no entanto, perder um certo ar de ludicidade que quebrava o gelo dos tímidos e desarmava até os próprios desafetos. Some-se tudo isso a um comportamento ético e a uma mente inteligente e vivaz – e o resultado é a imensidão de integridade, carisma e empatia de que era edificada a sua personalidade.

É verdade que aprisionou o coração da sua esposa Mercedes e foi amado, incondicionalmente, pelos filhos,

mas também cativou uma legião de amigos que jamais se esqueceram da sua figura altiva e alegre, envergando o seu clássico terno branco e impecável chapéu.

O Patrono da Cadeira nº 8 da ACCAL foi cofundador e primeiro Prefeito de Cabedelo. De fato, em 31 de janeiro de 1957, com a instalação oficial do município de Cabedelo (decretada pela Lei Estadual 1.631, de 12 de dezembro de 1956), foi nomeado como o seu primeiro Prefeito. Coube-lhe a árdua tarefa de participar, simultaneamente, da fundação, coordenação política, administrativa e econômica da recém-criada cidade. Emprestou especial ênfase ao Porto de Cabedelo que, à época, atingiu um patamar importante como entrada e saída comercial da região, aumentando, consideravelmente, as divisas para o Estado da Paraíba.

O termo de compromisso de Antônio Ribeiro Pessoa para exercer o cargo de Prefeito de Cabedelo deu-se no mês subsequente, ou seja, em 9 de fevereiro de 1957. O jornal Correio da Paraíba, de 7/02/1957, destacou o evento com a manchete que segue:

PRESTOU COMPROMISSO O PREFEITO DE CABEDELLO

Tomará posse, sábado – o Sr. Antônio Ribeiro Pessoa, primeiro Prefeito daquela vila portuária.

Ontem, às 16 horas, no Gabinete do Governador, o Sr. Antônio Ribeiro Pessoa assinou o termo de compromisso para exercer o cargo de Prefeito Municipal de Cabedelo, a mais nova comuna paraibana, que será agora instalada. O ato contou com o comparecimento de Secretários de Estado e outros auxiliares do Governo, tendo-se efetuado perante o Chefe do Executivo, Governador Flávio Ribeiro, sendo lido o competente termo pelo Sr. José Mário Porto, Secretário do Interior.

A posse do Sr. Antônio Ribeiro Pessoa no cargo para o qual foi nomeado terá lugar no Palácio da Reden-

ção, sábado próximo, às 10 horas, devendo comparecer figuras representativas do mundo oficial e administrativo e dos meios sociais desta Capital e do novo município de Cabedelo.

Já em 9 de fevereiro de 1957, O jornal A União relatou o que transcrevo abaixo:

HOJE, A POSSE DO PREFEITO DE CABEDELLO

No prédio da Prefeitura local – o Dr. Antônio Ribeiro Pessoa será saudado por representantes do município – Presença do Governador do Estado e autoridades.

Hoje, em Cabedelo, verificar-se-á a solenidade de posse do Dr. Antônio Ribeiro Pessoa, no cargo de Prefeito daquele município recém-criado, para o qual foi nomeado por ato do Governador Flávio Ribeiro Coutinho.

A posse do primeiro dirigente administrativo de Cabedelo será realizada no prédio da Prefeitura, ali construído, devesse estar presente toda a população do município.

Como se sabe, a escolha do Dr. Antônio Ribeiro Pessoa para chefiar a edilidade cabedelense teve a melhor repercussão naquela cidade do litoral paraibano. O Governador do Estado estará presente ao ato, juntamente com Secretários de Estado e pessoas ligadas ao nosso mundo político e administrativo.

Nessa oportunidade, deverão falar representantes do município, saudando o Dr. Antônio Ribeiro Pessoa, pela sua investidura no cargo de Prefeito da mais nova comuna do Estado.

O mesmo jornal, no dia subsequente à posse do Prefeito Antônio Ribeiro Pessoa (10/02/57), ostentou a longa matéria ora transcrita:

A POSSE, ONTEM DO DR. ANTÔNIO RIBEIRO PESSOA

Na Prefeitura Municipal de Cabedelo – Presença do representante do Governador Flávio Ribeiro, Dr. Joacil Pereira, e de outras altas autoridades.

Conforme estava anunciado, realizou-se, ontem, com a presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas, a solenidade de instalação do novo município de Cabedelo.

A cerimônia, que se revestiu de caráter solene, foi realizada no prédio da Prefeitura, e teve início com a chegada ao local das festividades do representante do Governador Flávio Ribeiro Coutinho, Dr. Joacil de Brito Pereira, Secretário do Governo, que se fazia acompanhar do d. Antônio Ribeiro Pessoa, Prefeito do novo município paraibano, deputado federal João Agripino Filho, deputado federal Praxedes Pitanga, Dr. José Mário Porto, Secretário do Interior e Segurança Pública, deputados Luiz Ribeiro Coutinho, Luiz Bronzeado líder do Governo na Assembleia Legislativa do Estado.

Abrindo a solenidade, foi lida a Ata de instalação do município pelo Sr. Genival Torres, tendo em seguida feito uso da palavra o Dr. Joacil de Brito Pereira, que em expressivo improviso, ressaltou a significação do momento para a população cabedelense, destacando, em seguida, o interesse do Governador Flávio Ribeiro em emprestar ao povo do novo município todo o seu apoio para que Cabedelo viesse a se situar como uma unidade progressista dentre os municípios do Estado.

Outros Oradores

Seguiram-se com a palavra os Srs. Eurivaldo de Figueiredo Miranda, que respondia pela Delegacia Municipal, Luiz de Moraes Fragoso, Piragibe de Oliveira, que falou em nome do povo de Cabedelo, Antônio de Azevedo, representando os portuários, Dr. Celso Novais, Procurador do Porto de Cabedelo, Dr. Hugo Viana e o vereador Diógenes Martins, em nome da Câmara Municipal de João Pessoa.

Encerrando a solenidade, falou, tomando posse do cargo de Prefeito, o Dr. Antônio Ribeiro Pessoa, cujo

discurso estamos publicando em outro local desta edição.

As solenidades foram irradiadas pela Rádio Tabajara, Emissora Oficial do Estado, e abrilhantadas pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado. Logo após, foi oferecida aos presentes uma taça de champanhe.

Pessoas Presentes

A nossa reportagem, presente à solenidade, anotou a presença, entre outros, do Dr. Joacil de Brito Pereira, Secretário do Governo, e que representou S. Excia. O Governador Flávio Ribeiro Coutinho, deputados João Agripino Filho, Praxedes Pitanga, Dr. José Mário Porto, Secretário do Interior e Segurança Pública, Deputados Luiz Bronzeado, Antônio de Ávila Lins, Seráfico da Nóbrega, Cel. Câmara Moreira, Comandante da Polícia Militar do estado, Dr. Normando Guedes Pereira, Administrador do Porto de Cabedelo, Dr. Celso Otávio de Novais, Procurador do Porto, deputado Luiz Ribeiro Coutinho, Dr. Basílio Linhares Pordeus, Diretor do Departamento dos Serviços Elétricos da Capital, Dr. Fernando Barbosa, Inspetor de Polícia Marítima, pe. Alfredo Barbosa, vigário local, vereador Cleto Cunha, capitão Luiz de Barros, Chefe da Casa Milita do Governo do Estado, jornalistas José Barbosa de Souza Lima e Antônio Feitosa, respetivamente.

Dono de um magnetismo que hipnotizava familiares, amigos, e até inimigos, se os tivesse, sua presença era requisitada tanto pelo seu carisma, como pela influência que irradiava. Nas reuniões, as pessoas adejavam em torno dele, e os políticos faziam questão de serem vistos ao seu lado.

Contudo, ele, ao contrário, era avesso a aproximações forçadas por interesses outros que não a mera amizade. Nos eventos, acontecia de trocar um grupo considerado *vip* que o rodeasse pelos seus amigos sinceros. Quando impossível se tornasse deixar o lugar em que se achasse, por estar sentado, virava a cadeira, mudando o seu campo de visão

para as pessoas que verdadeiramente prezava. Tudo de um modo discreto, sem perder a sua natural elegância.

Em certa ocasião, um Prefeito que Antônio avaliava como inepto e amoral, insistiu em adentrar o terraço da casa de praia, onde conversava com convidados seus. Cortesmente, o desgostoso anfitrião lhe explicou, com suma cordialidade, que declinava de sua convivência, por motivos de foro pessoal. O homem se fingiu de desentendido e, unindo-se aos demais presentes, sentou-se, o que causou um constrangimento generalizado. Por fim, Antônio solicitou, claramente, que se retirasse de sua residência. Mas o tal Prefeito, por assim dizê-lo, fingiu demência.

Fiel aos seus princípios, Antônio não abria mão deles. Possuía uma imensa benevolência para com as pessoas íntegras. Paradoxalmente, não tolerava a hipocrisia e jamais admitiria afetar amizade com alguém, por mais importante que este fosse, se o julgasse um ser vil. De tal modo que, após gastar uma gama infinita de argumentos de civilidade, Antônio, desde a sua altura, levantou, literalmente, o político pela gola e o arrastou para fora do portão.

A sua autenticidade, honestidade e atitude eram do tamanho que ele próprio aparentava. Homem reto que era, ao ser designado para organizar todas as instancias político-administrativas de uma nova cidade que nascia, desincumbiu-se com competência e lisura. Foi cofundador e primeiro Prefeito de Cabedelo, que deixou, portanto, de ser um arrabalde da Capital, para alçar-se ao patamar de cidade, sob a sua gestão.

Como mandatário, demonstrou inteligência, perspicácia, visão, pragmatismo e proatividade. Teve o condão de fazer convergir esforços, com especial ênfase, ao Porto de Cabedelo. Este necessitava atenção e zelo, não somente por sua importância local e regional, mas em respeito à sua própria história, desde o nascimento da ideia de sua construção, que remontava à época do Segundo Reinado.

Uma profusão de obstáculos e adiamentos haviam marcado a construção do porto e indizíveis esforços e sacrifícios despendidos. Portanto, na sua concepção, nada justificaria o seu abandono. Sobretudo, porque o Prefeito em tela era bairrista e desejava o progresso da região como um todo.

Muitos anos antes da gestão de Antônio Ribeiro Pessoa, o material para a dragagem do porto veio no vapor norueguês Forden Kjold, na emblemática data de 21 de abril de 1893. Os trabalhos atrasaram, por carência de insumos. Em 1901, aportou na enseada uma draga de Santa Catarina, visando dar continuidade à dragagem, iniciada em 1902. Diante das vicissitudes, a obra propriamente dita do cais só começou em agosto de 1908. Porém, em 1911, atracou ali o vapor Pirineos, com especialistas que detectaram falhas estruturais, o que novamente fez parar tudo. Após reveses, trâmites, decretos e atribulações, o porto foi, finalmente, inaugurado em 23 de janeiro de 1935.⁸

O novo Prefeito Antônio Ribeiro Pessoa conhecia toda a história e os percalços que o projeto de construção do Porto de Cabedelo – o mais oriental da costa da América do Sul – haviam suscitado. Ao tomar a frente de Cabedelo, na qualidade de primeiro gestor, encontrou tudo por fazer e criar, nessa localidade recém-transformada em cidade. Portanto, coube-lhe atualizar e organizar, do zero, as estruturas necessárias, bem como manter as contas pagas em dia, a fim de que tudo pudesse funcionar plenamente.

⁸ Em dezembro de 1978, a administração portuária foi transferida para a Empresa de Portos do Brasil S.A. – PORTOBRÁS, criada pela Lei nº 6.622/75. Uma vez extinta essa entidade, em 1990, a administração do porto passou para a União. Ulteriormente, por meio do Decreto nº 99.475, de 24 de agosto de 1990, foi encampada pela Companhia Docas do Rio Grande do Norte – CODERN. Com um novo convênio de delegação entre o Ministério dos Transportes da União e o Estado da Paraíba, em 4 de fevereiro de 1998, passou à administração da Companhia Docas da Paraíba – Docas/PB. É de se ver que, hoje, a Docas é vinculada à SEP – Secretaria Especial dos Portos, órgão criado no ano de 2007.

Enxergou que o mais importante meio de sobrevivência desse jovem município se centrava, sobretudo, no Porto de Cabedelo. Assim, este, obviamente, constituiu o centro das suas atenções. Conseqüentemente, à época, o porto atingiu um patamar de significativa relevância para a cidade e para todo o Estado da Paraíba, vez que se tornou entrada e saída comercial da região, aumentando as divisas para o Estado e enchendo de orgulho os seus habitantes.

Entretanto, poucos sabem das reais dificuldades que teve de enfrentar. Ora, não havia uma estruturação econômica no município. Coube-lhe constituir todas as áreas, atinentes ao setor administrativo, econômico, político, eleitoral e por aí vai. Inclusive, como encontrou tudo a ser ainda organizado, nunca se havia arrecadado dinheiro e, durante meses, ao contratar funcionários, pagou os salários, em todos os setores, de seu próprio bolso. Disso sou testemunha, pois presenciei discussões dele com sua esposa Mercedes, a minha mãe. Ela o alertava para os vultosos valores gastos informalmente por ele, misturando o pessoal com o público, com prejuízo para o seu próprio patrimônio.

Ao vê-lo angustiado, os funcionários prometiam-lhe seguir trabalhando, até que chegasse a verba oficial. Todavia, o Prefeito escolheu a sua própria perda financeira, para não ver os seus subordinados e respectivos familiares sem comida na mesa. Nesses tensos momentos, não teve coragem para esperar os morosos trâmites burocráticos. Eis que a importância investida no município e no porto, na conjuntura inicial, jamais retornou a ele, o qual não se arrependeu de ter ajudado aquelas pessoas modestas e direitas durante os árduos tempos inaugurais. Pois assim era Antônio: um ser suspenso entre o amor junto aos seres queridos e a generosidade para com os invisíveis do mundo.

Sobrinho de um governador – Flávio Ribeiro Coutinho – e primo de um presidente da República – Epitácio Pessoa – o Patrono da Cadeira nº 8 da ACCAL era, sobre-

tudo, um ser humano simples, de sorriso contagiante. Um homem fenomenal, um pai e marido amoroso, um amigo que se sacrificava pelos que julgava pessoas íntegras e merecedoras de seu afeto. Como Prefeito de Cabedelo, foi um gestor competente, honesto e laborioso, que preparou a cidade desde os primórdios de sua criação e que não pensou duas vezes em doar salários para não faltar pão à mesa dos humildes que governava.

Homem de família que era, o referido abdicou de uma vida de estadista em homenagem à sua amantíssima esposa, que não desejava perdê-lo para a política. Entretanto, mesmo arrebatado tão cedo por Deus, para fazer morada no Paraíso, Antônio Ribeiro Pessoa se tornou politicamente perenizado como o primeiro Prefeito a inaugurar administrativamente o município de Cabedelo, em uma gestão íntegra que se notabilizou pela competência, probidade e luz.





**Maria Mercedes Pessoa
Cavalcanti**

Mercedes Cavalcanti é como se assina em seus livros – romance, conto e poesia. Já em sua arte, coloca a rubrica de Pepita. Sobre seus nomes, avalia: “Olhando para trás ou para frente me vejo cindida: Mercedes escritora, Pepita pintora... Sempre que escrevo ou pinto, imagino um destinatário que comporá as bases da tríade: autor/obra/receptor – os três vértices essenciais para a perenidade da criação. Ao dar à luz uma obra artística, tenho a esperança de que alguém se debruçará sobre ela, preenchendo-lhe os vazios, como quem rega uma planta ou amamenta uma vida recém-nascida... a recém-nascida que fui um dia...”.

Em relação ao papel das mulheres no universo artístico-literário, metaforiza: “Vejo-me cercada de espelhos e observo minha imagem a se multiplicar infinitamente. E, por trás de cada humilde Eu, encontro o reflexo de outras mulheres e outras lutas nas quais me espelho”.

Mercedes Pepita é filha do Patrono de sua Cadeira, na ACCAL – Litorânea, e possui dupla nacionalidade brasileira/espanhola e foi dada à luz em João Pessoa, em 17 de julho de 1954.

Na infância, enquanto sua mãe viajava com o marido enfermo em busca de tratamentos, a menina viajava entre

desenhos, versos e histórias curtas. Recorda: “Aos catorze anos, amanheci sem pai. Então, comecei a escrever como quem constrói um portal para a fuga de mim mesma. Refugiei-me num vertiginoso universo onírico, misturando meus personagens com os de *Sonho de Uma Noite de Verão*, de Shakespeare e *La Vida es Sueño*, de Calderón de la Barca”.

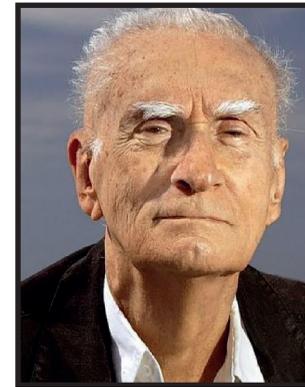
É casada com o professor da UFPB Guilherme de Albuquerque Cavalcanti, gerando “uma trindade bênçãos”: Rafael, pai de Lara, Eduardo e Henrique. Graduou-se em Letras na UFPB e em Direito no UNIPÊ. Fez Pós-Graduação em Literatura Brasileira na PUC-RJ, onde também estudou teatro no programa de extensão. Obteve, na França o *Diplôme d’Études Approfondies*, na Université de Grenoble III, e fez o *Cours de Nus Vivants* na Ecole des Beaux Arts de Grenoble; por último, defendeu a Tese de Doutorado na UAM – Universidade Autónoma de Madrid, recebendo a distinção máxima *Cum Laude*. É professora efetiva do Curso de Letras da UFPB, integrou o Clube do Conto da Paraíba e é membro das seguintes entidades literárias: APL – Academia Paraibana de Letras; UBE – União Brasileira dos Escritores; ALANE – Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro e integra a ACCAL – Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras – Litorânea Cabedelo-PB.

Obras publicadas: *O Ouro dos Dragões* (1994), *O Ouro dos Dragões* (Contos. João Pessoa, Editora Ideia, 1994); *O Vinho de Caná* (Romance. Ideia, 2000); *Quatro Luas*, parceria com Marília Arnaud, Maria José Limeira, Valéria Rezende. João Pessoa, Ideia (2002); *À Flor da Terra* – Poemas de Ascendino Leite e iluminuras de Mercedes Cavalcanti. João Pessoa, Ideia (2004); *A Volúpia dos Anjos* (Romance. Ideia, 2005); *El Manuscrito de Hannah* (Romance. Ideia, 2007); *O Chamado dos Deuses* (Romance. João Pessoa, Editora Universitária UFPB, 2007); *Espanhola, Corazón Paraibano*. (Biografia. Ideia, 2008); *Cores da*

Paixão. Poemas. Ideia (2011); NUA. (Contos. Ideia, 2013); *Feitiço da Palavra* (Contos. Ideia, 2015); *Ficcionalización del mito del eterno retorno: Los recuerdos del porvenir de Elena Garro*. Tese Doutoral. Madrid, UAM, 2017 – livro virtual, disponível em: https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/678659/ribeiro_pessoa_cavalcanti_maria_mercedes.pdf?sequence=1&isAllowed=y.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 9

PATRONO
ARIANO VILAR SUASSUNA
(1927 – 2014)

ACADÊMICA
Maria do Socorro Silva de Aragão

*Não sou nem otimista nem pessimista.
Os otimistas são ingênuos e os pessimistas amargos.
Sou um realista esperançoso.
Sou um homem da esperança.
Sei que é para um futuro mais longínquo.
Sonho com o dia em que o sol de Deus
Vai espalhar justiça pelo mundo todo.*

(ARIANO SUASSUNA)

INTRODUÇÃO

Falar sobre Ariano Suassuna é falar do escritor, do romancista, do teatrólogo, é falar, enfim, do parai-bano que elevou sua terra às mais altas qualificações por meio da valorização de sua linguagem e de suas obras.

Incontáveis são os trabalhos – livros, artigos, teses, dissertações – que dissecam sua rica obra, inclusive sua criação do Movimento Armorial que, segundo os Cadernos de Literatura Brasileira, é

Uma pedra angular, no sertão da Cultura Brasileira com autos comoventes, farsas saborosíssimas, versos herméticos e ensaísmo vigoroso. Com romances de crime e sangue, intermináveis e enigmáticos, permeado pelo oculto! Cavalaria, pícaros, reis e palhaços! Ódio, calúnias, amores, batalhas, sensualidade e

morte! Famílias, sonhos, secas, searas e semblantes! O fabular e o verdadeiro: o fabuloso! As lanças, a luz e o reino de Dom Ariano Villar Suassuna, bardo, senhor, aedo: imperador das Letras do Brasil medieval e repentista, arquétipo. Síntese: Castelo e Cacto.¹

ARIANO: O HOMEM E O ESCRITOR

Ariano Suassuna nasceu no dia 16 de junho de 1927, no Palácio da Redenção, na Parahyba, como era chamada a capital do Estado do mesmo nome. Ariano foi o oitavo dos nove filhos de João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna e Rita de Cássia Dantas Villar. À época, o pai de Ariano era Presidente (Governador) da Paraíba.

Terminado o mandato do pai, em 1928, a família passa a morar na Fazenda Acahuã, no Município de Sousa, no Sertão paraibano.

Em 9 de outubro de 1930, João Suassuna, pai de Ariano, foi assassinado no centro do Rio de Janeiro, devido às brigas políticas na Paraíba, o que fez gerar, em consequência, o surgimento da chamada Revolução de 30. Na época, Zé Pereira (José Pereira Lima), aliado de João Suassuna, declara a independência do município paraibano de Princesa.

Com a morte do marido, Rita de Cássia, com os filhos, passa a viver de mudanças por várias localidades da Paraíba, evitando assim os inimigos da família.

De forma cronológica, para possibilitar um melhor entendimento da trajetória de Ariano, traçamos, a seguir, o resumo de suas atividades e de suas vivências.

Em 1933, a família estabelece-se em Taperoá, no sertão dos Cariris Velhos, na Paraíba.

Em 1942, a família muda-se para o Recife, onde Ariano estudou o antigo ensino ginásial no Colégio Americano

¹ Cadernos de Literatura Brasileira: Ariano Suassuna, n. 10. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2000.

Batista, e o antigo colegial (ensino médio), no Ginásio Pernambucano e, posteriormente, no Colégio Oswaldo Cruz.

Em 7 de outubro de 1945, seu poema “Noturno” foi publicado pelo Jornal do Comércio do Recife.

Em 1946, ingressou na Faculdade de Direito do Recife e, junto com Hermilo Borba Filho, fundou o Teatro do Estudante de Pernambuco.

Em 1947, escreveu sua primeira peça: “Uma Mulher Vestida de Sol”.

Em 1948, surge sua peça: “Cantam as Harpas de Sião” (ou “O Deserto de Princesa”).

Em 1949, publica “Os Homens de Barro”.

Em 1950, forma-se em Direito e recebe o Prêmio Martins Pena pela obra “Auto de João da Cruz” e, por motivos de saúde, muda-se para Taperoá, onde montou a peça “Torturas de um Coração”. São deste período, ainda, “O Castigo da Soberba” (1953), “O Rico Avarento” (1954) e o “Auto da Compadecida” (1955). Nesse último ano, funda, com Hermilo Borba Filho, o Teatro Popular do Nordeste.

Em 1958, em São Paulo, foi encenada a peça “O Casamento Suspeitoso”. Ainda em 1958, surge a peça “O Santo e a Porca”.

Em 1959, aparecem as peças “O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna” e a “Pena e a Lei”, esta, premiada dez anos depois no Festival Latino-americano de Teatro.

Em 1960, monta a peça “A Farsa da Boa Preguiça”.

Em 1962, é encenada a peça “A Caseira e a Catarina”.

Em 1969, foi nomeado Diretor do Departamento de Extensão Cultural da UFPE.

Em 18 de outubro de 1970, iniciou, no Recife, o Movimento Armorial, que tinha como objetivo o desenvolvimento e o conhecimento das formas de expressão populares tradicionais. Na ocasião, foi apresentado o concerto “Três Séculos de Música Nordestina – do Barroco ao Armorial” e uma exposição de gravura, pintura e escultura.

Entre 1958 e 1979, dedicou-se à prosa e à ficção, publicando “O Romance da Pedra do Reino” e o “Príncipe do Sangue do Vai e Volta” (1971).

Em 1976, defendeu tese de Livre Docência, na UFPE, sob o tema: “A Onça Castanha e a Ilha Brasil: uma Reflexão Sobre a Cultura Brasileira”.

Em 1976, publicou “A História do Rei Degolado nas Caatingas do Sertão, ao Sol da Onça Caetana”, classificado por ele de “romance armorial-popular brasileiro”.

Em 1990 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Em 1993, foi eleito membro da Academia Pernambucana de Letras.

Entre 1994 e 1998, foi Secretário de Cultura de Pernambuco.

Em 2000, entra como membro da Academia Paraibana de Letras.

Em 2006, recebe o título de doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Ariano Suassuna construiu em São José do Belmonte-PE, onde ocorre a cavalgada inspirada no Romance d’A Pedra do Reino, um santuário ao ar livre, constituído de dezesseis esculturas de pedra, com 3,50 m de altura cada uma, dispostas em círculo, representando o sagrado e o profano. As três primeiras são imagens de Jesus Cristo, Nossa Senhora e São José, o padroeiro do município.

A OBRA LITERÁRIA DE ARIANO

Teatro

- Uma mulher vestida de Sol (1947)
- Cantam as harpas de Sião ou O desertor de Princesa (1948)
- Os Homens de Barro (1949)

- Auto de João da Cruz (1950)
- Torturas de um Coração (1951)
- O Arco Desolado (1952)
- O Castigo da Soberba (1953)
- O Rico Avarento (1954)
- Auto da Compadecida (1955)
- O Casamento Suspeitoso (1957)
- O Santo e a Porca (1957)
- O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna (1958)
- A Pena e a Lei (1959)
- Farsa da Boa Preguiça (1960)
- A Caseira e a Catarina (1962)
- As Conchambranças de Quaderna (1987)
- Fernando e Isaura (1956 – inédito até 1994)

No teatro, o grande autor segue sendo montado ininterruptamente desde os anos 1950, contando com encenações de grandes nomes como Zbigniew Ziembinski (*O Santo e a Porca*), Antunes Filho (*A Pedra do Reino*), Ademar Guerra (*O Auto da Compadecida*) e Aderbal Freire-Filho (*A Farsa da Boa Preguiça*). Entre os espetáculos mais recentes, estão *O Casamento Suspeitoso*, com direção de Sérgio Ferrara, e *As Conchambranças de Quaderna*, de Inez Viana. Dado o grande interesse dos diretores, das mais variadas gerações, pode-se dizer que a quantidade de montagens a lembrar de Suassuna não arrefecerá.

Romances

- A História de Amor de Fernando e Isaura (1956)
- O Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta (1971)

- História d'O Rei Degolado nas caatingas do sertão / Ao sol da Onça Caetana (1976)

Poesias

- O Pasto Incendiado (1945-1970)
- Ode (1955)
- Sonetos com mote alheio (1980)
- Sonetos de Albano Cervonegro (1985)
- Poemas (antologia) (1999)

Adaptações de Obras de Ariano para TV e Cinema

- A Compadecida (1969, adaptação de George Jonas)
- Os Trapalhões no Auto da Compadecida (1987, adaptação de Roberto Santos)
- O Auto da Compadecida (1999, adaptação de Guel Arraes para TV e cinema)
- A Pedra do Reino (2007, adaptação de Luiz Fernando Carvalho)
- O Santo e a Porca (apresentada na Globo, incorporada na dramaturgia do especial Brava Gente, que foi ao ar entre 2000 e 2003)

Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea

À LINGUAGEM REGIONAL/POPULAR NA OBRA DE ARIANO

*Não troco o meu 'oxente'
pelo Ok de ninguém!*
(ARIANO SUASSUNA)

Para se apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sociolinguístico-cultural ou de um grupo de especialistas ou profissionais, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos.

O léxico, enquanto descrição de uma cultura, está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante, mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade.

Aqui mostraremos alguns exemplos de fraseologias das obras *O Casamento Suspeitoso* (2012), *Farsa da Boa Preguiça* (2014) e *O Santo e a Porca* (2011), de Ariano Suassuna, que representam sua visão de mundo e marcam a cultura nordestina presente nessa fraseologia.

A temática, a estrutura literária e a linguagem das obras desse autor caracterizam, com rara precisão, o nosso povo, seu falar, costumes, crenças e tradições, e seu modo de ser, viver, pensar e agir, dentro do seu universo sociolinguístico-cultural.

Vamos a algumas citações:

- **abraços de cobra** (LND) – abraço de pessoa falsa, que não nos quer bem. Ex.: “*Cancão-Geraldo não presta atenção a nada, Dona Lúcia ajeita isso, com um daqueles abraços de cobra.*” (A.S.O.C.S.);

- **cantar besteira e bendito** (LD) – cantar repentines com temas cotidianos, religiosos e temas de sofrimento. Ex.: “*A única coisa que Joaquim Simão faz é tocar viola e cantar besteira e bendito!*” (A.S.F.D.B.P.);

- **cobra que não anda não engole sapo** (LDAE) – expressão usada para mostrar que, se a pessoa não lutar, não se esforçar, não vai conseguir o que deseja. Ex.: “*Pinhão – É por isso que o povo diz que cobra que não anda não engole sapo.*” (A.S.O.S.E.A.P.);

- **ficar logo azeitada** (LD) – pessoa que se torna brava, desafortada. Ex.: “*Mas, minha filha, me diga, se eu posso? Ela fica logo azeitada! Isso é que é uma freipa de mulher escorropichada!*” (A.S.F.D.B.P.);

- **esse homem tem visgo** (LD) – homem atraente e conquistador de mulheres. “*Pois esta é de Simão, com pobreza e tudo! Esse homem tem visgo, Seu Aderaldo!*” (A.S.F.D.B.P.);

• **espiar a maçaranduba do tempo** (LD) – olhar a árvore maçaranduba, para ver se está crescendo no tempo certo. Ex.: “*Acordei inda agora, tomei um cafezinho, fiquei por ali vendo uma coisa, outra, espiando a maçaranduba do tempo.*” (A.S.F.D.B.P.);

• **praga de rapariga sarará** (LD) – praga, ou maldição proferida por uma prostituta loura. Ex.: “*Pra mim, isso foi praga de rapariga sarará, ou então foi ele que pisou no rastro de algum corno, em jejum!*”. (A.S.F.D.B.P.);

• **inferno das pedras** (LDAE) – lugar distante e de difícil acesso. É usado também para falar do inferno. Ex.: “[...] *está no Inferno das Pedras, no terceiro caldeirão, chiando.*” (A.S.F.D.B.P. 2014, p. 113);

• **pau seco não dá embira, nem corda velha dá nó** (LD) – algo que não serve mais, que não faz mais efeito. Ex.: “*Gaspar – Nada, foi coisa da mocidade! Pau seco não dá embira, nem corda velha dá nó.*” (A.S.O.C.S.);

• **vai ser um cu-de-boi dos seiscentos diabos** (LD) – atitude mal tomada que gera um grande conflito, uma confusão grande. Ex.: “[...] *se Simão acorda e vê o senhor aqui, todo enxerido pro meu lado, Ave-Maria! Vai ser um cu-de-boi dos seiscentos diabos!*” (A.S.F.D.B.P. 2014, p. 79);

• **santinho de pau oco** (LD) – pessoa que finge ser boa, ter boa conduta, mas na verdade é falsa. Ex.: “*Olhe o santinho de pau oco! Não venha com suas enroladas não, viu, Simão? Deixe de ser cinico e safado!*” (A.S.F.D.B.P.).

Ariano faleceu no dia 23 de julho de 2014, no Recife – PE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ariano Suassuna, em sua obra monumental, representa, com todas as características linguísticas, sociolinguísticas e etnolinguísticas, o falar, os costumes e as tradições do povo de sua região nordestina, através de suas variantes lexicosemânticas.

A visão de mundo, as crenças, as ideologias e as formas de expressão dessa sociedade com sua cultura são transmitidas de geração a geração pela língua, falada e/ou escrita, tornando evidente que a língua representa e guarda as marcas sociais e culturais daquela comunidade que a utiliza.

Assim, a cada leitura que se faça deste autor magnífico, surgem novas visões e novos aprendizados sobre a região nordestina, sua gente e seus costumes.



AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948. Academia Brasileira de Letras.

ARAGÃO, G. (2004). *Literatura e Religião na Obra de Ariano. Palestra na Semana Teológica da UNICAP*.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *A linguagem regional/popular na obra de José Lins*. 2ª ed. João Pessoa: Mídia Editora, 2018.

CABRAL, Tomé. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: UFC, 1982. Caderno de Literatura Brasileira – Ariano Suassuna, nº 10. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, Nov. 2000.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Locuções tradicionais do Brasil*. São Paulo Global, 2004, 332 p.

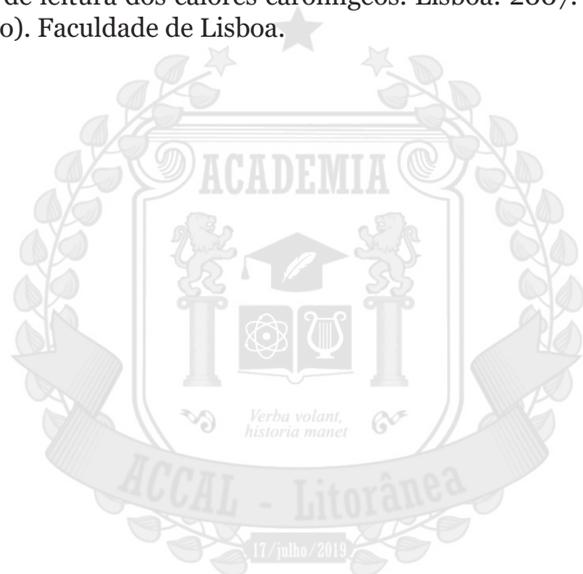
FERRAZ, Aderlande Pereira. *A inovação lexical e a dimensão social da língua*. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.) *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.

MARINHO, Clécia Maria N. *O léxico regional-popular de Graciliano Ramos em Caetés, São Bernardo e Vidas Secas: uma análise léxico-semântica*. Tese (Doutorado), João Pessoa: 2018 – UFPB. O Sol da Onça Caetana Bastos, 1966, 316 p.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de.; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.) As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Uélida Dantas de. A linguagem de Ariano Suassuna: um glossário léxico-semântico. João Pessoa: 2018. Dissertação (Mestrado) – UFPB.

PEREIRA, Evelin G. O rouco e castanho cantar de Ariano Suassuna. O rei degolado nas caatingas do sertão; O sol da onça Caetana: uma proposta de leitura dos calores carolíngios. Lisboa: 2007. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Lisboa.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



Maria do Socorro Silva de Aragão

Natural do município de Brejo do Cruz–PB. É graduada em Letras (Universidade Regional do Nordeste, 1969), pós-graduada na mesma disciplina (USP, 1973), e doutorada em Linguística (USP, 1974). Tem vários cursos de pós-doutorado: Fonética Experimental (Sorbonne – Paris – França – 1976/77), Dialectologia e Geografia Linguística (Universidade de Madrid – Espanha – 1978) e Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas (Central Connecticut State University – USA – 1989/1990).

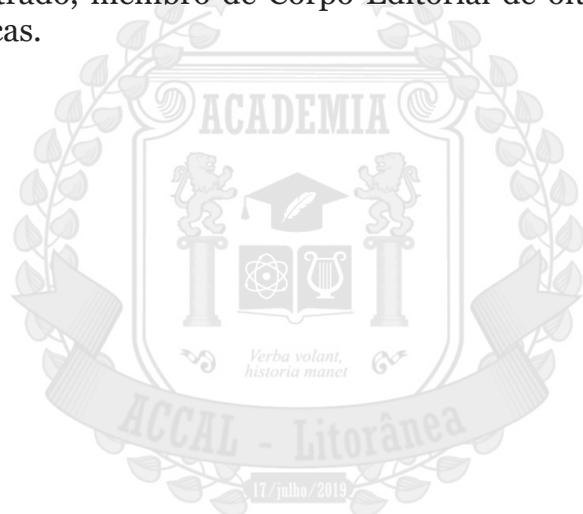
Atuação Profissional: professora colaboradora (USP, 1971/1973), professor

Titular de Língua Portuguesa (URN – Campina Grande-PB, 1974/75), professora Adjunto IV (UFPB, 1974/1994), professora Visitante (Central Connecticut State University – USA – 1989/1990), professora Visitante (UFCE, 1995), fundadora e Coordenadora da pós-graduação em Letras (UFPB, 1975/1980), pró-reitora adjunta de pós-graduação e pesquisa (UFPB, 1980/1982), presidente da Fundação Casa de José Américo (1984/1987), pró-reitora de graduação (UFPB, 1991/1992).

Academias a que pertence: membro da Academia Paraibana de Letras – APL, membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste – ALANE, membro da Academia Femi-

nina de Letras – AFLAP, membro da União Brasileira de Escritores – UBE-PB.

Produção Científica: autora de 38 Livros, autora de 62 Capítulos de livros publicados, organizadora de 26 livros publicados, autora de 46 artigos publicados em revistas científicas, autora de 128 trabalhos publicados em Anais de eventos nacionais e Internacionais, 55 conferências e/ou palestras em Universidades nacionais e internacionais, organização de vinte Congressos nacionais e internacionais, orientadora de oitenta teses de doutorado e/ou dissertações de mestrado, membro de Corpo Editorial de oito revistas científicas.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 10

PATRONO
JURANDY MOURA^(*)
(1940 – 1980)

ACADÊMICA
Maria do Carmo Cândido Moura

Jurandy Moura nasceu em 28 de março de 1940, na cidade de Taperoá-PB. Filho de Alfredo Moura da Costa e de Maria Aurélio Moura, aos três anos, foi com a família residir em Patos-PB. Após concluir os estudos no Colégio Diocesano daquela cidade, em 1958, se estabeleceu em João Pessoa-PB.

Na Capital paraibana, enturmou-se nos movimentos culturais e deles participou ativamente, integrando um conjunto de jovens interessados em artes plásticas, literatura, filosofia, cinema, com destaque para a poesia. É quando surge o grupo que se automeou “Geração 59” do qual fez parte. Foi, então, editada, com o mesmo título, uma coletânea de que constavam poemas de cada um dos poetas vinculados ao movimento. Em 1964, Jurandy lançou um caderno de poemas, em edição mimeografada, intitulado “A Vida Simples”. Conviveu não apenas com a sua geração, mas com outras de maior idade, tendo acompanhado o fazer poéticos de poetas mais jovens que publicaram outras obras poéticas, dentre as quais se destacam as “Edições Sanhauá”.

Profissionalmente, atuou como funcionário da Universidade Federal da Paraíba, com lotação, inicialmente, no

^(*) Texto finalizado pelo Organizador.

Departamento Cultural e, depois, no Núcleo de Documentação Cinematográfica / NUDOC. Nos periódicos locais, publicou diversos artigos e textos com análises críticas sobre obras literárias, romances, poesias e críticas sobre filmes. Em 1971, realizou um evento promovido pela UFPB, a exposição, “Cinquenta Anos de Pintura na Paraíba”, destacando jovens talentos, como Flávio Tavares, Miguel dos Santos, Raul Córdula e outros mais antigos, como Amélia Theorga e Olívio Pinto.

Ainda na atividade jornalística, compôs o grupo de redatores do jornal “O Norte” e foi editor do “Correio da Paraíba”. Depois de um longo período de interrupção, o “Correio das Artes”, suplemento do jornal “A União”, voltou a circular, sob a sua direção, recebendo Jurandy, em 27 de setembro de 1977, uma “Menção de Louvor” por parte da União Brasileira de Escritores / UBE, pelo seu trabalho no suplemento literário do órgão oficial do Estado.

Como membro da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba / ACCP, foi também seu presidente. O grupo se reunia, semanalmente, com interessados para discutir e analisar assuntos vinculados a cinema. Alguns dos participantes dessa turma, entre eles, Jurandy Moura, Antônio Barreto Neto, Willys Leal, Martinho Moreira faziam a cotação dos filmes exibidos nos cinemas da cidade e produziam um boletim que era publicado no jornal “A União”. Essa Associação respondia pela escolha de filmes especiais que eram exibidos às quintas-feiras, no cinema Municipal sob a titulação de “Cinema de Arte”.

Pertinente à sétima arte, Jurandy foi assistente de direção do filme de longa-metragem “O Salário da Morte”, dirigido por Linduarte Noronha, obra realizada na cidade de Pombal–PB, baseada no romance do escritor paraibano José Bezerra Filho.

Com recursos próprios, iniciou a realização do filme documentário “Padre Zé estende a mão”, cuja montagem

e edição final foi feita mediante acordo com a Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, MAM. De produção e feitura artesanal, conta a estória do trabalho social desenvolvido no Centro de Formação para jovens estudantes e o tratamento de doentes no Hospital Padre Zé, ambos em João Pessoa, custeado com recursos coletados pelo Padre José Coutinho. O documentário foi selecionado, em 1974, para participar de eventos internacionais – London Film Festival, do XI Miedzynarodowy Festiwal Filmów Krótkometrazowych w Kraokowie, e do 20^o Internationale Westdeutsche Kurzfilmtage Oberhausen, ocorridos, respectivamente, em Londres, na Polônia e na Alemanha Oriental. Nesses eventos, diplomas foram outorgados ao realizador. Os festivais foram o London Film Festival, do XI Miedzynarodowy Festiwal Filmów Krótkometrazowych w Kraokowie, e do 20 Internationale Westdeutsche Kurzfilmtage Oberhausen.

Muito se tem escrito sobre o trabalho de Jurandy Moura e sua atuação no nosso ambiente cultural. Recentemente, sob o título de “A Multiplicidade de Jurandy Moura”, o suplemento literário “Correio das Artes” lhe dedicou o n^o 4 (Ano LXXI – junho 2021) em que o editor André Cananéa escreve:

De vida curta, abreviada por um acidente automobilístico, que ceifou sua vida aos quarenta anos de idade, Jurandy Moura fez de tudo um pouco, e esse pouco se transformou em um legado grande e marcante, a ponto de, mais de quarenta anos depois de sua morte, o jornalista, poeta, crítico literário e incentivador cultural ainda ser lembrado pela classe artística e intelectual da Paraíba, com pesar. Afinal, naquele dia 5 de novembro de 1980, deixava este plano um homem que ainda havia muito que colaborar com a fortuna artístico-cultural do Estado e que é apontado como o jornalista que levou o “Correio das Artes” a uma nova fase.

À luz do recém-lançado “Ilumionarias e Outros Poemas”, obra editada pelo selo A União, reunindo praticamente toda a produção poética de Jurandy, o “Correio das Artes” foi um pouco mais fundo na biografia pessoal e profissional do homem nascido em Taperoá e que fez, de João Pessoa, o palco de sua trajetória [...].

Sobre o legado de Jurandy Moura, a citada edição do “Correio das Artes” traz alguns depoimentos que dizem bem do potencial cultural dele. Vejamos alguns:

[...] difícil se prevê as contribuições dele para um futuro deveras incerto, quando sabemos que aquilo que fica é o que se fez. Embora afirme que poderiam ser boas, acredito, somadas às dos que, na sua época, auguravam por um cinema paraibano robusto (Alex Santos).

[...] se pautava pelo lirismo do cotidiano. Singelo e tocante. Linguagem simples, verso curto e com vocabulário usual. Nada de hermertismos inúteis. (Hildegberto Barbosa)

(... o maior ensinamento de Jurandy está na sua trajetória no) ‘modo de viver alicerçado na amizade e ni amor à arte’. (William Costa).

Ele era um sujeito múltiplo, que hoje denominam de multimídia, pois, além de poeta, de crítico de literatura e de cinema, realizou um filme de curta metragem [...] que foi, inclusive, premiado no exterior [...] (Sérgio de Castro Pinto)

Era um jornalista, um poeta, um cara que conseguiu fazer, naquela época, tantas e tantas coisas, que às vezes nos pegamos fazendo hoje. (Kubistchek Pinheiro).



Maria do Carmo Cândido Moura

Maria do Carmo Cândido Moura, nasceu em 3 de novembro de 1940, em Esperança. Fez o curso primário no Grupo Escolar Irineu Jófilly e o ginásial no Colégio Diocesano da mesma cidade. Mudou-se para João Pessoa, em março de 1963 e, no Liceu Paraibano, fez o curso clássico. De 1969 a 1972, estudou na Universidade Federal da Paraíba, onde concluiu o curso de Geografia.

É viúva do poeta e cineasta Jurandy Moura e tem dois filhos: Ana Clarissa e Eduardo Cândido Moura. A filha, hoje, com 53 anos é casada, tem dois filhos, reside em São Paulo onde exerce suas atividades profissionais. O filho Eduardo Cândido Moura, tem 46 anos, é formado em Direito, mora em João Pessoa, trabalha no Tribunal de Justiça, é casado e tem dois filhos menores.

Em 1973, Carminha, como é chamada, fez especialização em Planejamento, curso promovido pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. Foi convocada para trabalhar na Assessoria Técnica da mesma instituição; em seguida, no Departamento de Planejamento Operativo. Em 1976, foi nomeada professora na Universidade Federal da Paraíba, lotada no Departamento de Economia, quando se especializou em Economia do Trabalho. Ocupou o cargo de Gerente de Programação Or-

çamentária na Pró-Reitoria de Planejamento. É aposentada desde 2003.

Na Secretaria de Planejamento do Estado da Paraíba, foi Gerente de Programação Orçamentária e, em 1998, foi nomeada Gerente de Controle Interno no Tribunal de Justiça da Paraíba, onde permaneceu até 2016.

Tem trabalhos publicados na imprensa, nos jornais “A União”, “Correio da Paraíba” e no suplemento literário “Correio das Artes”. Escreve alguns estudos e ensaios, nas áreas de economia, educação e outros, além de resenhas de livros e publica-os no *blogger* “Olhar Contemporâneo”.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 11

PATRONO
ENIVALDO DE FIGUEIREDO
MIRANDA
(1919 – 1981)

ACADÊMICA
Vera Lúcia de Almeida Simões

VIDA, OBRAS E SUAS HISTÓRIAS

Enivaldo era o terceiro dos sete filhos de Liberato José de Miranda e Marieta Figueiredo Miranda. Nasceu em Cabedelo, em 30 de outubro de 1919. Sua família morava na então Rua da Frente, uma das principais ruas do centro de Cabedelo. A casa na qual nasceu era a extensão do Restaurante Filipeia (conhecido como Bar do Liberato), de propriedade da família, presente do avô Francisco Pedro Figueiredo. Transcorrido algum tempo, o bar foi vendido, assim a família passou a morar em outro imóvel na mesma rua.

A Rua da Frente era assim chamada, porque suas casas eram voltadas para o rio Paraíba. As crianças cresciam, pescando no mangue e no rio, sendo comuns as brincadeiras e travessuras nos barcos dos pescadores ancorados nessa borda do rio. Com a chegada dos primeiros passos no planejamento para a construção de um porto na enseada de Cabedelo/PB, no período do Segundo Reinado, em abril de 1893, essa área foi ficando perigosa.

Em 1889/1890 o trem, numa extensão de 18 km, ligou a Capital à futura cidade portuária, Cabedelo, embora, segundo o historiador Horácio de Almeida, essa ligação tenha demorado além do esperado. Nesse período, o Governo Fe-

deral arrendou a ferrovia à empresa inglesa *Great Western Railway*. Algo inusitado acontece: os ingleses decidiram construir um molhe, conhecido, segundo Pimentel (2002, p. 20), como Molhe do Inglês, para ancoragem de navios que não podiam navegar até o varadouro; também implementaram uma nova modalidade de transporte que ligasse Cabedelo às terras do povoado vizinho, Santa Rita, através de embarcações aquaviárias, transporte hoje realizado por barco-ônibus. Com isto, toda a estela da Rua da Frente, a cada ano que se passava, se tornava o ambiente mais perigoso e inseguro para os moradores dessa área.

Acompanhar irmãos e primos na pescaria de siris, no porto das canoas, em frente à sua casa, era o passatempo predileto do menino Enivaldo. Porém, para protegê-los de algum perigo que rondava aquela área, sempre, no melhor da pescaria, o avô, avisado, vinha tirá-lo com os demais irmãos – Severino, Helenilde, Manuel, Zélia, Wanda e Antônio – de dentro d’água, levando-os para casa. O castigo era deixarem para trás a lata de siris.

A Rua da Frente, após a Revolução de 30, passou a se chamar Rua Presidente João Pessoa.

Filho de família humilde, não foi possível a Enivaldo estudar fora, o que fez com que ele apenas cursasse até o Exame de Admissão. Apenas dois dos seus irmãos saíram para estudar, um em João Pessoa e outro em Recife-PE.

Desse modo, Enivaldo dedicou-se ao trabalho, conseguindo, posteriormente, uma colocação como funcionário da Administração do Porto, na função de conferente.

Enivaldo era um apreciador da cultura popular que pulsava nos quatro cantos da vila, prestes a conquistar sua emancipação. Ele dançava coco de roda, ciranda e, no período junino, participou de quadrilhas; amava o Carnaval, e o frevo era sua paixão. Frequentava as animadas festas religiosas e culturais, a exemplo da festa de Santa Catarina, realizada na Praça Getúlio Vargas; a de São Sebastião, que

acontecia no bairro de Camalaú; as lapinhas, o pastoril, o boi de reis, a Nau Catarineta, os movimentos de cultura popular no bairro de Monte Castelo e nas praias de Miramar, Ponta de Matos, Formosa e Poço.

Apreciador da culinária local, saía sempre para comer “angu com caroço na quenga do coco”, costume que aprendeu do avô. Usava constantemente um guarda-chuva, chovesse ou fizesse sol. Amante da música brasileira, sempre que tinha oportunidade ouvia “Fita amarela” (de Noel Rosa), música apreciada pelo seu avô; “Se o papai fosse eleito” e “Porto solidão”, com interpretações, respectivamente, de Dolores Duran e de Jessé.

Enivaldo conheceu Irene Sousa, apaixonaram-se e casaram-se, tendo sete filhos: Ana Maria, Leda Maria, Vera Maria, Aderbal, Marilene Maria, Jânia Maria e Jânio. Dona Irene o apoiava no seu trabalho social e político. Gostava de cuidar dos filhos e de viajar com o marido, quando podiam.

Num relacionamento extraconjugal, Enivaldo conheceu a professora Eulina Fernandes, tendo com esta, três filhos: Enivaldo Júnior, Jango Magno e Cláudio José.

Enivaldo era um pai amoroso e presente na vida dos filhos e das filhas. Por intermédio de um amigo que reconheceu seu potencial para política, Enivaldo foi eleito vereador por João Pessoa, juntamente com este amigo, Luís de Oliveira Lima, que se elegeu como prefeito. Dois anos depois, Enivaldo afastou-se da Câmara, pois fora nomeado Delegado Municipal de Cabedelo e, neste cargo, realizou várias obras e benefícios na cidade portuária: construção do Cabedelo Clube, Posto de Puericultura, Centro de Formação e operacionalizou a construção de valetas para sanar o problema das inundações, entre outros benefícios. Após a emancipação de Cabedelo, em 1956, a cidade ainda ficou dois anos com prefeitos sindicados, enquanto era instalada a Comarca. As eleições só ocorreram em 1959, sendo eleitos Enivaldo Miranda (prefeito), Francisco Figueiredo de Lima (vice-prefeito).

Tendo recebido o apoio da população, Enivaldo governou a cidade de 1959 a 1963.

Os vereadores que formaram a primeira legislatura da Câmara Municipal de Cabedelo foram Altimar de Alencar Pimentel, Francisco Pereira de Sousa, Francisco Xavier Borges de Sousa, Luiz Bezerra Cavalcanti, Luiz Ferreira de Góes, Luiz de Moraes Fragoso e Messias Pessoa da Silva.

Para o Prefeito eleito, foi construída uma casa grande, na Rua Sólon de Lucena, 195. Por essa rua circulava o bonde, puxado por burros e cavalos, que fazia o traslado dos passageiros do trem, que vinham da Capital, para os momentos contemplativos e saudáveis da Praia Formosa.

PREFEITO ENIVALDO E SUAS AÇÕES

O Prefeito eleito instalou a prefeitura num prédio, que recuperou, na Rua Aderbal Piragibe. Cercou-se de assessores que contribuíram para a emancipação e independência financeira da cidade a cada ano. Sempre trabalhou cercado de auxiliares competentes, dentre os quais citamos alguns: o Fiscal-Geral, Manoel Moreira da Silva; o Secretário-Geral, José de Arimateia e, no Setor de Tributos Municipais, Pedro da Silva Coutinho. Seu trabalho, centrado no esforço para melhorar a qualidade de vida dos cabedelenses, fez com que todos entendessem a cobrança do novo imposto, IPTU. Assim, reformou a Escola Maria Pessoa, equipando-a com novos mobiliários. Sem recursos para construir novas escolas, fechou parceria com Padre Alfredo e, com esse objetivo, ajudou-o na busca de recursos junto ao governo federal, nessa época, o presidente Jânio Quadros. Assim, com verbas do governo federal, o pároco da cidade construiu o Colégio Imaculada Conceição, e o prefeito Enivaldo Miranda calçou ruas do centro da cidade, incluindo a Rua Aderbal Piragibe; fez também o barreamento da Rua Sólon de Lucena e levou energia para o bairro, onde hoje está situado

o Parque Turístico de Jacaré; requalificou o Parque Infantil Francisco Pedro de Figueiredo (situado depois da Praça Getúlio Vargas), hoje o Centro Turístico Cultural Francisco de Oliveira.

Quando esteve delegado da cidade, por dois anos, implantou o posto de saúde (prédio localizado no centro da cidade, ao lado da Secretaria de Saúde) e contratou médicos. Esse posto oferecia tratamento dentário, vacinação e distribuía leite para as pessoas mais carentes, e também mantinha atendimento pediátrico; conseguiu a aquisição de dois veículos para a prefeitura: uma ambulância e um jipe, além de um caminhão para a coleta de lixo nas principais ruas da cidade.

O CABEDELÓ CLUBE

Por volta de 1954, após renunciar à vereança em João Pessoa e assumir a função de Delegado Municipal de Cabedelo, Enivaldo Miranda dedicou-se à construção do Cabedelo Clube e de sua quadra. Nele exerceu várias funções, participando da criação do Estatuto do Clube, sendo um dos sócios fundadores. Participou da organização de festas e eventos, dentre os quais alguns podem ser citados: São João com suas quadrilhas, Carnaval, festas de formatura e de debutantes, aniversário do Clube, desfiles, escolha da miss Cabedelo, bailes com orquestras internacionais e conjuntos da Jovem Guarda. Nesses eventos, a sociedade cabedelense sempre se fazia presente e era recebida com cortesia e satisfação.

RÁDIO “VOZ DE CABEDELÓ”

Hélio de Almeida, cidadão cabedelense, é farmacêutico, porém, também um empreendedor criativo. Na sua ansiosa vontade de tornar as notícias acessíveis a todos, fundou

a emissora Voz de Cabedelo, que funcionava no pavilhão da Praça Getúlio Vargas, com alto-falantes espalhados pelo centro da cidade. Logo que Enivaldo foi eleito, Hélio o procurou para fazer doação da rádio para a Prefeitura. No processo de transição da emissora para a Prefeitura, o prefeito Enivaldo e sua esposa, Dona Irene, convidou o jovem Henrique Moreira para assumir a direção da emissora. Também contrataram Edna Freire, uma das apresentadoras, que fazia um programa cultural à noite, denominado “Clube dos Amigos da Noite”, com músicas eruditas e informações sobre cultura; criou-se um Show de Calouros, ao vivo, que animava as noites de domingo. Ambos os programas atraíam grande público à praça. Diariamente, eram apresentados noticiários, programa literário, serviços de utilidade pública e muita informação. Solemar Mendes fornecia alguns discos, e Altimar Pimentel colaborava com suas crônicas.

AGÊNCIA DE PUBLICIDADE “A VOZ DE CABEDELLO” – DEPOIMENTO DE HENRIQUE MOREIRA

Quem teve a iniciativa da instalação da Voz de Cabedelo foi o senhor Hélio de Almeida, que tinha uma farmácia na Rua da Frente, como se chamava na época. Então, ele instalou um amplificador no pavilhão da Praça Getúlio Vargas e espalhou pela cidade alguns alto-falantes. Na Rua Aderbal Piragibe, havia dois: um ficava próximo ao Sindicato dos Estivadores e um outro, no final da Rua Aderbal Piragibe, num local que se chamava de “A Prensa”, um depósito de material que era para ser embarcado em navios.

A Voz de Cabedelo passou para a prefeitura. O senhor Hélio procurou Enivaldo Figueiredo Miranda, quando ele se tornou prefeito, oferecendo a emissora para a prefeitura. Enivaldo contratou funcionários, e a emissora se expandiu.

A primeira dama, que era minha madrinha Irene (madrinha de fogueira, que naquela época se res-

peitava como se fosse de batismo), me convidou para trabalhar na prefeitura, justamente na Voz de Cabedelo. Então Enivaldo me chamou e me enviou para acertar os detalhes com Francisco Figueiredo de Lima, o vice-prefeito. Recebi a chave e passei a ser o responsável pela Voz de Cabedelo.

Depois, José de Moura, que fazia um curso de rádio técnico, me procurou para testar um transmissor que ele mesmo havia montado e que dizia não ter muita potência. Deu certo e foi uma grande colaboração. O ouvinte principal da emissora era o senhor Reginaldo Viana, que ficava na praça. Colocavam um disco para rodar, ligavam o transmissor e iam para a casa do senhor Reginaldo Viana e sintonizavam a Agência de Publicidade A Voz de Cabedelo, bem próxima à frequência da Rádio Tabajara. Eu tinha um programa pela manhã, às 8h – “Bom dia, Cabedelo” –, que trazia informações e notícias. Comprava um jornal, lia as notícias; ouvia pela manhã, antes de sair de casa, a Rádio Tamandaré de Recife, então anotava algumas notícias de fora de Cabedelo. Informava horários da saída dos ônibus (da emissora se podia verificar a saída dos ônibus), saída dos trens, chegada e saída de navios, o que estava chegando e saindo de Cabedelo. Havia outros colaboradores: alguns médicos que davam informações sobre vacina, doença; Padre Alfredo também dava sua colaboração; Altimar de Alencar, com suas crônicas. Depois que José de Moura fez o transmissor com o alcance de um quilometro e meio ou dois, a rádio passou a transmitir festas ou eventos do Cabedelo Clube. Eu fazia a instalação no Cabedelo Clube, colocava uma antena, botava o transmissor, transmitia para o estúdio da Voz de Cabedelo, que ficava na Praça Getúlio Vargas, e o colaborador Nanau, filho de seu Menininho (Antônio Sávio de Azevedo), sintonizava e transmitia para os alto-falantes. Também era instalado o transmissor em outros locais, transmitindo-se do Clube do Palmeiras; e, às vezes, o Carnaval – alguns eventos da escola de samba de José Gomes; também, as missas festivas da igreja (Padre Alfredo ficava muito agradecido).

Padre Alfredo colaborava, orientando para melhorar a qualidade da locução: entonação, pronúncia, etc. Assim também Altimar de Alencar Pimentel, que, além de escrever crônicas para o meu programa, dava instruções para melhorar a locução. Havia muitos outros colaboradores.

Quando o pavilhão da praça foi arrendado, a emissora teve que sair de lá, retirar o estúdio. Padre Alfredo ofereceu a garagem da Casa Paroquial, que ele não usava, pois, seu jipe geralmente ficava na rua. Montamos, então, o estúdio da emissora Voz de Cabedelo, e assim foi a participação do Padre Alfredo na Agência de Publicidade Voz de Cabedelo.

Havia programas culturais, como o de Edna Freire, à noite, em estúdio, com informações culturais, músicas clássicas e modernas. No fim de semana (domingo), havia show e atrações, ao vivo, na Praça Getúlio Vargas, onde acontecia um Show de Calouros, que às vezes até atrapalhava o cinema, porque a praça ficava cheia. Eram convidadas várias artistas de Cabedelo. Os cantores eram muito aplaudidos, nessa época, acompanhados pelo grupo que toca nas lapinhas, na Nau Catarineta: Zé Azul e os demais (hoje, Os Prateados, com exceção de alguns componentes). O calouro dava a nota e cantava, concorrendo a vários brindes (que a emissora conseguia): um quilo de arroz, um quilo de café solúvel, uma lata de leite condensado, um lanche no Drinks Bar ou no bar do Senhor Manoel Coelho; um vale para almoço no bar de Dona Nila, perto da praça. O primeiro lugar tinha o direito de escolher o que queria, e muitos escolhiam almoçar no Bar de Dona Nila, que era muito concorrido. Assim, iniciamos a radiofonia em Cabedelo.

Na época, também havia outros alto-falantes espalhados em Cabedelo: um no Cine Brasil, comandado por Antônio Diná; outro no bar do senhor Pedro Eufrásio, quem falava era o nosso amigo Erenilton, na época.

Anos mais tarde, Enivaldo candidatou-se a deputado estadual, depois a prefeito, mas não voltou a ser eleito, deixando de vez a política. Antes de completar

62 anos de idade, faleceu em 14 de setembro de 1981 (após lutar contra câncer nos ossos).

Em sua 5ª edição, o Ano Cultural/2018, instituído pelo Decreto nº 11, de 23 de maio de 2018, do Chefe do Poder Executivo Municipal, Vitor Hugo Castelliano, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Cabedelo (SEDUC), prestou homenagem ao Primeiro Prefeito Constitucional de Cabedelo, Enivaldo Figueiredo Miranda, e ressaltou a importância do fato histórico da emancipação da cidade, reconstituindo-se o contexto cultural da época, as manifestações artísticas locais, a participação do homenageado nas esferas social, educacional, cultural, dando visibilidade à cultura popular, às artes e ao povo cabedelense.



CBTU. Disponível em: <<https://www.cbtu.gov.br/index.php/pt/sistemas-cbtu/joao-pessoa>> Acesso em: 03/mar/2021

PORTO DE CABEDELLO. Disponível em: <<http://portodecabedelo.pb.gov.br/porto/historia/>> Acesso em: 03/mar/2021

ANO CULTURAL. Enivaldo Miranda. Disponível em: <https://anoculturalenivald.wixsite.com/enivaldomiranda/copia-historia> Consultado no dia 27/Abr/2021, às 17h

PIMENTEL, Altimar de Alencar. Cabedelo (Vol. II). Gráfica União, 2002.



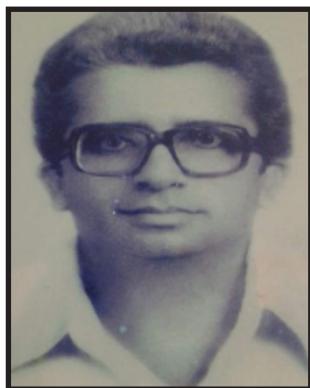
Vera Lúcia de Almeida Simões

Atual Secretária de Turismo do Município de Cabedelo/PB, é doutoranda em Administração pela Universidad de La Empresa – UDE, Uruguai. Concluiu o mestrado em Gestão e Administração de Empresas pela mesma Universidade, em 2008. É *Master of Business Administration* em Turismo, Planejamento, Gestão e Marketing pela Universidade Católica de Brasília – UCB. Graduada e Bacharel em Turismo, pelo Instituto de Educação Superior da Paraíba – IESP. Consultora e instrutora credenciada do SEBRAE/PB, nas áreas de Desenvolvimento setorial, Associativismo/Cooperativismo e RH e Empreendedorismo.

Atua na área de turismo como consultora, com ênfase em Planejamento, Gestão e Marketing. Exerceu, no período de 1º/jan. /2013 a 17/janeiro/2014, a função pública de Secretária de Turismo de Cabedelo/PB e, de 18/jan. /2014 a 28/abr./2014, a função pública de Secretária Adjunta de Turismo do mesmo município. Neste período realizou a elaboração do Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo de Cabedelo, deixando este legado em fase de implementação. Coordenou a pesquisa de demanda turística durante a visita dos três cruzeiros ao Porto de Cabedelo, em dezembro/2013. Participou, juntamente com a equipe de consultores da Associação de Cultura Gerais (ACG), con-

tratados pelo SEBRAE/PARAÍBA, da pesquisa para a construção do Catálogo Turístico Criativo com foco na produção associada do turismo local, sendo o mesmo lançado em forma de *folder*, no dia 12/abr./2014. Desenvolveu, no período de jan. /2011 a mar/2011, uma assessoria técnica ao Secretário Estadual de Turismo e Desenvolvimento Econômico. No período de mar/2011 a dez/2012, participou da equipe do Núcleo de Educação a Distância (NEAD) da Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, como Gerente Operacional. Foi docente no Instituto de Educação Superior da Paraíba – IESP no período de 2003 a fev. /2010, no Curso de Turismo. Foi professora do Curso de Turismo das Faculdades: Ciências Sociais e Aplicadas – FACISA (2004-2010), Faculdades ASPER (2004-2009) e FAP – Faculdade Paraibana (2004-2007). Autora de diversos artigos publicados em periódicos especializados e trabalhos/resumos publicados em anais de eventos. Orientou diversos trabalhos de iniciação científica e de conclusão de curso de graduação e pós-graduação na área de Turismo. Coordenou o Projeto de Pesquisa de Inventário da Oferta Turística das cidades paraibanas de João Pessoa, 1ª Capital do Brasil; Cabedelo, 1ª cidade do Brasil inventariada de acordo com a metodologia do Ministério de Turismo (Mtur), além de Fagundes, Lagoa Seca, Lucena e Queimadas. Desenvolveu, no escritório do SEBRAE de Campina Grande, no período de jun./2008 a mar/2009, um trabalho de qualificação para jovens de 18 a 29 anos no projeto “Protagonismo Juvenil”, focado para o Pacto Novo Cariri. Em seu currículo Lattes, os termos mais frequentes na contextualização da produção científica são turismo, planejamento turístico, planejamento estratégico, inventário da oferta turística, gestão pública.

Do seu currículo, constam vários artigos publicados em periódicos, revistas ou como capítulos de livros editados.



CADEIRA 12

PATRONO
EULAJOSE DIAS DE ARAÚJO
(1932 – 1988)

ACADÊMICO
José Nunes da Costa

EULAJOSE E A POÉTICA DA SIMPLICIDADE

Há pessoas que nascem poetas, espontaneamente, descobrindo caminhos que levam a uma produção de destacado valor e, assim, conquistam espaços na área cultural com sua poesia. Às vezes, atingem um estágio de elevado valor estético, recheado de belas imagens metafóricas que dão uma nova paisagem à alma de quem dela se próxima.

Alguns nascem com o dom para a poesia, expressam com simplicidade o que a alma sente. Outros, tarde, são lapidados na medida em que aprofundam seus conhecimentos da arte de fazer versos.

O poeta Eulajose Dias de Araújo nasceu lapidado para a poesia. Cedo começou a escrever versos soltos e leves. Conviveu em toda a sua vida com a poesia, silenciosamente escrevendo poemas ricos em imagens e, tão lentamente com os escrevia, conquistava os espaços no meio literário da Paraíba, especificamente na cidade de João Pessoa, na sua época povoada de notáveis poetas que elevaram a poesia a respeitável reconhecimento em todo o País.

Se a poesia de Eulajose não chegou a dimensões que perpassam a paisagem da mais alta poesia, entretanto ca-

minha emparelhada com a supremacia da criação que ilumina a alma, porque a poesia não é a ostentação do poeta, mas a manifestação da alma que busca acalanto.

Sua obra poética impulsiona a tensão espiritual que termina num diálogo com o Deus, criador da beleza, Deus, que é a própria beleza. O poeta tem esse papel preponderante de exaltar os encantos da criação do Mundo, porque a arte é o próprio Deus que tudo criou.

Em meio a dor que recolhe as pessoas ao sofrimento, à angústia e à solidão, o poeta agarra-se à arte para salvar sua vida e a dos outros que encontram na poesia o alimento da alma. Eulajose, poeta, silencioso como sua poesia, quieto com sua mensagem, construiu uma paisagem suave quando o mundo estava a clamar paz. Afinal, quando criança, ele escutava falar da dor do martírio de inocentes espalhada por todo o mundo a partir das atrocidades da Segunda Grande Guerra e, adulto, ao seu redor, presenciou as liberdades castradas e espezinhas por coturnos, mesmo que tivesse de conviver com a sombra de certos atores.

Apesar da tenra idade, terá sido doloroso para ele conviver com algo que certamente angustiava sua alma. Somente a beleza da poesia salvou o poeta do aniquilamento precoce.

Com seu jeito recatado, mais escutando do que falando, Eulajose Dias de Araújo praticou na Paraíba, como poucos, a poesia do silêncio. Um silêncio que a poesia carrega, para silenciosamente construir ambiente de paz na alma.

PAISAGENS DA INFÂNCIA

Natural de João Pessoa–PB, Eulajose Dias de Araújo nasceu em 27 de setembro de 1932 e, nesta cidade, faleceu em 31 de agosto de 1988.

Filho de José Dias de Araújo e Eulalhia Peixoto de Albuquerque Araújo, tinha nove filhos: Leidgan, Leidjane,

Mira Cely, Cler, Dejinis, Ozires, Cleo, Gilliet e Eulajose Júnior.

Eulajose morreu aos 56 anos, vítima de osteoporose, depois de muitos anos de luta contra a doença, sem nunca esmorecer, mas com muito desprendimento e um olhar para a vida a cada amanhecer. Sua morte transformou-se para o mundo cultural da Paraíba, especificamente para os amantes da poesia, em uma perda irreparável.

Sua atividade profissional, da qual tirava o sustento da família, era barbeiro, assim como foi seu pai, exímio operário da tesoura. Barbeiro de profissão, mas, na atividade cultural, concentrava seu esforço de realização como poeta.

Descendente de uma família humilde, criado sob especial cuidado dos pais, destes recebeu a educação que as condições financeiras proporcionavam. Nascido e criado nas imediações da Rua São Miguel, um dos caminhos para a Ilha do Bispo, área periférica da cidade mesmo que esteja localizada nas proximidades da área histórica da cidade, Eulajose cresceu ouvindo o apito do trem que passava lentamente bem próximo. Observava o Porto do Capim com suas pequenas embarcações, sentindo o mangue com seus caranguejos e outras espécies de manguezais. Ao redor da casa onde residia a família, as mangueiras que forneciam frutos que os meninos disputavam à pedrada, mas açoitados pelos latidos de cachorros.

Escutava o pai, José Barbeiro, na sua atividade, cortando cabelo e, por toda a vida, nunca esqueceu o tique-taque da tesoura, o rangue-rangue da máquina de cortar cabelo e navalha afiada na pedra mó. Da fábrica Sanhauá, saía o cheiro de bebidas que se exalava por todo o bairro. Tudo isso recordou no poema “Fantasmas”, no qual afirma: “A Rua São Miguel nos fantasmas de minha infância. Na distância o rio faz limite entre eu e o horizonte deixando seu arco-íris...”.

Mesmo em face do relativo sucesso de suas obras, mantinha extrema simplicidade do trato com as pessoas, levando uma vida regada e modesta, retirando o sustento de sua atividade de barbeiro no Quartel do 1º Grupamento de Engenharia, na cidade de João Pessoa, onde construiu frutíferas amizades durante 29 anos em que ali permaneceu.

Eulajose Dias ficou conhecido pelo cognome de “poeta-barbeiro”, que assim gostava de se denominar, devido à sua atividade profissional.

CAMINHOS DA POESIA

A poesia da Paraíba um dia saberá recolher o pecúlio do espírito humano que se encontra na poesia de Eulajose. O primeiro gesto se encontra na possibilidade de esta Academia preservar a sua memória, lembrando seu legado. No mais, sobram os registros, em jornais e revistas, da presença de sua obra, de seus gestos e de textos que estudiosos da Literatura produziram.

Em mais de três décadas como poeta, pacientemente, produziu uma poesia que mereceu referência de destacados estudiosos da Literatura Brasileira, em sua terra natal e de outras regiões.

O nome deste poeta nunca deixará de constar com relativo destaque na lista das grandes revelações da poesia na Paraíba. Ele ficou conhecido pela maneira simples das abordagens de sua poesia. Os nomes escolhidos para seus livros – Arma Poética, Dilúvio de Palavras, Maresia dos Poemas – demonstram esse modo simples acerca da vida.

Recatado e portador de excessiva humildade para o manuseio das palavras, Eulaloje escrevia para completar-se, porque, como costumava dizer, sua profissão era a de barbeiro. Entretanto, não se vangloriava do fulgor dessas duas atividades que proporcionavam reconhecimento de sua capacidade de fazer poesia, sempre se destacando em

elevada consideração na sociedade que compunha o panorama cultural paraibano.

A publicação de livros nunca foi fácil, porque a impressão cara e sem lucro pecuniário, dificultando as edições, afastam os editores. Foi assim no passado e atualmente. Mesmo que diferentes formas de publicação estejam à mão dos autores, há concretas dificuldades. Com ele, não foi diferente, sempre encontrando dificuldade para editar suas obras, como ocorria com a maioria dos escritores.

Desde os tempos mais remotos, a Arte sempre careceu de mecenas, e no tempo de Eulajose tudo era difícil. Mas, com o beneplácito de amigos, editou os livros supracitados, pela editora A União, com o aval da Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba.

Participou de antologias de poesia, numa deferência de amigos ligados ao mundo cultural e à imprensa, na Paraíba e em outros Estados, recebendo boas referências de críticos e estudiosos da Literatura, como Jomard Muniz de Brito, João Manoel de Carvalho, Raimundo Nonato Batista, Sérgio de Castro Pinto, Marcos Tavares, Wellington Aguiar, Valdemar Duarte, Vanildo Brito, Edilberto Coutinho, João Ubaldo Ribeiro, Lêdo Ivo, José Honório Rodrigues. Vígínius da Gama e Melo e Hildeberto Barbosa Filho, que fizeram estudos críticos sobre sua obra poética.

Com perseverança, fruto desse bom relacionamento, ele obtinha espaço em jornais e revistas especializadas em cultura na cidade de João Pessoa, onde publicava seus textos e poemas. Mantinha uma coluna semanal no Jornal “O Momento”, denominada de “O Momento Poético”, na qual abordava a criação de jovens poetas e relembrava dos já consagrados. Também colaborava com outros jornais da Capital, que publicavam seus textos e/ou suas poesias.

Sempre convidado a participar de eventos culturais, era presença constante em lançamentos de livro e recitais. Teve destacadas participações nos Festivais de Artes de Areia.

O mundo acadêmico prestou-lhe merecido reconhecimento por sua paixão pelo cinema, colocando-o como patrono da Cadeira 29 da Academia de Letras e Artes do Nordeste – ALANE –, ocupada pelo poeta Oliveira de Panelas.

○ POETA E O FUTEBOL

Eulajose deixou uma produção extensa de poemas, muitos publicados, outros aguardando uma edição. Certa vez, justificou, em forma de versos, sua paixão pela poesia, pelo gosto de produzir poemas: “Não me conformo / em fazer uma / só poesia / por dia. / Só me conformo / fazendo uma poemaria / nunca me conformaria / com uma poesia, / só uma poemaria”.

Tinha paixão pelo futebol e talvez seja um dos primeiros poeta da Paraíba a falar do futebol em sua poesia, assim como o fizeram Luís Nunes Alves e Sérgio de Castro Pinto. Os três souberam expressar a paixão e a beleza deste esporte mais popular do país.

Um exemplo está nesse seu poema:

Palavras bolas

As palavras não são
bolas de futebol,
mas eu jogo com
as palavras como
se bolas elas fossem....
Futebolescas as palavras
se tornam bolas
para todos os acertos
de concordância ou sintaxe,
gramática jogando
com matemática quase.
Gol de pensamento
são as palavras no tempo,
ou no tempo de tempo,
são as palavras:

palavras bolas para boladas
jogando palavreadas.

Outra vertente poética ressaltada por ele foi o olhar para o meio rural, mesmo não procedendo do campo, mas como descreveu em um poema paisagem morta de uma gravura.

Boi de Gravura

Um boi corre
sem campina,
nem pasto,
nem campo.

Que boi é esse
que corre
sem campina,
nem pasto,
nem campo?

É um boi de gravura
feliz na estrutura
de desenho e boi!

○ COMEÇO SEM FIM

Poeta que em vida não teve a consagração por sua poesia, esperou mais de três décadas para as devidas homenagens quando escolhido como patrono de uma Cadeira nesta Academia, mesmo que há tempo reclamasse semelhantes manifestações. Em vida, nada reclamava nem cobrava reconhecimento, mas esperava, recluso ao silêncio e na paciência, que essa consideração de seus conterrâneos chegasse espontaneamente. Demorou, mas chegou.

Sua poesia sopra singeleza, como foram as paisagens urbanas da cidade antiga onde viveu na infância. Paisagens que o inspiraram a reconhecer os interiores da alma. Ele

construiu uma boa história como poeta, que vai da atividade de barbeiro à poesia, trilhando silenciosamente, registrando, aqui e acolá, o que lhe vinha da alma.

Quando recolhemos dados sobre este poeta que me honra tê-lo como patrono nesta Academia, computo-o dos retalhos que são uma página sobre sua poesia para se guardar num relicário.

As homenagens recebidas em vida são revigoradas com a escolha de seu nome para compor o quadro de personalidades da Academia ora criada, que se revela indispensável para reverenciar a memória de muitos que dedicaram sua vida a cultivar as artes.

Esperou em vida o que depois da morte tardou chegar, mesmo que, em momentos diversos e em diferentes situações, seu nome tenha sido lembrado ou ventilado durante eventos literários, texto sobre a poesia produzida na Paraíba a partir da metade do século passado.

Quando das comemorações dos cinquenta anos de Eulajose, o jornalista Wills Leal, falecido em 2020, escreveu no Correio das Artes (28-09-1982), um texto supimpa para ressaltar as andanças dele pelo mundo da poesia: “Tudo nele corre, corre sempre num tempo de futuro, de uma rapidez sem limites, com cores e ritmos novos, que não se pode perceber/parar”. Para Wills, a poesia de Eulajose nos obriga a estar sempre na frente, sendo/estando futuro, percebendo-se, na linguagem partida, contrabalanceada, única, as coisas ao modo subjetivo, só subjetivo.

O autor do livro “Jamais Deletado” recordou que Eulajose compunha poemas que lembram a correnteza de uma cachoeira, escritos em cima do que flagrava e fotografava com os olhos da alma, “em visões atonais, em percepções profundas”, porque neste poeta nada é solto, perdido, desconexo. Exercitava a poética da simplicidade.



José Nunes da Costa

José Nunes da Costa nasceu no Sítio Tapuio, em Serraria–PB, em 17 de março de 1954, filho de José Pedro da Costa e Angélica Nunes da Costa. Casado com Maria Luciene, é pai de Maria Angélica, José Nathanael e João Paulo. Tem quatro netos: Luana Maria, Bernardo, Arthur e Pérola.

Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano /IHGP, também integra a Associação Paraibana de Imprensa /API.

Diácono Permanente na Arquidiocese da Paraíba, ordenado no dia 12 de dezembro de 2008, com provisão para Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Mandacaru, é Oblato Beneditino do Mosteiro de São Bento, em Olinda–PE.

Suas primeiras noções de alfabetização foram quando ainda morava no sítio, em uma escola que funcionava num galpão ao lado de sua casa. Aos oito anos, passou a estudar no Grupo Escolar Francisco Duarte, em Serraria, distante dois quilômetros de onde morava com a família. Indo residir em Arara, em 1970, ainda fez o curso da Admissão no Colégio Anésio Deodônio Moreno e, aos dezesseis anos, passou a residir na Capital da Paraíba, concluindo o Curso Primário (noturno), no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e, mais tarde, concluindo o Curso Médio. Tem formação em Teologia.

No ano de 1983, profissionalizou-se em Jornalismo. Trabalhou numa fábrica de beneficiamento de minérios e depois no Banco do Estado da Paraíba, sem nunca se afastar do convívio das redações.

Jornalista profissional, atua na imprensa desde 1978, tendo começado em O Norte, como “copiador de telegramas”, depois repórter e editor de páginas e cadernos especiais naquele jornal. Em 1980, foi para o jornal A União, depois trabalhou em O Momento e no Correio da Paraíba.

Sua primeira crônica foi publicada no dia 7 de fevereiro de 1975, e daí em diante não parou mais de escrever, sobretudo crônica.

Foi durante três anos, de 2005 a 2008, cronista de O Norte, onde voltou a trabalhar como editor de páginas. Retornando à União, passou a editar cadernos especiais e agora é cronista semanal desse jornal e no Ambiente de Leitura Carlos Romero. Faz parte da equipe de repórteres da Secretaria de Comunicação do Governo do Estado, atuando na Assessoria de Imprensa da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária-Empaer.

Livros publicados: Lira dos 40 Anos (poesias, 1994), Serraria – A Princesa do Brejo (apontamentos históricos, 1997), O Bispo da Solidariedade (sobre a posse de Dom Marcelo Cavalheira na Arquidiocese da Paraíba, 1999), Ariano Suassuna (biografia, 2002), Um Terraço para Nathan (biografia do jornalista Nathanael Alves, 2ª ed., 2003), Deus lhe pague (biografia de Dom Marcelo Cavalheira, 2004), Ascendino Leite – Vida e Obra (estudo crítico, em parceria com Angélica Nunes, 2005), Uma Vida Bem Escrita (biografia do jornalista Gonzaga Rodrigues, 2008), Recados do Meu Sítio (crônicas, 2007), Padre Zé – O Servo dos Pobres (biografia de Padre Zé Coutinho, 2001, em 3ª ed., com o nome “Padre Zé – De Mãos Estendidas”, 2014), Bendito Fruto (apanhado histórico sobre os diáconos permanentes na Arquidiocese da Paraíba, 2010), O Morador

da Pensão da Paz Dourada (sobre o jornalista Luiz Augusto Crispim, 2010), Padre Ibiapina – O Apóstolo da Caridade (biografia do missionário que atuou no Nordeste no século XX, 2010), João Suassuna – Um Magistrado que governou a Paraíba (biografia do presidente João Suassuna, em parceria com Desembargador Marcos Cavalcanti Albuquerque, 2015), O Cajueiro e os Cronistas (2016), Memórias e ficções (2018), O Poeta entre a Serra e o Mar (biografia de Hildeberto Barbosa Filho, 2018), Um Pastor de Nuvens (biografia de Carlos Romero, 2019), Tapuio – do nascer ao entardecer (2020).



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 13

PATRONO
HERMANO JOSÉ GUEDES
(1922 – 2015)

ACADÊMICO
Hermano José Falconi de Almeida

RETRATO HERMANO JOSÉ GUEDES, EM PROSA E EM VERSO

Hermano José Guedes nasceu em Serraria-PB, em 1922, vindo a óbito em 21 de maio de 2015 em João Pessoa-PB. Começou seus estudos em desenho e pintura no Curso Primário de Tércia Benevides e no Lyceu Paraibano, com Olívio Pinto e Eduard Stuckert, nos meados de 1936.

Em 1940, foi orientado em técnicas de pintura por José Lyra, criando os dois, em 1946, o Centro de Artes Plásticas da Paraíba – CAP, lecionando pintura e desenho.

Em 1956, mudou-se para o Rio de Janeiro onde frequentou os cursos de pintura do MAM, com Ivan Serpa, e de gravura, no Liceu de Artes e Ofício. Foi contemplado com uma bolsa de estudos integral para cursar a Oficina de Gravura do MAM-RJ. Durante sua carreira, expôs em várias edições do salão de Arte Moderna e foi selecionada para a V Bienal Internacional de São Paulo, em 1961.

Retornou para João Pessoa–PB em 1976, para criar e assumir o Museu de Arte do Estado, sendo nomeado Assessor Cultural. Fez parte da Fundação Espaço Cultural da Paraíba, sendo coordenador de artes plásticas (1978).

Começou a lecionar aulas de gravura no Departamento de Artes da UFPB, que foi responsável, posteriormente, pela implementação da Pinacoteca da Universidade, hoje conhecida como Pinacoteca da UFPB.

(Fontes do Dicionário das Artes Visuais na Paraíba, 2004, Dyógenes Chaves Gomes – www.ccta.ufpb.br)

Hermano José e seu genérico

Ninguém sou. Tá bem?

No dia em que nosso artista maior, Hermano José, partiu, acharam que eu tinha batido as botas. Até flores e carpideiras estavam a postos.

Mas, Hermano Guedes que não era e foi José, por devoção de sua mãe ao santo alemão, foi artista completo. Nasceu em Serraria, 1922. Foi morar em Caiçara. Dessas idas e vindas, o artista se fez. Vendo todo dia a pedra do Pão de Açúcar, em Caiçara, e o rio Curimataú, introjetou o perene e efêmero rio passando, e a constância e eternidade da pedra gigante.

Resumindo tanta andança, Hermano José veio morar na Capital, antiga Parahyba.

Gostava de pintar a natureza viva, árvores, bichos e florestas. Fez homenagem ao circo, ao menino vendedor de amendoim e à antiga Capital, ainda virgem da especulação imobiliária.

Pintou ruas, a lagoa e sua paisagem preferida: a falésia do Cabo Branco. Em diversos momentos. Triste ficou com a deteriorização das falésias pro capital neoliberal. E a cidade foi sendo vendida – de eterna, virou efêmera e sepulcral. Foi ecologista,

sofreu muito por isso. Estudou na Escola das Belas Artes, no Rio de Janeiro, e no Lyceu Paraibano dessa terra –
ainda nossa?

Lá, aprimorou estilos diversos, do concretismo e abstracionismo, ao *art nouveau* e cubismo, com toques de barroco, neoclássico e abstracionismo. Foi também poeta, tendo a finitude e morte como tema. Dirigiu peça de teatro, do Ariano Suassuna. Foi crítico literário e cronista. Conheceu Villa Lobos e conviveu com Cecilia Meireles e Drummond, entre tantas feras. Na Itália viu e se comoveu com a Capela Sistina e o gênio Michelangelo. Fez xilogravura, escultura e tem trabalhos exibidos. (O ser humano é bicho doido, invejoso e avarento. Briga por poder. Quer ser o melhor, mesmo copiando tudo. Vanglória não falta, nesse bicho astuto e traiçoeiro).

Escreveu em verso e prosa, agonia da espécie. Por isso, preferia pintar natureza, circo, gente do povo e falésia. Se o Cabo Branco existe, original, nas suas pinturas preservou. Depois, políticos e empresários depredaram.

Foi professor de Flávio Tavares, influenciou Fred Svendsen e tantos e tantas, igualmente geniais. Até Solha deixou de ser Deus por um momento e admirou o nosso Hermano, não eu – repito – de verdade, que morreu em 2015. Previu a destruição da cultura por falsos Messias e horda sanguinária, que hoje faz carreata. Foi professor da UFPB e lá deixou uma parte do acervo. Ocupou a Cadeira número 6 da Academia de Literatura de Cabedelo.

Quem conhece esse gênio paraibano?
Se me confundiram com Hermano José,

triste fico eu, um relés rabiscador lascado.
Mas, lembro que não morri em 2015, talvez...
Infelizmente! para muitos que desejam, como
diz o pintor e polivalente artista, Hermano José.
Nosso destino é a morte, como as águas efêmeras
do Curimataú. A montanha Pão de Açúcar é arte,
dá sentido ao viver. O resto, sina é morrer.
Com toda empáfia e vaidade, Hermano José só
tem um, e já virou eternidade.

Até quando, Cabo Branco?

Hermano José, o Guedes,
diz que a vida sopra é efêmero suspiro.
Muitos não viver querem.
Vegetam na sede do ego ilusório,
poder, vaidade e traição. Outrem
vaga em busca da busca do nada.
Só a arte, imanamente transcendental,
nos faz escapar do grito do Münch, do terror
do Goya e do “até quando, Cabo Branco”, do Hermano –
pintura em metal, concretismo, cubismo, construti-
vismo.
E tantos estilos Hermano trilhou.
Mas, ao voltar pra sua terra, Paraíba, na década
de 70, foi vetado nas ideias de construção de museu
ecclético, uma longa estória, envolvendo políticos,
gente que dizia ser “Tamboão”, e empreiteiras.
O Banco do Brasil, uma parte de sua vida consumiu.
Precisou ajudar a família com a morte do pai, mas
nada o fez desistir. Finalizou a vida no Bessa,
olhando para o mar. E todo dia angustiava-se
com perguntas não respondidas:
até quando, Cabo Branco?
até quando a vida na terra?
até quando a ganância e o lucro?
até quando a rivalidade e destruição?
até quando Israel e Palestina?

até quando o Brasil retornando no paleolítico?
até quando o mesmo jogo?
até quando, Cabo Branco?
A vida, um gole amargo, em
vinho tinto de sangue. Um minuto?
Uma hora? Que diferença faz?
Hermano José não está vivo para ver
tantos mortos por Covid, massacres em
favelas, adoração de um grupo de fanáticos
ao falso messias. Logo Hermano, que misturou
o sacro e o profano. Ajudou Paulo Pontes a não
morrer nas mãos da ditadura militar. Conviveu
com comunistas, religiosos e artistas.
Dirigiu peças de teatro. Faltou Eva Wilma, que
se foi no dia 15 de maio, interpretando a musa
a chorar a deteriorização do Cabo Branco.
Tantos edifícios para quê? Vão juntos morrer,
na gaiola. E a cidade é só barulho de martelo,
prego e serra, furadeira mor e o massacre do pó.
Cadê a natureza do Engenho baixo verde, onde
nasceu em Serraria? E as praias da orla da Parahyba?
E o povo explorado, sem arte e escola, no crime
organizado. Arte e estudo é prevenção. Não?
“Estamos sempre longe,
longe de tudo que desejamos,
longe do amor, longe da paz,
longe da eternidade.
... Só as estrelas brilham
esquecidas que se refletem
na água dos nossos olhos!”
Era também poeta,
mas, “Até quando, Cabo Branco?”
Nunca mais, nunca mais.
O Cabo Branco ruiu, feito
cadela no cio...



Hermano José Falconi de Almeida

Hermano José Falconi de Almeida nasceu no dia 9 de outubro de 1964 em João Pessoa–PB. Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal da Paraíba; mestrado e doutorado em Filosofia, pela mesma Universidade. É professor assistente da Faculdade de Ciências Médicas e professor substituto da UFPB. Tem experiência na área de medicina, atuando principalmente nos campos da psiquiatria, psiquiatria infantil, epidemiologia em psiquiatria infantil, pedofilia e *bullying*.

Escritor, publicou as seguintes obras: *A Divina Comédia na Terra do Nunca – Fragmentos* (2011), *Revotril* (poesia, 2013), *Ossos de Vidro* (2014), *Sou apenas um Frankenstein Juvenil – A Saga do Gótico de Cristal* (2015), *Fratura Exposta* (prosa, 2016), *Anjo de Vidro – Sebo Kyrios* (Estante Virtual, 2017), *Persona* (2017), 2019 (prosa, 2019).



CADEIRA 14

PATRONO
HERMES NASCIMENTO
(1927 – 2001)

ACADÊMICO
Aroaldo Sorrentino Maia

AVE DO PARAÍSO: POETA DE CABELO
— HISTÓRIA E VIDA —

Hermes do Nascimento nasceu em 9 de julho de 1927, residiu na antiga Rua da Aurora, na cidade de Cabedelo. Filho do casal José Francisco do Nascimento e Hosana do Nascimento, foi casado com a senhora Lindalva do Nascimento que conheceu em 1951, quando dos ensaios da Lapinha de Corina; à época participava de um grupo musical em Cabedelo, os Namorados da Lua.

Quando sua família se fixou na cidade de Rio Tinto, por ocasião do emprego de seu pai na fábrica de tecidos daquela cidade, Hermes conseguiu um emprego de contínuo no escritório de conferência da referida empresa. Após um ano, deixou o emprego para estudar, matriculando-se no Grupo Escolar e Internato da Companhia do Rio Tinto. Aos nove anos, já sabia ler e escrever, e teve como professora Dona Jacinta Lundgren, uma alemã de alto saber, que tinha um grande poder de criação, como ele a descrevia.

Seu interesse pelo folclore era muito forte. Tanto que ia às festas das redondezas da cidade para assistir a grupos folclóricos e, como afirmava em suas entrevistas, “já nasceu com o dom da poesia”. Ao conhecer um violeiro de nome

João Batista, conhecido como João Preá ou como João do Jaraguá, que apresentava o grupo folclórico Boi de Rei, aprendeu os primeiros passos para composição de cordel.

Estudava durante a semana e, nos fins de semana, vendia folhetos de cordel. Um dia, conheceu na feira um cidadão de nome Wilson Nery, empresário, ator e mágico, dono de uma trupe denominada de *Troupe Nery*, que estava em temporada na cidade de Rio Tinto. Nery perguntou se Hermes gostaria de trabalhar na sua companhia teatral, quando, pela primeira vez, ele subiu a um palco, após consentimento de seus pais. Fazia papel de um palhaço pintado, cantava a literatura de cordel e ia à plateia vender os folhetos com a história que havia cantado em palco. Na *troupe*, trabalhou por uns seis meses e, depois da partida do grupo, ficou vendendo e comprando folhetos por conta própria, pois o público já o conhecia como palhaço do folheto. Em 1946, já escrevia versos e divulgava a literatura popular.

Nos anos de sua vida laboral, desenvolveu as atividades de estivador, marítimo e sindicalista; no ano de 1955, tornou-se estivador profissional, ingressando no quadro efetivo do sindicato. Mas, destacou-se, notoriamente, como um grande conhecedor de práticas culturais de comunidades pesqueiras, da cultura marítima, de comunidades humanas marítimas, gentes do mar, comunidades tradicionais de pesca, comunidades costeiras ou, simplesmente, povos do mar dos quais era um representante nato.

Foi integrante do Centro de Tradições Populares de Cabedelo, do qual chegou a se tornar presidente em agosto de 1970, revelando-se como um excelente contador de histórias em folhetos de cordel, cuja participação, em Jornadas de Contadores de Estórias da Paraíba, patrocinadas pela Universidade Federal da Paraíba, Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular, revelou a sua grande mestria.

Em 1953, coligiu registros da Nau Catarineta de Cabedelo, tornando-se brincante e mestre dela na década de 70. A Nau Catarineta, no Brasil, refere-se a um poema anônimo romanceado, da tradição oral, provavelmente inspirada na tumultuada viagem marítima do navio Santo Antônio que transportou Jorge de Albuquerque Coelho, filho de Duarte Coelho Pereira (donatário da capitania hereditária de Pernambuco), desde o porto de Olinda, no Brasil, até o porto de Lisboa, em 1565.

A Nau Catarineta é o título de um romance popular, muito difundido em Portugal e outros países, inspirado nas tragédias marítimas da nossa História. A sua fonte de origem é atribuída por Almeida Garrett ao naufrágio da nau Santo António (1565). Alguns historiadores, no entanto, situam a origem do romance no século XVII. Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa, de Houaiss, romanceiro é a “coleção de romances, de obras narrativas escritas em prosa ou em verso, datados dos primeiros tempos da literatura na península ibérica”.

O poema foi recolhido por Almeida Garrett e incluído no Romanceiro. No ano de 1843, Garret publicou o seu Romanceiro e Cancioneiro Geral, tomo 1; em 1851, o Romanceiro e Cancioneiro Geral foi editado nos tomos 2 e 3. O poema é atribuído, em versão popular, a Os Lusíadas, de Camões.

A Nau Catarineta é uma dança dramática, um auto popular, como é conhecido no Nordeste brasileiro, manifestação cultural característica das cidades de João Pessoa e Cabedelo, na Paraíba. Algumas outras definições para a dança dramática, encontradas em outras regiões do Brasil, são chegança, fandango, barca e marujada.

Hermes, depois da pesquisa feita à época (1953), reuniu 28 pessoas, dentre elas, estivadores, pescadores e portuários, e restaurou o Grupo Folclórico Nau Catarineta de Cabedelo que estava desativado desde 1939, mesmo tendo

o grupo se originando em 1910. Revelava um profundo conhecimento e domínio das tradições folclóricas, com destaque para as manifestações locais marítimas.

Houve um segundo momento da reestruturação da Nau, com estudantes que estavam interessados em resgatar a memória do folclore e, por intermédio do professor Tadeu Patrício, que o convidou para transmitir seus conhecimentos de canto, dança e dramatização, criado por ele no passado, e, utilizando as técnicas de teatro do professor Tadeu Patrício, em 1998 ressurgiu a Nau Catarineta de Cabedelo.

Hermes Nascimento destacou-se como um profícuo folclorista. Em 1980, concluiu sua primeira obra literária, "Nau Catarineta, sua origem e sua história", seguida de "Nau Catarineta e a Barca de Cabedelo, em verso e prosa", respectivamente. Dois anos depois, lançou, no Rio de Janeiro, uma edição completa das obras que lhe renderam a contratação pelo museu General Humberto Peregrino, Casa de São Saruê, no morro de Santa Tereza.

Foi um poeta popular reconhecido e diplomado pela Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel, com sede em Salvador, em 28 de novembro de 1978. Também foi pesquisador e documentarista folclorista, registrado na Rádio Fusão Educativa do MEC, condecorado pelo projeto Minerva por haver prestado serviço sobre pesquisa folclórica nos anos de 1974 a 1978.

Autor de mais de uma centena de folhetos de cordel, sua obra-prima é intitulada "Abraão, o Vingador". Possui, igualmente, trabalhos musicais, inclusive, é o autor do Hino Oficial do município de Cabedelo, apresentado quando da visita pastoral a Cabedelo, exclusivo para a Arquidiocese da Paraíba.

Realizou trabalhos sobre a visita do Papa João Paulo II ao Brasil. Realizou pequenas participações em novelas, séries e filmes na TV Globo, como na novela Nina, Espelho Mágico, Pai Herói, do grupo folclórico O Boi da Paraíba,

programa especial para Festival da Juventude, do especial Cortejo Fúnebre e do filme Fogo Morto.

É o fundador e restaurador da Nau Catarineta de Cabedelo, apresentador de grupo de Ciranda, no Rio de Janeiro, e Coco de Roda e Rei do Congo.

Foi distinguido pelo Vaticano com o trabalho sobre a visita do Papa João Paulo II, cuja contribuição à cultura popular do Brasil foi internacionalmente atestada pelo Instituto Interamericano de Etnomusicologia e Folclore de Caracas, na Venezuela. Recebeu, ainda, moção honrosa da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro pelas inigualáveis contribuições à cultura popular.

Foi compositor de várias peças musicais e participou de ensaios e apresentações das edições do 1º, 2º e 3º Festival de Música Popular de Cabedelo – FEMPOC, nos anos de 1982, 1983 e 1984, respectivamente.

A história do Hino Oficial de Cabedelo é a história da persistência do poeta que lutou, de 1974 a 1992, pelo reconhecimento de sua mais cara criação: o símbolo sonoro oficial de Cabedelo. O hino foi criado a pedido do então prefeito Francisco Xavier Borges de Sousa, que procurou um poeta da cidade para criar o hino oficial. Hermes produziu a letra "Ode à Cidade de Cabedelo" que foi musicada pelo então diretor da Central de Música da Paraíba, Maestro Maurício Matos Gurgel.

O primeiro projeto de lei que criou oficialmente o hino foi encaminhado à Câmara Municipal pelo prefeito Francisco Xavier, mas houve forte e sistemática resistência pela oposição dos vereadores da época. O chefe do Executivo chegou a gravar uma fita cassete na qual o hino era cantado pelo coral da Igreja Batista, acompanhado por uma banda na sua primeira exibição pública, na cerimônia de posse do prefeito Francisco Figueiredo de Lima. Somente em 28 de maio de 1992, o hino foi aprovado e oficializado.

Hino de Cabedelo

I

Cabedelo é nossa terra
Cheia de encanto e amor
Quanta paz, quanta alegria
Vamos cantar com fervor
Nasceu das dunas de areia
As margens do verde mar
Tem o passado heroico
Que nos faz muito evocar (Estribilho)

II

Suas jangadas, seus pescadores
Suas praianas e seus amores
Os seus coqueiros são altaneiros
Seu belo porto, seus trabalhadores
O seu ar puro, cheio de vigor
Que se aspira o seu odor
Seu clima quente bem tropical
E suas festas que é tema central

III

As ruínas da fortaleza
Iluminada ao luar
E a Santa Catarina
Na capela em seu altar
Na velha matriz do centro
A missa do galo a cantar
Nossa Senhora dos Navegantes
Tem a frente para o mar

IV

Suas praias, no verão,
Nos convidam a passear
Suas areias brilhantes
Na amplidão da beira-mar
As suas constelações
Sobre o céu a iluminar
E o farol da Pedra Seca
No arrecife a lampear

V

Lutemos pelo porvir
É este o nosso apelo:

Temos a Transamazônica
Como base em Cabedelo
Nascemos nessa cidade
E amamos com ardor
Seja Transamazônica
Timão do trabalhador

Hermes Nascimento faleceu no dia 10 de outubro de 2001, aos 78 anos, no Hospital Padre Alfredo, em Cabedelo, sua cidade natal que tanto amou e exaltou em seus escritos.

Ele foi homenageado no ano cultural de 2016, promovido pela Prefeitura do Município, tendo seu trabalho divulgado – suas poesias e seus cordéis – em todas as escolas do Município. Também foi homenageado com a colocação do seu nome em uma das artérias da cidade de Cabedelo.

Surpreende que Hermes Nascimento, pelas contribuições à cultura popular de Cabedelo, não seja mais frequentemente lembrado nas ocasiões em que se celebram nomes representativos da cultura cabedelense e paraibana, ainda mais pelos profícuos trabalhos como folclorista, poeta, escritor, pesquisador cujo reconhecimento lhe foi auferido nacionalmente.

Sugerimos que a Secretaria de Cultura Municipal e do Estado da Paraíba se articulem no sentido de não deixar morrer a importância de Hermes do Nascimento no cenário local, estadual e brasileiro, minimamente, homenageando-o com um busto em praça pública e data comemorativa por ocasião do Dia do Folclore Brasileiro, para que as gerações presentes e futuras prestem-lhe as devidas reverências pelos contributos à cultura das populações locais que vivem do mar e à cultura popular, de modo geral, a fim de que a sua memória seja mantida e preservada.

“Oh! Quanta vida este nome ressoa dentro de mim – Cabedelo!”(Hermes Nascimento).



Aroaldo Sorrentino Maia

Aroaldo Sorrentino Maia, nascido em 1º de fevereiro de 1947, em Sapé–PB. É filho de Benjamim Alves Maia e Tripolina Sorrentino Maia, e casado com Maria do Socorro Medeiros Sousa Sorrentino Maia, com quem tem dois filhos: Tatiana Amaral Sorrentino e Taciano Amaral Sorrentino. É servidor público federal inativo do TRT 13ª Região. Jornalista e escritor, é membro da UBE (União Brasileira de Escritores-PB) desde 2019, membro da API (Associação Paraibana de Imprensa) desde 1986, com vários artigos e crônicas publicadas nos jornais A União e O Combate, nas décadas de 80 e 90, e membro fundador do IHGAN (Instituto Histórico e Geográfico de Alagoa Nova – PB) desde 2019.

É autor do livro de crônicas “Grafites”, lançado em março de 2020 e do livro de crônicas e memórias “A Rosa no Batente”, lançado em 2021. Foi professor da Cultura Inglesa, entre os anos de 1982 e 1983; do colégio Regina Coeli, em 1992 e 1993; atuou no segmento comercial, em empresas renomadas como Mesbla, Salomão David & Cia. Ltda, CDL, Cia. Ultragaz e Pibigás do Brasil. É membro da ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, 1984); participou da Comissão de Diagnóstico da Colônia Juliano Moreira, como relator geral em 1987. Participou

do curso de extensão na ESG (Escola Superior de Guerra, em 1987); membro da Comissão Executiva da ADESG/PB, como Coordenador–Geral, em 1991 a 1996; membro da Comissão Executiva da ADESG/PB, como Assessor Cultural em 2000. O ano de 2007 foi marcado pela comenda “Jornalista Antônio Barreto Neto”, concedida pela API. No ano de 2017, recebeu o título de Cidadão Alagoa-novense, pelo reconhecimento do trabalho que vem desenvolvendo como incentivador do projeto “Leitura Compreensiva”, desde 2015, projeto criado, em 2010, pela psicopedagoga Ritinha Ramos e desenvolvido na Biblioteca Analice Caldas, município de Alagoa Nova, doando livros para os mais diversos segmentos daquela cidade. Participou da IX Semana da Leitura na cidade de Alagoa Nova quando foi homenageado e da I FECCAN (Festival Cultural Cultive de Alagoa Nova), com debates em mesas redondas, sobre temas como Cultura e Educação construindo o caminho para uma nova Era e como escrever conto, crônica e romance.



CADEIRA 15

PATRONO
INÁCIO DE SOUSA ROLIM, PE.
(1800 – 1899)

ACADÊMICO
José Caitano de Oliveira

Quando a família real chegou ao Brasil, no início do século XIX (1808), Inácio de Sousa Rolim tinha oito anos.

Imprescindível registrar esse detalhe, em face dos acontecimentos históricos do país, conforme serão explicitados, em ordem cronológica.

A CORTE NO BRASIL *Verba volant, historia manet*

No arquivo Público do Rio de Janeiro, por sinal bem robusto, dispomos de documentos de especialíssima relevância histórica, como, por exemplo, “Memórias para servir à história do Brasil”

Nesse, destaco a escritura de saudação do padre Luís Gonçalves dos Santos sobre a chegada da corte ao Brasil.

Ei-la:

Rio de Janeiro, cidade a mais ditosa do Novo Mundo! Rio de Janeiro, aí tens a tua augusta rainha e teu excelso príncipe com a sua família, as primeiras majestades que o hemisfério austral viu e conheceu. Estes são os teus soberanos e senhores, descendentes e herdeiros daqueles grandes reis que te descobriram, te povoaram, e te engrandeceram, ao de seres de hoje

em diante princesa de toda a América e corte dos senhores reis de Portugal; enche-te de júbilo, salta de prazer, orna-te dos teus mais ricos vestidos, sai ao encontro dos teus soberanos, e recolhe com todo o respeito, veneração e amor o príncipe ditoso, que vem em nome do Senhor visitar o seu povo.

Que tem a ver com Inácio Rolim? Aparentemente, nenhuma relação. No entanto, no transcorrer dos anos, durante o século XIX, quis o destino homenagear um obreiro da igreja de Cristo. E quando isso aconteceu enfim, deu-se num momento de briosa atividade eclesiástica; o imperador D. Pedro II prestou inefável saudação ao padre Inácio de Sousa Rolim e o fez pelo obstinado trabalho educacional. (Documento inserido no Arquivo Público do Rio de Janeiro).

Assim:

“Padre Rolim: O Anchieta do Norte”.

Perfeita e feliz comparação!

Como dissecar a essência de tal afirmação, senão à luz da história? Sim, para deleite de quem acredita nos acontecimentos.

Consolidando seu registro. Então?

Como a construção de um colégio por doze padres, inclusive José de Anchieta, no alto da serra originou a cidade de São Paulo de Piratininga.

Pois bem! Igual empreendimento ocorreu no alto sertão da Paraíba, distante 2.000 km da corte, por intermédio de um homem simples, modesto obreiro do cristianismo: padre Inácio de Sousa Rolim.

Conexão do destino: o padre Luís Gonçalves dos Santos saudou a corte. Mais adiante, o imperador elogiou o padre Rolim.

Realmente: conexão do destino!

Não ficou nisso: Em 14 de maio de 1860, por Decreto Imperial, D. Pedro II o condecorou com as insígnias da Ordem de Cristo, no grau de Comendador: “No mesmo grau

de Comendador, foi mais uma vez condecorado pelo Imperador que o agraciou com a Ordem da Rosa, pelos relevantes serviços prestados à causa da educação”.

Temos o binômio religião-educação.

FORMAS DE GOVERNO: MONARQUIA E REPÚBLICA

Durante sua estada no planeta terra (1800 a 1899), o sacerdote Inácio de Sousa Rolim assistiu ao nascimento da Monarquia Constitucional e da República dos Estados Unidos do Brasil.

Luís Norton, em “A Corte de Portugal no Brasil”, destacou:

Aclamado em 12 de outubro de 1922 imperador do Brasil, D. Pedro, no dia 1º de dezembro do mesmo ano, era sagrado, coroado e entronizado soberano constitucional e defensor das dezenove províncias que constituíam o seu império americano, do Amazonas ao Prata, sob o cruzeiro do sul.

Nessa época, Inácio Rolim era adolescente. Encontrava-se sob rígido controle disciplinar, na cidade do Crato-CE. Cursava estudo preparatório (fase inicial) no colégio do padre José Martiniano de Alencar, pai do romancista José de Alencar.

Não se sabe informar quanto tempo levou para a conclusão do estudo preparatório; presume-se que de quatro a seis anos, segundo o trabalho acadêmico de Eunice Simões.

No que concerne à política, que exercia estupenda influência na vida orgânica religiosa, e de modo recíproco, a notícia da independência do Brasil chegou à Paraíba em 29 de setembro de 1822.

Nesse dia, a Câmara da Capital realizou eleição para deputados à Assembleia Constituinte do Rio de Janeiro.

Não é à toa que, dentre os deputados eleitos, temos o padre Virgínio Rodrigues Campelo. Este se encontrava em Portugal.

DIOCESE DE OLINDA

Inácio Rolim seguiu para o seminário de Olinda, a fim de concluir a segunda e definitiva fase da formação teológica. E conseguiu: foi ordenado sacerdote na Diocese de Olinda, no ano de 1825.

Na Wikipédia, informa-se que

Em 30 de julho de 1825, recebeu a primeira tonsura e, no dia 31 de julho, as ordens menores, em cerimônia realizada na Igreja da Congregação do Oratório do Recife. No dia 15 de agosto do mesmo ano, foi ordenado subdiácono, recebendo o diaconato a 25 de setembro, na Capela do Palácio Episcopal, em Olinda. No dia 2 de outubro de 1825, foi sagrado Presbítero.

Permaneceu na Diocese, por razoável período. Tornou-se agente passivo de fatos históricos.

Por quê? Guardou tristes lembranças do ano anterior. Aliás, toda a população recifense, uma vez que Recife tornou-se palco de uma bolha revolucionária: A Confederação do Equador, de 1824.

Protegido pelas colunas do seminário de Olinda, Inácio Rolim não quis envolver-se no movimento revolucionário de 1824, que contou com a militância tenaz do Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo Caneca.

Contudo, vivenciou o período. Leu os artigos de autoria de Frei Caneca, publicados no jornal Typhis Pernambucano; neste, foi divulgado o ideal republicano e separatista.

Sendo mártir da Confederação do Equador, Frei Caneca foi preso e executado. Seria enforcado, no entanto, verdugo algum se dispôs a fazê-lo.

Há um ponto de convergência histórica entre Inácio de Sousa Rolim e Frei Caneca: a Diocese de Olinda.

Ordenado pela Ordem dos Carmelitas, em 1801, Frei Caneca era assíduo visitante da biblioteca da Diocese. Segundo notáveis historiadores, nessa frondosa árvore cultural, adquiriu sua erudição.

Quanto ao jornal Typhis Pernambucano, que circulou antes e durante o movimento revolucionário, temos, por dispensável, qualquer peleja sobre a veracidade dos fatos, ou seja, diante de um cenário turbulento de confronto entre legalistas e separatistas, onde um dos líderes revolucionários pertencia ao corpo da igreja, óbvio que Inácio Rolim e seus pares do seminário acompanharam todas as manobras.

Houve missa de sétimo dia. Isso ratifica, sobremaneira, dentro do contexto histórico do movimento 1824, de que Inácio Rolim tinha ciência.

Sim, porque a causa revolucionária irradiou-se até o Ceará. Lá estava outro líder oriundo da igreja: padre José Martiniano de Alencar.

Inácio de Sousa Rolim jamais tomou parte em movimento ideológico.

Mas o local onde estudava – o seminário de Olinda – notabilizou-se historicamente. Eis o comentário do historiador Horácio de Almeida:

Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea

O seminário de Olinda, fundado, em 1800, pelo bispo Azeredo Coutinho, concorreu, em muito, para a propagação da ideia republicana no Nordeste brasileiro. Sem esse estabelecimento de ensino, a geração idealista que encabeçou o movimento revolucionário de 1817 não teria, jamais, o desempenho que teve.

Os padres estavam bem informados da Revolução Francesa e se tornaram, por isso, arautos da ideia. O próprio bispo de Olinda era homem culto, viajado e integrado no espírito da época, embora não participante de ideias revolucionárias.

O RETORNO DE ROLIM

O claustro do seminário de Olinda – testemunha em pedra e cal – diria, caso pudesse falar, prodígios de Inácio. Sobretudo da sua abnegada paixão pelo magistério; foi professor de Grego no seminário.

Mas quem melhor fala, com eloquência incontestável, são os fatos, filhos da história, escritos pela caneta dos homens fidedignos.

Ainda, no seminário, Inácio integrou o corpo docente; exerceu atividades de censor e bedel. A convite do Presidente de Pernambuco, instalou a cadeira de Grego no Ginásio do Recife.

Escreveu uma gramática da Língua Grega, editada em Paris, 1856.

Mas havia algo inadiável: um caminho sinalizado por luz de lanterna, que iluminava o espírito de Inácio, cutucando seus neurônios, empurrando-o em direção à sua terra, no sítio Serrote; reencontrar o solo estropiado do sertão e também sua gente, que necessitava de luz; não aquela vinda do sol; de outra igualmente brilhante: educação.

Foi assim que, indiferente ao progresso da “metrópole” recifense, Inácio arrumou os pertences e colocou-os numa mala, embora já existisse outra igualzinha dentro de si, mas entulhada de letras para ser distribuídas em sala de aula. *Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea*

Numa pequena povoação, próxima à fazenda dos seus pais, Vidal de Sousa Rolim e Ana Francisca de Albuquerque Rolim, eis que se iniciou o projeto educacional do padre Rolim.

Utilizou o método pedagógico de Lancaster. Esse foi adotado na regência de Dom Pedro I, por meio da Lei de 15 de outubro de 1827.

Havia forte influência do sistema escolar dos jesuítas. Ponto incontroverso.

Padre Rolim: “A educação é o que salva o homem”.

Segundo Celso Mariz, “a sua casa de ensino se fazia à proporção que chegavam os novos discípulos”.

Excelsa afirmação!

Pois foram os novos discípulos, vindos de distintas regiões, que tomaram assento na escola; em crescente número, elastizavam a fama do padre.

Como exemplo: Padre Cícero Romão Batista; Joaquim Arcoverde de Albuquerque, o cardeal Arcoverde; José Peregrino de Araújo, Governador da Paraíba; padre Manoel Mariano de Albuquerque; e mais uma centena de nomes ilustres.

Então, o que era um acanhado povoado tornou-se Vila de Cajazeiras, criada pela Lei n. 92, de 23 de novembro de 1863.

À exceção da Capital, Parahyba, poucas cidades existiam durante o período monárquico. Aconteceu de Areia ser elevada a essa distinção, em 18 de maio de 1946. Sousa foi a segunda, oito anos depois, elevada a cidade em 10 de julho de 1854.

Cajazeiras foi elevada a cidade em 10 de julho de 1876. Atualmente, o dia da cidade é comemorado em 22 de agosto, data de aniversário do padre Rolim.

REPÚBLICA

A Monarquia dobrou-se ao golpe militar de 15 de novembro de 1889, sob a liderança de Marechal Deodoro da Fonseca. Façanha heroica jamais existiu. Simples parada militar! Um desfile de paramentos!

Na Paraíba, aqueles mais ilustres simpatizantes acolheram a notícia com incredulidade.

A Gazeta da Paraíba, jornal de Eugênio Toscano de Brito, em editorial suave e precavido, divulgou a novidade.

Quanto à primeira Constituição Republicana, presumo e tenho muita probabilidade de acerto, que padre Rolim teria discordado parcialmente do texto, no que se referia à dissolução jurídica, ou seja, da separação Estado/Igreja.

O Estado não era laico.

Na época, ocorreu o efeito manada: quem era monarquista, de dobrar os joelhos em veneração ao Imperador, transmutou-se em republicano.

Enfim, Inácio de Sousa Rolim vivenciou a monarquia, o movimento revolucionário da Confederação do Equador e a abolição da escravidão. Morreu pouco meses antes da instalação da República.

Jamais se posicionou ideologicamente; manteve-se focado no binômio religião e educação.

Comparo-o ao alquimista São Tomás de Aquino, quando desbastando a pedra mais insólita do homem: a ignorância. Apostou naquilo que idealizou: misturou duas sementes, como o faz o Mestre da arte real, ciente que de uma delas brotaria a terceira. Dispensou o uso do cadinho, não recorreu ao fogo nem a outros instrumentos do magistério secreto.

Transmutação da pedra bruta (ignorância).

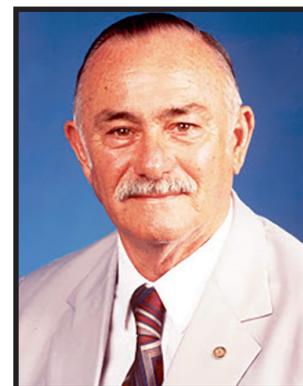
Muito esmero. Abnegação. Assim fundou a cidade com raízes da família: Cajazeiras, que cresceu protegida pelas letras. Estava escrito nos anais do destino: Cidade Universitária!



José Caitano de Oliveira

José Caitano de Oliveira nasceu no dia 10 de janeiro de 1960, em Cajazeiras. Iniciou sua formação acadêmica no Colégio Estadual de Cajazeiras. Em 1976, mudou-se para Campina Grande, concluindo o segundo grau no Colégio Estadual da Prata. Concluído o curso de Ciências Jurídicas e Sociais, em 1978, fixou residência na Capital paraibana. Como advogado e escritor, atualmente reside em Lucena, é pai de quatro filhos: Victor, Hugo, Caitano Filho e Maria Victoria.

Obras do autor: *Maçonaria e Esoterismo*, *O Pastor e o Verbo* (romance), *De Liberdade não se morre* (romance), *Caitanurbe* (infantil), *A Saga de 1930* e *o Doido da Parahyba* (história), *Delirium Tremens* (romance), *O Diário de Osias Gomes – A morte anunciada de João Pessoa* (história), *O Suicídio é bom remédio*, *Crime da Bambu*.



CADEIRA 16

PATRONO
JOACIL DE BRITO PEREIRA
(1923 – 2012)

ACADÊMICO
Eitel de Santiago Brito Pereira

UM LÍDER DE EXTRAORDINÁRIO VALOR

O grupo de intelectuais que instituiu a Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras – Litorânea elegeu meu genitor, Joacil de Brito Pereira, como Patrono da Cadeira nº 17 do quadro das personalidades homenageadas pela novel entidade cultural.

Tão logo recebi o honroso convite para compor a associação, fui convidado para ser fundador da Cadeira patroneada por meu pai. Encontrei, assim, uma maneira de homenagear meu maior amigo, que sempre me amou desinteressadamente e muito contribuiu para minha formação.

Como primeiro ocupante da posição por ele tutelada, esboço, com doce saudade, as presentes notas sobre a sua atribulada e marcante vida de advogado, polígrafo, incentivador de ações culturais e exemplar cidadão.

Nascido em Caicó, núcleo urbano situado no sertão do Rio Grande do Norte, em 13 de fevereiro de 1923, contava Joacil oito anos de idade, quando veio com a família morar na Capital da Paraíba.

Os pais dele – Francisco Clementino Pereira e Isabel de Brito Pereira – simpatizavam com a Aliança Liberal.

Sáiram do agreste do Estado vizinho, em fevereiro de 1931. Vieram tangidos por impiedosa seca que assolava a região. Trouxeram os filhos (Ivanice, Joacil e Joás). Passaram a residir na Capital da Paraíba. Vieram em busca de oportunidades. Queriam garantir uma vida digna aos filhos, no Estado governado por líderes que professavam ideias liberais.¹

Francisco e Isabel passaram a viver em João Pessoa como modestos comerciantes. No entanto, conseguiram sobreviver com dignidade, educando os filhos, os quais conquistaram projeção no seio da comunidade paraibana.

Ampliou-se a família Brito Pereira com a chegada da filha caçula Ioneide e o posterior nascimento de centenas de descendentes (netos, bisnetos, trinotos etc.) atualmente espalhados pelo mundo.

Na Capital paraibana, Joacil de Brito Pereira aprendeu as primeiras letras (antigo Curso Primário) no Colégio José Bonifácio. Em seguida, matriculou-se no tradicional Liceu Paraibano, onde cursou os dois primeiros anos gina-siais. No Liceu, descuidou-se dos estudos, porque se envolveu com estudantes mais desleixados. A direção do Colégio

¹ No tempo da migração da família de Joacil do agreste para o litoral, muito se falava sobre o desenvolvimento da Paraíba, por causa das afinidades de seus governantes com o Presidente da República Getúlio Dornelles Vargas.

Getúlio era grato pelo apoio recebido em nosso Estado. Disputara a Presidência da República como candidato da Aliança Liberal, tendo por companheiro de chapa o Chefe do Executivo da Paraíba, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, sobrinho do ex-Presidente Epitácio Pessoa, que dominou a política paraibana por muitos anos.

Getúlio e João Pessoa perderam a eleição. Apesar disso, Getúlio assumiu o poder por força da Revolução de 1930, desencadeada depois do assassinato do ex-governante paraibano, em Recife-PE.

Os correligionários de Getúlio difundiram a versão de que o homicídio de João Pessoa tivera motivação política. Estimularam, com tal narrativa, a revolta popular contra o poder estabelecido, causando a ruptura da ordem constitucional. Getúlio assumiu o poder e prestigiou os correligionários da Paraíba, entre os quais José Américo de Almeida, que foi seu Ministro de Viação e Obras Públicas. Por isso, na Paraíba, as oportunidades eram muitas para quem simpatizava com o ideário da Aliança Liberal. Os pais de Joacil decidiram, então, trazer a família para a cidade que mudara de nome em homenagem ao governante assassinado.

impediu sua matrícula no terceiro ano. Por isso, Francisco e Isabel o levaram para estudar, como interno, no Colégio XV de Novembro, em Garanhuns, no vizinho Estado de Pernambuco.

No internato, administrado por evangélicos provindos dos Estados Unidos da América, Joacil conscientizou-se da necessidade de dedicar-se aos estudos. A sua família não era rica. Não devia decepcionar os pais, frustrando o esforço que faziam para educá-lo. O pagamento das mensalidades de uma escola privada exigia sacrifícios de toda a família. Francisco e Isabel queriam evitar que o filho interrompesse os estudos. Joacil resolveu emendar-se. Passou a estudar muito e chegou a praticar esportes (futebol) e integrou-se às atividades culturais da escola. Começou a frequentar a Biblioteca, onde ficava por horas seguidas, lendo autores nacionais e estrangeiros.

No Colégio XV de Novembro, Joacil estudou durante dois anos. Lá existia

[...] uma sociedade literária, e todo aluno era obrigado a participar. Fazia-se de tudo: teatro, poesias, declamações, composições, contos, crítica literária, crônicas, discursos etc. Imprimia-se um jornalzinho mensal, e se movimentava muito o ambiente estudantil...²

Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea

A disciplina e a organização do Colégio XV de Novembro de Garanhuns influenciaram positivamente o comportamento do Patrono da Cadeira nº 16. No educandário aprendeu a falar com desenvoltura, adquiriu o gosto pelas artes e letras. Com o passar dos anos, aprimorou tais talentos: transformou-se num festejado orador, consagrou-se como polígrafo nos ambientes culturais do Brasil.

² PEREIRA, Joacil de Brito. A Vida e o Tempo. Memórias. Volume I. João Pessoa/PB: A União Superintendência de Imprensa e Editora. 1996. (págs. 58 e seguintes).

Em novembro de 1942, concluindo o Ginásio, Joacil recebeu convocação para o serviço ativo do Exército. Integrou-se às Forças Armadas, em 1943, como soldado do 15º Regimento de infantaria, sediado na Capital paraibana.

Depois de aprovado no respectivo curso, foi promovido a Cabo. O mundo vivenciava os sofrimentos impostos pela Segunda Guerra Mundial. As praias nordestinas eram guarnecidas por nossas tropas, treinadas para impedir invasões das chamadas Potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

O Patrono da Cadeira nº 16 participou das operações de vigilância das praias nordestinas, recebendo treinamento para integrar a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Em 1944, matriculou-se no Curso de Formação de Sargentos. Idealista, aspirava a combater as tiranias do Nazismo e do Fascismo, nos palcos da Guerra que se intensificara na Europa, na África e na Ásia. Não pode, contudo, permanecer no Exército, nem acompanhou seus companheiros que ingressaram na FEB e lutaram nos campos da Itália. Envolveu-se num grave incidente, ao revidar injusta agressão do então Comandante do 15º Regimento de Infantaria, desferindo-lhe um murro no rosto.

A briga ocorreu em Aldeia, Estado de Pernambuco, onde as tropas estavam acantonadas. Imediatamente detido, Joacil suportou, durante 45 dias, os sofrimentos impostos aos que eram levados às celas sujas, insalubres das prisões de Mussurepe, de Recife, e do Arquipélago de Fernando de Noronha.

Alguns oficiais do Exército, que tinham formação cristã e conheciam seus familiares, interferiram em favor de Joacil, que recobrou a liberdade em maio de 1944. Livre da prisão, voltou à Paraíba e aos estudos, concluindo o Curso de Humanidades do Liceu Paraibano.

Joacil firmou-se, no ambiente estudantil, como líder cultural e político. Fundou, com outros colegas do Liceu,

o Teatro dos Estudantes. Chegou a representar papéis em algumas peças encenadas com sucesso nos palcos paraibanos. Mas, não seguiu a carreira artística. Preferiu acatar a orientação dos pais, percorrendo outro caminho. Ingressou, após aprovação no vestibular, no Curso de Direito da famosa Faculdade do Recife.

Estudioso, cheio de talento, ousado e experimentado no sofrimento, tornou-se um universitário aplicado. Conquistou certa notoriedade e liderança entre seus colegas. Aclamado como orador dos concluintes de Direito de 1950, destacou-se na Casa de Tobias Barreto. Ganhou o prêmio de uma viagem à Europa, por força do seu excelente desempenho.

A dedicação aos estudos e às atividades culturais não impediu que Joacil participasse ativamente das campanhas estudantis pela restauração democrática, deflagradas a partir de 1944. O Brasil lutava contra o nazifascismo com o sacrifício da vida de muitos brasileiros. Não se justificava, portanto, manter-se intacto, no plano interno, o regime ditatorial implantado por Getúlio Vargas desde 1937.

Transformou-se Joacil num líder da juventude paraibana. Falava bem, gostava da política, aproximou-se das lideranças de José Américo de Almeida e de Argemiro de Figueiredo. Na condição de estudante, assinou a ficha de filiação como fundador do partido da União Democrática Nacional (UDN), no Estado da Paraíba, em 1945.

Abrigado na legenda da UDN, envolveu-se com a política partidária, disputando mandatos eletivos. Foi protagonista político, sem desprezar a orientação dos pais, que recomendavam que não abandonasse os estudos nem descurasse de aprimorar sua cultura científica e religiosa.

Leitor voraz, trabalhador incansável, nunca deixou de se interessar e de influir na vida de nossa comunidade. Sentia-se como autêntico paraibano. Embora oriundo do Rio Grande do Norte, estabeleceu-se na Capital da Paraíba,

aonde chegou ainda menino. Nas terras tabajaras, cresceu, constituiu família e viveu até o dia de sua morte.

Em 1953, no Município de Santa Rita, casou com Neli de Assunção Santiago, uma bela moça, filha do casal Eitel de Assunção Santiago e Amneres Guedes Santiago.

Depois do casamento com Joacil, Neli passou a chamar-se Neli Santiago Pereira. Do enlace, surgiram oito filhos: Isabel Cristina, Eitel, Joacil Filho (falecido em 2018), Augusto Sérgio, Amneres, Francisco José, Nely e Rodrigo (falecido em 1990). Todos nasceram na Capital paraibana.

São dezoito os netos do casal Joacil e Neli:(1) Lucas, Gabriel, Rodrigo e Marília (filhos de Eitel e Fátima Clemente); (2) Danielle, Joacil Neto e Felipe (filhos de Joacil Filho e Gilza Almeida, já falecidos); (3) Luciana, Paula e Gustavo (filhos de Augusto e Terezinha Barbosa); (4) Marco Antônio e Isadora (filhos de Amneres e Marco Antônio Maurício); (5) Thiago, Neli e Valéria (filhos de Francisco José e Isabela Lucena); e (6) Leonardo, José Lavoisier e Andréa (filhos de Nely e Leonardo Feitosa).

Além dos netos citados, descendem do casal Joacil e Neli os vinte bisnetos nominados a seguir: (1) Davi, Rebeca e Miguel Augusto (netos de Eitel e Fátima Clemente); (2) Maria Luísa, Arthur, Maria Eduarda, Mariana e Heitor – (netos de Joacil Filho e Gilza Almeida, já falecidos); (3) Ailton, Maria Thereza, Ramon, Maria Clara e Maria Alice (netos de Augusto e Terezinha Barbosa); (4) Luísa, Francisco Neto e Manuela (netos de Francisco José e Isabela Lucena); e (5) Luma; Anne, Werner e Lavoisier (netos de Nely e Leonardo Feitosa).

Há, finalmente, o trineto Joaquim, filho de Maria Luísa, neto de Danielle e bisneto do falecido casal Joacil Filho e Gilsa Almeida.

Por meio dessas informações, proclamo que Joacil era paraibano por merecimento, por gratidão à terra adotada, por afeição às amizades consolidadas a partir da infância

e, principalmente, por amor aos membros de sua própria família.

Joacil de Brito disputou muitas eleições. Eleito Deputado Estadual, representou o povo paraibano na Assembleia Legislativa do Estado, em duas legislaturas, entre os anos de 1959 a 1967. Também conseguiu eleger-se Deputado Federal por duas vezes, tendo destacada atuação na Câmara Federal, entre os anos de 1979 a 1987.

Exerceu, por outro lado, importantes funções na Administração Pública, merecendo destaque a de Secretário de Governo e Chefe da Casa Civil, no Governo Flávio Ribeiro Coutinho (janeiro/1956 a janeiro/1958), e a de Secretário de Interior e Justiça, no Governo Ivan Bichara (março/1975 a julho/1977).

Cidadão correto, preocupado com os problemas do Estado, Joacil teve sua atuação reconhecida pela Assembleia Legislativa, que lhe concedeu a maior de suas comendas, a Medalha Epitácio Pessoa.

O Legislativo Estadual conferiu-lhe, ainda, o título de cidadão paraibano em face dos relevantes serviços prestados à coletividade. As Câmaras de Vereadores dos Municípios de Alagoinha, Bayeux, Guarabira, João Pessoa e Teixeira também lhe outorgaram títulos de cidadania, por força de sua meritória atuação política.

Assim, firmou sua liderança na vida pública, propagando sua crença nos direitos fundamentais. Ele sempre sustentou que,

[...] no amplo conjunto da esfera social em que vivemos, só devemos ser governados por leis elaboradas pelo povo, através dos seus representantes. E, para a realização desses ideais, nasceu a democracia, a fim de assegurar a liberdade e garantir os direitos universais do homem [...]³

³ PEREIRA, Joacil de Brito. Temas de Direito e Ciências Afins. João Pessoa/PB: Ideia, 2009.

No campo do Direito, Joacil sempre se manteve atualizado com a doutrina e com a jurisprudência. Quando não estava exercendo mandatos parlamentares, revelava-se o advogado brilhante, patrocinando importantes causas cíveis e criminais perante os órgãos jurisdicionais de diferentes instâncias, inclusive nos Tribunais Superiores do País. Ganhou fama. Conquistou boa clientela que sempre lhe garantiu bons honorários. Foi, por conseguinte, um líder vitorioso na profissão que abraçou.

Quando a voz dos necrológios noticiou o falecimento do meu pai, ocorrido em 29 de agosto de 2012, irromperam testemunhos do seu valor. Lembro alguns depoimentos realçando suas virtudes profissionais, divulgados na época em livro organizado para homenageá-lo.⁴

O meu colega Geraldo Brindeiro, Chefe do Ministério Público Federal por mais de oito anos, transmitiu-me seus sentimentos de pesar através de uma nota divulgada na rede interna da Procuradoria-Geral da República. Na ocasião, falou da segurança e da combatividade do advogado Joacil de Brito Pereira:

Ao tempo em que fui Procurador-Geral da República, tive oportunidade de conhecer o pai de Eitel. Era um homem corajoso e de bem. Presenciei, no STF, o Dr. Joacil de Brito Pereira levantar-se no meio do julgamento, durante o voto do Min. Nelson Jobim, para corrigi-lo, com voz segura e intervenção rápida, sem tempo para ser impedido pelo Presidente da Corte. Esse tipo de intervenção no STF somente presenciei, anos atrás, na pessoa do grande e saudoso Dr. Sobral Pinto...

⁴ Vários autores. Joacil de Brito Pereira: o Homem das Letras, das Artes, da Política e do Direito. Obra contendo textos escritos por vários autores e discursos pronunciados por diversos oradores depois da morte do Patrono da Cadeira no. 17 da ACCAL. A obra foi organizada pelas escritoras Ana Isabel de Souza Leal Andrade, Maria do Socorro Silva de Aragão e Neide Medeiros dos Santos, com o auxílio de Rodrigo Clemente de Brito Pereira, advogado e neto de Joacil. João Pessoa/PB: Ideia, 2013

O advogado Cássio Cunha Lima, que governou nosso Estado e nos representou na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, lamentou a morte de JOACIL, assinalando que:

[...] o mundo jurídico perdeu um dos últimos românticos da advocacia. Brilhante, ético, cavalheiro e lha-no. A Paraíba perde um homem de intensa atividade cultural e que deixa um legado de decência e bons exemplos para as gerações futuras de advogados...

O advogado Gilvan Freire, que foi Deputado Estadual e Federal, pronunciou-se dizendo que Joacil foi um “advogado integral”, eis que

[...] Era culto, destemido e íntegro. Falava bem e escrevia ainda melhor. Com esses talentos somados, um advogado vira um monstro sagrado. Não bastasse o individual, Joacil de Brito era irmão de Joás, falecido anteriormente. Os dois foram, entre poucos, dos mais completos advogados da Paraíba nos últimos tempos. A lisura profissional de ambos, a coragem e o fascínio pela advocacia são paradigmáticos aos jovens. Vale muito a pena segui-los de perto. Deixaram herdeiros [...]

Imagino que a admiração pelo teatro conduziu Joacil a destacar-se na tribuna forense, notadamente na advocacia criminal, em processos do Júri Popular, quando a arte cênica distingue e eleva qualquer advogado.

Entretanto, a sua dimensão de criminalista nunca lhe embaçou a cosmovisão de jurista completo e estudioso. Ele conhecia com profundidade os segredos e encantos do Direito Privado e do Direito Público, até porque também era professor da Universidade Federal da Paraíba, tendo ensinado, por muitos anos, diferentes disciplinas.

Tribuno dotado de raro talento, escritor de estilo elegante, Joacil angariou merecido reconhecimento como ora-

dor, jurista, historiador, ensaísta, prosador e dramaturgo. Foi um grande líder cultural do Brasil.

Os seus dotes oratórios e virtudes de autêntico historiador podem ser avaliados através da leitura de seus livros. Entre esses, destaco “O Lume da Palavra” (João Pessoa/PB, Ideia, 2010)⁵ e “Mulheres Símbolo” (João Pessoa/PB, Ideia, 2007)⁶, nos quais abordou a vida e a obra de vultos de nosso passado.

Em plena maturidade, Joacil confirmou seu fascínio pelas artes cênicas, surgido nos tempos em que era estudante do segundo grau.

Já idoso, escreveu peças, entre as quais cito “A Maldição de Carlota”, encenada com sucesso, no ano de 1988, em vários teatros da Paraíba. E indico, ainda, a peça “Olga Benário Prestes”, com a qual conquistou, em dezembro de 2002, o Prêmio Literário Cidade do Recife, instituído pelo Conselho Municipal de Cultura e a Secretaria de Cultura da Capital pernambucana. Este segundo drama histórico foi apresentado com boa repercussão em teatros do nosso Estado, no ano de 2003.

Culto, inteligente, ativo, tornou-se Joacil um dos mais brilhantes literatos do nosso País. Escreveu, ao longo da vida, sobre diferentes assuntos com segurança e profundidade. Publicou dezenas de livros e plaquetas. Em alguns volumes, reuniu antigos textos. Muitas de suas produções foram bem recebidas nos ambientes literários e acadêmicos.

⁵ No “Lume da Palavra”, Joacil incursiona na história e traça perfis biográficos de personagens que se destacaram como escritores e políticos, entre os quais Afonso Campos, Seráfico da Nóbrega (Sênior), Sólon de Lucena, Argemiro de Figueiredo, Gama e Melo, Horácio de Almeida, José Flóscolo da Nóbrega, Humberto Lucena, Odon Bezerra, Juarez da Gama Batista, Virgínius da Gama e Melo, Ernani Sátiro, Fernando Milanez, Maurílio de Almeida, Olavo Bilac, Joaquin Nabuco, Rui Barbosa, Carlos Lacerda etc.

⁶ Em “Mulheres Símbolos”, Joacil discorre sobre a vida e a obra de notáveis mulheres, entre as quais Anayde Beiriz, Auta de Sousa, Nízia Floresta, Branca Dias, Maria Bronzeado, Rosilda Cartaxo, Cecília Meirelles, Clarice Lispector, Dinah Silveira de Queiroz, para só citar algumas.

“José Américo, a Saga de uma Vida” (Pessoa/PB: Ideia, 2010) é um modelo no gênero das biografias. José Sarney, ex-Presidente da República e membro da Academia Brasileira de Letras, qualificou o trabalho de Joacil, inicialmente publicado através do Instituto Nacional do Livro, como “uma alentada pesquisa que não pode ser negligenciada por todos aqueles que se interessam por vir a conhecer mais de perto o genial escritor e homem público”.

Por sua vez, o ensaio “Ascendino Leite: escritor existencial” é bem avaliado por outro membro da Academia Brasileira de Letras, Murilo Melo Filho, que saudou a dissertação de Joacil como um “magnífico estudo sobre a vida e a obra de um dos mais importantes intelectuais” de nossa terra.

No campo da história, do memorialismo e da ficção, a sua produção foi enorme. Escreveu três volumes de muitas páginas, com o título de “A Vida e o Tempo”. Ao ler tal obra, anotou o acadêmico e sociólogo José Rafael de Menezes que as páginas escritas por Joacil sobre sua infância no Seridó do Rio Grande do Norte “lembram o melhor José Lins do Rego, de ‘Meus Verdes Anos’”.

O Professor universitário Yanko Cirillo debruçou-se sobre o compêndio “Temas de Direito e Ciências Afins” (João Pessoa/PB: Ideia, 2009), salientando que Joacil abriu, naquele livro, um “rico leque cultural, abarcando temas de histórica e permanente atualidade”, a atestar sua condição de “rematado jurista polígrafo”.

Membro da Academia Brasileira de Ciências Morais e Políticas e da Academia Brasileira de Letras Jurídicas, agraciado com meritórios lauréis, vencedor de concursos culturais de âmbito nacional, o Patrono da Cadeira nº 16 incursionou nos domínios da Ciência Política, ganhando um prêmio com seu ensaio “Idealismo e Realismo na Obra de Maquiavel”, com duas edições esgotadas.

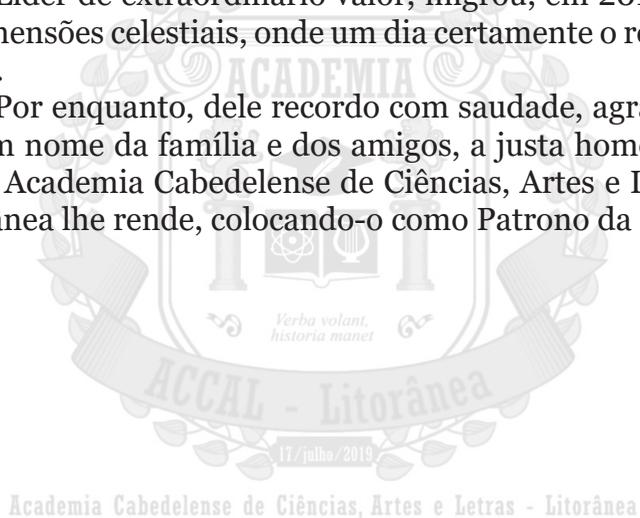
Quando se imaginava que iria acomodar-se, lançou-se Joacil, com 80 anos, na ficção. Já fizera contos de qualida-

de, mas escreveu, em idade provecta, o romance “Um Homem e o Destino” (João Pessoa/PB: Ideia, 2003). Segundo o acadêmico Dorgival Terceiro, transpôs, naquele livro, o realismo da vida para a escrita, revelando seu forte apego “às verdades históricas, das quais não se aparta nem quando faz romance.”⁷

Joacil de Brito Pereira integrou muitas associações ligadas à cultura e às artes. Foi membro e Presidente por muitos anos do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e da Academia Paraibana de Letras, as duas mais notáveis instituições culturais do nosso Estado.

Líder de extraordinário valor, migrou, em 2012, para as dimensões celestiais, onde um dia certamente o reencontrarei.

Por enquanto, dele recorro com saudade, agradecendo, em nome da família e dos amigos, a justa homenagem que a Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras – Litorânea lhe rende, colocando-o como Patrono da Cadeira nº 16.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea

⁷ TERCEIRO NETO, Dorgival. “Os Líderes não caminham sozinhos”. Discurso pronunciado no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano por ocasião das homenagens prestadas a Joacil, quando ele completou oitenta anos. Divulgado no livro “Vitalidade e Paixão”, por Dorgival Terceiro Neto.



Eitel Santiago de Brito Pereira

Eitel Santiago de Brito Pereira nasceu em João Pessoa, em 24 de outubro de 1955. Casado com Maria de Fátima Clemente desde 5 de maio de 1984, tem quatro filhos (Lucas, Gabriel, Rodrigo e Marília) e três netos (Davi, Rebeca e Miguel). Exerce a profissão de advogado, leciona na Universidade Federal da Paraíba, desempenhando ainda a atividade de pequeno produtor rural.

Como integrante do Ministério Público Federal (MPF) por mais de 33 anos, foi Procurador da República, em Rondônia, no Distrito Federal e na Paraíba (de 1984 a 1986); Procurador Regional da República, na Paraíba (de 1986 a 1996); e Subprocurador-Geral da República (de 1996 a 2017). Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea

Trabalhou em Brasília, na condição de Subprocurador-Geral da República, atuando com assento nas Turmas Criminais e na Corte Especial do Superior Tribunal de Justiça, e, igualmente, na 1ª Turma do Supremo Tribunal Federal, até 2017, quando se aposentou, somando mais de 41 anos de serviço público estadual e federal.

No MPF, exerceu funções de relevo, a saber, (1) chefe da Procuradoria da República, Procurador Regional Eleitoral substituto e Coordenador da defesa dos direitos difusos e coletivos, na Paraíba; (2) membro e Coordenador de Câ-

maras de Coordenação e Revisão; (3) membro do Conselho Superior do MPF e, também, Vice-Presidente do referido Colegiado, tornando-se, assim, por algum tempo, o primeiro na linha de sucessão do Procurador-Geral da República, em caso de vacância; (4) Corregedor-Geral do Ministério Público Federal; (5) Presidente do Conselho Institucional, que congrega as Câmaras de Coordenação e Revisão Reunidas.

Depois que se aposentou, em 2017, voltou a morar na Paraíba. Concorreu, no ano seguinte, ao mandato de Deputado Federal, mas não conseguiu eleger-se, embora não fosse a sua primeira incursão na política partidária, pois já concorrera, sem êxito, noutras eleições. Convém registrar que a legislação permitia ao membro do MPF licenciar-se e disputar mandatos eletivos, na época em que Eitel participou de eleições, antes de se aposentar. Mesmo assim, ele primeiro obteve a autorização da PGR, que somente a concedeu depois de formular uma consulta e receber uma resposta favorável do Tribunal Superior Eleitoral.

Possui experiência política e administrativa no serviço público, pois exerceu, no Governo de Wilson Braga, o cargo de Secretário de Serviços Sociais da Paraíba. Noutra oportunidade, colocado à disposição do Estado da Paraíba, atuou como Secretário de Segurança e Defesa Social, no Governo de Cássio Cunha Lima. Ainda ocupou outras funções relevantes, cabendo recordar as seguintes: (1) Coordenador Regional de Benefícios de Legislação Especial da Superintendência Regional do INPS, no Distrito Federal; (2) Secretário Regional de Benefícios e Superintendente substituto do INPS, no Estado da Paraíba; e (3) Secretário-Geral do Ministério Público da União, em Brasília.

Mestre em Constituição e Sociedade pelo Instituto Brasiliense de Direito Público, escreveu e publicou várias obras sobre temas jurídicos, históricos e literários, merecendo destaque os seguintes livros: (1º) “Ensaio de Política e Filosofia – Origem e Justificação do Estado”; (2º) “Políti-

ca, Ética e Estado”; e (3º) “Função Constituinte da Jurisdição Constitucional; (3) “Veredas da Liberdade”.

Esforçado e aplicado estudioso, compôs, por duas vezes, a Comissão de examinadores de dois concursos públicos de provas e títulos para seleção de novos Procuradores da República. Convive, na atualidade, com intelectuais, nos ambientes da Academia Paraibana de Letras e da Academia Paraibana de Letras Jurídicas, sendo Vice-Presidente desta segunda instituição.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 17

PATRONO
JOÃO FERNANDES PRAXEDES
(1925 – 2006)

ACADÊMICA
Léa Santana Praxedes

QUEM FOI JOÃO FERNANDES PRAXEDES

Filho de Francisco Fernandes Praxedes e Maria Amélia Praxedes (ambos, *in memoriam*). Nasceu no dia 13.09.1925 na cidade de Itaú–RN. Grau de Instrução: 2º grau. Casado com Alderina Santana Praxedes (*in memoriam*). Pastor evangélico e músico. Igreja: Assembleia de Deus.

Versículo chave: Isaías 1.2: “Ouvi, ó céus, e dá ouvidos, tu, ó terra; porque o Senhor tem falado: Criei filhos, e engrandeci-os; mas eles se rebelaram contra mim.” (Fez vários sermões que foram transformadores, tendo como pano de fundo o capítulo 1 do livro bíblico de Isaías.)

Aos seis anos de idade, ou seja, em 1931, o pastor João Fernandes Praxedes acompanhou o pai, Francisco Praxedes, quando da sua conversão ao Evangelho com toda a família, o que ocorreu na Assembleia de Deus, no interior do Estado do Rio Grande do Norte. Desde então, ficou firmado na palavra de Deus, mudando-se para a Capital do Estado, Natal-RN, para residir com sua irmã mais velha Jacira Praxedes e, aos dezoito anos de idade, 1943, foi batizado nas águas conforme ensinou Jesus Cristo.

Deixando os estudos, ingressou na Marinha, embarcando para o Rio de Janeiro para ali prestar seus serviços àquela corporação, inclusive fazia parte da Banda de Música onde atuava com os seus instrumentos preferidos: trombone, tuba, clarinete, além de tocar violão. Embora fosse um músico nato, mesmo assim ainda participou dos cursos ofertados pela Marinha. Alguns anos mais tarde, deu baixa na Marinha e retornou ao Rio Grande do Norte, onde se casou com a Sra. Aldenira Santana Praxedes, formada em Ciências Contábeis, natural de Mossoró-RN, filha de Leônicio José de Santana e Norma Lima de Santana, (*in memoriam*). O casal teve dez filhos quais: Joás, Joatan, Lea, Lia, Lélia, Lênia, Leila, Leda, Liene e Leni. No dia 10.06.1999, o casal pastor Praxedes e Sra. Alderina fez cinquenta anos de casados, comemorando as Bodas de Ouro.

A celebração foi apenas um simples culto em Ação de Graças, mesmo porque as condições financeiras que eram escassas não permitiam essas despesas extras. Para o casal, o importante era o amor, a união, o respeito, a cumplicidade, o exemplo de pai e mãe que sempre foram para todos que os cercavam. Sempre levaram uma vida a dois, felizes e abençoados, mesmo diante das dificuldades materiais e financeiras, pois para eles o importante era o amor e a vida dedicada a Deus, à igreja e à família.

Em 1953, foi selecionado para atuar no corpo de auxiliares da igreja Assembleia de Deus, em Mossoró-RN e, em 1958, foi consagrado a diácono da igreja. Em 1959, foi consagrado presbítero e encaminhado para pastorear a igreja Assembleia de Deus na cidade de Patu–RN, sendo responsável pelas cidades vizinhas de Apodi, Caraúbas, Janduís, Almino Afonso, Demétrio Lemos, Mineiro e Serrinha do Major, todas no Rio Grande do Norte. Ali permaneceu durante quase sete anos, subindo e descendo serras e, sem dispor de recursos financeiros para utilizar transportes, fazia todo o percurso a pé, levando a palavra de Deus que liberta,

transforma e dá vida em abundância, bem como efetuando obras sociais de uma forma geral, dentro dos limites existentes. Mediante suas ações, inúmeras pessoas foram convertidas, recuperadas, social, psicológica e espiritualmente. Como era possuidor de uma voz grave e afinada que, dentro de uma escala musical, alcançava agudos impressionantes, aproveitava esses preciosos momentos para cantar, acompanhando-se, ele mesmo, com seu violão instrumento que dominava muito bem, como já dito. Ele cultivava bem o pensamento de Henry W. Lomgfellow: “A música é a linguagem universal da humanidade”.

Em 1962, foi consagrado evangelista pelo ministério da Assembleia de Deus no Rio Grande do Norte pelo trabalho que vinha realizando em várias cidades, nas áreas social e evangelizadora. Em 1965, foi consagrado pastor e transferido pela Convenção Estadual da Assembleia de Deus para a cidade de Pau dos Ferros—RN onde ficou responsável pela evangelização das cidades vizinhas de Umarizal, Rancho do Povo, Serra do Martins, Serrinha, Sossego, Marcelino Vieira, Alexandria, José da Penha, Luiz Gomes, Vitória, Itaú, São Miguel e Mundo Novo, percorrendo todas aquelas paragens conduzindo as pessoas à verdade pura e maravilhosa que é o evangelho de Cristo.

Em 1968, foi convidado pela Convenção Estadual da Assembleia de Deus no Estado da Paraíba para pastorear a cidade de Souza-PB, ficando responsável pela evangelização e trabalhos sociais nas cidades vizinhas de Santa Cruz, São Gonçalo, Marizópolis, Nazarezinho, São José da Lagoa Tapada e Coremas, todas na Paraíba. Ali passou quase três anos, laborando na seara do evangelho, na missão sublime de fazer conhecido o nome de Jesus como também pregando sobre Seu retorno à terra. Em 1970, foi transferido para a cidade paraibana de Itabaiana, ficando responsável pelas cidades circunvizinhas de Natuba, Salgado de São Félix, entre outras.

Em 14 de setembro de 1974, foi transferido pela Convenção Estadual de Ministros da Assembleia de Deus na Paraíba para o município de Cabedelo, onde permaneceu até o dia de sua chamada para o paraíso: 18 de outubro de 2006, ou seja, 32 anos, um mês e quatro dias na sublime missão de evangelizar e conduzir as pessoas em geral a uma perspectiva de vida melhor.

Registramos, também, que fazia quatro anos, aproximadamente, que tinha sido eleito segundo Vice-Presidente da Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Estado da Paraíba/COMADEP onde permaneceu até o dia de sua partida para estar com o Senhor.

O pastor João Fernandes Praxedes foi um incansável batalhador no evangelho. Não só atuando como pastor, mas também como psicólogo, delegado, pedreiro, servente de pedreiro, eletricitista, mestre de obras, encanador, marceneiro, enfim de tudo ele fazia um pouco. Em todas as cidades por onde passou construiu templos para abrigar os irmãos, casas pastorais, muitas congregações, construções de moradias, recuperação de casas de irmãos que necessitavam dessa ajuda etc., etc. Preocupava-se muito em cuidar daqueles que precisavam de cestas básicas, pelo que distribuía a própria feira com quem necessitava a ponto de inúmeras vezes ficar passando dificuldades com a família. Parece-nos que cultivava o pensamento de Jean de La Bruyère, quando este afirmou que “A verdadeira autodisciplina moral consiste em subordinar todas as nossas inclinações naturais a um padrão superior de valores e nunca se deixar influenciar por nada que se opõe a este padrão”.

Tanto nas outras cidades como na igreja Assembleia de Deus, em Cabedelo, teve sua obra social realizada sem propaganda, pois muitas vezes pedíamos ao pastor João Praxedes para que ele registrasse tudo que era feito com fotos e/ou por outros meios, porém ele respondia com o texto bíblico dito em Mateus 6.3-4: “Mas quando você der esmo-

la, que a sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita, de forma que você preste a sua ajuda em segredo. E seu Pai, que vê o que é feito em segredo, o recompensará”. Na verdade, ele era uma pessoa simples, transparente, sincero, ético, honesto, sofrido, sem nenhuma ganância, tudo fazia para não aparecer, porque dizia que a glória e a honra eram para o Senhor Jesus. Tinha grande alegria e sentia-se realizado quando atendia – mesmo com os poucos recursos – os mais necessitados, em detrimento das próprias necessidades. Faleceu e não deixou nenhum bem conforme consta na sua declaração de óbito, mesmo porque nunca se preocupou com bens terrenos e materiais, pois o maior bem que pôde transmitir para a família foi sua fidelidade a Deus, seu amor ao Evangelho, sua transparência, sua fé e honestidade, sinceridade, mansidão, temperança, virtudes que transmitia à família por meio de suas práticas e sua própria vida dentro de casa, na igreja e por onde andava, inclusive nas obras sociais de atendimento que fazia, acolhendo as reivindicações da nossa comunidade. Uma das práticas diárias era a reunião doméstica denominada “culto doméstico” por meio do qual aconselhava como pai e pastor, corrigia, exigia, chamava à responsabilidade, e isso nos proporcionou conhecimento, educação, respeito, responsabilidade e amor por tudo que fazemos, cumprindo o que diz o pensador Marden: “O que forma o total da vida são pequenas minúcias, tão insignificantes que mal deixam vestígio atrás de si”.

Na área artística, como músico, amava o cântico coral, por ser um canto clássico e harmonioso quando bem elaborado; amava uma banda de música ou uma orquestra. Na cidade de Souza-PB, chegou a formar uma filarmônica cujos músicos ele próprio preparou, ministrando-lhes aulas diárias e dedicando-se a esta atividade como professor de adolescentes, jovens, adultos e pessoas carentes que se propuseram a mudar de vida e exercer o ofício de músico.

Assim, ensinava-lhes executar vários instrumentos, o que, certamente, os poupava de caírem nas sarjetas, pois tinham em que se ocupar.

Em Cabedelo, como não houve possibilidade de formar banda devido aos poucos recursos, incentivou a manutenção do coral existente, o “Filhos de Sião” que era composto por pessoas adultas e criou o “Coral Jovem Beth Shalom” (cujo significado é “Casa de Paz”). Para João Fernandes Praxedes, “A música expressa aquilo que não pode ser dito e que também não pode ser omitido”, como afirmou o escritor francês Vitor Hugo.

Quando chegou à cidade de Cabedelo, em 1974, só havia uns cinco jovens na igreja e, a partir desse pequeno grupo, iniciou um trabalho de evangelização regado à oração e amor, a fim de trazer mais jovens para Cristo, e o resultado foi maravilhoso após um longo trabalho de aconselhamento, discipulado, seminários etc. Em 15 de novembro de 1982, ele lançou um desafio, convocando os jovens e adolescentes (pois já contava com um número bem maior) para estarem na igreja às 14h. Assim, antes do horário, todos estavam lá, no templo antigo situado na Rua Siqueira Campos nº 7 – centro e, naquele momento, veio a surpresa: ensaiar músicas a quatro vozes. Na ocasião, ele mesmo dividiu as quatro vozes – soprano, contralto, tenor e baixo – e deu início ao ensaio, com a música de nº 273 do hinário “Harpa Cristã” das Assembleias de Deus no Brasil: “Quer nas trevas, quer na luz, só a ti recorrerei” Sendo assim, à noite, em um simples culto de Ações de Graças, o coral foi fundado. Foi algo sublime e glorioso, fazendo a mocidade sair do templo vibrando e indagando quando seria o próximo ensaio. O “Coral Jovem Beth Shalom”, em pouco tempo, alcançou o número de 135 componentes entre jovens e adolescentes e realizou grandes trabalhos de evangelização e social, sendo convidado para alguns Estados. Cantou em muitos eventos, como Congresso de Jovens e Adolescentes,

tanto aqui como em outras cidades da Paraíba e do Brasil; fez várias apresentações em Cabedelo, atendendo convite por ocasião de posses de Prefeitos, de 1989 até 2018, tendo sido um trabalho artístico de enorme relevância espiritual, material, psicológica, motivadora e abençoadora na vida dos componentes e de suas respectivas famílias, porque música evangélica também é cultura. Por essa época, existia cumplicidade entre os jovens, de forma que cuidavam uns dos outros. Buscava-se, assim, seguir o que preconizava Martinho Lutero, quando afirmou que “A música é o melhor refrigerio para um desconsolado; por sua causa, o coração serena, reconforta-se e renova-se”.

A adversidade desperta talentos que em outras circunstâncias estariam adormecidos. O Pastor João Fernandes Praxedes não deixou bens (conforme registro em seu atestado de óbito). Durante toda a sua jornada de trabalho, nunca se preocupou em fazer nem sequer uma cabana para ele e família. Sempre teve o cuidado de não monopolizar como se fosse seu os recursos da igreja. Existe uma diretoria constituída para cuidar dessa parte; ele percebia apenas uma pensão alimentícia. As três filhas solteiras, à época, Léa, Liene e Leni, preocupadas com a situação que sempre viveram de residirem em casa pastoral a qual pertence à igreja, se juntaram num esforço conjunto e adquiriram (via empréstimos) uma casa para os pais a quem devem a vida (muito embora não foi da vontade do Senhor que eles vivessem na mesma). Afinal, foi, na verdade, um homem íntegro, fiel, sincero, e viveu apenas para proclamar a palavra de Deus. Nunca usou de nenhum artifício para se locupletar. Nós, os seus filhos, nos orgulhamos dele. Um homem de Deus! Um homem lindo por dentro e por fora.

Em novembro de 2001, ele recebeu o título de Cidadão Cabedelense e disse-nos, em sua simplicidade, que receber aquele título tinha sido uma honra. Materialmente falando, esse foi o ápice de uma marcha sofrida e vitoriosa, uma vez

que, no caso dele, como cidadão dos céus, digo assim por ele ter recebido de Deus a brilhante e sublime missão de servo e, como tal, ministro do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, através do qual muitas vidas, em muitos lugares por onde passou, inclusive em Cabedelo, foram libertas dos vícios, das drogas, da miséria e encontrado Jesus Cristo. A partir daí, suas vivências foram mudadas. Neste caso, foi como uma flor quando se transforma em fruto. Foi como o casulo débil que se parte, e a borboleta que voa em busca da ablução do espaço, para a atração da luz. Esta luz é Jesus! Quando falo em Jesus, falo do esplendor de Sua divindade e do contágio benéfico de Sua missão. Missão da qual Ele e nós fazemos parte. Missão que traz, em sua essência, o traço da luta, dessa pugna ingente luta que caracteriza o pioneiro, o desbravador, o missionário que não tem a sua vida por preciosa, mas, cumpre fielmente o seu papel diante de Deus e da sociedade.

Na verdade, ele veio da guerra... O gladiador ousado não conhece a derrota, sangra, cai... Mas levanta-se além, re- vigorado. Foi assim a vida dele. Passou por lutas e aflições.

E, como não poderia deixar de falar nela, Alderina, nossa inesquecível mãe, esposa de nosso pai. Na ocasião, ela não estava mais aqui, porque Jesus a havia chamado para Si. No dia 23 de setembro daquele mesmo ano, fomos sacudidos no dia pela separação e, como uma árvore na ventania, choramos sobre as nossas dores e indecisões. Choramos como meninos e sentimo-nos, mais uma vez, dignos do reino dos céus.

Também tive o privilégio de receber o título de Cidadã Cabedelense, por cujo evento e por cuja honra, deixo registrada a expressão da alma que eclode em gratidão a todos os que fazem a Câmara Municipal de Cabedelo, “Casa de Luiz de Oliveira Lima”.

“Há sentimentos sublimes, termos inefáveis pelos quais tudo se pode sacrificar, mas nunca é lícito sacrificar a

dignidade”, como afirma L. Bottach. A partir de 2004, teve início o grandioso projeto de construção do novo templo da Assembleia de Deus em Cabedelo, que foi desencadeado por meio do famoso projeto “Conte Comigo”, conhecido por toda a cidade, pois a maioria das pessoas cooperou nas feiras realizadas por mês, quando de quinze a vinte equipes se organizavam em tendas no local onde hoje se encontra o templo na Rua Manoel Araújo do Nascimento nº 100, no bairro de Jardim Brasília. O projeto foi idealizado e realizado, tudo com planejamento, organização e colaboração intensiva do pastor João Praxedes e família, o que resultou na bela construção que hoje é o templo-sede da Assembleia de Deus em Cabedelo.

Longe iríamos se não nos impusesse aqui o dever de findar esse nosso registro que, sem a pretensão de acrescentar um átomo à nossa glória, temos, entretanto, o ensejo de dedilhar nossa harpa como o antigo rei-salmista em hansas ao grande amor de Deus revelado por meio de Jesus Cristo através de Sua obra redentora, ao valor grandioso de Seu Evangelho, às delícias da fraternidade cristã, sabendo que tudo isto só enobrece o padrão da nossa cultura literária o que enriquecerá também àqueles que terão a oportunidade de apreciar a leitura e beber nesta fonte.

Afinal vim com uma missão a cumprir e por ela me responsabilizei diante de Deus e dos homens.

Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



Léa Santana Praxedes

Nasceu no dia 24 de agosto de 1953, em Mossoró no Rio Grande do Norte.

Cursou o 1º Grau (1ª a 8ª séries) no Colégio Estadual de Souza-PB e em Itabaiana-PB e o 2º Grau no Colégio Estadual de Itabaiana-PB. No UNIPÊ, graduou-se em Administração e pós-graduou-se em Gestão Pública e em Gestão Previdenciária / Regimes Próprios de Previdência.

Dentre as comendas com que foi homenageada, destacam-se algumas: Secretária Padrão do Mês, título outorgado pelos componentes da Guarda Civil Municipal; em 2005, título de Cidadã Cabedelense, outorgado pela Câmara Municipal de Cabedelo; Profissional CPA-10, pela Associação Brasileira de Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais/ANBIMA; Mulher que faz a Diferença, homenagem outorgada pela Câmara Municipal de Cabedelo.

Destaque para cargos exercidos: Presidente da Associação Paraibana de Regimes Próprios de Previdência/ ASPREVPB; Vice-Presidente da Associação Brasileira de Previdência dos Estados e Município/ABIPEM (Região Nordeste); Secretária-Geral da Associação Nordestina de Previdência/ANEPP.

Publicou trabalhos em manuais institucionais, como, no Livro “Regimes Próprios de Previdência: Aspectos Re-

levantes – Volume 11 – Ano: 2017 – em parceria com a ABIPEM e a APEPREM (Edição da Indústria Gráfica Senador – São Bernardo do Campo–SP, 2017); participação na elaboração do Manual do Programa de Certificação Institucional e Modernização da Gestão dos Regimes Próprios de Previdência Social da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (Portaria MPS nº185/2015, alterada pela Portaria Ministério da Economia – MF nº 577/2017); nos seguintes Manuais de Gestão Previdenciária – Vol. II – Benefícios (edição do Periódico Oficial do IPSEMC – POI nº 17, 2017); Vol. III – Política de Segurança da Informação (publicado por meio da Resolução nº 04/13 – no Periódico Oficial do IPSEMC – POI nº 10, de 31/10/2013); Vol. IV – Gestão Patrimonial (publicado por meio da Resolução nº 01/15 – no Periódico Oficial do IPSEMC – POI nº 01, de 30/01/2013); Vol. V – Arquivo Institucional (publicado por meio da Resolução nº 05/17 – no Periódico Oficial do IPSEMC – POI nº 05, de 31/05/2017); Vol. VI – Ouvidoria (publicado por meio da Resolução nº 03/16 – no Periódico Oficial do IPSEMC – POI nº 13, de 28/10/2016); Vol. VII – Recursos Humanos (publicado por meio da Resolução nº 14/20 – no Periódico Oficial do IPSEMC – POI nº 16, de 30/10/2020); Vol. VIII – Controle Interno (publicado por meio da Resolução nº 04/20 – no Periódico Oficial do IPSEMC – POI, de 31/07/2020); Vol. IX – Finanças, Contabilidade e Investimentos (publicado por meio da Resolução nº 04/18 – no Periódico Oficial do IPSEMC – POI, de 28/02/2018); Vol. X Redação Oficial (publicado por meio da Resolução nº 03/14 – no Periódico Oficial do IPSEMC – POI, de 30/06/2014); Vol. XI – Atividade Jurídica (publicado por meio da Resolução nº 04/13 – no Periódico Oficial do IPSEMC – POI, de 30/12/2017); Vol. XII – Atuarial (em elaboração).



CADEIRA 18

PATRONESSE
MARIA DAS GRAÇAS CARLOS
REZENDE
(1952 – 2021)

ACADÊMICO
Sebastião Tavares Campos
Quintans

Escrever sobre esta sertaneja é falar de uma mulher, Eguerreira, destemida, batalhadora, política, gestora, professora, alegre, família, amiga, católica e, acima de tudo, mãe. Nascida na Serra de Luís Gomes-RN, município localizado próximo às cidades paraibanas de Uiraúna e Aparecida, Maria das Graças Carlos Rezende, conhecida por Graça Rezende, filha caçula de Maria Barbosa Pinheiro Cavalcante e Adjuto Carlos de Moraes, nasceu no dia 6 de dezembro de 1952, de parteira, em sua casa, localizada em frente à Igreja Matriz de Senhora Santana, padroeira da cidade de Luís Gomes.

Potiguares como ela, foram treze irmãos. Maria das Graças Carlos Rezende morou na cidade de Luís Gomes-RN enquanto criança e adorava brincar nos sítios e, na adolescência, foi para a cidade de Cajazeiras-PB estudar no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, o colégio das freiras, onde já morava sua irmã mais velha Lourdinha Carlos.

Após concluir o 1º grau, mudou-se para Teresina-PI, onde um dos seus irmãos mais velhos, Valdir Carlos, morava e já trabalhava no Armazém Paraíba. Após a conclusão do 2º Grau, Graça prestou vestibular na Capital piauiense e, não sendo aprovada, resolveu prestar vestibular na Capital paraibana, onde já se encontravam várias amigas e conterrâneas suas.

Assim, Maria das Graças Carlos Rezende cursou Licenciatura Plena em Educação Física no IPÊ, atual UNIPÊ, formando-se em 1979. Nessa escola superior, conheceu Edézio Rezende Pereira Filho (Dédo Rezende), que se tornou seu esposo e que também se formou no mesmo curso que ela.

No dia 5 de junho de 1980, contraíram matrimônio e tornaram-se pais de duas filhas: Isabelle Rezende (professora e contadora) e Priscilla Rezende (arquiteta e urbanista). São seus genros Anderson Cavalcante, esposo de Isabelle, e Lucas Santino, esposo de Priscilla Rezende. O casal Edézio e Maria das Graças tinha duas netas, Ana Laura e Ana Beatriz, filhas de Priscilla e Lucas, e dois netos, Arthur Rezende e Hugo Rezende, filhos de Isabelle e Anderson. Graça e Edézio mantiveram uma convivência de 47 anos e ficaram casados durante 41 anos.

Graça Rezende, antes de sua aposentadoria, foi funcionária Pública Estadual durante sua vida profissional. Chegou a atuar como colaboradora na função de apontadora de voleibol nos XI Jogos da Primavera e nos VII Jogos Estudantis da Paraíba, eventos patrocinados pela Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, com atuação no antigo Dede; atuou ainda nos IX Jogos Estudantis da Paraíba e nos XI Jogos Escolares da Paraíba. Foi nomeada pelo Governador da Paraíba, à época, para compor a comissão relativa de implantação do pacto pela valorização do magistério e a qualidade da educação e participou da Conferência Nacional de Educação para todos, no ano de 1994, na Capital Federal.

Graça Rezende, apaixonada pela área de Educação, participou de vários cursos, dentre os quais destacamos alguns: Especialização em Atletismo e Handebol, no IPÊ (Institutos Paraibanos de Educação); Curso Intensivo de Basquetebol; vários cursos de arbitragem de Voleibol; Curso Internacional de Instrução e Fundamentação em Basquetebol; Curso de Atualização de Voleibol; Curso de Atualização

em Ginástica Rítmica Desportiva; Curso de Ginástica Estética de Academia; Curso de Atualização de Voleibol e Curso de Marketing Político.

Durante sua vida como professora de Educação Física, além de ser funcionária do Estado da Paraíba, ainda atuou em vários colégios particulares, entre eles o Colégio IPEP (Instituto Presidente Epitácio Pessoa) por mais de vinte anos, sendo apaixonada pelo colégio onde realizou, junto com Edézio, muitas atividades ligadas à sua área de atuação. Nesse educandário, por muitos anos, também estudaram suas filhas.

Residindo em João Pessoa, em 1985 nasceu sua primeira filha, Isabelle Rezende. Graça com seu esposo adquiriram um imóvel residencial em Cabedelo, onde sua sogra, Maria da Paz Campos Rezende (Dona Paizinha), além de ali veranejar, passou depois a residir, sempre fazendo um trabalho social através da Casa Espírita Mensageiros da Paz. Passados os anos, em 1986, nasce a segunda filha do casal Graça/Edézio, Priscilla Rezende. Após um assalto ocorrido na residência do casal, ainda na cidade de João Pessoa, sua sogra aconselha o casal a passar a morar em Cabedelo, em definitivo, ideia que, de pronto, foi aceita.

Já residindo, em definitivo, na cidade de Cabedelo, Graça Rezende entra na vida pública influenciada pelo esposo que, no ano de 1989, foi eleito para o mandato de vereador no município. Ela, então, assume o cargo de Secretária de Pesca do Município até o ano de 1990, tendo sido nomeada pelo Prefeito à época, Sebastião Plácido de Almeida. À frente da Secretaria, Graça passa a desempenhar vários trabalhos pertinentes à sua área de atuação. Tendo, porém, sido observada pela sua dedicação e desenvoltura, ela é remanejada da Secretaria de Pesca para a Secretaria de Educação e Cultura de Cabedelo, período de 1990 a 1996, cargo que continuou a exercer na gestão do ex-prefeito José Francisco Régis, quando seu esposo exercia o cargo de Vice-Prefeito.

Na Secretaria de Educação e Cultura, Graça Rezende desenvolveu vários trabalhos junto a uma equipe competente e profissional e implantou várias atividades, como a solicitação de construção de novas escolas municipais, em função da necessidade de demanda dos bairros da cidade; criou a categoria de Supervisor Escolar do Município; a Coordenação de Educação Física; o transporte escolar para os alunos e professores; criou os jogos escolares municipais; implantou o desfile do “7 de Setembro” no centro da cidade, que permanece sendo, até os dias atuais, um grande atrativo; implantou a distribuição de fardamentos e kit escolares; implantou, em parceria com a Secretaria de Saúde do Município, exames de vista e saúde bucal para os alunos da rede municipal; sempre incentivou a cultura e recebeu o título de “Madrinha da Cultura”, por todo o apoio dado ao grupo dos artistas do município.

No ano de 1997, seu esposo, Dédo Rezende, assumiu o cargo de Prefeito Municipal, e Graça passa a ser Secretária de Bem-Estar e Ação Social, desempenhando trabalhos voltados para atender aos mais necessitados, inclusive, ajudando sua sogra, Dona Paizinha, na distribuição do “sopão”; implantou a distribuição de enxoval as gestantes; juntamente com o prefeito, entregou aos munícipes novas casas populares e conseguiu que fossem feitas reformas que se faziam necessárias em várias residências; incentivou o apoio aos deficientes; criou o “Programa da Família em seu Bairro”, quando, todo mês, era contemplado um bairro diferente no município, trabalho realizado juntamente com a parceria de outras secretarias, projeto que levava corte de cabelos, higiene bucal, avaliação médica aos que necessitavam desses benefícios; possibilitou às pessoas que obtivessem a 2ª via de RG e demais atividades; em parceria com a TV Cabo Branco, criou o “Natal da Solidariedade”, trazendo a chegada simbólica do Papai Noel em cujo evento eram distribuídas cerca de cinco mil cestas básicas para as crianças,

em o evento era realizado na Fortaleza de Santa Catarina; ainda implantou a Festa das Crianças, com a distribuição de brinquedos, pipoca, algodão-doce, proporcionando um dia diferente para as crianças carentes.

Dessa maneira, Graça desenvolveu várias atividades e sempre se destacou em todos os cargos que ocupou. Em razão disso, no ano de 2004, concorreu pela primeira vez às eleições municipais para vereadora, tendo obtido a primeira suplência. Passados mais quatro anos, concorreu novamente ao mesmo cargo nas eleições de 2008 e também ficou na primeira suplência. Em sendo assim, somente nas eleições de 2012 é que exerceu o seu primeiro mandato na Câmara Municipal de Cabedelo, participando ativamente do parlamento em comissões e sempre apresentando projetos de leis e requerimentos voltados para atender as necessidades da população. Em seguida, concorreu novamente ao cargo nas eleições de 2016, voltando a ficar, mais uma vez, na primeira suplência. Todavia, em função da “operação xeque-mate” na cidade, que afastou vários vereadores do cargo, ela volta ao parlamento e exerce seu segundo mandato de vereadora.

Nesse mesmo mandato, assume, no ano de 2019, a presidência da Câmara Municipal de Cabedelo, para um mandato de dois anos, trazendo, numa gestão inovadora, toda uma necessária renovação da estrutura administrativa da Casa Legislativa, realizando uma reforma estrutural, que há mais de sessenta anos nunca havia sido feita, proporcionando um ambiente de trabalho digno para todos os funcionários e parlamentares.

No ano de 2020, Graça concorre novamente ao cargo de vereadora e passa a ser a mulher mais votada das eleições e a única mulher a voltar ao parlamento, sendo novamente eleita presidente da Câmara Municipal. Todavia, vale salientar que, no ano de 2017, Graça Rezende descobre um câncer de mama e inicia sua luta e tratamento, porém, no

ano de 2019, descobre que o câncer apresentou metástase e inicia uma nova luta de tratamento e superação. Sempre guerreira, apaixonada pela política e pelo seu trabalho, enfrenta a batalha fervorosa e vai até o fim da sua vida fazendo o que sempre amou.

No dia 23 de junho de 2021, em função dos compromissos do atual Prefeito Vitor Hugo e do Vice-Prefeito Emerson Lucena (Mersinho), assume o cargo de prefeita em exercício até o dia 28 de junho de 2021. Já com complicações da doença na última semana, morre no dia 29 de junho de 2021 e deixa seus familiares, esposo e amigos, abrindo um enorme vazio para todos e, obviamente, deixando seu mandato de presidente e vereadora.

Enfim, Graça Rezende foi uma mulher brilhante, amante da cultura, da educação e que sempre trabalhou em prol do coletivo.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



**Sebastião Tavares Campos
Quintans**

Natural da região do Cariri – nascido no município do Congo –, o empresário Sebastião Quintans é o que se pode chamar de um homem com visão voltada para o futuro. Graças a isto e sempre acreditando na potencialidade turística da Paraíba, Quintans deu início a realização de um grande sonho que hoje divide com milhares de paraibanos e turistas de todo país. Em 1993, surge o Intermares Water Park, projeto que ele planejou durante sete anos e, com muito esforços e dedicação, colocou em prática.

Com a sabedoria de quem tem experiência, Sebastião Quintans diz que, para atingir o sucesso, é preciso acreditar em você mesmo e no que se quer atingir, ter perseverança e sobretudo acreditar que a força maior vem de Deus.

Filho de Maria Auxiliadora Tavares Campos Quintans e do agente fiscal Manoel Quintans Irmão, por conta da profissão do pai que trabalhou em várias cidades, Sebastião Quintans saiu de sua cidade ainda muito pequeno. Chegou a João Pessoa em 1969, quando iniciou seu curso primário no Grupo Escolar Izabel Maria. Fez, com brilhantismo, o curso de Eletrotécnica, na Escola Técnica Federal da Paraíba.

Formado em Engenharia Elétrica e Administração de Empresas, o empresário Sebastião Quintans tem uma característica marcante em sua personalidade: em todas as

atividades que exerce, procura sempre dar o melhor de si. Uma prova disto é sua trajetória estudantil em que procurou ser um dos melhores alunos no decorrer de sua vida acadêmica. Tanto é que, no último ano do curso de Engenharia Elétrica, o seu currículo foi escolhido dentre os melhores das universidades brasileiras pelo *Multe Nacional Surubege* para submeter-se a exames a fim de trabalhar em perfuração de poços de petróleo em uma de suas filiais no exterior. Durante o curso de Engenharia Elétrica, foi contemplado com uma bolsa de estudos pela CNPQ, na área de desenvolvimento de energia nuclear.

Durante toda a sua vida escolar, praticou esportes na modalidade de atletismo, tornando-se campeão paraibano, representando a Paraíba várias vezes em jogos estudantis.

Casado há 38 anos com a psicóloga clínica Gladys Garcia Ximenes Quintans, que, além de ser sua companheira, é sócia na empresa Intermares Water Park. O casal tem três filhos: Ingrid, Alex e Michelle. Adora estar no convívio com a família, que é para ele fonte de energia e inspiração para enfrentar as lutas diárias.

Sebastião Quintans trabalhou até 1990 na Saelpa, onde entrou, através de concurso, em meados de 1984, na qualidade de engenheiro eletricista. Acreditando em sua potencialidade, pediu demissão para ingressar na vida empresarial. Inicialmente, criou uma empresa na área de engenharia elétrica, executando projetos, consultoria e manutenção de subestação. Nesse mesmo período, fundou com sua esposa e seu cunhado o Instituto Gente Atual, colégio de 1º grau, com uma metodologia de ensino moderno e arrojado.

O Intermares Water Park surgiu a partir de uma viagem de férias em 1989. O empresário conta que, ao chegar a casa foi para a prancheta e, estudando a planta da fazenda Bela Vista, na praia de Intermares, vendo que aquela área era promissora e cujas características turísticas eram ex-

celentes, compartilhou a ideia com Gladys. “Em 1993, foi elaborado o projeto e abastecemos-nos de coragem dada por Deus. Contando com ele, o Rei dos Reis todo poderoso, arregacei as mangas e fui à luta. Acreditei no que ninguém acreditava; mas, em Cristo, somos mais do que vencedores” - ressalta.

Hoje o Intermares Water Park é um equipamento turístico de grande importância e orgulho para o desenvolvimento da Paraíba. As suas perspectivas com relação ao Estado são as melhores possíveis, mesmo porque instalou na Paraíba um equipamento turístico só utilizado em regiões desenvolvidas.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 19

PATRONO
JOÃO LELIS DE LUNA FREIRE
(1909 – 1954)

ACADÊMICO
Jorge Costa de Luna Freire

João, o mais velho dos filhos de Lelis de Luna Freire e de Elvira Fernandes, nasceu na cidade de Alagoa Nova, na Parahyba, em 4 de abril de 1909 e faleceu em João Pessoa, em 24 de julho de 1954. Seus irmãos mais novos eram Amites, Paulo, Oneide, Cláudio, Cristovam, Humberto e Reny.

Estudou na Capital do Estado, fazendo o primário em dois tradicionais estabelecimentos de ensino: Curso Francisca Moura e Colégio Diocesano Pio X. Com a perda da mãe, em 1923, vitimada por uma febre tifoide, e, mal saído do seio e do colo, João, elevando a idade mínima de ingresso e com apenas quatorze anos e meio, apresenta-se como voluntário ao Exército. A vida dele, no que concerne à atividade ligada aos aspectos militares, merece atenção devido à sua movimentação. João Lelis de Luna Freire teve os seguintes registros em sua Carteira Militar:

- de 1º/11/1923 a 19/03/1926) – incorpora-se ao 22º BC (Batalhão de Caçadores – antecessor dos 15 RI e 15 BIMtz), em João Pessoa, tornando-se soldado logo cedo;
- em 7/03/1924, foi transferido e apresentado ao 2º RI, 6ª Cia. no Rio de Janeiro;

- em 13/03/1924, prestou compromisso à bandeira;
- em 11/07/24, foi promovido a cabo, após aprovação em exame e nessa data foi em expedição com o Regimento para o Estado de São Paulo, de 29/07/1924 a 02/08/1924, sendo promovido a cabo de esquadra;
- em 25/08/1924, foi matriculado no pelotão de candidatos a sargento;
- em 25/09/1924, foi louvado pelo seu comandante de Regimento pelo espírito de resignação e constância de que mostrou na última provação a que foi submetido e também pelo seu espírito disciplinado, completa correção e inteiro conhecimento de seus deveres;
- em 18/10/1924, foi louvado pelo Gen. Comandante da 1ª RM, Alfredo Ribeiro da Costa, pelo árduo trabalho que lhe impõe o serviço, como obreiro incansável na manutenção da ordem, disciplinado e verdadeiro amigo dos oficiais nos dias de privações;
- em 21/10/1924, embarcou em trem especial com sua Companhia incorporada ao Batalhão com destino a Cascadura, Rio de Janeiro, acantonando no quartel do 1º Grupo de Artilharia de Montanha, em Campinho-RJ, retornando, em 23/11/1924, ao quartel às 22:30 h;
- em 05/11/1924, foi aprovado no concurso que prestou para 3º sargento e, em 03/12/1924, foi promovido àquele posto;
- em 11/11/1924, foi transferido para o 11º BC pelo comandante da Região, conforme Boletim da 1ª Brigada de Infantaria dessa data, ficando adido até seguir destino;
- em 15/11/1924, foi desligado de adido por ter de seguir e reunir-se à Unidade. Nessa data, fez parte de um contingente, ficando pronto para embarcar na primeira oportunidade;

- em 19/02/1925, foi transferido deste 11º BC para a Circunscrição de Mato Grosso, conforme Boletim da 2ª Brigada de Infantaria de 20/12/1924, tendo embarcado a 22/11/1924;
- em 15/04/1925, foi incluído no estado efetivo do Batalhão como agregado no da 1ª Companhia, vindo com transferência do 11º BC, tomando o nº 309;
- em 20/05/1925, seguiu com sua Companhia para Entre Rios, regressando em 07/06/1925;
- em 21/06/1925, baixou ao Hospital;
- em 20/07/1925, foi designado para a Casa de Ordem do Batalhão;
- em 25/09/1925, foi julgado apto na inspeção de saúde a que foi submetido no QG da Circunscrição para todo o serviço do Exército, por haver requerido matrícula no curso de comandante de Pelotão, anexo à Escola de Sargentos de Infantaria. O seu requerimento dirigido ao Ministro da Guerra, no qual pediu matrícula no curso de Comandante de Pelotão, anexo à Escola de Sargentos de Infantaria, foi indeferido em 16/12/1925. Na mesma data, foi indeferido um outro seu requerimento em que pedia ao Chefe do DG transferência para o 10º Regimento de Infantaria, com sede em Juiz de Fora—MG;
- em 23/12/1925, seguiu com sua Companhia para Ponta Porã para ali ficar destacado, onde chegou em 25/12/19 e apresentou-se ao 11º Regimento de Infantaria ali ficando acantonado;
- em 19/01/1926, passou a exercer as funções de furriel e, em 06/02/1926, passou ao efetivo da Companhia como sargento furriel;
- em 05/03/1926, foi dispensado das funções de furriel da Companhia;

- em 12/03/1926, foi publicado, em Boletim diário do Batalhão, ter sido deferido o seu requerimento em que pedia licenciamento do serviço ativo do Exército;
- em 19/03/1926, ao ser excluído, o Comandante da Companhia, agradecendo o seu esforço posto em prática a fim de suprir a inexperiência nas funções de furriel da Companhia, a ponto de passar vigília, augurou-lhe triunfo na profissão que abraçara na vida civil e recomendou a verdadeira vontade de vencer na luta pela vida diante da qual não há dificuldades que não sejam subjugadas;
- acantonamento em Ponta Porã—MT, 19/03/07/1926;
- de 11/07/1924 a 1º/08/1924 – Serviços de Guerra prestados no Estado de São de São Paulo, por ocasião do movimento sedicioso no cerco da Capital e no Acantonamento no Território de Ponta Porã—MT, no 18º BC – 1ª Cia., no período de 20/05/1925 a 7/06/1925;
- em 30/04/1938, consta de sua Carteira Militar a alteração do seu nome para João Lelis de Luna Freire.

De volta, já na então cidade da Parahyba, João retoma os estudos preparatórios no tradicional órgão de ensino Lyceu Parahybano, fundado em João Pessoa no ano de 1835 e prepara-se para ingresso em curso superior. Logo se descobre culturalmente como jornalista e escritor, tornando-se, em 1926, redator de A União e Imprensa Oficial. A publicação da crônica intitulada “Há qualquer cousa” n’O Diário do Povo (de 5/07/1929), à qual se seguiram outros artigos em jornais, e a intensidade do movimento político que começou a elevar-se, levou João Lelis à direção daquele jornal, em companhia dos advogados João da Mata Correia Lima, Júlio Rique Filho e dos jornalistas Ernane Batista e Sandoval Wanderley, como companheiros.

Na efervescência do movimento da Aliança Liberal que uniu o Rio Grande do Sul, Minas Gerais e a Parahyba, João Lelis aderiu ao movimento renovador e chefiou diversas caravanas políticas pelo interior da Parahyba, atuando ativamente naquele movimento político de renovação na divulgação daquela bandeira.

Com a ruptura da estrutura federativa com a independência política do município de Princesa, capitaneada pelo chefe político José Pereira de Lima, João Lelis apresentou-se, voluntariamente, para a missão de correspondente e enviado especial de A União e Imprensa Oficial, a fim de fazer a cobertura jornalística dos fatos que aconteciam na região durante o movimento rebelde.

João Lelis confessa que a sua espontaneidade na idealização da missão ocorreu na forma do artigo "Reportagem de Campanha" e que ela não teve a autorização e ocorreu sem o seu conhecimento e em desacordo com a vontade do Presidente João Pessoa, que determinou o seu pronto retorno à Capital. Todavia, o presidente foi ainda desobedecido com a resposta de João Lelis de que só se retiraria de lá quando o último soldado paraibano deixasse a região conflituosa.

O diálogo havido entre o presidente e o diretor de A União e Imprensa Oficial está relatado no seu livro "A Campanha de Princesa", publicado em 1944, e cujo prefácio é da lavra do Desembargador Osias Gomes, então dirigente daquele órgão, e que se transformou em um dos mais consistentes e detalhados relatos sobre os eventos daquele embate político-policial.

João Lelis segue para a região conflitada, onde permanece de 2/03/1930 a 27/09/19/30, comissionado como 2º tenente da Força Pública e exercendo as funções de redator do jornal oficial do Estado, A União. Tal missão o fez merecedor reconhecimento de haver sido o "1º correspondente de guerra" paraibano e o único representante da imprensa a

atuar naquele conflito. Seguiu munido de duas câmeras fotográficas, modelo Kodak / caixa, de sua propriedade. Tratava-se de modelo de máquina no formato de uma pequena caixa, que dispunha de duas posições de enquadramento — vertical e horizontal, de dois pontos focais — *close up* e panorâmica, e de duas velocidades de obturador — instantâneo e pose, usando filmes para doze fotos do tipo 120 ou 127; para esse tipo de máquina e, face à baixa sensibilidade do filme de 50 ou 100 ASA, na época inexistia o filme colorido, e o autor apenas podia usar a luz natural no seu trabalho, pois ela não dispunha de *flash* acoplável nem havia outro tipo de fonte luminosa.

Então, João Lelis foi para sua missão em transporte intermediado pelo diretor do jornal, sendo adido como 2º tenente aos elementos ligados ao Grupo do então Tenente Costa, da Força Pública do Estado em Piancó, e munido de um aparelho simples de transmissão radiotelegráfica — código Morse, obrigando-se a enviar despachos radiotelegráficos dos acontecimentos à redação daquele noticioso na Capital Parahybana e bem assim como suprimento de munição para o seu mosquetão F. O. 1908 e de parques apetrechos pessoais. Para enviar suas mensagens telegráficas, utilizava-se de um aparelho radiotelegráfico da Força Pública para alcançar a estação existente junto ao palácio do governo; na falta de energia elétrica, o que era comum naquele evento, chegou ter como única fonte de energia o gerador movido por uma correia feita de tecido.

Com o término da campanha, João Lelis, com o corpo ferido devido à inospitalidade do ambiente, à insuficiente e inadequada alimentação e à inexistência de frutas e verduras, além do incessante ataque das pulgas, dirigiu-se, em fins de agosto de 1930, para a cidade de Patos. Ali foi abrigado pela família Fernandes, seus parentes maternos, onde recuperou a saúde até retornar à Capital paraibana.

Cumprida a missão de A União, João Lelis, retorna à Capital, agora já designada João Pessoa, e encontra bem agitado o aquecido caldeirão político, fato que o leva a integrar ativamente nos movimentos revolucionários. Assim, em 3 de outubro de 1930, apresenta-se voluntariamente e é promovido a oficial do 29º BC (Batalhão de Caçadores), seguindo numa Coluna que se deslocou até ao sertão baiano.

Pelo Decreto 56, de 14/02/1931, do Interventor Aluizio de Andrade Moura, (29/01/1931 a 31/07/1931), foi designado Prefeito do município de Santa Cruz, no Rio Grande do Norte, e novamente comissionado pelo referido Decreto 56, como 2º tenente do Regimento Policial Militar do Estado, e mantido na gestão do Interventor Herculino Cascardo (31/7/1931 a 11/6/1932). Em sua gestão, João Lelis construiu o Mercado Municipal da cidade e nela foi erigido um monumento em homenagem à Santa Rita de Cássia, fonte de romaria católica, e teve seu nome designado pela Prefeitura como uma rua da cidade: Rua João Lelis.

João Lellis ingressou bem jovem no magistério, iniciando a carreira em 1932 quando eleito professor catedrático de Economia Política e Finanças, da Escola Técnica Epitácio Pessoa, onde lecionou as cadeiras de Inglês e Seminário Econômico.

Com a eclosão da Revolução Paulista, em 1932 (09/07/1932 a 2/10/1932), deixa a Prefeitura de Santa Cruz e, mais uma vez voluntário, incorpora-se no posto de 2º tenente ao Batalhão Provisório da Polícia Militar da Paraíba, comandado pelo Ten. Cel. Odon Bezerra Cavalcanti que, integrado ao Contingente Norte subordinado ao 22º BC, segue a bordo do navio Campos Salles, em direção ao Rio de Janeiro, arranchando-se nas dependências da Vila Militar, em Realengo, para combater os rebeldes.

Ao retornar à Paraíba, no Governo de Gratuliano Brito, foi designado Prefeito de Taperoá, em 1933 (11/05/1933

a 11/07/1935). Em 15/10/1933, publicou, em página inteira de A União, a primeira reportagem fotográfica assinada no periodismo paraibano, intitulada “Taperoá vista por uma Kodac”. Em sua gestão, construiu o Cemitério da Consolação e realizou obras e melhorias no açude daquela cidade paraibana.

Foi designado Prefeito de Mamanguape–PB (07-10-1935 a 16-12-1935), no governo de Argemiro de Figueiredo. Chegou a editar a Consolidação da Leis da Municipalidade durante sua gestão, mas solicitou exoneração do cargo por razões político-pessoais.

A Academia de Comércio Epitácio Pessoa, da qual João Lelis era professor, foi o germe e berço da Faculdade de Ciências Econômicas que veio a integrar a Universidade da Paraíba, quando assinou, em 30/10/1947, como professor-fundador, a sua ata de fundação, juntamente com Clóvis Lima, Aníbal de Lima e Moura, Cláudio Santa Cruz Costa, Paulo Vidal Moreira da Silva, Waldemar Alencar Carvalho Luna, Joffre Borges de Albuquerque, Francisco Assis Vidal Filho, João dos Santos Coelho, Júlio Rique Filho, José da Silva Mousinho, Francisco Nogueira da Silva, José de Seixas Maia e o contador José Alves da Silva. Ela deu sequência à instalação da instituição de cursos superiores no Estado da Paraíba, iniciada em 1932, na gestão do interventor de Gratuliano Brito, com a criação da Escola de Agronomia do Nordeste, no município de Areia.

Em 1937, graduou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, turma que contou com um grupo dos ilustres paraibanos, como Abelardo Jurema, Epitácio Pessoa Cavalcanti (orador da turma), Fernando Pessoa, João Agripino Filho, João Arruda, João Úrsulo Ribeiro Coutinho, Luiz de Oliveira Lima e, dentre outros, Mauro Mota, Mário Gibson Barbosa e Miguel Arraes.

Em 10/01/1938, foi designado redator de A União e Imprensa Oficial e manteve a coluna Vida Radiofônica, sob

o pseudônimo Kind, abordando a programação musical da Radio Tabajara.

Como professor da Escola Técnica de Comércio Epi-tácio Pessoa, foi escolhido paraninfo da turma de 1938 dos formandos do Curso de Peritos Contadores, cuja Oração de Paraninfo foi publicada em 1939. Em 27/12/1938, essa Oração, com outras duas conferências, integrou o estudo denominado “Três Ensaios de Interpretação Histórico-Social”, versando sobre sociologia e história do Brasil e marcando a sua estreia como escritor, publicando-o em 1939.

Pela Portaria nº 4 (2/01/1939), do Interventor Federal Argemiro de Figueiredo, foi nomeado para Diretor do Gabinete da Secretaria de Viação e Obras Públicas (15/04/1939 a 19/04/1949). Durante esse período, proferiu, no Liceu Paraibano, aulas de Economia Política, preparando seus alunos para o ingresso nos cursos das escolas superiores.

No governo Ruy Carneiro (1940-1944) foi designado para diversos cargos da administração (16/08/1940 a 28/01/1942), tais como, Delegado de Investigações e Capturas, Ordem Política e Social; Chefe de Polícia; Diretor da Casa de Detenção; Diretor da Divisão Legal do Departamento das Municipalidades.

Em 1942, foi eleito Diretor da Academia de Comércio Epi-tácio Pessoa. Em 1944, publica “A Campanha de Princesa”, fruto de seu trabalho como enviado especial, em 1930, junto às tropas legais no município de Princesa, pelo que recebeu efusivos aplausos da crítica nacional. O livro, que trata de forma notável dos aspectos sociais, econômicos, históricos e políticos dos episódios referentes ao conflito sertanejo, foi festejado pela crítica nacional, devido à acuidade e ao apuro com que foi escrito. Ainda hoje, esse trabalho se constitui numa fonte preciosa de consultas, informações e estudo sobre aquele movimento havido na Paraíba. Este livro está na 3ª edição.

Localizamos uma nota, com data de 12 de junho de 1944, em que João Lelis afirma:

[...] que dispunha de dez clichês – que estavam prontos e que lhe pertenciam – de novo livro sobre a campanha de Princesa que não foram incluídos no livro ‘A Campanha de Princesa’, em que apreciava a ação do Batalhão Provisório e a Coluna do Capitão Irineu Rangel, assim como o serviço de saúde e outros aspectos da luta.

Esclarecia ainda que “os elementos para esse livro já estão coligidos e em preparo.”

Infelizmente não conseguimos identificar nem coligir elementos que pudessem ser tidos como destinados àquele fim, embora os negativos de várias fotografias tenham sido localizados e conservados.

Entre 22/03/1945 e 03/11/1945, foi diretor de A União e Imprensa Oficial da qual sempre foi colaborador desde 1926, ainda na juventude.

Em AGE, de 09/06/1945, da Academia Paraibana de Letras – APL, consta que, por votação unânime dos acadêmicos, João Lelis foi eleito para ocupar a Cadeira nº 25, cujo patrono é Peryllo d'Oliveira, genial autor de “Caminhos cheios de sol”, tendo sido indicado para saudá-lo o escritor Celso Mariz. Publicou então, *hors concours*, o estudo “Perilo d'Oliveira” sobre o patrono de sua cadeira, numa edição numerada de cem exemplares. Em 1951, foi eleito Secretário da Academia.

Em 1946, publicou “O Garimpo de São Vicente”, cujo subtítulo é “O nascimento de uma cidade”. Trata-se de valioso estudo sobre a mineração do ouro no Estado. A localidade onde havia a mineração deu origem à cidade de Itajubatiba, hoje um distrito do município de Catingueira.

Pertenceu a diversas instituições culturais do país e, desde 28 de julho de 1946, era sócio efetivo do Instituto

Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP no qual é patrono da Cadeira nº 21.

No ano de 1947, exonerou-se do cargo de membro do Conselho Administrativo do Estado – CAE, deixando essa função, para a qual havia sido designado no ano anterior pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, para assumir a Cadeira de Deputado Estadual, para a qual fora eleito pelo PSD, quando se instalou a Assembleia Constituinte.

Foi membro da Comissão dos 13, encarregada de elaborar o projeto da Constituição do Estado da Paraíba e, como jurista, foi o autor do projeto de Lei de Organização Judiciária do Estado da Paraíba para o que foi incumbido pelo Governo do Estado.

Durante o seu mandato (1946-1950), foi escolhido pelos seus correligionários para líder do seu Partido Social Democrático – PSD na Assembleia Constituinte e, posteriormente, na Assembleia Legislativa.

Em 06/06/1949, foi escolhido e eleito presidente da Comissão de Finanças, Orçamento e Tomada de Contas da Assembleia Legislativa. Em 10 de junho daquele ano, foi eleito presidente da Comissão Parlamentar Especial, designada pela Assembleia, para estudar um plano de aumento de vencimentos do funcionalismo civil e militar do Estado, destacando-se como líder de seus correligionários e um dos mais lúcidos e brilhantes oradores dentre os membros daquela legislatura.

Em 11/08/1949, foi fundada a Faculdade de Direito, tendo sido escolhido para reger a Cadeira de Ciências das Finanças do 2º ano.

Como Deputado Estadual, em 1949, publicou “Comentários à Proposta Orçamentária do Estado da Paraíba para 1949”, documento que havia sido apresentado por ele à Assembleia Legislativa, na sessão de 5 de novembro de 1948.

Essa publicação tem como prefácio a seguinte apresentação: “Estes 'Comentários' são publicados pela Comis-

são Executiva do Partido Social Democrático na Paraíba, como uma contribuição ao esclarecimento de seu eleitorado e do povo paraibano sobre a aplicação dos dinheiros públicos e em homenagem e reconhecimento ao seu digno representante e líder da bancada na Assembleia Legislativa do Estado, Deputado João Lelis”.

Em 31/01/1951, concluiu o seu mandato legislativo e, em 19/02/1951, por ato do Governo do Estado foi designado para presidir a Comissão de Estudo e Planejamento dos Serviços de Assistência Social, conforme DO de 20 do mesmo mês.

No início da década de 50, manteve assídua colaboração no jornal Correio da Paraíba, com a coluna intitulada “Na Ronda das Ruas”, abordando temas diversos, e, no jornal O Estado, escrevia a coluna “Crítica Literária”.

Em 16/09/1951, foi convidado por Mrs. Gertrude Lutz, Chefe da Missão *United Nations Children Emergency Fund* – UNICEF no Brasil, para representar na região Nordeste o Fundo Internacional de Socorro à Infância – FISI, das Nações Unidas.

Em fevereiro de 1952, foi designado pelo Governador membro da Comissão do Cinquentenário do escritor José Lins do Rego, nas homenagens que o Governo do Estado e o povo prestaram ao romancista conterrâneo.

Em 1952, transferiu-se para o Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, partido político que tinha dentre os seus principais próceres Getúlio Vargas e do qual foi seu líder no Estado da Paraíba, concorrendo nas eleições para o Senado Federal como suplente de Assis Chateaubriand.

Em 31/07/1952, foi nomeado para o cargo de Delegado do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes – IAPC na Paraíba, assumindo o exercício do cargo em 6 de agosto do mesmo ano. Em sua gestão, inaugurou o Conjunto Habitacional dos Comerciantes em João Pessoa,

por ocasião de visita do Vice-Presidente da República ao Estado.

Em 1953, publica “Maiores e Menores”, abrangente estudo sobre a literatura paraibana e que ainda hoje é fonte de consulta e estudado pela juventude e pelos literatos paraibanos. Este trabalho está em 3ª edição.

Em 14/05/1954, foi nomeado por concurso para Professor de História das Américas da Faculdade de Filosofia da Paraíba.

Em 24/07/1954, faleceu, inesperada e precocemente, vítima de evento cirúrgico, aos 45 anos.

João Lelis era oficial honorário da Polícia Militar da Paraíba.

Em 1954, logo após o seu falecimento, um educandário foi designado de Escola João Lelis, em construção na cidade de Livramento, na Paraíba. E, na mesma oportunidade, foi designada uma Rua Professor João Lelis, na cidade de João Pessoa; uma outra na cidade de Campina Grande e, posteriormente, uma terceira na cidade de Cabedelo. Em 04/10/2019, foi dado o nome de Professor João Lelis de Luna Freire a uma artéria na cidade de Mari.

OBRAS PUBLICADAS

Em 1939, são publicados “Três Ensaios de Interpretação Histórico-Social” onde aborda aspectos históricos e sociológicos do Brasil: o primeiro desses ensaio é a sua “Oração de Paraninfo”, pronunciada em 27 de dezembro de 1938, na colação de grau dos Peritos-Contadores da Escola Técnica de Comércio da Paraíba; uma outra, pronunciada em 13 de maio de 1938, no Ginásio Carneiro Leão, por ocasião do 50º aniversário da Abolição; e uma terceira, na Conferência realizada também naquele Ginásio, por ocasião do encerramento da “Semana da Pátria”, em 7 de setembro de 1938.

Em 1944, “A Campanha de Princesa”, obra de fôlego, cuja semente trouxe da missão como primeiro correspondente de guerra paraibano, aos 21 anos, quando se deslocou voluntariamente para a região deflagrada de Princesa/Tavares como correspondente-redator do jornal A União, contrariamente à vontade do então Presidente João Pessoa. Ali se deteve na frente de luta ao lado dos militares paraibanos contra as tropas de José Pereira e permaneceu enviando comunicados radiotelegráficos frequentes e constantes para o órgão oficial de imprensa. Essa obra, ilustrada com fotografias de sua autoria, já em 3ª edição, é ainda hoje fundamental para todos aqueles estudiosos do movimento político que desembocou na Revolução de 30 e é o melhor testemunho existente sobre aquele evento político na Paraíba.

Em 1945, “Peryllo d'Oliveira”, obra em que exalta as virtudes e qualidades de um mestre, insigne poeta paraibano, seu patrono na Academia Paraibana de Letras – APL. O livro foi editado, inicialmente, com tiragem limitada de cem exemplares e posteriormente reeditada.

Em 1946, “O Garimpo de São Vicente” com o subtítulo de “O Nascimento de uma Cidade”, hoje designada de Itajubatiba. O livro trata da mineração de ouro no nosso Estado e dos aspectos sociais e econômicos da região e de seus habitantes. Esta obra foi também reeditada.

Em 1948, “Comentários à Proposta Orçamentária para 1949”.

Escrito em 1948, o livro “Caderno de um Provinciano” continua está inédito. Nessa sua criação, o autor analisa aspectos dos trabalhos de escritores brasileiros e estrangeiros e suas percepções e sentimentos de seus trabalhos. Traz-nos também pensamentos e sentimentos seus.

Em 1952, também ainda inédito, escreveu a “Trajetória Econômica e Financeira da Paraíba”, esboço que trata, com percucientes detalhes, da evolução dos inúmeros aspectos financeiros e econômicos dos diversos governos da Paraíba,

a partir do Brasil Imperial, e desnuda a economia agropastoril e extrativa do nosso Estado, desde o século XIX.

Em 1953, “Maiores e Menores”, uma longa caminhada na literatura na Paraíba em que o autor aprecia detalhadamente o imenso trabalho intelectual na Paraíba, desde os seus primórdios, e dissecar as virtudes criativas de seus autores. Ele fere e lanceta feridas e vaidades de presunçosos e de falsos coros de anjos, enquanto exalta virtudes de humildes prenhes de grandeza e qualidade. Na obra, o autor propõe a reescritura da nossa história literária. O livro já alcançou a 3ª edição.

Infelizmente a pobreza, para que não dizer inexistência de dados, de arquivos ou de registros, no nosso Estado, deixou esta sua última obra na quietude da descontinuidade. A disponibilidade de informações que nascem no ano de 1840, quando o primeiro orçamento e a leitura dos pronunciamentos dos então Presidentes engatinhavam nas análises e apreciações, não fogem de simples anotações, palavras e apreciações soltas e meros registros contábeis, superflua-mente avalizados e muito pouco avaliados.

E, junto com eles, nos inescrutáveis e confidentes Diários de 1935, 1946, 1949, João Lelis registra e traz-nos as suas impressões de vida pessoal, dos personagens com os quais foi ator e dos eventos foi partícipe ou testemunha em sua trajetória política e na vida curta de tanta luta pela pequena Paraíba que tanto amou.

Destacou-se como uma grande e lúcida cabeça pensante da Paraíba, que revelou a grandeza de sua alma humana e da inteligência paraibana.

Deixou, em seus escritos e no repositório fotográfico que constitui a memorabilia do seu traço de administrador, advogado, cronista, escritor, historiador, jornalista, jurista, literato, orador, pai, político, professor, repórter, revolucionário, sociólogo, soldado, em que apenas a ordem das atividades é alfabética, porque todas elas foram

igualmente muito importantes para João Lelis de Luna Freire, quase homônimo de seu pai, e onde está gravada a marca de sua passagem apaixonada pelos diversos cargos que exerceu.

A profundidade e o alcance da sua obra e de seu pensamento foram externados em letras maiúsculas em seus escritos, que servem até os nossos dias como fonte de consulta, orientação e ensinamento, como cultores das letras e estudiosos de nossa terra.

Era casado com Maria de Lourdes Costa de Luna Freire, desde 1935. Maria de Lourdes faleceu em 14/07/2009, aos 98 anos e meio, lúcida, amante da política, independente, atuante e saudável até seus últimos dias.

Dessas nupcias, o casal teve os filhos:

- João Lelis Filho – advogado, promotor de justiça, falecido em 25/04/1963;
- Jorge Costa de Luna Freire, administrador e advogado;
- Ronaldo Costa de Luna Freire, economista, falecido em 30/12/1968;
- Roberto Costa de Luna Freire, advogado;
- Sérgio Costa de Luna Freire, médico, falecido em 26/04/1994;
- Fernanda de Luna Freire Ribeiro, professora, falecida em 08/09/2012;
- Alexandre Costa de Luna Freire, desembargador federal.



Jorge Costa de Luna Freire

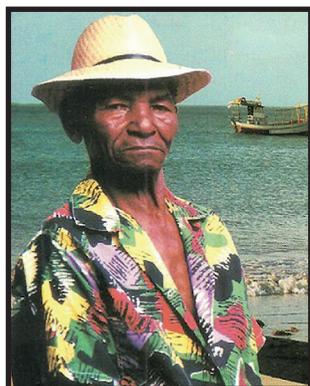
Cursos de nível superior: Administração, pela Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas Moraes Júnior, Rio de Janeiro (1968/1971); Direito, Universidade Gama Filho (UGF), Rio de Janeiro (1977/1980); Curso Superior de Guerra (CSG), pela Escola Superior de Guerra (ESG), Rio de Janeiro (1981).

Ciclos de estudos: I Ciclo de Estudos sobre Segurança e Desenvolvimento, Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra-ADESG, pela Delegacia no Rio de Janeiro (1976); Modelo Político Brasileiro—CE/III, pela Escola Superior de Guerra-ESG, Rio de Janeiro (1978); O Trabalhador e o Sindicalismo—CE/II, pela Escola Superior de Guerra-ESG, Rio de Janeiro (1979); A Ciência Ambiental e seus Reflexos na Segurança e Desenvolvimento Nacionais—CE/I, pela Escola Superior de Guerra-ESG, Rio de Janeiro (1980); Causas da Violência—CE/II, Escola Superior de Guerra-ESG, Rio de Janeiro (1980); Comunicação Social—CE/III, Escola Superior de Guerra-ESG, Rio de Janeiro (1980)

Viagens de estudos – ESG, 1981 – I. BRASIL: Brasília, Paulo Afonso, Natal, Recife, Fortaleza, Maceió, Salvador, Belo Horizonte, Ouro Branco, Goiânia, Rio Formoso, Campo Grande, Cuiabá, Foz do Iguaçu, São Paulo, Campi-

nas; II. EUROPA – II.1 – Inglaterra: Londres, Portsmouth, Southampton, Ilha de Wight, Bracknell, Ilford, Yeovil, Hatfield, Anstey; II.2 – Bélgica: Bruxelas, Liège, Antuérpia, Temse; II.3 – República Federal da Alemanha: Berlim Ocidental, Colônia, Bonn, Dusseldorf; II.4 -Itália: Roma, Vaticano; II.5 – França: Paris, Les Mureaux, Chinon.

Trabalhos – “Tendo em vista a atual estratégia brasileira de desenvolvimento, apreciar o problema de transporte de massa da Região Metropolitana do Grande Rio, sugerindo as linhas básicas de uma estratégia de transporte nessa área” – ADESG, Rio de Janeiro (*et alii*, 1976); “Modelo Político Brasileiro” – ESG – Rio de Janeiro (*et alii*, 1978); “Do Voto, do Processo e do Mandato” – ESG – Rio de Janeiro (1978); “O Trabalhador e o Sindicalismo” – ESG – Rio de Janeiro, *et alii*, 1979); “A Ciência Ambiental e seus reflexos na Segurança e Desenvolvimento Nacionais” – ESG – Rio de Janeiro (*et alii*, 1980); “Análise da Conjuntura-Expressão Militar do Poder Nacional” – ESG (1981); “A Problemática dos Transportes e o Suprimento de Combustíveis às Forças Armadas, em face da crise mundial de Petróleo” – Monografia – ESG (1981); “I Plano de Ação Governamental da Prefeitura Municipal de Visconde de Rio Branco (I PAGOM/VRB) – Gestão Prefeito Júlio Carone (1983-1987) – Visconde de Rio Branco—MG (1983); Consolidação das Normas da Administração – CNA da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra-ADESG – Rio de Janeiro (2001).



CADEIRA 20

PATRONO
JOSÉ BENEDITO DA SILVA FILHO
(MESTRE BENEDITO)
(1915 – 1999)

ACADÊMICA
Andrea Fernandes Nunes Padilha

INTRODUÇÃO

José Benedito da Silva, ou Mestre Benedito, como é popularmente conhecido, nasceu em 17 de maio de 1915 em Ferreiros, distrito de Itambé, no Estado de Pernambuco, e faleceu em 10 de junho de 1999, aos 84 anos, no município de Cabedelo, ao lado da sua esposa Domerina, com quem teve dez filhos, sendo que, destes, oito sobreviveram e dois morreram. Ele fundou o Grupo de Coco de Roda e Ciranda do Mestre Benedito, do Bairro do Monte Castelo.

A história de Mestre Benedito, que era afrodescendente, guarda uma correlação muito simbólica com as lutas e desafios enfrentados pelos afro-brasileiros no período que se seguiu à abolição na escravidão no Brasil, uma vez que sua trajetória é marcada pela escassez de emprego, que refletia uma realidade deste segmento da população, assim como o semianalfabetismo, que dificultou seu acesso e seus modos de transmissão de conteúdos culturais. Mas, se por um lado Mestre Benedito sofria na pele tais dificuldades de inserção econômica e social, por outro lado foi também um símbolo pessoal da capacidade de superação, resistência e resiliência que possibilitaram aos afrodescendentes sobreviver às hostilidades que sofreram naquele período: assim,

quem o visse entoando a tabuada cantada que inventou para companheiros de grupo e seus filhos, reunidos num engenho longínquo à luz de um candeeiro, talvez não enxergasse as precariedades que envolviam aquele ato obstinado de transmitir conhecimento. Veriam, por certo, o gesto lúdico e poético de um homem que emprestava melodia à aridez dos números e sequestrava brilhos improváveis para iluminar escuridões antes dadas como inexoráveis.

AS ORIGENS

Benedito passou parte de sua infância em Cruz do Espírito Santo, na Paraíba. Ali ficou conhecido como “Zé Pequeno”, em razão de um outro membro mais velho da família ter o mesmo nome que ele. Desde bem jovem, influenciado pelos pais, ele tinha contato com festividades em sítios e fazendas daquela região, onde gostava de dançar e cantar coco de roda e ciranda.

Nessa época, Benedito viria a conhecer Domerina, uma moça cinco anos mais jovem que ele, e que se tornaria depois sua esposa. Benedito e Domerina viriam a residir em João Pessoa, período em que ele trabalhou numa refinaria de açúcar, e ela trabalhou em casas de família, como doméstica. Casaram em cerimônia religiosa, em 1938, e residiram por um breve período em Bayeux–PB. Depois, o mestre retornou à cidade de Cruz do Espírito Santo, desta feita para se estabelecer ali com a esposa. Naquela época, o casal tinha bastante contato com festividades populares, como as festas animadas pelo ritmo do coco de roda. Entretanto, a esposa de Benedito, que era órfã, nutria um grande desejo de estreitar contato com familiares e assim mobilizou a família para ir morar em Santos–SP. O período naquela cidade foi breve e conturbado, dado que ficaram hospedados na casa do irmão de Domerina, que não dispunha de espaço

para acomodar a todos com conforto, e, além do mais, Benedito não conseguiu emprego na cidade.

Desse modo, a família, após três meses de residência em Santos, conseguiu uma passagem de barco para regressar à Paraíba.

A CHEGADA A CABEDELLO

Benedito e família, após obterem junto à Legião Brasileira de Assistência (LBA) uma passagem, partindo de Santos com destino a Cabedelo, passaram seis meses a bordo do navio Guaíba e desembarcaram finalmente na cidade de Cabedelo, no ano de 1952.

Ele contava então com 37 anos. Estabeleceu-se naquela cidade com a esposa e filhos, na rua do Hospital-Geral de Cabedelo, atual Rua Juarez Távora .

Domerina, sua esposa, recorrendo à ajuda do padre Alfredo Barbosa, pároco da igreja do Sagrado Coração de Jesus, no centro de Cabedelo, conseguiu uma colocação para o marido no porto da cidade. E foi assim que, a partir de sua experiência no trabalho portuário, ele passou a absorver a cultura dos marítimos que chegavam à cidade. Depois da estada em casa de parentes, Benedito e Domerina conseguiram adquirir, com ajuda financeira de um compadre do casal denominado Nivaldo, uma casinha feita de palha de coqueiro no bairro de Monte Castelo, onde se estabeleceram em caráter permanente e criaram os filhos.

Segundo Domerina revelou – em conversa com o agente cultural Tadeu Patrício, mestre do grupo de cultura popular Nau Catarineta de Cabedelo – naquela época em Cabedelo era “tudo areia e coqueiro”. Ainda, conforme a narrativa da esposa do mestre, quase tudo pertencia a um homem só: Coronel João José Viana, de origem portuguesa e conhecido popularmente por Joca Pai Velho.

VIDA PROFISSIONAL

Logo que a família chegou à cidade, passaram muitas necessidades, mas, finalmente, José Benedito arranhou um emprego na prensa de agave que ficava nos galpões do porto. O salário, contudo, era bem modesto. Por isso, Dona Domerina tomou uma iniciativa e, junto com alguns dos seus filhos, foi falar com um primo de José Benedito que trabalhava na administração do Porto de Cabedelo para que conseguisse um emprego melhor para seu esposo. Alguns dias depois, tal primo disse que tinha conseguido uma vaga no Sindicato dos Arrumadores. Mais tarde, Benedito trabalhou no Sindicato dos Conferentes e Consertadores de Carga e Descarga do Porto de Cabedelo por vários anos. Depois disso, o mestre trabalhou na Prefeitura de Cabedelo, na época em que o Prefeito era Francisco Figueiredo de Lima, conhecido como Chico Maru que exerceu tais funções por dois mandatos, de 1964 a 1968, e depois, de 1973 a 1982.

Mestre Benedito continuou a trabalhar como vigilante e cuidador de praças públicas nas administrações dos prefeitos seguintes até a sua aposentadoria.

O mestre faleceu quando já estava aposentado, e o Prefeito de Cabedelo era Edézio Resende Pereira Filho, cujo mandato na Prefeitura foi de 1997 a 2000. Nessa gestão, a Secretária Municipal da Educação, Cultura e Esporte era a professora Maria Ramos Araújo, e o Diretor Municipal de Cultura era o professor Tadeu Patrício que também assumia a direção da gestão do Teatro Santa Catarina em Cabedelo.

NOTAS SOBRE A FAMÍLIA DE MESTRE BENEDITO

Benedito e Domerina tiveram juntos muitos filhos. Quatro deles ainda residem em Cabedelo: Terezinha da Silva Carneiro, conhecida popularmente como Teca do Coco, assumiu o legado de liderança cultural herdado do

pai e hoje está à frente do Centro Cultural Mestre Benedito; Manoel Pereira da Silva e Severino Pereira da Silva são outros dois filhos de Benedito e Domerina, ambos deficientes visuais, são instrumentistas no mesmo grupo cultural, além da filha Maria do Carmo Pereira da Silva; Maria das Dores, Mariza Pereira, Maria das Neves, Maria de Fátima, Geraldo Pereira e Francisco de Assis são os outros filhos do casal.

O casal teve ainda 36 netos, 35 bisnetos e mais de uma dúzia de tataranetos.

Domerina Pereira, mulher de vitalidade invejável, inspirou aos 86 anos a filha Teca do Coco a compor versos, dentre cujas composições há uma música de coco de roda:

Minha mãe naquela idade
o coco ela quer dançar,
tem muita moça e rapaz
que tem vergonha de brincar.

A esposa do mestre Benedito viria a falecer no dia 1º de julho de 2013.

O Mestre José Benedito da Silva Filho faleceu no dia 10 de junho de 1999, com 84 anos de idade.

TRAJETÓRIA CULTURAL

Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea

Benedito já trazia, de suas origens e vivências, as ferramentas para ser um grande personagem da cultura popular de Cabedelo. O estímulo dos pais, a infância permeada de cantigas e cordéis, a juventude pontuada de festas e danças que intercalavam o trabalho rural e até mesmo sua experiência em regiões portuárias se mesclaram às novas vivências, ao potencial cultural que a cidade detinha e deram ao mestre as ferramentas necessárias para começar a construir a singularidade do ritmo e do batuque do coco de roda e ciranda de Cabedelo.

Foi no Porto de Cabedelo que José Benedito conheceu Luiz Tamborete, puxador de coco e compositor; João Mental, brincante de Coco; e José Santana. Tais personagens eram mestres do coco de roda de Cabedelo, que o convidaram para dançar no “Coco de Roda do Monte Castelo”. Assim, ele foi se envolvendo com outras manifestações folclóricas da região, como a “Nau Catarineta de Cabedelo”, também conhecida como a “Barca de Cabedelo”. No final da década de oitenta, mestre Benedito tornou-se um dos organizadores dessa manifestação folclórica de Cabedelo.

O coco de roda é uma dança popular nordestina que, para alguns, tem origem africana, para outros teve origem no Quilombo de Palmares, em Alagoas. O fato é que essa manifestação envolve, além da dança, também o canto, cujos refrões respondem aos versos do tirador de coco ou coqueiro, quadras, emboladas, sextilhas ou decimais. Em Cabedelo, o coco de roda evoluiu, absorvendo culturas de diferentes etnias, uma vez que a cidade tinha em suas origens forte predominância indígena, e recebeu, após ganhar estrada de ferro conectando-a a outros lugares, muitos negros que vieram ali tentar trabalho na época que se sucedeu à abolição da escravidão. A coreografia do coco de roda consiste numa roda de dançarinos que giram da direita para a esquerda enquanto, em coro, repetem a resposta do coco tirada pelo solista. Os brincantes da roda cadenciam, com uma pisada forte de ambos os pés, a sílaba tônica no final do verso e movimentam o corpo ora para a direita, ora para a esquerda. Um dançarino, ou uma dançarina, salta no meio da roda e convida alguém do sexo oposto para dançar, trocando umbigadas com essa pessoa.

Benedito também conheceu nessa época o bailado de origem portuguesa, também conhecido como folguedo popular, que chegou ao Brasil, no século XVIII e se desenvolveu espontaneamente com características bem definidas de um bailado dramático. A dança narra episódios marítimos vividos pelos lusitanos. Mestre Benedito, por sua vez, parti-

cipando como brincante e oficial do bailado náutico, interpretou vários personagens, por exemplo, Guarda-Marinha, Comandante da Fortaleza do Dio e Dom João VI. Posteriormente, seu filho Geraldo Pereira da Silva assumiu tais funções junto ao folguedo.

Quando passou a residir no Bairro do Monte Castelo, um bairro com notória efervescência cultural, Benedito pôde conhecer e participar do grupo indígena Tupy Tamoios, que realizava certas danças e manifestações culturais, sem, contudo, se apresentar ainda sob a constituição de grupo de dança. Aos poucos, já sob a influência de Benedito e sua família, o grupo foi ganhando suas próprias características. As filhas de Benedito também passaram a frequentar assiduamente o grupo, ganhando o apelido na cidade de “as índias de Monte Castelo”. As danças antigas eram bastante rudimentares, cadenciadas apenas pelas palmas e movimentos dos pés. Posteriormente, aproveitando barricas de bacalhau que eram descartadas das atividades de importação típicas daquela região portuária, adornadas com couro de bode, animal de criação e abate, comuns também no Nordeste, nasceram protótipos do instrumento musical zabumba, que passaram a ser usados para demarcar as cantigas. Os zabumbas eram confeccionados de modo artesanal pelo próprio Benedito em sua residência, incluindo a parte do tratamento do couro a ser utilizado. As filhas de Benedito, estimuladas por ele, participavam das danças no grupo e tocavam instrumentos. Já Domerina, a esposa, se encarregava da confecção das roupas para as apresentações.

O grupo cresceu, profissionalizou-se e adotou uma indumentária própria para as apresentações, bem como a utilização de três zabumbas e dois ganzás. Mestre Benedito assumiu, posteriormente, a presidência dessa agremiação por muitos anos, quando passou a ser chamado de “Grupo Carnavalesco Índios Tamoios” e desfilava anualmente no Carnaval, o que aconteceu durante várias décadas. Bene-

dito, todos os anos, saía às ruas de Cabedelo, às vezes com uma equipe, outras vezes sozinho, com uma cadernetinha, pedindo ajuda financeira, uma colaboração voluntária para que “seu” grupo de cultura popular pudesse brincar naquele ano. Seu objetivo era garantir que o grupo pudesse sair às ruas principais de Cabedelo com dignidade, sempre apresentando novos figurinos e estandartes, além de novos componentes, entre crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, tanto mulheres como homens.

Em 1962, o mestre José Benedito da Silva participou do filme, “Romeiros da Guia”, produzido pela Embrafilme, na categoria curta-metragem sonoro, dirigido por João Ramiro Mello e Vladimir de Carvalho. Nesse documentário, é possível ver Benedito sempre alegre, dançando o coco no centro da roda, e Domerina cuidando dos filhos.

Em 1985, o mestre José Benedito da Silva participou do documentário “Nau Catarineta de Cabedelo”, dirigido pelo cineasta Manfredo Caldas (*in memoriam*), produzido pela Embrafilme, UFPB e Projeto Cabedelo. Nesse documentário, de 42 minutos de duração, Benedito aparece com seus companheiros brincantes da Nau, fazendo um relato sobre o seu personagem na encenação, que era o capitão do Forte, Rodolfo de Mascarenhas.

Em 1976, o mestre Benedito decidiu fundar o “Grupo Folclórico Coco de Roda do Mestre Benedito”, com a participação de seus familiares e comunidade do Monte Castelo, cujo grupo cultural continua em plena atividade até hoje com a participação de suas filhas, filhos, netos, bisnetos, sobrinhos, afilhados e vizinhos daquela comunidade cabedelense. A primeira indumentária do referido foi conseguida por meio do apoio da arte-educadora, Marieta Campos Rezende, que ministrava aula de artes (Educação Artística) na Escola Estadual José Guedes Cavalcanti do 1º e 2º graus. Nessa época, Marieta Rezende também era Secretária-Geral da Associação Artística Cultural de Cabedelo – AACC e Diretora da Biblioteca Municipal Jornalista e Poeta Aderbal

Piragibe, na gestão do interventor municipal Dr. Sebastião Plácido de Almeida, que perdurou de 1980 a 1982.

Em 2007, foram gravados o CD “Coco de Roda e Ciranda do Mestre Benedito” e o DVD “Coco de Roda e Ciranda do Mestre Benedito”, ambos por intermédio do arte-educador Tadeu Patrício.

No ano de 2018, foi criado o Centro Cultural Mestre Benedito. A Prefeitura Municipal de Cabedelo, por intermédio da Secretaria de Cultura, entregou o prédio à população cabedelense, homenageando o mestre cultural José Benedito da Silva Filho. O local funciona em um prédio de dois andares, com endereço no nº 55, da Rua Cleto Campelo, e conta com galeria para exposições, salas de dança, música, teatro e multiuso.

CONCLUSÃO

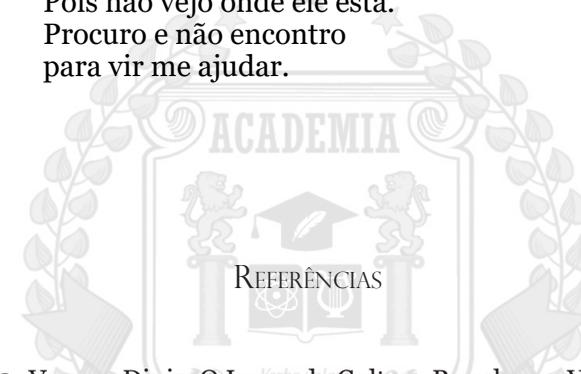
O resgate das origens, do desenvolvimento profissional e o desabrochar da vida cultural de José Benedito nos permitem ver a transformação de Zé Pequeno de Cruz do Espírito Santo em Mestre Benedito do Coco de Cabedelo. Permitem compreender como se forjou a liderança desse personagem à frente das manifestações populares da região. Sua história na cultura de Cabedelo fica marcada a partir de sua espontaneidade e seu forte espírito comunitário. O trabalho cultural que ele desenvolveu na cidade de Cabedelo ficou conhecido e reconhecido nacionalmente como patrimônio imaterial do Brasil, fomentando novos talentos artísticos da região e fazendo seu legado se perpetuar e ser objeto de estudos mesmo décadas após sua morte.

Contudo, é curioso perceber que, apesar de estarem à frente da organização do coco de roda em Cabedelo e de outros grupos de dança, e terem tido indiscutível importância no desenvolvimento da cultura naquela cidade, Benedito e Domerina não se consideravam como os líderes culturais que eram. Pessoas simples, não tinham a percepção do

quanto haviam sido, com sua dedicação e espírito de liderança, agentes transformadores daquela realidade. A eles importava cantar, dançar, realizar as apresentações e garantir a continuidade das tradições culturais, com espontaneidade, disciplina e alegria.

A falta que ele faz nos folguedos a que deu vida se reflete na estrofe retirada do “Coco de Roda e Ciranda do Mestre Benedito”:

Cadê o mestre Benedito,
Pois não vejo onde ele está.
Procuo e não encontro
para vir me ajudar.



TARGINO, Vanusa Diniz. O Lugar da Cultura Popular na Vida do Mestre Benedito do Coco de Cabedelo (a autora é mestranda no Programa de Pós-Graduação de História da UFPB, João Pessoa, 2017).

_____. Memória e Tradição ao som do zabumba e do ganzá: a família Benedito e a relação com a cultura popular de Cabedelo-PB – 1952-2013. (Idem, *ibidem*, 2018).

PATRÍCIO, Mestre Tadeu. Biografia do Mestre Benedito por Mestre Tadeu Patrício (Artigo escrito em 14.04.2010, Cabedelo, para uma aula expositiva do autor sobre a memória do biografado, parte integrante do Projeto Cultural “Coco de Roda Mestre Benedito”, com participação da mestra Teca do Coco).

Vídeo postado na plataforma “Youtube” em 19.12.2020 pelo canal do grupo Saberes em Roda, CTA/UFPB, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ZkDtCP_DFXA (Aula clom a mestra Dona Teca e sua filha Mônica do Coco de Roda e Ciranda do Mestre Benedito)



**Andrea Fernandes Nunes
Padilha**

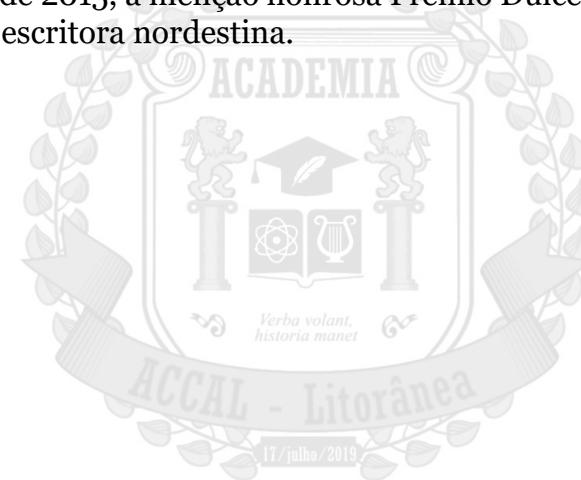
Andrea Fernandes Nunes Padilha nasceu em 24 de novembro de 1971 na cidade de João Pessoa, sendo filha de Jader Nunes de Oliveira e Maria das Mercês Fernandes Martins Nunes. É casada com Décio José Padilha da Cruz e é mãe de Eduarda Fernandes Nunes Padilha e Isadora Fernandes Nunes Padilha Cruz. Andrea é membro da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba, ocupando a Cadeira de nº 25, desde 29 de novembro de 2004. Graduação: Direito, 1993, pela Universidade Federal da Paraíba. Oradora da turma de Direito, foi a primeira oradora mulher da história daquela faculdade a ocupar o púlpito com esse mister. É Promotora de Justiça, em Pernambuco, desde 1995. É pós-graduação em Gestão Governamental, 2003, pela Universidade Federal de Pernambuco.

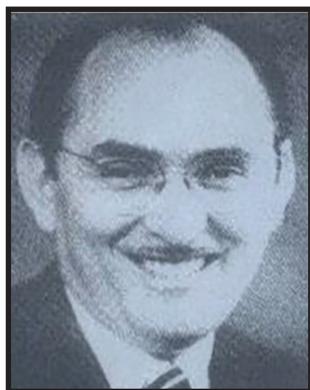
Obras publicadas: O Diamante Cor de Rosa (Gráfica Santa Marta, 1988), obra ganhadora do Troféu Parahyba de Imprensa (1991). A adaptação da obra para o teatro arrebatou o troféu Baile dos Artistas, melhor adaptação de obra literária ao teatro, em 1990; Papel Crepom (Editora Ideia, 1992) gênero romance; O Código Numerati – Conspiração em Rede (All Print Editora, 2010), gênero: romance; A Corte Infiltrada (1ª edição: Editora Carpe Diem, 2014, e 2ª edição: Buzz Editora, 2017), gênero: romance policial, um dos

livros vencedores do prêmio Bunkyo de Literatura de 2019; Jogo de Cena (CEPE Editora, 2019). Gênero: romance policial, vencedor do prêmio ABERST de Literatura como melhor romance policial publicado no Brasil, em 2019.

Principais participações em antologias e coleções: Realidade Alternativa – 24 Contos além da Imaginação (participação com o conto “Querido Obituário” (Editora abril, 2018); Olhar para Paris (participação com o conto “Serei sempre Paris” (Editora Nós, 2016); Escrever Berlim (participação com o conto “Cartas de Brígida” (Editora Nós, 2017)

Recebeu da Academia Pernambucana de Letras, em janeiro de 2015, a menção honrosa Prêmio Dulce Chacon – melhor escritora nordestina.





CADEIRA 21

PATRONO
JOSÉ DE LIMA SIQUEIRA
(1907 – 1985)

ACADÊMICA
Ana Isabel de Souza Leão
Andrade

MAESTRO JOSÉ SIQUEIRA – O MÚSICO VISIONÁRIO

José de Lima Siqueira foi músico, compositor, regente, maestro, empreendedor, professor universitário, ilustre personagem paraibano, reconhecido em nível internacional, de grande importância como educador pelo papel de liderança que exerceu no meio musical de sua época e pela sua participação na criação de várias entidades de classe culturais, tornando-se um dos grandes vultos da música brasileira no século XX.

O DESPERTAR PARA A VIDA: ASCENDÊNCIA FAMILIAR, INFÂNCIA, PRIMEIROS ESTUDOS, LIDERANÇA CULTURAL NO SERTÃO DA PARAÍBA

José (de Lima) Siqueira nasce em 24 de junho de 1907, na cidade de Conceição do Piancó, alto sertão da Paraíba. Era o quarto filho de João Baptista de Siqueira Cavalcanti e Maria Siqueira Lima, de um total de dez filhos. José Siqueira casou-se (1939), com a soprano Alice Ribeiro Siqueira, nascida no Rio de Janeiro em 22 de janeiro de 1917 e falecida em 1988. Alice, consagrada cantora soprano, iniciou os estudos de teoria musical e piano com seu futuro marido José Siqueira aos quatorze anos de idade. Na

música encontraram a fusão dos dois destinos. Na Europa, Alice frequentou o Conservatório de Musicologia de Paris e atuou em gravações, recitais com solistas de orquestras. Do casal, nasceu o filho Ivo Ribeiro Siqueira (falecido em 1997). A estilista Mirella San Martini Siqueira, única neta do casal José Siqueira, é filha de Ivo Siqueira com Linda San Martini.

O pai de José Siqueira era mestre de banda filarmônica, mas a profissão que dava o sustento à família era a de advogado provisionado. Como era músico, ensinou ao filho tocar diversos instrumentos como o saxofone, o barítono, o bombardino a tuba e o trompete, este último o instrumento com que mais se identificou. Tais instrumentos, cuja descoberta ocorreu em sua infância, representavam brinquedos encantados e maravilhosos. A família residia na cidade de Triunfo-PE, de onde a matriarca da família era natural, e transferiu-se para a cidade de Conceição do Piancó, na Paraíba, após o casamento das filhas, Adalcina e Armênia. A ascendência de músicos vem da família materna e da profissão de seu pai.

José Siqueira estudou o primário (1912-1915) na Escola Pública da cidade de Conceição do Piancó-PB, criada pela sua irmã mais velha Armênia, que foi sua professora e o alfabetizou. Era uma mulher muito religiosa e conseguiu, por meio de quermesses e feiras de caridade, recursos financeiros para edificação da Igreja Matriz da cidade, como também a aquisição do primeiro instrumento musical, um harmônio, para a referida igreja. Armênia e seu pai João Batista fomentavam a cultura na pequena cidade. Armênia ensinava, escrevia e compunha peças e autos para serem encenados nos Congressos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música – ANPPOM, e João Batista comandava a Banda Cordão Encarnado, enquanto recolhiam melodias da cultura popular. José Siqueira, o futuro compositor, tinha ao seu redor exemplos de liderança

e de valorização da tradição. Desde cedo, já vivia numa atmosfera musical: além de seu pai, o ambiente do sertão já o encaminhava para a música.

Por Conceição do Piancó, passaram os maiores cangaceiros da época, e João Batista compreendia que esse cenário humano não era propício para a educação dos filhos uma vez que os meninos da cidade sofriam muitas influências do cangaço.

Aos onze anos de idade, seguindo uma tradição católica de que famílias numerosas tinham que dedicar um ou dois membros da família a serviço de Deus, seu pai envia José Siqueira, juntamente com seu irmão Hermenegildo, para o seminário na cidade de Triunfo–PE. Antes de sua partida, para seguir a vocação sacerdotal, fez uma comvente despedida com um gesto de amor e saudade, abraçando cada um dos seus instrumentos musicais: o trompete, o bombardino, a tuba e o saxofone, demonstrando o quanto eles faziam parte de sua vida e prometendo a eles que jamais nada o separaria da música. A decisão de seu pai, embora inspirada de boas intenções, vinha ferir profundamente a vocação do menino Siqueira que não tinha vocação para ser padre, e sua personalidade não se adaptava à austeridade triste e rígida do seminário. Assim mesmo ainda permaneceu ali por dois anos, regressando com seu irmão para a cidade de Conceição onde inicia suas atividades ligadas à música.

FORMAÇÃO MUSICAL E LIDERANÇA

A sua iniciação musical aconteceu na Banda de Sopro do Cordão Encadernado, com seu pai que era regente e levou-o a seguir o aprendizado, comum às bandas de música: primeiro os rudimentos da teoria, depois a prática do instrumento que, geralmente, é escolhido pelo mestre da Banda e, só depois, o aprendiz vai para estante, quando então

é efetivamente inserido no grupo. Nessa banda, aprendeu a tocar vários instrumentos musicais, mas é no trompete que José Siqueira encontra a fixação de seu talento musical e a sua melhor expressão.

O falecimento de seu pai, acometido pela gripe espanhola em 1920, não foi fácil para José Siqueira que, ainda adolescente, passou a ser responsável por sua família no sertão nordestino da Paraíba, batalhando com a falta de oportunidades de trabalho.

Em 1921, José Siqueira, aos catorze de idade, já órfão de pai, lidera um pequeno grupo de Banda de Músicos e recebe convite para criar, dirigir e reger a Banda de Música da vila Bonita de Santa Fé, na Paraíba, adquirindo suas primeiras vitórias, aplausos e o apoio popular. Como mestre de banda, foi professor de todos os instrumentos musicais. De 1922 a 1924, integra as bandas de música da cidade de Cajazeiras–PB, porém ali se demorou por pouco tempo e segue para a cidade Patos de Espinhara–PB, onde integra a banda de música, que era regida por seu irmão João Batista Siqueira e que contava com seu irmão Gilberto, que era excelente clarinetista. Em 1923, muda-se para a cidade de Princesa, a convite do Coronel José Pereira – que era um líder político de grande prestígio na cidade – para assumir como maestro a Banda de Música daquela cidade, após três anos da elevação de Princesa à categoria de cidade, quando também assume o cargo de secretário do Coronel.

○ EXÉRCITO BRASILEIRO E OS IDEAIS SOCIALISTAS

Em 1925, José Siqueira entra para o Exército Brasileiro e serve como músico no 22º Batalhão de Caçadores (BC) na cidade de João Pessoa–PB, à época Parahyba do Norte, sendo admitido como primeiro trompetista da Banda de Música da instituição.

Em entrevista concedida à revista *O Cruzeiro*, 1925, Siqueira assim se expressa:

Tinha eu dezoito anos de idade e era músico... Antes que me sorteassem, resolvi me apresentar como voluntário, no quartel do 22º Batalhão de Caçadores, na Paraíba do Norte. Ia dar um jeito na vida. Ficaria como músico daquela entidade para poder prosseguir meus estudos. Mas tudo não passou de uma ilusão. Não me deixaram sossegar [...]¹.

Dois meses após seu alistamento, o 22º BC foi mobilizado para a repressão do movimento revolucionário e segue para o Estado do Maranhão. José Siqueira integra as tropas legais que perseguiram a Coluna Prestes, movimento liderado por Luís Carlos Prestes, “O Cavaleiro da Esperança”². Nessa época, José Siqueira deu guarda ao revolucionário Juarez Távora que foi preso na cidade de São Luiz-MA e recolhido ao quartel do 25º Batalhão de Caçadores, em Teresina-PI, ocorrendo, portanto, mais um fato histórico do seu tempo. Assim, Siqueira encontra no comunismo o que faltava aos heroicos cangaceiros: uma bandeira cívica. No interior de Pernambuco, quando o 22º BC estava no encalço da Coluna Prestes, nas margens do Rio São Francisco, o músico-soldado contrai impaludismo, mas, com a sua fortaleza de sertanejo, consegue vencer a doença.

Completando o seu tempo de serviço, deixa o Exército e, em seguida, vai para a cidade do Rio de Janeiro, à época capital da República Federativa do Brasil, com a esperança de alcançar êxito na profissão.

¹ MAGALHAES JUNIOR, (1945) *apud* VIEIRA, Josélia Ramalho.

² Prestes foi líder do Partido Comunista durante décadas e uma das mais influentes personalidades políticas brasileiras do século XX, e Siqueira encontra no comunismo o que faltava aos heróicos cangaceiros: uma bandeira cívica.

JOSÉ SIQUEIRA NO RIO DE JANEIRO E A EVOLUÇÃO MUSICAL

Em 1927, aos vinte anos de idade, José Siqueira, embarca no porto do Recife com destino à cidade do Rio de Janeiro, levando em sua bagagem o trompete, instrumento preferido e companheiro inseparável, um único terno e, em dinheiro, cinco mil e quatrocentos réis. No Rio de Janeiro pernoitou na Vila Militar. Em seu segundo dia na cidade do Rio, Siqueira participa de concurso em que é aprovado como 1º trompetista na Banda Sinfônica da Escola Militar, no subúrbio de Realengo, no Rio de Janeiro, próximo da Vila Militar. Esta foi para Siqueira uma escola de iniciação na música erudita que passou a apreciar e de que se tornou um bom ouvinte, o que o levou a diversas experiências e influências culturais em outros países. Ali, prossegue seus estudos de música que até então eram irregulares e autodidatas e encontra seu primeiro professor de Teoria Musical e Solfejo, o fagotista Francisco de Paula Gomes. Estuda com professor Paulo Silva um mestre em harmonia, com quem teria uma relação bem solidificada e, mais tarde, tornar-se-ia colega de trabalho do antigo mestre. Com bons professores e graças ao seu talento, passou a apreciar e ser bom ouvinte da música erudita. Residiu inicialmente nos subúrbios do Rio de Janeiro e depois se transferiu para a cidade.

Tempos depois, conseguiria levar sua mãe e seus irmãos para o Rio de Janeiro.

No ano de 1928, José Siqueira entra para o Instituto Nacional de Música, conclui o Curso de Teoria e Solfejo e diploma-se em Harmonia, em 1929. Em 1930, termina o curso de Contraponto e faz o curso secundário nos Colégios Piedade e Ottatti, no Rio de Janeiro, e, no mesmo ano, cria a Orquestra Euterpe dedicada à música popular. Em 1931, deixa a Banda de Música da Escola Militar.

Estudando no Instituto Nacional de Música com os músicos Francisco Braga, um dos maiores compositores

do Brasil, Paulo Silva e Walter Burle Max – curso com dois anos de duração –, forma-se em composição e regência em 1933. Era respeitado e admirado por seus mestres. Professor Francisco Braga, refere-se a José Siqueira, quando afirma: “De todos os meus discípulos, foi o que assimilou a melhor coisa que ensinei: sabe fazer o que deseja fazer”³.

Nesse mesmo ano, estreia como compositor com obras para conjunto de Câmara, no Hotel Palace, no Rio de Janeiro, marcando o início de sua carreira como compositor e regente.

Em 1934, substitui o Professor Arnon de Gouveia na cadeira de Harmonia Elementar, Análise de Contraponto e Noções de Instrumentação, do Instituto Nacional de Música. No mesmo ano, José Siqueira apresenta seu concerto de estreia, regendo a Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no Salão Leopoldo Miguez – Rio de Janeiro e lança o livro “Canto dado em XIV lições”.

Aprovado em concurso, no ano de 1935, para Docente Livre de Harmonia do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, conquista um dos seus objetivos que foi a vaga de livre docência. Três anos mais tarde, também é aprovado no concurso para professor catedrático de Harmonia no mesmo Instituto. Foi uma vitória esperada por todos, em virtude de ele ter sido um aluno exemplar da própria instituição. Após assumir o cargo tão desejado, teve o seu prestígio ampliado na metrópole carioca. Tornou-se professor catedrático da então Escola Nacional de Música. Sentia profunda satisfação nessa tarefa de semeador da arte, e a sua habilidade pedagógica fascinava seus alunos.

O maestro era considerado um dos melhores professores de Harmonia de todo Brasil. Com ele estudou, na Escola de Música, pianista como Jeannette Her-

zog e Heitor Alimonda. De origem modesta, Siqueira foi homem dotado da ambição de realizar trabalhos da maior importância para a classe musical.⁴

Aproveitou o prestígio que vinha conquistando, somou o prazer de ensinar à sua capacidade de liderança e dedicou boa parte de sua vida à função social, principalmente à valorização dos músicos e da música brasileira.

Paraibano de Conceição de Piancó, José de Lima Siqueira tinha um antigo sonho de formar uma Orquestra Sinfônica em prol da sociedade e não mediu esforços para conseguir meios para o aperfeiçoamento da música erudita nacional. Liderou durante dez anos o movimento para criação da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), o que se concretizou em 1940, em cuja direção permaneceu até 1948. A Orquestra Sinfônica Brasileira é sem dúvida uma referência da música erudita até os dias atuais.

Em 1943, paralelamente à sua dedicação à composição musical, forma-se em Direito para lutar em defesa dos músicos.

Em visita à Paraíba, no ano de 1945, apoia e incentiva a criação da Orquestra Sinfônica da Paraíba e ministra Curso de Apreciação Musical no extinto Conservatório de Música dirigido pelo professor Afonso Pereira.

Funda várias instituições em prol da classe musical brasileira, dentre as quais podemos destacar a Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro (1949-1950), a Ordem dos Músicos do Brasil criada pela Lei 3.857 de 22/12/1960, sancionada pelo então presidente da República Juscelino Kubitschek, tendo sido eleito como primeiro presidente. A instituição tinha como finalidade defender e beneficiar a classe artístico-musical. Deve ser dado destaque à atuação do maestro José Siqueira e à sua capacidade de organização da classe neste período.

³ RIBEIRO, 1963. (p. 89).

⁴ EDINO Krieger, apud Cavalcanti

Em 1961, cria a Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio do MEC e a Orquestra de Câmara do Brasil, sendo esta última a orquestra com a qual foram estreadas várias de suas obras dentre as quais o Concertino para Contrabaixo e Orquestra de Câmara, com o próprio compositor na regência.

A CONQUISTA DA CARREIRA INTERNACIONAL

O maestro José Siqueira iniciou a sua carreira internacional em 1946, quando foi convidado para reger nos Estados Unidos as orquestras Sinfônicas de Filadélfia, Rochester, Juilliard School e Detroit e também a Orquestra Sinfônica da Rádio de Montreal – Canadá. Desfrutando de grande prestígio no meio musical, colaborou para que o amigo maestro Eleazar de Carvalho pudesse realizar os estudos de aperfeiçoamento nos Estados Unidos, com o renomado regente e contrabaixista, Sergey Koussevitzky. No ano seguinte, por intermédio da Caixa Auxiliadora da Orquestra Sinfônica Brasileira, da qual era fundador e diretor, financiou os estudos do violoncelista Aldo Parisot, na Yale University.

Em 1953, o maestro viajou para Paris, onde estudou por dois anos o curso de musicologia da Universidade de Sorbonne e frequentou os Cursos de Aperfeiçoamento no Conservatório de Paris. Regeu a Orchestre Rádio Symphonique e várias outras orquestras na França, Bélgica, Holanda, Itália, Portugal, Canadá e, na antiga URSS, onde dirigiu a Orquestra Sinfônica de Moscou.

Em 1957, Siqueira foi membro do Júri de Composição, em Moscou, sob a presidência de Schostakovich, no Festival da Juventude e dos Estudantes para a Paz e a Amizade entre os povos do mundo inteiro e visitava pela primeira vez, como convidado especial, as cidades Bucareste e Sofia. A sua esposa, musicista, cantora e soprano, Alice Ribeiro sempre o acompanhava nas suas viagens e muitas vezes se apresentava nas orquestras regidas pelo maestro.

Em 1966, Siqueira é contratado pelo Instituto Villa-Lobos como professor de composição e, nesse mesmo ano, rege a Orquestra Sinfônica de Yena, República Democrática Alemã, e grava com a Orquestra Sinfônica de Leipzig o seu bailado O Carnaval do Recife e a Toada para Cordas.

OUTRAS ATIVIDADES, O REGIME MILITAR E SEU FALECIMENTO

Em 1961, rege a Orquestra e Coro do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, na primeira audição mundial da ópera “A Compadecida”, baseada no livro do escritor paraibano Ariano Suassuna. Essa ópera foi dedicada a Roberto Marinho.

A partir de 1961, como Presidente da Ordem de Músicos do Brasil, o maestro José Siqueira promove e preside vários Congressos Nacionais de Música como também Simpósios sobre Música.

Em 1962, oficializou, junto ao prefeito Miguel Arraes, a Orquestra Sinfônica do Recife, a mais antiga do país criada pelo músico e maestro brasileiro Vicente Fittipaldi, e elaborou o seu anteprojeto de lei. Nesse mesmo ano, promove e preside, como presidente da Ordem de Músicos do Brasil, o Primeiro Simpósio de Música realizado em Brasília-DF.

O regime militar de 1964 proíbe o maestro de reger, alegando que a orquestra sob seu comando chegou a executar o Hino da Internacional Socialista. Devido às suas ações políticas e às diversas visitas aos países comunistas, foi acusado de ser comunista. A privação da sua atividade artística e sua opção pelo comunismo o levou a vários países do leste europeu.

Em 1969, preparava-se para concorrer ao cargo de diretor da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando foi obrigado a aposentar-se pelo regime militar, sob a acusação de ser contrário ao Governo comandado por generais e, por imposição da ditadura militar, foi proibido de lecionar, gravar e reger no Brasil. Mas isso não foi motivo para intimidá-lo. Siqueira passou a ocupar-se

com suas composições e com a regência da Orquestra de Câmara do Brasil e outras orquestras, como convidado.

Deixou um legado com mais de quinhentas obras, entre as quais estão materiais didáticos e composições para diversas formações instrumentais.

Coube ao maestro paraibano José Siqueira colocar melodias em vários poemas do escritor e político paraibano e amigo José Américo de Almeida, entre os quais: *Infância* – para canto e piano; *Augusto dos Anjos*: poema para declamador e Orquestra de Câmara; *A Rede* – para canto e piano; *A Única Voz* – para canto e piano; *Estrela do Mar* – para canto e piano.

Na Academia Brasileira de Música, fundada em 1945 por Heitor Villa-Lobos, nos moldes da Academia Francesa, a Cadeira n.º 8 foi designada para José Siqueira como cofundador, depois que o efetivo da Academia se reduziu de cinquenta para quarenta Cadeiras. Em 1974, torna-se acadêmico da Academia Brasileira de Arte, na Cadeira n.º 26.

José Siqueira é considerado um dos grandes defensores da música erudita brasileira e tem nas suas composições materiais extraídos basicamente das raízes do nordeste brasileiro que refletem um nacionalismo resultante de pesquisa de material de diversas regiões e segmentos culturais brasileiros. Dentre elas, destacam-se, a série *Brasilianas* e as óperas *A Compadecida*, e *Gimba*.

Faleceu aos 78 anos, na cidade do Rio de Janeiro, em 22 de abril de 1985, deixando uma vastíssima obra composta de óperas, cantatas, concertos, oratórios, sinfonias e até a música de câmara, para instrumentos solo e para voz e mostrou a música para o mundo.

HOMENAGENS RECEBIDAS

O maestro José Siqueira, em reconhecimento à sua atuação, pelo papel de liderança que exerceu no meio musical de sua época e pela participação da criação de várias

entidades de classe e culturais, tornando-se uma das grandes figuras da música brasileira no século XX, recebeu em vida e em memória póstuma uma série de homenagens, em forma de títulos, diplomas, concertos musicais com suas composições e, por último, um filme sobre a sua vida.

Abaixo está relacionada apenas uma amostragem do que encontramos das homenagens prestadas ao maestro:

Título de cidadão Carioca, outorgado pelo Prefeito do Distrito Federal (1960); Diploma e medalha de bronze no Ano Jubileu da Rádio do MEC (1961); Medalha comemorativa da Marinha de Guerra do Brasil; Prêmio Almirante Tamandaré (1961); Diploma de Grande Benemérito da Federação das Escolas de Samba (1963); Homenagem no seu aniversário de sessenta anos de idade com diversos concertos realizados no Teatro Municipal do Rio de Janeiro (1967). Ao completar sessenta anos de idade, o maestro é homenageado pelos seus amigos músicos com diversos concertos no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Escola de Música da UFRJ e na Sala Cecília Meireles com as suas primeiras audições: *Saci Pererê*, *Suíte com Declamador*, *Primeiro Concerto para Piano e Orquestra*, *Três Estudos para Flauta e Piano*, *Três Estudos para Oboé e Piano*, *Três Estudos para Fagote e Piano*, todos de sua autoria, o que muito o emocionou. Foi uma homenagem merecida ao músico que mostrou à Paraíba, ao Brasil e ao mundo.

Recebeu ainda vários diplomas: Patrono da Sociedade Beneficente Campesina Friburguense – Friburgo–RJ (1968); Sócio Honorário do Sindicato Nacional de Músicos-Portugal (1973); Prêmio Estácio de Sá, concedido pelo Governador do Rio de Janeiro Chagas Freitas (1981).

HOMENAGENS PÓSTUMAS

“Mostra José Siqueira” – homenagem prestada pela Orquestra Sinfônica da Universidade Federal da Paraíba

(OSUFPB), em parceria com o Programa de Pós-graduação em Música, na sala de Concertos – em forma de exaltação – no resgate da memória e importância da obra deixada pelo músico paraibano (2018); Homenagem da Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba ao maestro e compositor paraibano José Siqueira na apresentação do 6º concerto 2019, com a regência de Luiz Carlos Durier e participação do solista Iberê Carvalho – Realização Espaço Cultural.

Em junho de 2021, foi realizado um Painel, em tempo remoto, sobre “Vida e Obra de José Siqueira: o legado do maestro paraibano”, que teve como ponto de partida a produção do documentário com o filme “Toada para José Siqueira”, dirigido pelos cineastas Rodrigo T. Marques e Eduardo Consonni. A proposta do projeto é de levar ao público discussões sobre diferentes linguagens artísticas, além de assuntos relacionados à produção cultural e à cena paraibana de José Siqueira.

PRINCIPAIS OBRAS DE JOSÉ SIQUEIRA

Seu catálogo de composições vai desde a ópera e até à sinfonia e à música de Câmara, para instrumentos solos e para voz.

“Senzala” – bailado; “Uma Festa na Roça” (1943) – bailado; – “O Carnaval no Recife”(1947) – bailado; “Xangô” – cantata negra; “Carnaval Carioca” – suíte; “Candomblé” – oratório; “Sábado” – oratório sobre o poema homônimo Vinícius de Moraes; “Toada” – para cordas; “Minueto à Antiga” – para piano; “Dança Frenética” – para piano; “Duas Canções Nortistas” – para canto e piano; “Três Cantorias de Cego” – para piano; “Concerto para Orquestra”; “Primeira Sinfonia”; “Segunda Sinfonia”; “Quinta Sinfonia” (indígena); “Leito de Folhas Verdes” – para orquestra sinfônica; “3º Concerto para Violino e Orquestra: paisagem sonora”; “A Compadecida” – ópera; Três Estudos para Trombone de Vara.

CONCLUSÃO

A presente biografia do maestro José de Lima Siqueira é apenas uma mostra diante do exemplo da luta de uma vocação extraordinária que não foi frustrada, graças a sua força de vontade, seu talento e sua capacidade de liderança, vencendo todos os obstáculos e asperezas da vida. É indispensável reunir toda documentação sobre a vida e obra deste nordestino de Conceição de Piancó que mostrou a Paraíba e o Brasil para o mundo através da sua música e da sua arte. É um capítulo da nossa história cultural que precisa ser resgatada na sua essência. Os sobrinhos-netos Josélia Ramalho Vieira, Rodrigo T. Marques estão resgatando a história do grande maestro através de documentário e filme do longa metragem “Toada para José Siqueira”. O seu arquivo pessoal está cheio de lacunas por falta de documentos que se extraviaram e foi doado para Universidade Federal do Rio de Janeiro pela neta Mirella San Martini.

Muito me orgulha assumir a Cadeira de nº 21 que tem como patrono o maestro paraibano José de Lima Siqueira.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Danilo Cardoso. Concertino para Contrabaixo e Orquestra de Câmara de José Siqueira: Um processo de edição, análise e redução para piano e contrabaixo. Dissertação (Mestrado em música) Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2011.

CAVALCANTE FILHO, José Moura. As múltiplas facetas de José Siqueira e suas orientações estéticas com base no seu primeiro concerto para piano e orquestra. Dissertação (Mestrado em Música) Universidade Federal do Rio do Janeiro, Brasil, 2004. Trabalho não publicado.

MAGALHÃES JUNIOR, R. Persegui Luiz Carlos Prestes. Revista O Cruzeiro, 28 de abril de 1945.p.75-76. Poemas Musicados. In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva, MEDEIROS, Neide Santos, ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. José Américo; uma fotobiografia. João Pessoa: Ideia, 2014. p. 267-272

RIBEIRO, Domingos de Azevedo. Nomes do Século – Maestro José Siqueira. João Pessoa: A União, 2000.

RIBEIRO, Joaquim. Maestro José Siqueira: o artista e o líder. Rio de Janeiro: [s.n.] 1963.

SIQUEIRA, José. Música para a Juventude. Rio de Janeiro: [s.n.], 1953.

VACCARI, Pedro Razzante. José Siqueira e o Coco de Embolada Erudito: por uma performance etnomusicológica contemporânea. Dissertação (Doutorado em Música) Instituto de Artes da Universidade Paulista. São Paulo, 2013.

VIEIRA, Josélia Ramalho. José Siqueira e a “Suíte Sertaneja para violoncelo e piano” sob a ótica tripartite. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2006.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



**Ana Isabel de Souza Leão
Andrade**

Ana Isabel é bacharela em Biblioteconomia, pela Universidade Federal de Pernambuco, com especialização em Organização de Arquivos, pela Universidade Federal da Paraíba. É especialista em Restauração de Documentos e Encadernação de Livros e possui cursos de aperfeiçoamento em Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Microfilmagem, Restauração e Informática.

Outros encargos e atividades: membro da União Brasileira de Escritores – Núcleo Paraíba (UBE-PB); da Acadêmica da Academia de Letras e Artes do Nordeste – ALANE-PB; pesquisadora, escritora, com aproximadamente 34 livros e 33 artigos publicados.

Recebeu Menção Honrosa por destaque na área cultural (preservação do patrimônio), pelo Conselho Estadual de Cultura da Paraíba (1999); Honra ao Mérito como Arquivista pela Polícia Militar da Paraíba (1996); placa de homenagem recebida pelos serviços prestados na Arquivologia, entregue pelos Congressistas do XII Congresso Brasileiro de Arquivologia, realizado em João Pessoa – PB (1998); Menção Honrosa da Universidade Federal da Paraíba, no dia do arquivista (20 de outubro de 2009), como Desbravadoras da Arquivística Paraibana; Comenda Augusto dos Anjos, da Câmara Municipal de Sapé-PB, em reconhecimento à rele-

vante contribuição em defesa da preservação da memória do poeta sapeense e da nossa cultura (Sapé-PB, 18 pela Assembleia Legislativa da Paraíba, em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados ao Estado da Paraíba (2010).

Assumiu vários cargos de direção em empresas públicas e privadas e foi diretora da Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Paraíba. É Ouvidora da Associação dos Arquivistas da Paraíba e foi Presidente do XII Congresso Brasileiros de Arquivos, realizado na Paraíba (1998).



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 22

PATRONO
JOSÉ GOMES FILHO
(JACKSON DO PANDEIRO)
(1919 – 1982)

ACADÊMICO
Antonio Soares da Fonseca Jr.

HISTÓRIA E VIDA

JOSÉ JACKSON GOMES DO PANDEIRO FILHO

A Natureza sempre tem as suas ironias ou as suas magníficas surpresas.

Quem diria que em um distrito nordestino pobre, minúsculo, em um quase arruado, numa casa de taipa, mais pobre do que a pobreza, nasceria uma criança negra, raquítica, desnutrida para se tornar uma das maiores expressões musicais de um gigante país que, geográfica e economicamente, lhe era hostil?

Em Alagoa Grande, no brejo paraibano, o fenômeno aconteceu. Na época, no ano de 1919, a cidade de hoje era um distrito com cerca de 1.500 a 2.000 habitantes, agricultores canavieiros. Dali viria ao mundo este menino, filho do fazedor de tijolos e/ou telhas, um oleiro, José Gomes (conhecido como Zé Preto) e de uma pernambucana chamada Flora Maria da Conceição (Flora Mourão) que tinha como hábito cantar cocos nas feiras da região para adquirir alguns trocados e driblar a penúria que rondava a sua casa. Saliente-se que Coko é um gênero musical

característico do Norte e Nordeste composto de músicas de letra simples, originado do canto dos tiradores de coco. Os principais instrumentos para a sua execução são zabumba, pandeiro e ganzá.

O casal ainda teve mais 03 (três) filhos com os nomes de João, Severino e Cícero.

José, como toda a criançada, adorava faroeste e ‘roubou’ do ator caubói americano Jack Perrin o seu primeiro nome e se autodenominou de Zé Jack, que usava ufanamente e que impôs no cérebro da molecada do distrito. Sempre acompanhou a mãe nas cantigas de cocos e herdou assim a vontade de cantar e de se exhibir. Encontrou um zabumba “não se sabe donde” e compôs a dupla com a mãe.

O destino, sempre inexorável, causou àquela criança uma grande perda: a morte do pai e assim, o garoto Zé Jack recebeu a malfadada incumbência de ser “o homem da casa” com apenas 11 anos de idade. Resolveu, em comum acordo com a mãe, que a solução única de sobrevivência seria partir para Campina Grande, cidade com 62 km de distância que levaria uma hora e meia de viagem de carro, porém, eles iriam a pé e o fizeram em quatro dias de caminhada, acompanhadas pelo sol causticante durante o dia e o frio irritante do brejo durante a noite.

Eram uma viúva esquelética e quatro crianças maltrapilhas que dormiam ao relento tendo o solo pedregoso como colchão e as estrelas como cobertor. A fome era a sua companheira inseparável durante a via-sacra de busca de uma vida mais afortunada. É desconfortante pensar que se não houvesse a morte do pai jamais teriam saído de Alagoa Grande e a musicalidade brasileira jamais conheceria aquele gênio.

Diz-se, pois, que quando uma porta é fechada Deus abre inúmeras janelas. E assim foi.

Chegando em Campina, foram acomodados por parentes e “o homem da casa” teve que trabalhar duro

para ajudar na criação dos irmãos mais novos. Começou como entregador de pães e foi até pandeirista de cabaré, passando pelas funções de engraxate, ajudante de pedreiro, pintor de paredes e varredor de ruas. Apareceu alguma oportunidade, Zé Jack já estava lá, porém, no fundo de sua alma inquieta o artista fazia um tremendo rebuliço, uma grande agitação. Formou com Zé Lacerda (irmão de Genival Lacerda) uma dupla chamada Café com Leite, alusão às cores de suas peles, e foram espalhando alegria com a sua arte nas feiras de rua e nas noitadas dos cabarés, até que chegaram às portas do famoso Cassino Eldorado de Josefa Tributino, sua madrinha artística. Tocava em pandeiros emprestados até que ganhou o seu instrumento da Confraria do Pandeiro Redondo. Um dia, o animador do Pastoral de Zé Pinheiro, chamado Caiçara, não pode exercer o seu mister e foi substituído pelo Zé Jack que o fez tão bem que ganhou o emprego definitivamente e recebeu o apelido de Palhaço Parafuso porque dançava acrescentando trejeitos engraçados, principalmente, umbigadas.

Ressalte-se também que, apesar de sua pequena estatura, ousou ser goleiro de futebol e conseguiu ser arqueiro de famoso Treze Futebol Clube.

Vem a Segunda Guerra Mundial e a população boêmia da cidade desaparece de suas farras e orgias de cabarés e é substituída por soldados advindos de todas as regiões do Nordeste. Sabe-se muito bem que quando se junta bebidas, cabarés, soldados em folga e farras vai sair, com certeza, uma famosa arruaça, um quebra-quebra que será lembrado por longo tempo pelos protagonistas desta referida novela.

Foi o que aconteceu com o pandeirista que se envolveu numa homérica briga com soldados à paisana e em farra e foi obrigado a fugir e sair da cidade. Nesta correria foi parar em João Pessoa, indo morar em um quartinho, no cabaré de Isabel Galega. Conheceu o baterista Boto e foi convidado por ele para ir até a Rádio Tabajara. Foi apresentado ao

compositor Rozil Cavalcanti e formou com ele uma dupla, renascendo assim uma nova Café com Leite. Foi um sucesso sem par. As apresentações eram certeza de sucesso estrondoso e isso chamou a atenção do Maestro Nozinho que era o chefe da Orquestra Tabajara que o convidou para cantar e dançar na referida orquestra.

A Rádio Jornal do Comercio do Recife foi fundada em 1948 e o maestro foi contratado por ela havendo levado alguns artistas da Orquestra Tabajara, incluindo o pandeirista Zé Jack e, então, foi fundado o grupo musical Jazz Paraguay. Em uma das apresentações, o diretor da emissora, Ernani Seve, achou que Zé Jack era um nome inadequado e pouco chamativo para um artista do quilate do pandeirista e anunciou Jackson do Pandeiro. Daí em diante, o nosso José Gomes Filho abandonou o seu nome inicial e familiar e nasceu para o mundo o famoso Jackson do Pandeiro.

O sucesso imenso e interminável o ascendeu aos patamares de muita glória, contudo, só conseguiu lançar o seu primeiro disco em 1953 com as músicas Forró em Limoeiro (Edgar Ferreira) e Sebastiana (Rozil Cavalcanti).

O triunfo foi tão grande no Rio de Janeiro, em plena época de carnaval, que a gravadora mandou chamar, em forma de convocação irrecusável, o cantor para a capital fluminense, porém, este quebrou a urgência pelo medo de viajar de avião e foi de navio, deixando mais ansiosos os gravadores.

Neste momento, ele já havia conhecido a cantora e dançadora de rumba Almira Castilho e já estava enrabichado por ela. A cantora, com sábia paciência, começou a alfabetizar o pandeirista porque assim facilitaria de forma rápida o trabalho dos dois que era dificultado pelo tempo levado para decorar as músicas. Ele era bom aluno e tirou dez nesta matéria e ganhou com isto um programa dominical na TV Tupi que alcançou vitórias compensadoras

a tal ponto de comprar um apartamento de cobertura no Bairro da Glória. Porém, a empáfia sempre foi um degrau falso na escada da fama e o apresentador Flávio Cavalcanti, que tinha um programa aos sábados chamado “Um instante, Maestro”, em que quebrava discos com músicas que não lhe agradavam, usou da maior antiética entre colegas de emissora e quebrou um disco de Jackson do Pandeiro, chamando a música de “cretina”. A música era um baião intitulado o Hotel de Zeferino que ainda não havia sido gravada. No dia seguinte, Jackson, para não levar sapos para casa disse que Flavio Cavalcanti era um enganador falando aos telespectadores sobre discos que ainda nem existiam e disse que cretino era ele e a sua mãe.

Foi um grande bafafá e prevaleceu a tendência preconceituosa: Jackson foi suspenso, foi rescendido o seu contrato e “Um instante, Maestro” composto de alguns intelectuóides, nem todos, continuou quebrando discos por anos a fora.

Foi para a Rádio Nacional onde lançou com êxito total “O Canto da Ema, Chicletes com Banana e Um a Um”.

Casou-se pela terceira vez com a baiana Neuza Flores dos Anjos que, pacientemente, sofreu com ele os revezes do ostracismo, porque a onda avassaladora do jazz vindo dos Estados Unidos e da Europa através dos Beatles e outras bandas e reforçada pela Jovem Guarda, colocaram a música quase no esquecimento total. Não havia interesse da mídia em tocá-la ou propagá-la. Com o movimento Tropicália, reacendeu, com lentidão este interesse e os movimentos Seis e Meia e Pixiguinha fizeram o soprar das cinzas. Gilberto Gil, Alceu Valença, Elba Ramalho, Geraldo Azevedo, Luiz Gonzaga, Caetano Veloso, Gal Costa, Silverio Pessoa, Zé Ramalho, Clara Nunes, Lenine, Zeca Pagodinho, Zizi Possi, Ney Matogrosso e outros, tentaram resgatar a musicalidade de Jackson, gravando as suas músicas.

A vida deste extraordinário brejeiro foi cheia de aventuras e sucessos, porém, uma diabetes implacável, através de uma embolia pulmonar, sofria a vida do pandeirista que morre em Brasília no dia 10 de julho de 1986.

CURIOSIDADES DE SUA VIDA

1. Inicia a carreira artística como zabumbeiro aos 9 anos;
2. Sua 1ª viagem: a pé para Campina Grande que durou 04 dias;
3. Não tinha pandeiro e pedia emprestado para poder trabalhar;
4. Com aquele tamanho (baixinho) foi goleiro do Treze F.C.
5. Depois que a mãe morreu, sempre andou com o seu vestido branco dentro da mala, como um amuleto;
6. Fez sucesso com a música Sebastiana em pleno bulício carnavalesco;
7. A bebida preferida era cachaça que chamava de aguarrás. Não gostava de whisky nem de cerveja que chamava de “bebida metida à besta”;
8. Casou-se pela 1ª vez na delegacia de polícia, levado pela mãe da moça, uma prostituta de nome Biu Soares. A jovem tinha o nome de Maria da Penha Filgueiras. O casamento durou pouco por incompatibilidade entre sogra e nora.
9. Casou-se com 19 anos de idade.
10. Casou-se pela 2ª vez com Almira Castilho, aos 35 anos. Casou-se em 1954 e durou até 1967. Separou-se por infidelidade dele com uma afilhada dela.
11. Casou-se pela 3ª vez com a baiana Neuza Flores dos Anjos com quem ficou até a morte.

12. Pediu a Neuza em casamento na primeira vez que a conheceu;
13. Foi cantar em uma festa de grã-finos em Recife e foi barbaramente agredido;
14. Sofreu acidente automobilístico e fraturou os dois braços. Crise financeira. Passou a viver de direitos autorais;
15. Aprendeu a ler aos 35 anos;
16. Trabalhou como ajudante de padeiro até o dia em que abandonou os pães para ir atrás de um bloco carnavalesco que passava. Queimou tudo;
17. O pernambucano Carlos Fernando afirma que o frevo tal qual se encontra hoje é mais uma obra de Jackson porque era um ritmo mais lento e foi ele quem o acelerou.

A CARACTERÍSTICA PRINCIPAL DO JACKSON era a divisão que fazia na música. Ninguém conseguiu fazer até hoje; era inato. Atrasava ou adiantava propositadamente a letra, sem atrapalhar o ritmo da música e terminava em uníssono. Esta é a afirmação do escritor Fernando Moura: “Esse artista tinha uma característica de divisão métrica dentro da música que é inato. Nem ele conseguia explicar. Pegava uma frase melódica, com tempo e marcação definidos e saía quebrando isso o tempo todo. Às vezes adiantando, às vezes atrasando, mas sempre ao final coincidindo com os acordes da música. Essa brincadeira que o Jackson fazia com a voz e com as músicas é algo realmente impressionante. O grau de sofisticação, a técnica que ele usava e ao mesmo tempo a intuição, que é aquela coisa natural que vinha espontaneamente e nunca se repetiu e provavelmente nunca se repetirá porque dificilmente surgirá outro como ele”.

Foram 433 músicas e nove filmes que participou.

REFERÊNCIAS

- MOURA, Fernando e XAVIER Magaron – Revista em quadrinhos _____ . Jackson do Pandeiro 100 anos. Correio das Artes. Suplemento literário
- TOMAZ DE LIMA, Jocelino – 100 Fatos dos 100 anos de Jackson do Pandeiro.
- VICENTE, Antonio e MOURA, Fernando – Jackson do Pandeiro – O Rei do Ritmo



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



Antonio Soares da Fonseca Jr.

Dr. Antonio Soares da Fonseca Júnior, nasceu em 05 de maio de 1946, na cidade de Itaporanga, alto sertão do Estado da Paraíba. Filho de Antonio Soares da Fonseca e Maria de Souza Fonseca, é o penúltimo dos 07 filhos.

Aos 10 anos, entrou para o Seminário Diocesano Sto. Cura d’Ars, em Caicó - RN e, posteriormente, no Seminário Arquidiocesano da Paraíba, ingressando na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Paraíba. Sempre foi poeta, trovador, articulista, escritor, dramaturgo e instrumentista. Fundou a Associação Universitária de Itaporanga, onde foi o 1º presidente. Participou do Teatro Estudantil, em teatro mambembe. Participou durante 05 anos do Projeto Rondon como chefe de equipe. Quando de sua participação em um Projeto Rondon Especial, em Brasília, Distrito Federal entregou ao então Ministro de Interior e Justiça, General Costa Cavalcante, um trabalho de sua autoria, juntamente com o economista pernambucano José do Carmo, intitulado “Interiorização do Profissional Liberal no Brasil” com projetos e estudos junto à área econômica. Terminou o curso de Medicina em 1971, radicando-se em São Paulo onde fez pós-graduação em Angiologia, Cirurgia Vascular e Endovascular, Homeopatia, Psicanálise e Medi-

cina Ortomolecular. Foi professor cooperador das Faculdades de Medicina de Santos e Taubaté. Foi presidente de ética médica, autor e coautor de vários trabalhos científicos.

Em 1973 volta à Paraíba para contrair matrimônio com Maria Sally Paulino, tem 06 filhos: Tony Wendell, Yuri Patrick, Henri Carlo, Wendy Jovanka, Yamma Mayura e Marcela. Tem 8 netos.

Fundou e foi Presidente da Academia Paulistana Maçônica de Letras de 1992 a 1998, onde ocupa a cadeira de N° 01, foi integrante da Grande Secretaria de Cultura da Grande Loja do Estado de São Paulo, onde exerceu o cargo de Presidente da Oficina de Pesquisas Maçônicas, é membro da União de Médicos Escritores e Artistas Lusófonos (Portugal), é membro da Union Mondiale de Medecins Ecrivains (Paris-França), membro da Sociedade Gaúcha de Médicos Poetas, foi Conselheiro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. Foi condecorado com a Medalha Marechal Castelo Branco, pelo Centro de Ciências Jurídicas e Sociais do Brasil. membro da Academia Internacional de Letras ocupa a cadeira 9B, Membro fundador da Confraria Sol das Letras.

Autor dos livros Dicionário de Português Nordestino (Nordestinês), Tudo que um Gordo Deveria Saber (Atitudes de um Gordo), Noções básicas do aprendizado maçônico, Oração em forma de Soneto, Decálogo do Sucesso, Uma Biografia Fantástica, Recanto do Mote e da Glosa; é partícipe de várias coletâneas e antologias Tem poesias, poemas e artigos em vários jornais e revistas.



CADEIRA 23

PATRONO
LUIZ AUGUSTO DE FRANÇA
CRISPIM
(1945 – 2008)

ACADÊMICO
Flávio Sátiro Fernandes Filho

INTRODUÇÃO

O inconformismo do tempo comum, que teima em antecipar ou apressar os passos e, de uma forma ou de outra, ceifar vidas cuja essência e produção ainda são rotineiras e valiosas, bem mostra que o destino de cada um – seja lá em que espaço de tempo ocorra – é capaz de deixar frutos para gerações futuras e garantir, como bem disse o escritor Deonísio da Silva (membro da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Paranaense de Letras), em artigo recente: “O que pode tornar os escritores imortais são suas obras”.

O Patrono da Cadeira n° 23, da Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras – Litorânea, Luiz Augusto da Franca Crispim, é um exemplo pragmático de um escritor cuja imortalidade, antes de integrar qualquer academia, já lhe era devida pelo espaço e pelo reconhecimento de uma obra tão atual quanto atemporal, rompendo preceitos e abarcando o seio intelectual da territorialidade em que está inserida.

Escrever sobre alguém com a sensibilidade e notabilidade humana de Luiz Augusto Crispim é fácil e ao mesmo tempo exaustivo, pois pensadores de tal naipe são fontes

permanentes de novas descobertas e indiscutíveis e variadas possibilidades de estudos, sob ângulos diversos de suas facetas intelectuais. No caso em tela, percebe-se o universo em que esteve inserido o patrono e os desaguamentos de cada uma de suas atividades em vida, seja no Direito, na poesia, na crônica e na própria individualidade do ser.

ASPECTOS CURRICULARES

Luiz Augusto da Franca Crispim nasceu em João Pessoa, no dia 23 de agosto de 1945, filho de Napoleão Crispim e Maria Teresa da Franca Crispim. Era casado com a senhora Adília Espínola da Franca Crispim com quem teve dois filhos: Teresa e Luiz Augusto Filho. Estudou no Grupo Escolar Epitácio Pessoa e no Lyceu Paraibano, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba, sendo também graduado em Língua e Literatura Francesa. No Jornalismo, cuja vocação aflorou bem cedo, foi redator e editor do jornal *Correio da Paraíba*. Nessa seara, exerceu outras funções, a exemplo de Chefe de Redação da Secretaria para Assuntos Extraordinários; Diretor do Departamento Central de Divulgação da Secretaria de Divulgação e Turismo da Paraíba; Diretor-Geral de *A União Editora*; redator-chefe de *S/A O NORTE*, Assessor Especial da Secretaria de Divulgação e Turismo; Correspondente e Redator da Revista *Visão*; correspondente de *O Globo*, na Paraíba; correspondente da *Folha de São Paulo*; Assessor do GRUPONOVE – Assessoria de Comunicação Ltda., em Recife; Diretor de Marketing da *IGRAMOL Editora Ltda.*, em João Pessoa. Estagiou no Departamento de Pesquisas do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, no *Correio Brasileiro*, em Brasília, e na Imprensa Oficial da Bahia, em Salvador. Entre tantos cargos que ocupou na vida pública, foi assessor especial da Secretaria da Indústria e Comércio; Diretor-presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PB-

TUR); presidente da Fundação Espaço Cultural José Lins do Rêgo (FUNESC); Secretário estadual de Comunicação Social; Secretário estadual de Cultura, Esportes e Turismo; Procurador-Geral da Prefeitura Municipal de João Pessoa, Subsecretário de Cultura do Estado, Secretário Adjunto da Educação e Cultura do Estado.

Advogado atuante, era professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), lecionando Teoria da Opinião e também Introdução ao Direito, no Centro de Ciências Jurídicas da mesma universidade.

Entre referências do reconhecimento ao seu trabalho, Luiz Augusto Crispim foi agraciado com *Menção Honrosa*, do concurso de monografias da UFPB, sobre Euclides da Cunha, 1968; *Menção Honrosa da Fundação Manuel Bandeira*, de Campina Grande, por serviços prestados à Cultura Paraibana, 1973.

Em 1975, foi o vencedor do Prêmio ESSO, na categoria *Jornal Impresso*, com a reportagem “Incentivos para uma Economia de Cordel”, trabalho com noventa laudas no qual destacava os quinze anos da SUDENE através de depoimentos de governadores, ex-dirigentes da SUDENE, empresários e do próprio criador do órgão, economista Celso Furtado. Seu trabalho apresentou gráfico e um histórico de iniciativas bem-sucedidas em projetos financiados pelo órgão, sendo publicado durante seis edições de um jornal local, com grande repercussão nacional. Para concluir o trabalho, o autor deslocou-se por nove Estados nordestinos e, ao final, consagrou-se vitorioso, sendo o único paraibano, até hoje, a receber o elevado prêmio. Destaque-se os membros da comissão que o escolheu: Odylo Costa Filho, Arnaldo Niskier, Luiz Orlando Carneiro, Oliveiros Ferreira e J. C. Alencar Araripe. Como se vê, uma comissão de alto nível.

INSTITUIÇÕES

Entre as instituições a que pertencia, destaca-se a Associação Paraibana de Imprensa; Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba, Associação Cultural franco-brasileira, Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e Academia Paraibana de Letras. Registre-se que sua posse na Academia Paraibana de Letras ocorreu em 28 de abril de 1979, sendo saudado pelo acadêmico Higinio Brito. Sua participação, como acadêmico, levou-o a exercer a Presidência da entidade por dois períodos consecutivos (1984-1990), ocasião em que idealizou e concretizou o *1º Círculo de estudos sobre autores paraibanos*, tendo editado a *Coleção Literatura Viva*, composta de dezenove títulos, além de promover palestras, conferências e implantar o *Memorial Augusto dos Anjos*.

Foi autor de vários livros, entre eles, *Por uma estética do real* (ensaio); *O Arco e a Fonte* (crônicas); *Os Pecados da Tarde* (poemas); *As Artes da paixão* (crônicas); *Poemas da Estação* (poesia); *A Dama da Tarde* (crônicas, 2001); *A Expiação de Orfeu*; *Os Delitos da Glória*; *Estudos preliminares de Direito* e *Os Anéis da Serpente* (romance, no prelo).

CONSIDERAÇÕES E COMENTÁRIOS

Nunca fui estranho ao Patrono da Cadeira nº 23, porquanto éramos amigos, fui seu aluno no curso de Ciências Jurídicas da UFPB e ainda pude tê-lo, ao lado da esposa Adília, como meu padrinho de casamento, em 1991. Observe-se, além disso, minha admiração e ânsia em ler os artigos que escrevia na imprensa, sempre inseridos em um contexto de absoluta sensibilidade, algo que envolvia aspectos de uma consciência voltada não apenas ao cotidiano – algo fácil de captar nas narrativas –, mas aos mezinhos detalhes da rotina contemporânea do ser, tudo escrito de uma forma elegante, acessível e extremamente inteligente.

Seus passos largos destacavam uma figura alta, elegante, caminhando pela Praça João Pessoa em direção à Faculdade de Direito, ao lado do Palácio da Redenção, onde lecionava *Introdução ao Direito*. Ali, foi contemporâneo e destacava-se com outras grandes figuras jurídicas do magistério superior, a exemplo de Raimundo de Oliveira, Fátima Braga, Maria José Maia, Flávio Sátiro Fernandes, Geraldo Ferreira Leite, José Martinho Lisboa, Plínio Leite Fontes, Luiz Nunes Alves, Sindulfo Santiago, Onildo Farias, Carlos Coelho de Miranda Freire, Genival Veloso de França e Miguel Levino de Oliveira Ramos.

Em matéria publicada no *Correio das Artes*, chamou-me a atenção a narrativa do poeta Sérgio de Castro Pinto acerca dos seus primeiros contatos com o cronista Luiz Augusto Crispim e os debates literários que os envolviam, com destaque para o pensamento do patrono, então “encharcado das teorias de Gyorgy Lukács”. Lukács foi pensador e crítico literário húngaro que se manteve presente na produção literária com inúmeros ensaios e obras polêmicas e que teve em “*A Alma e as Formas*” sua primeira obra de repercussão europeia, transpondo seu pensamento ao mundo após a publicação do livro “*A Teoria do Romance*”, passando de Kant a Hegel. Sérgio de Castro Pinto lembra que Lukács, naquela época, interpretava o fenômeno literário à luz do marxismo mais ortodoxo.

Ainda destacando Sérgio de Castro Pinto – um dos poetas contemporâneos de grande valor – lembra ele que “há quem diga, equivocadamente, que a crônica é um gênero menor”. E arrebatada: “Tenho para mim, no entanto, que não existe gênero maior ou menor, mas escritores maiores e menores”. No contexto, Castro Pinto insere Crispim entre os cronistas maiores, algo indiscutível do ponto de vista da pujança e sedução das suas crônicas, o que justifica o trabalho “*O retrato do cotidiano nas crônicas de Luiz Augusto Crispim: uma proposta para o ensino básico*”, de

autoria de Anna Karenina da Silva Arruda, Amanda Feliciano de Melo e José Mário da Silva Branco, este último, professor da Universidade Federal de Campina Grande e membro da Academia Paraibana de Letras. O trabalho tem por objetivo

[...] analisar a representação dos aspectos presentes no cotidiano, em algumas crônicas de Luiz Augusto Crispim, escritor paraibano, observando as construções imagéticas presentes na escrita do autor, como também a dimensão metalinguística que a reveste. Pretende-se propor estratégias metodológicas que estimule o aluno a compreender o gênero crônica, a partir do exercício de leitura dos textos. Haja vista a marginalização do gênero no meio literário, por ser considerado menor devido a sua simplicidade, o trabalho com as crônicas em sala de aula é de suma importância para a aprendizagem do aluno por meio dos textos – desmistificando a concepção de gênero menor, e o contato com a literatura por meio da experiência do literário.

Observe-se, então, a questão da crônica como gênero menor e o questionamento justificado que os autores fazem para mostrar o equívoco dessa marginalização. Entra nesse contexto o pensamento de Sérgio de Castro Pinto quando fala sobre escritores maiores ou menores e apenas isso como parâmetro.

De fato, os autores do trabalho supracitado chegam à conclusão de que

[...] apesar de carregar o estigma de gênero menor, a crônica consegue alcançar diversos espaços na sociedade, sendo cada vez mais (re)produzida dentro do meio literário. A sua estrutura contribui para uma classificação simplista, porém o seu conteúdo corresponde ao lirismo e a força da literatura.

Aliás, sobre crônica muito nos ensina a acadêmica Ângela Bezerra de Castro na leitura de sua apresentação do livro “A Dama da Tarde”, de autoria de Luiz Augusto Crispim. Para Ângela

Minimizar o valor da crônica é ainda uma atitude comum, quando o argumento para sua configuração como discurso poético qualificado é o mesmo que servirá para qualquer gênero literário. A crônica é literatura toda vez que o cronista se resolve em nível de linguagem.

E, adiante, complementa:

Mas é rara a caracterização de um escritor, exclusivamente através da crônica. E não se trata apenas de uma dificuldade de crítica. Também os cronistas acentuam essa tendência. Ou porque quase todos se dedicam simultaneamente a outras formas literárias, ou porque deixam transparecer que o exercício aprimorado deste ‘gênero não canonizado’ é mais exercício que opção.

Mas vejamos, após ler um pouco sobre “crônicas” e conscientes da força que elas tiveram na produção intelectual do Patrono da Cadeira nº 23, o que nos diz Ângela Bezerra de Castro sobre o autor:

Acompanhando pela vida inteira a produção intelectual de Luiz Augusto Crispim, escrevi avaliações analíticas sobre sua vocação de escritor, firmada essencialmente na crônica. Sobre os temas que se multiplicam como as possibilidades infinitas de percepção ou de imaginação do real. Sobre a excelência da visão crítica que se exprime através do humor habilmente construído. Sobre os recursos de elaboração de uma prosa poética em que o tecido do texto revela o escritor de muitas leituras, dominando inteiramente os processos e efeitos de sua construção.

Em outra análise sobre o Patrono, agora na apresentação do romance “O Herói sem Rosto”, Ângela Bezerra de Castro é enfática:

Escritor que encanta o grande público com a sua crônica, Luiz Augusto construiu um estilo marcado por um intenso lirismo de uma linguagem densa, tecida em recursos de expressão que convertem a prosa diária em verdadeiros poemas. Sobre muitos exemplos, seria impróprio falar de flagrantes do cotidiano, como se tornou comum em relação à crônica. Pois, na verdade, os textos de Luiz Augusto trabalham sentimentos, ritmos incorpóreos, sensações, como nos versos de Fernando Pessoa, ‘sensações / sentidas só com imaginá-las / que são mais nossas do que a própria vida.

O jornalista Nathanael Alves, na apresentação que fez do livro “O Arco e a Fonte”, afirmou que as crônicas de Luiz Augusto Crispim

[...] têm a descontraída vantagem sobre os comentários sisudos do cotidiano, de arrumar as coisas segundo um enfoque diferente, sem deixarem de abordar, do mesmo modo, a sisudez reinante. Aquilo que para editorialistas forçadamente austeros é um problema, para Luiz Augusto é um mero olhar enviesado que aborrece, mas não complica, simples amuo das circunstâncias que faz ardeios, mas acaba chegando. Quando todo mundo está jeremiando sobre as ruínas de Jerusalém, Crispim está descrevendo moças na janela e velhos sozinhos na praça, num irônico, aparente jeito de quem não tem nada com isso.

Ainda sobre sua crônica, destacamos a correspondência que recebeu, em 24 de novembro de 1985, do poeta Carlos Drummond de Andrade:

Prezado Luiz Augusto Crispim:

De cronista (aposentado) para cronista em exercício, venho manifestar-lhe o prazer da leitura que senti

em As Artes da Paixão. Vejo que sua concepção da crônica é a mais atilada, e sabe reunir sensibilidade, humor e leveza de expressão.

Por tudo, os parabéns e o braço cordial de Carlos Drummond de Andrade

AUSÊNCIA

Luiz Augusto da Franca Crispim faleceu em 6 de dezembro de 2008, deixando uma imensa lacuna na vida intelectual da Paraíba, onde era uma referência incontestável. Em artigo intitulado “A falta que Crispim faz”, o jornalista Carlos Pereira de Carvalho e Silva faz considerações que são um consenso entre aqueles que conheceram o Patrono da Cadeira nº 23. Em certo trecho do artigo, afirma:

Muitos dizem que ninguém é insubstituível. Se isso é verdade, abra-se, por favor, uma honrosa exceção, e concedam-me a permissão para dizer que ele e sua obra não tiveram substitutos e, ao que parece, jamais terão.

No aspecto humano, Carlos Pereira aproveita o saudosismo e descreve o cronista que partiu:

Saudades do colega generoso, sempre pronto a conceder a quem o solicitasse, sem se fazer de rogado, uma palavra de apoio, um gesto de solidariedade, um preito de amizade.

A imortalidade conferida pelas Academias nada mais é que o reconhecimento do homem e sua obra, mas essa imortalidade é incapaz de suprir a ausência física, espiritual e produtiva do ser humano, retirando-o do meio em que vive – e no qual produz – e do seio de seus contemporâneos, para inseri-lo na penumbra das lembranças e das saudades, abrindo uma lacuna imensurável no “cotidiano” de cada um.

Com o falecimento de Luiz Augusto, uma dessas lacunas foi aberta e sem qualquer alternativa contrária, salvo o culto ao homem, ao escritor, ao cronista, ao poeta, ao jurista. Assim, resta aos que ficaram elastecer suas visões de mundo e estudar sua vida e sua obra, lembrando e relembrando sua existência, e trazendo novas nuances do seu pensamento, todas emolduradas em suas letras, estejam elas em quaisquer dos gêneros literários.

O poeta Stelo Queiroga, membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, escreveu recentemente, sextilhas em homenagem ao saudoso cronista. Senão vejamos:

Pra se falar de Crispim
Tem que falar de cultura
Sua crônica era pra mim
Clareza e boa leitura
A letra o imortalizou
E o legado que deixou
Dizem da grande figura

Brilhante intelectual
Homem dos sete instrumentos
É imenso seu cabedal
Rico em saber e em talentos
Carregava em seus alforjes
Eça, Drummond e Luis Borges
Comunhão de pensamentos

Trilhou estilos diversos
Crispim era multiartista
Gravou a emoção em versos
Mostrou-se um belo ensaísta
“Por uma estética do real”
Fez (Euclides) da Cunha e João
Cabral (de Melo Neto)
Irmãos na mãe modernista

Vi de perto sua elegância
Como colega e esportista

Testemunhei sua ânsia
Combatente e bom tenista
Jornalista de sucesso
Ganhador do Prêmio Esso
Com a causa cordelista

Brilhante na gestão pública
Foi Secretário de Estado
Destaque entre os juristas
Por onde andou respeitado
Deixou mais cedo a ribalta
E hoje faz muita falta
A este amigo emocionado...

Pouco antes de Luiz Augusto falecer, li em algum jornal que um dos livros que ele estava lendo era “As relações humanas – a amizade, os livros, a filosofia, o sábio e a atitude perante a morte”, de Sêneca. Sêneca escreveu essa obra na velhice e traduz-se em uma série de cartas dirigidas a Lucílio, iniciadas em julho de 62 d.C., e corresponde ao breve período de menos de três anos de vida que ainda lhe restavam.

Imagino que a leitura da obra tenha envolvido o Patrono em uma atmosfera de profunda reflexão, porquanto os temas abordados são de extrema natureza humana. Algumas visões de Sêneca encaixam-se na perspectiva da natureza do Patrono, tal como quando diz:

O sábio basta a si mesmo para viver feliz, não para viver pura e simplesmente! Para viver efetivamente, ele precisa de muitas coisas; para viver feliz, só precisa de uma alma sensata, reta, e cheia de desprezo pelos caprichos da Fortuna.

Ou mesmo quando afirma que “o sábio deve ter uma conduta modesta, bem como uma linguagem precisa e sem excessos”.

Indiscutivelmente, parecia descrever o autor de “A Dama da Tarde”.

Consciente de que a morte viria, certamente Crispim deu especial atenção ao que dizia Sêneca sobre o assunto: “É um erro muito grande temer a morte: graças a ela, não temos mais nada a temer”.

E vejam que alento:

A vida nos leva muito rápido para onde é preciso que nos leve, mesmo que façamos desvios; ora ela nos enfraquece e nos consome em fogo brando. Não devemos conservá-la a todo custo, pois o importante não é viver, mas viver bem. Por isso o sábio vive tanto quanto deve e não quanto pode.

Sob o comando dos seus filhos, Teresa Elizabeth e Luiz Augusto Filho, está sendo criado o Instituto Luiz Augusto Crispim, depositário da memória (vida e obra) do Patrono da Cadeira nº 23 da Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras – Litorânea e também membro e ex-presidente da Academia Paraibana de Letras. A ideia reforça aquilo que o próprio destino reservou ao cronista: uma imortalidade real, calcada na sua trajetória e na obra que perpetua entre os homens.

Sêneca diz que “devemos partir com serenidade, pois temos que voltar”. E conclui: “aquilo que parece morrer, apenas muda de forma”.

Salve Luiz Augusto da Franca Crispim!



Flávio Sátiro Fernandes Filho

Flávio Sátiro Fernandes Filho nasceu em Patos-PB, em 17 de janeiro de 1969, filho de Flávio Sátiro Fernandes e Eliane Dutra Fernandes. Iniciou seus estudos no Colégio Cristo Rei, em sua cidade natal, e depois no Colégio Marista Pio X, em João Pessoa. Advogado, formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba, possui também habilitação na profissão de Corretor de Seguros, formado pela Fundação Nacional Escola de Seguros (FUNENSEG), hoje ENS – Escola Nacional de Seguros.

Na esfera pública, foi Secretário-Executivo da Fundação Casa de José Américo e, posteriormente, Presidente daquela instituição nos períodos 2003/2009 e 2011/2014, períodos em que foi membro do Conselho Estadual de Cultura, participando, em 2004, da comissão especial constituída para elaborar o Plano Estadual de Cultura da Paraíba. No âmbito cultural, foi membro suplente da Comissão Técnica de Análise de Projetos / CTAP, do Fundo de incentivo à cultura Augusto dos Anjos; da comissão regional instituída pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN, para pré-seleção das ações inscritas no Prêmio Rodrigo de Melo Franco de Andrade; membro titular do Conselho Curador da Fundação Espaço Cultural José Lins do

Rêgo; membro suplente do Conselho Diretor da Fundação Espaço Cultural José Lins do Rêgo; membro de comissão de indicação da Medalha Philipeia de Nossa Senhora das Neves, concessão do Palácio do Governo; membro da comissão criada pelo Decreto Estadual 15.384, para organizar a programação pela passagem do Centenário de Elpídio de Almeida, e pelo ato governamental 5000/2003 para organização das solenidades alusivas ao cinquentenário de Félix Araújo.

Entre as condecorações e homenagens que recebeu, estão a Medalha Epitácio Pessoa (ALP); Medalha da Ordem do Mérito do Trabalho Epitácio Pessoa (TRT – 13ª Região); Medalha Ministro Ernani Ayres Sátiro e Sousa (Fundação Ernani Sátiro); título de Cidadão Pessoaense (Câmara Municipal); Diploma de Reconhecimento (IHGP); Troféu Heitor Falcão (Jornalista Abelardo Jurema Filho / Sistema Correio de Comunicação); Diploma de Sócio Honorário da APF); Comenda Jubileu de Prata (IHCG);

Na iniciativa privada, foi Assistente de Produção da Bradesco Seguros e sócio fundador da Astus Editora e Publicidade, responsável pela criação da Revista Prêmio; diretor Jurídico do Sindicato dos Corretores de Seguros do Estado da Paraíba; membro da Comissão de Legislação e Jurisprudência da OAB-PB; Professor das disciplinas de “Direito do Seguro” e “Legislação e Organização Profissional”, da Fundação Nacional Escola de Seguros.

Como jornalista, tem trabalhos publicados em jornais, como O Norte, Correio da Paraíba, União, Correio das Artes e no informativo da Associação dos Magistrados da Paraíba. Foi responsável pela organização do livro “A Justiça do Trabalho na Paraíba”. Em 1998, criou o então site Fatos e Letras da Cultura Paraibana.

Atualmente, exerce as funções de Diretor do Centro Cultural Ariano Suassuna, do TC da Paraíba.



CADEIRA 24

PATRONO
MANUEL ARRUDA CÂMARA
(1752 – 1810)

ACADÊMICO
Carlos Pessoa de Aquino

Motivo de regozijo e extrema honra, a possibilidade de pleitear e ingressar na Academia Cabedense de Ciências, Artes e Letras – Litorânea, Cadeira nº 25, a qual tem como Patrono o Manuel Arruda da Câmara, cientista, médico e religioso brasileiro, que se notabilizou como um dos grandes naturalistas do fim do século XVIII e também foi um dos fundadores da primeira loja maçônica do Brasil: o Areópago, em Itambé – PE. Nasceu no ano de 1752, na cidade de Pombal–PB e faleceu em 2 de outubro de 1810, na cidade de Goiana–PE. Concluiu sua formação em botânica na tradicional Universidade de Coimbra. Elaborou importantes obras como *Aviso aos lavradores sobre a suposta fermentação de qualquer qualidade de grãos ou pevides para aumento da colheita* (Lisboa, 1792), *A memória sobre a cultura do algodoeiro* (1797), *Dissertação sobre as plantas do Brasil, que podem dar linhos próprios para muitos usos da sociedade e suprir a falta do cânhamo* (1807), *Discurso sobre a vitalidade da instituição de jardins nas principais províncias do país* (1810), *Memórias sobre o algodão de Pernambuco* (Lisboa, 1810), *Memórias sobre as plantas de que se podem fazer baunilha no Brasil*, (nas memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa, v.40, 1814). *Tratado de Agricultura. Tratado da lógica*.

No início da sua belíssima e heterogênea trajetória, precisamente no ano de 1783, professou a fé dos Carmelitas Calçados, no Convento de Goiana–PE. Posteriormente, Arruda Câmara e seu irmão, Francisco Arruda da Câmara, viajaram à Europa, para fins de estudos. Lá se formou em Filosofia Natural, pela Universidade de Coimbra. Mais tarde, recebeu o grau de doutor em Medicina, pela Universidade de Montpellier, na França.

Retornou em 1793 a Pernambuco, estabeleceu-se em Goiana, tendo sido incumbido pela Coroa portuguesa de realizar diversos levantamentos naturais na região Nordeste do Brasil. Entre março de 1794 e setembro de 1795, empreendeu uma expedição mineralógica entre Pernambuco e Piauí, levantando a ocorrência de diversos minerais. Já entre dezembro de 1797 e julho de 1799, com os mesmos objetivos, viajou entre a Paraíba e o Ceará, tendo também realizado viagens ao vale do rio São Francisco.

No conjunto dessas expedições científicas, realizou levantamentos mineralógicos, botânicos e zoológicos sistematizados por ele próprio. Produziu escritos sobre a agricultura e a flora de Pernambuco (*Centúrias dos novos gêneros e espécies das plantas pernambucanas*), os quais contêm ilustrações feitas por ele e pelo Padre João Ribeiro.

Como maçom, foi fundador do *Areópago de Itambé*, loja maçônica de tendência liberal, cujas ideias teriam influenciado a suposta Conspiração dos Suassuna (1801).

Em sua homenagem, há em João Pessoa, capital paraibana, um parque zoobotânico com seu nome, o Parque Arruda Câmara, popularmente conhecido como “Bica”. Além disso, é também patrono da Cadeira nº 2 da Academia Paraibana de Letras, que tem como fundador o médico Eugênio Carvalho.

O NATURALISTA ARRUDA CÂMARA – CONTEXTO HISTÓRICO DO NORDESTE

É difícil acreditar-se que sobre um dos mais importantes naturalistas brasileiros não haja comprovação histórica de datas e locais do seu nascimento e morte. Mas isso é o que acontece com Arruda da Câmara. Escreve o seu principal biógrafo (Mello, J. A. G.) *Estudo biográfico*, In: Arruda da Câmara, M.; *Manuel Arruda da Câmara – Obras Reunidas* (Fundação de Cultura Cidade do Recife, Recife–PE, 1982, p.11-74.), que foram seus pais Francisco de Arruda Câmara, capitão-mor das Ordenanças de Piancó, grande senhor de terras e rebanhos de gado e D. Maria Saraiva da Silva, naturais do sertão paraibano.

De acordo com o historiador Maurílio Augusto de Almeida, na obra *O Barão de Araruna e sua prole* (Ed. do autor, João Pessoa–PB, 1978, p.15.), o referido casal teve prole numerosa, destacando-se Manuel de Arruda Câmara, o médico e naturalista; Francisco de Arruda Câmara, médico e deputado às Cortes de Lisboa; e Ana de Arruda Câmara, que foi casada com Antônio Ferreira de Macêdo que, por sua vez, foram pais de Estevão José da Rocha, o Barão de Araruna, titular do Império, com numerosa descendência na Paraíba.

Frei Lino do Monte Carmelo, cronista da Ordem Carmelita, citado por Mello, registra que Arruda da Câmara havia nascido em Pombal–PB, em 1752, e ingressara na Ordem Carmelita, no Convento de Goiana–PE, em 1783, adotando o nome religioso de Frei Manoel do Coração de Jesus. Teria, então, 31 anos de idade, demonstrando uma vocação tardia para a vida religiosa.

Três anos depois (1786), deixou a vida monástica e partiu, com o pai e o irmão Francisco, para a Europa. Em outubro do mesmo ano, matriculou-se no Curso de Filosofia em Coimbra, assinando-se, no ato da inscrição, como “Frei Manoel do Coração de Jesus Arruda, religioso car-

melita calçado, natural do Certam (*sic*) de Pernambuco”. Foi essa declaração de naturalidade que existiu durante toda a sua vida, sem explicação. Embora tudo indique que ele seja paraibano, ele próprio considerava-se pernambucano.

Quatro anos depois, o irrequieto frade, abandonou seus estudos em Coimbra e passou à França revolucionária onde, em 15 de agosto de 1790, matriculou-se na Faculdade de Medicina de Montpellier, assinando-se “Manoel Arruda” ou “Emmanoel Arruda”, como consta da sua tese.

O que teria motivado decisão tão importante na sua vida? Segundo o historiador Pereira da Costa, no *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres* (Fundação de Cultura Cidade do Recife, Recife-PE, 1982, p. 640-644), teria deixado Coimbra por causa das perseguições das autoridades portuguesas aos estudantes simpáticos ao ideário da Revolução Francesa. Mas, de acordo com Mello, suas convicções políticas estavam mais próximas de uma monarquia ilustrada do que de uma república democrática.

De resto, demonstrava uma marcante influência filosófica de Condillac e científica de Lavoisier. Outras influências da sua concepção científica foram Brotero e Gouan, na Botânica, e Chaptal, em Química, que mais tarde foram homenageados em nomes específicos de vegetais brasileiros que descreveu.

Após a curta duração dos seus estudos médicos, em 2 de setembro de 1791, graduou-se em medicina pela Universidade de Montpellier, já em idade elevada para então, aos 39 anos de idade.

No ano seguinte, passou novamente a Portugal, sem impedimento das autoridades, e publicou o “Aviso aos Lavradores Sobre a Inutilidade da Suposta Fermentação de Qualquer Qualidade de Grão ou Pevides, Para Aumento da Colheita, segundo um Anúncio Que Se Fez ao Público”, editado em Lisboa (1792).

Já em 1793, regressou ao Brasil e, no ano seguinte, empreendeu uma vasta expedição científica pelo Nordeste, que durou até setembro de 1795.

Após essa viagem, instalou-se em Pirauá / Natuba-PB, onde estabeleceu, às margens do Paraíba, uma grande fazenda, na qual cultivou intensamente o algodão. Enquanto isso, o seu irmão Francisco, instalou-se em Goiana-PE, onde praticou a medicina e tornou-se o senhor proprietário do “Engenho Goiana Grande”, em terras onde hoje existe a Usina Nossa Senhora das Maravilhas.

Nesse período, Arruda da Câmara intensificou os seus estudos de Botânica aplicada, trocando ideias através de correspondência com o famoso botânico mineiro Frei José Mariano da Conceição Veloso (1741-1811), autor da “Flora Fluminense”.

Como resultado da sua experiência de cotonicultor, em 1797, publica a notável “Memória Sobre a Cultura dos Algodoeiros”, que se constitui num verdadeiro tratado sobre essa cultura.

Por outro lado, também assumiu o cargo oficial de “Naturalista de Sua Majestade Fidelíssima”, encarregado de procurar salitreiras e minas em Pernambuco, S. Francisco e Jacobina na Bahia.

Sua área de estudos e coletas abrangeu os atuais Estados de Pernambuco, Paraíba, R. G. do Norte, Ceará, Maranhão, Alagoas, Sergipe e Bahia, quase o Nordeste inteiro, portanto. Sua prioridade de interesse era, em primeiro lugar, em relação aos vegetais; em seguida, aos animais, notadamente os insetos e, finalmente, aos minerais, por obrigação do ofício.

A partir do início do século XIX, fixou-se em Goiana-PE, onde gozou de grande reputação e cuidou de negócios particulares, principalmente, do fornecimento de carnes. Por outro lado, estabeleceu uma longa e duradoura amizade com o Pe. João Ribeiro Pessoa de Mello Montene-

gro, ao qual se referia como “meu amigo e discípulo”, que foi o principal ilustrador das estampas dos seus trabalhos científicos e, mais tarde, um dos principais dirigentes do movimento revolucionário republicano de 1817, em Pernambuco.

Em 1810, Arruda Câmara publicou a *Dissertação Sobre as Plantas do Brasil Que Podem Dar Linhos Próprios Para Muitos Usos da Sociedade, e Suprir a Falta do Cânhamo e o Discurso Sobre a Utilidade da Instituição de Jardins nas Principais Províncias do Brasil*, em que defendeu a introdução de plantas exóticas úteis no Brasil e, pioneiramente, alertou para a ameaça de extinção de espécies vegetais nativas, como o cruatá e a carnaubeira.

Aos 58 anos de idade, solteiro e sem descendentes, faleceu. Koster, citado por Mello, afirma que o naturalista morreu em Goiana-PE, em 1810, vitimado por uma hidropsia do peito.

Fato estranho é que Arruda Câmara parece nunca ter exercido a medicina, com as ideias que tinha sobre a aplicação dos conhecimentos, certamente influenciado pelas orientações da Academia Real das Ciências de Lisboa, da qual fazia parte desde 15 de maio de 1793, e que, desde a Reforma Pombalina, visava à prática científica com fins mais utilitários que os meramente descritivos e classificatórios, principalmente nas colônias ultramarinas. E é de registrar-se que ele vivia numa região ainda hoje tão carente de médicos, imagine-se em seu tempo...

A maior parte do seu espólio científico inédito desapareceu na voragem da repressão monarquista ao movimento republicano de 1817. Do conjunto, eram os mais notáveis:

1. As centúrias dos novos Gêneros e Espécies das Plantas de Pernambuco (Flora Pernambucana);
2. uma tradução do “*Traité Élémentaire de Chimie*” de Lavoisier, que datava da época dos seus estudos na

França e que teria sido orientada pelo próprio Lavoisier;

3. uma tradução da “Lógica” de Condillac;
4. um “Tratado Sobre Destilação”, com modelo de alambique aperfeiçoado;
5. uma “Nova Insetologia”, segundo o sistema de Lineu e com novas descrições de Espécies de insetos do Nordeste;
6. um “Compêndio de Agricultura Brasiliense”, de conteúdo prático, com desenhos e descrições de máquinas agrícolas inventadas ou aperfeiçoadas;
7. vários relatórios de expedições científicas.

Quanto à sua ação política, Arruda da Câmara foi apontado pela repressão monarquista ao movimento revolucionário de 1817 como um dos principais responsáveis pela doutrinação e divulgação de ideais revolucionárias e introdutor da maçonaria em Pernambuco.

O historiador Teobaldo Machado, na obra *As insurreições liberais em Goiana* (Fundarpe Recife, 1990, p.47), citando os autos da devassa ao movimento de 1817, nas declarações de um dos devassantes, afirmava: “As ideias comunicadas pelos dois Arrudas, médicos de Goiana, cresceram e propagaram pelo estabelecimento de Lojas Maçônicas”. A origem dessas teria sido o célebre Areópago de Itambé, que, segundo o historiador Horácio de Almeida, em sua *História da Paraíba* (Ed. Universitária-UFPB, João Pessoa, 1978, p.90), foi “fundado pelo naturalista paraibano Arruda da Câmara, em 1799”. Itambé teria sido escolhida por ser uma localidade estratégica, na fronteira das duas províncias. Ali, teria disseminado as ideias da Revolução Francesa contra o absolutismo monárquico português e preparado adeptos para um sistema republicano, essencialmente democrático, com noção da dignida-

de do homem, sem diferenciação entre homens brancos, pretos ou pardos.

O historiador paraibano Maximiano Lopes Machado, em *História da Província da Paraíba* (Ed. Universitária-UEPB, João Pessoa, 1977, p.127), escreveu que “o ilustre sábio, natural do sertão da Parayba”, apenas recém-chegado da Europa, partiu para Pedras de Fogo e fundou o Areópago de Itambé, onde doutrina o povo para a emancipação da pátria contra o despotismo, como afirma Sacarrão, G. F. em *Biologia e Sociedade – II: O Homem Indeterminado* (Europa-América, Lisboa, 1989, p.119-120).

Quanto ao seu irmão Francisco, ainda vivo e atuante quando do movimento de 1817, dele participou diretamente, de bacamarte em punho, nas escaramuças contra os monarquistas nas ruas de Goiana-PE, como informaram testemunhas da devassa.

Nessa historiografia, Mello, posiciona-se como uma das vozes discordantes das versões da participação do naturalista na preparação do movimento de 1817, questionando a falta de documentação histórica e as biografias que, como afirma, “impõe-se desbastar”. Este é um dos aspectos em que o historiador é mais contundente sobre o decantado humanismo do naturalista (e também senhor de escravos) para com os negros. Nesse caso, cita passagem da “Memória Sobre a Cultura dos Algodoeiros”, onde o naturalista afirmava a “natural preguiça” dos negros, tendo os seus “roubos, enganos e falsidades” de ser castigados sem hesitação, com “palmatoadas”, pelos feitos encarregados da sua vigilância. Essas opiniões escritas, naturalmente, estão em flagrante contradição com as ideias contidas na sua suposta “carta-testamento”, dirigida ao Pe. João Ribeiro. Outras ideias contidas nessa carta constituem uma declaração de fé na independência do Brasil, tendo consciência de que não a alcançaria, quando afirmava: “Sou dos agricultores que não colherei os frutos

do meu trabalho, mas a semente está plantada com boas batatas”.

A posição de Mello, entretanto, é isolada em relação à maioria dos historiadores regionais que sustentam uma ampla participação de Arruda da Câmara como principal ideólogo do movimento revolucionário republicano de 1817.

Dentre as suas múltiplas faces, a do ilustrado naturalista, a do fazendeiro senhor de escravos, a do fornecedor de carnes verdes de Goiana e a do *sans culotte* matuto, emerge o homem desnudo, sem a mitologia do herói da história oficial, sem o alheamento estereotipado do cientista. Emerge o homem do seu tempo, representante típico do iluminismo entre nós, com a aguda consciência da aplicação prática dos seus conhecimentos científicos em benefício da sua pátria. Daí suas críticas à erudição confinada em gabinetes de estudo, uma vez que ele só concebia os seus conhecimentos botânicos aplicados à agricultura, à indústria e à medicina, como testemunham todas as suas obras.

Para gáudio de um advogado que já ultrapassou os umbrais trintenários da advocacia, é uma honra a possibilidade de assunção à Cadeira legada pelo grande Arruda Câmara que denomina o Parque oriundo da antiga mata do Róger, em nossa belíssima Capital, o qual, possui atualmente 26,4 hectares de área. Foi inaugurado no dia 24 de dezembro de 1922. Seu nome é uma justa e merecida homenagem à memória do Dr. Manuel de Arruda Câmara.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba* (Ed. Universitária-UFPB, João Pessoa, 1978)

ALMEIDA, M. Augusto. *O Barão de Araruna e sua prole* (Ed. do autor, João Pessoa–PB, 1978)

COSTA, Pereira da. *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres* (Fundação de Cultura Cidade do Recife, Recife–PE, 1982)

MACHADO, Maximiano Lopes. *História da Província da Paraíba* (Ed. Universitária-UFPB, João Pessoa, 1977)

MACHADO, Teobaldo. *As insurreições liberais em Goiana* (Fundarpe Recife, 1990)

MELLO, J. A. G.) *Estudo biográfico, In: Arruda da Câmara, M. - Manuel Arruda da Câmara – Obras Reunidas* (Fundação de Cultura Cidade do Recife, Recife–PE, 1982)

SACARRÃO, G. F. *Biologia e Sociedade – II: O Homem Indeterminado* (Europa-América, Lisboa, 1989)

Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



Carlos Pessoa de Aquino

Advogado, professor no Centro de Ciências Jurídicas da UFPB, nasceu em 6 de abril de 1961, em João Pessoa, PB.

É escritor e tem publicadas as seguintes obras: Manual de Direito Municipal (2000); Fragmentos Jurídicos (2006) e Reflexões Intemporais de um Advogado (2010).

Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 25

PATRONESSE
MARIA JOSÉ LIMEIRA
(1941 – 2012)

ACADÊMICA
Ana Paula Cavalcanti Ramalho

Maria José Limeira nasceu em João Pessoa–PB, no dia 30 de agosto de 1941. Fez o curso primário no Colégio das Lourdinhas e o curso ginásial no Liceu Paraibano, de onde foi “aconselhada a sair” por suposto mau comportamento e indisciplina, sendo obrigada a terminar seus estudos através de exames supletivos. Foi aluna do Curso de Filosofia, da UFPB, que não pôde concluir por não se submeter à “rígida disciplina” curricular, tendo frequentado mais a biblioteca da universidade do que as salas de aula. Daí poder dizer-se que era uma jovem além do seu tempo, com “ideias próprias”.

Era filha de pequenos comerciantes que fugiram da seca de Taperoá–PB para tentarem sobreviver na Capital. Aos oito anos de idade, Maria José Limeira começou a escrever curtas peças de teatro que ela mesma encenava em casa, usando como atores seus irmãos pequenos. Seus pais tiveram treze filhos, dos quais quatro morreram, ainda em Taperoá, logo cedo, “de fome”, como ela dizia.¹

Ela eliminou do seu nome um dos sobrenomes de família – Ferreira – fato que a fez ser conhecida apenas por Maria José Limeira.

¹ LIMEIRA, M. J. *Luva no Grito* – João Pessoa: Unigraf, 1985)

Para ela não foi nada fácil romper com os padrões da época, alguns dos quais defendia como valores e pilares, dentre eles o não acesso ao curso superior, a produção de bens culturais e, conseqüentemente, à cultura de um modo geral.

Sobre esse aspecto, falou em seu depoimento para o Projeto da História da UFPB – NDIHR/1979:

Minha família, numerosa e de abaixo da renda de famílias ditas de classe média, canalizava as mulheres para artes domésticas e para o pedagógico, com curso paralelo de datilografia, enquanto os homens se graduavam na Faculdade de Ciências Econômicas, ao mesmo tempo em que trabalhavam no comércio.

Fez parte do movimento artístico-cultural “Geração 59”, que surgiu em João Pessoa na segunda metade da década de 50, dando início à renovação da linguagem e da estética literária na Paraíba. O principal meio de divulgação dos trabalhos desses jovens – cineastas, artistas plásticos, músicos, teatrólogos, professores universitários, poetas e escritores – era o suplemento cultural “Correio das Artes”, encarte do jornal A União. As matérias publicadas, na época, causavam certo constrangimento nos meios mais conservadores da sociedade, no entanto, as críticas escritas por Virgínius da Gama e Melo e Otacílio Cartaxo, apesar de ferrenhas, contribuíram para a divulgação movimento idealizado pelos que compunham a Geração 59.

Em 1964, Maria José foi detida para averiguações no Grupamento 15º RI pelo comando dos dirigentes do regime militar.

Nesses difíceis tempos, quando aconteciam prisões nesse sentido, foi impositivo que ela abdicasse dos estudos universitários e buscasse um autoexílio em cidades maiores, como Rio e São Paulo.

Longe de casa, conheceu vários escritores, como Vinícius de Moraes, Agnaldo Silva, entre outros.

O escritor português Arnaldo Saraiva escreveu o livro “Encontros/Desencontros” em sua homenagem.

Retornou à Paraíba nos anos 70, quando entrou para o jornalismo como remanescente de uma geração lírico-libertária.

Verdadeira combatente do que ela considerava injustiças sociais e com personalidade forte, não agradava os grupos políticos que reinavam no final dos anos 70, principalmente com suas publicações nas páginas do semanário “O Momento”, criado pelo jornalista Jório Machado e considerado um jornal de posicionamento oposicionista – “Sua ideologia é a oposição às autoridades, criticando os atos do governo com certa mordacidade...”²

Em março de 1975, foi elaborado o documento “Manifesto da Mulher Brasileira em favor da Anistia”. Como uma das fundadoras do MFPA-PB – Movimento Feminino Pela Anistia, lutou com afinco para conscientizar, persuadir e pressionar a população e governo no sentido da promulgação da anistia, geral e irrestrita no Brasil.

Em 1978, participou da criação e lançamento do jornal “Maria Quitéria”, voltado exclusivamente para discussões sobre a Anistia e Direitos Humanos.

Segundo consta do Memorial da Anistia de 2016, “mesmo com a anistia em 1979, o movimento não cessou o seu trabalho.”

Mesmo quando editora do jornal Correio da Paraíba, chefiando vários jornalistas renomados, não demonstrava qualquer comportamento de superioridade. Sempre foi adaptada da simplicidade.

“Escritora talentosa, poetisa destacada e jornalista de mão cheia”, como foi descrita por Tião Lucena em seu Blog, escolheu o simples bairro do Conjunto Costa e Silva “para chamar de seu”.

² ARAÚJO, 1983.

Para a escritora Elizabeth Marinheiro

a ficção de Maria José é introspectiva onde incorporou as críticas ‘menores’ a sua obra, [...] onde a sondagem interior é infensa às questões de real, mimese e causalidade. [...] o absurdo é um tipo de niilismo que robustece valores desvalorizados e exige a Meditação, que põe a mulher na condição de sujeito transcendental. [...] não há nenhum crime’ em comparar Maria José Limeira (guardando as devidas proporções) a Clarice Lispector.

Publicações: “Contos da Escuridão” (contos), “Todos os Seres” (poemas longos), “Crônicas do Amanhecer” (crônicas). “Margem”, “Aldeia Virgem além”, “As Portas da Cidade Ameaçada”, “O Lado Escuro do Espelho” (contos); “Olho no Vidro”(novelas) e “Luva no Grito” (romance).

Dentre suas peças teatrais, merece destaque “Os Maloqueiros”, que recebeu Menção Honrosa em concurso de âmbito nacional.

Bastante criteriosa e exigente no ato de escrever, ela tinha opiniões bastante contundentes sobre os contos ditos “curtos”. Na análise crítica do poema “Rosas Pálidas”, escreveu: “mesmo com a utilização de poucas palavras, não são nada fáceis [...] Aí que mora todo perigo! E poesia não é tapioca que, virou, mexeu, fica pronta”.

Disse ainda, no mesmo texto: “Em poesia, ninguém pode dizer assim: Ô meu filho, já que você não sabe escrever, vá fazer poemas curtinhos”, e complementou: “É melhor mudar de ramo do que ficar enchendo a caixa de e-mails dos amigos com curtinhos que não valem a pena e são somente reuniões de palavras sem sentido. Xaropadas! Que tal “esperar florescer”, como diz Belvedere?”

No livro “Crônicas do Amanhecer”, encontramos um verdadeiro depoimento sobre o relacionamento “Poesia e Internet”, no aspecto da aproximação e distanciamento com os outros; sobre a procura por suas análises das obras

literárias; solicitações para escrever apresentações e prefácio, enfim uma rica explanação sobre sua relação com a poesia. Nesse sentido, ela escreveu:

Um dos maiores benefícios da Internet é a possibilidade de fazer amizades, usufruindo de todas as alegrias que um bom amigo nos dá.

Sou particularmente feliz neste ponto.

Consegui amigos incríveis na Internet. Amizades que se solidificam à medida que o tempo passa. Uns, zangados e vociferantes. Alguns, deprimidos e problemáticos.

Muitos, alegres e extrovertidos. Amigos, amigos & amigos, que vão e retornam, na mesma velocidade. Mas, sempre presentes.

O que nos une e nos torna tão próximos, apesar da distância física que nos separa, é aquela coisa linda, razão primeira de nossas vidas, que dá sentido ao nosso caos: a poesia.

Entre poesia e livro, não existe distância. Essas pessoas, que trago bem guardadinhas no meu coração, querem ouvir minha opinião sobre suas produções literárias. Pedem-me prefácios dos primeiros livros que pretendem publicar. Querem que eu analise seus textos. Alegrem-se quando eu me encosto num poema, fazendo parceria. Agradecem-me elogios. Escrevem textos dedicando-os a mim, transformando minha inquietante pessoa em feliz Musa Inspiradora.

Quando cito livros, digo livros aos montes, que me chegam via Internet e por correio convencional, com humildes pedidos de análise crítica, que eu atendo na mesma hora. É sofrida a espera, para quem queimou as pestanas durante longas madrugadas para dar seu recado ao mundo, e aguarda respostas. Independente disto, gosto de escrever sobre os textos que me emocionam. Sou uma leitora exigente e zangada.

Mas, acho que todo texto literário tem algo de bom, que nos sensibiliza e emociona. O que é bom para mim pode não ser para outros. E vice-versa. Dentro desse espírito de amizade e companheirismo exercitado nas listas de Discussão Literária, já analisei tex-

tos dos poetas Edison Veiga Júnior, Carlos Eduardo B. Costa (Carlão), José P. di Cavalcanti, José Félix, Gabriel Ribeiro, Osvaldo Luiz Pastorelli, Antônio Adriano de Medeiros, Dalva Lynch, Antoniel Campos, entre outros.

Também fiz apresentação dos livros de Arnaldo Sisson, Osvaldo Martins, Fausto Rodrigues Valle, Eric Ponty, Haroldo P. Barboza, Ana Merij, Joaquim Evônio, José Antônio Gonçalves e Everardo Torres (este, residente no México, publicou seu livro em editora na Espanha). Em minha caixa de correio convencional, não param de chegar livros, novinhos, com cheiro de tinta, que é o que mais gosto neste mundo, com dedicatórias em manuscrito, e os autores me pedindo opinião.

Em minha caixa de *e-mails*, chovem textos de teses de doutorado, antologias, primeiros poemas e crônicas, cujos autores me pedem serviços de revisão e coordenação editorial, nos quais me profissionalizei na vida real.

Depois de me libertar de empregadores e empregados detestáveis e insuportáveis (abomino uns e outros), posso, finalmente, dedicar-me à arte literária em toda a sua plenitude, sem obedecer a exigências de censuras e comissões de inquisições.

Nisto, considero-me privilegiada. A arte verdadeira não tem limites nem se curva a regras.

Sou uma pessoa orgulhosa, seletiva nas amizades. Dou mais valor à qualidade do que à quantidade.

Enganei-me, poucas vezes, com lobos vestidos de cordeiros. Noutras oportunidades, descobri, tarde demais, que pessoas de fala mansa e palavras bonitas eram, na realidade, os chamados tarados do parque, famosos motoboys, cobras a quem ajudei e, na primeira oportunidade, tentaram me morder, na tentativa de me destruir. Tenho como norma ser ferida apenas uma vez, não dando oportunidade para me ferirem de novo. Enterrei essas pessoas bem enterradas, e Deus tome conta delas, e de mim também.

Por isso que dou o maior valor aos amigos verdadeiros, poetas do meu coração, que me mandam li-

vros pelo correio e *besos de luna* e chocomilk pela Internet. Sem falar nas inúmeras amizades que fiz em minha cidade e nos lugares por onde andei. Que venham, pois, mais livros e amigos. E beijos, muitos mais!

A análise crítica de filmes também fazia parte das suas atividades. Ao fazer a análise do filme “Fala com Ela” (*Habla con Ella*), de Pedro Almodóvar, ela disse:

Nesse filme belíssimo, a alma feminina é vista através do amor profundo de dois homens que, inconformados com a morte cerebral de duas pacientes em hospital, conversam com elas, acreditando que assim as trarão de volta ao mundo dos vivos.

Cineasta do primeiro ao quinto, e até debaixo d’água, Almodóvar mantém nesse filme a linguagem cinematográfica da obra de arte por excelência, que faz dele um dos mais criativos diretores da atualidade. Seu foco, em sua obra, é justamente este: a mulher ser-humano, sob o ponto de vista da ternura masculina.

O filme vai num crescendo de dramaticidade, até alcançar os estertores, quando os personagens atingem os limites do desespero ao ponto em que não conseguem mais aguentar. É quando a narração mais surpreende e arredonda com um final imprevisível.

Já sobre o filme “O Barbeiro Demoníaco da Rua Fleet” (*Sweeney Todd*) ela escreveu:

Excelente filme em estilo Ópera, com músicas muito bonitas, que narra a história de um barbeiro famoso acusado de crime que não cometeu por um juiz corrupto, que depois fica com a mulher dele e com a filha de tenra idade. Quando a mulher do barbeiro é dada como morta, sem aceitar a situação, o juiz adota a criança, e, quando esta completa quinze anos, ele propõe casar-se com ela. Porém, ela está apaixonada por um jovem com quem planeja fugir. E aí o bar-

beiro acusado injustamente foge da prisão e chega à cidade para executar um plano mórbido de vingança contra o juiz. Será que conseguirá?

A atuação de Johnny Depp como o barbeiro endiabrado está divina. No seu coração, um desejo de vingança. Na mão, uma navalha afiada. O cenário é a Londres *noir* do Século XIX. O filme se baseia numa peça mundialmente famosa, de Stephen Sondheim.

Maria José fez algumas parcerias, com outros poetas. Um deles foi com Antônio Aleixo, na quadras do poema “Fantasia”.

Aqui, apenas duas quadras do poema:

Talvez paz no mundo houvesse
Embora tal não pareça,
Se o coração não estivesse
Tão distante da cabeça. (Antônio Aleixo)

Enquanto a Paz não vem,
a gente canta dobrado.
O amor é mais de cem
contra um só guarda armado. (Maria José Limeira)

Sobre Maria José, Sérgio de Castro Pinto escreveu:

Embora arredia, não foi uma ficcionista de “vocaçãõ póstuma”, como o foi o poeta Dante de Milano, que teve os poemas publicados à sua revelia, pelos amigos, quando já contava cinquenta anos de idade. Maria José lançou os seus livros, que, atualmente esgotados, fazem por merecer uma urgentíssima reedição, sob pena de ser esquecida, relegada ao limbo, a exemplo de Geraldo Carvalho, Jurandy Moura, Morise Gusmão e Wilton Veloso, que hoje [...] Estão [...] dormindo / Estão [...] deitados / Dormindo / Profundamente.



Ana Paula Cavalcanti Ramalho

Nasceu em João Pessoa–PB, em 14/11/1961. Mora em João Pessoa, mas passou infância no Engenho Paulo Afonso, em Serraria–PB. É filha de Roberto Guedes Cavalcanti e Júlia Bezerra Cavalcanti. Ela e a irmã Roberta foram morar em João Pessoa, na casa dos avós, para estudar no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. O pai, na época prefeito de Serraria, ficou com esposa e os quatro filhos homens, no município até terminar o mandato, quando reuniu família ao se mudarem para João Pessoa.

Estudou, de 1968 até 1979, no Colégio das Lourdinas, fazendo o primeiro vestibular, para a UFPB, em 1979.

Na UFPB, fez dois cursos simultaneamente: Química Industrial e Psicologia. Teve que optar entre os dois, quando a universidade baixou norma proibindo ao aluno fazer cursos paralelos. Optou por Química, sendo aprovada em concurso para monitoria de Química-Geral I. Nessa época, fez vestibular para psicologia no UNIPÊ, que passou a cursar no horário da noite.

Em 1987, deixou os dois cursos para poder trabalhar e cuidar do primeiro filho Roberto, a que se seguiram Mathews e Vitor.

Em 1995, resolveu voltar a estudar, quando fez o curso técnico em Turismo, pela Escola Técnica Federal da Paraíba, hoje IFPB.

Em seguida, submeteu-se a novo vestibular do UNIPÊ. Tem o título de Bacharel em Ciências Contábeis e foi monitora (jan/1998 a dez/2003) das disciplinas Contábil.

É pós-graduada em Auditoria em Serviço de Saúde e em Gestão Empresarial e de Pessoas. Como psicanalista, tem formação pela Sociedade Psicanalítica Lattes & Escola Superior de Psicanálise – Toledo, Paraná/Brasil. Desde 2018, é membro efetivo do Grupo Médico Psicanalítico Lattes.

Em setembro de 2021, conclui o mestrado em Psicanálise Clínica, pela mesma Sociedade.

Algumas de suas qualificações profissionais: Informática (Word, Excel, Access, PowerPoint, Internet), elaboração de projetos, Matemática Financeira, Cerimonial e Etiqueta, Auditoria Pública e Licitação, Português Empresarial, pós-graduação em Auditoria em Serviço de Saúde (incompleto) e em Gestão Empresarial e de Pessoas

É autora das seguintes obras: “A Nudez de Laura”, romance; “Vidas” (bilíngue inglês/português), reunião de 21 contos;

Participou de várias Antologias: Travessia Literária Sol Das Letras, Mensagens na Garrafa, Sedução.

Participa da diretoria de várias ONGs: Grupo Mães na Dor – João Pessoa/PB, PROTEGELUS, Confraria Sol das Letras, Instituto Walfredo Guedes Pereira.



CADEIRA 26

PATRONESSE
MARIANA CANTALICE SOARES
(1947 – 2010)

ACADÊMICO
*Fábio Antônio de Albuquerque
Smith*

“Demorei pra perceber que a chave de tudo aquilo que me prendia estava guardado dentro do meu bolso, e agora que achei ... há! Agora eu vou é VIVER”.
(MARIANA SOARES)

Mariana nasceu em João Pessoa, em 1947, onde faleceu, em 2010. Era filha do conceituado pediatra Dr. João Soares e de Dona Maria Carmem Cantalice Soares.

Do Jardim de Infância ao Curso Pedagógico, estudou em João Pessoa, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Era graduada em Vernáculo pela Universidade Federal da Paraíba onde também fez o curso de mestrado em Literatura Brasileira, tendo dissertado sobre José Lins do Rego.

Foi a terceira ocupante da Cadeira nº 23 da Academia Paraibana de Letras cujo patrono é o jornalista Theodomiro Ferreira Neves Júnior, hoje ocupada pela desembargadora e escritora Fátima Bezerra Cavalcante.

Em sua posse na APL, foi recepcionada pelo acadêmico Carlos Romero, proferindo o discurso de posse sob o título “3º milênio: discursos do entardecer”.

“Não sou pra todos, gosto muito do meu mundinho. Ele é cheio de mistérios, palavras loucas e cores misturadas”. (Mariana Soares)

Além de escritora, dedicou-se também à música, à pintura e à organização de eventos culturais.

Durante muito tempo, foi colunista do jornal O Momento, onde mantinha a coluna “A palavra e o instante”.

Pertenceu aos quadros da Academia Feminina de Cultura e da Academia Paraibana de Poesia, participando, com frequência, de Seminários, Congressos e palestras sobre autores brasileiros e, principalmente, paraibanos.

Foi professora titular de Literatura Brasileira, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus III, onde lecionou por cerca de vinte anos.

Juarez da Gama Batista, celebrado professor e crítico literário, em artigo sob o título de “Casa de Bonecas”, publicado em 30/08/70, no jornal O Norte, define assim a obra de Mariana Soares:

[...] inaugurando também um modo de escrever literariamente, o estilo que diz tudo de uma vez, de forma direta e imediata, tal como enxerga as coisas, tal como elas lhes aparecem, sem desdobramentos nem alternativas, elementos de um mundo que sempre tivesse sido igual àquele instante, àquela hora, e tivesse vivido para chegar aquele momento.

Em apreciação de um dos livros dela, em 1985, o escritor Carlos Romero escreveu:

A busca da verdade, da paz interior e da poesia é uma constante nessas suas reflexões. [...] uma mulher que não deseja apenas viver ou conviver, mas, sobretudo, transcender. Entende que a vida está muito acima dos mesquinhos interesses materiais.

“Seja feliz, viva feliz, pense feliz, conviva feliz, procure alguém e a faça feliz, porque a FELICIDADE é a base da vida!” (Mariana Soares)

“Crônicas do Entardecer” e “Encantos e Desencantos” foram os seus primeiros livros. Posteriormente, a contista de amenidades cedeu lugar à ensaísta com “O Ontológico na obra de José Lins do Rego e Juarez Gama Batista” (sua vida, seus mistérios, sua obra).

Sobre a escritora, Antônio Freire afirmou o seguinte:

Sente-se em ‘Encantos e Desencantos’ que a autora, embora jovem ainda, amadureceu suas ideias, partindo para temas mais sérios, sem se afastar daquilo que é comum ao cronista: transmitir ao leitor o que viu e sentiu no torvelinho do dia a dia. E nisto Mariana é uma retratista. Sensitiva ao extremo, a autora tira dos encantos e desencantos da vida a matéria prima para o seu trabalho intelectual, sem, contudo, fugir ao seu tema predileto: as belezas naturais.

Outras obras de Mariana são “Literatura Brasileira: uma abordagem prática” (obra didática); “Parahyba: segredos e revelações” (crônicas, ensaios, perfis); Vida, vida (reflexões).

Nada é rotina, porque a cada dia que se passa o tempo passa, aprendemos com os erros e os acertos, envelhecemos, amadurecemos, mudamos as atitudes e, se isso acontece a cada dia que se passa, como nossa vida pode ser uma rotina? então fica a dica: abre os olhos e pensa direitinho antes de agir, porque o tempo é muito curto pra vida! (Mariana Soares)

São ainda de sua autoria “3º Milênio: discursos do entardecer” (discurso de posse na APL), “José Lins do Rego – ícone da literatura paraibana” (Coletânea Paraíba-nomes do século), “Vozes do silêncio”, “Memórias”.

Faleceu aos 61 anos, em um trágico acidente de carro na PB-008, conhecida como Estrada da Penha, sentido Conde – João Pessoa.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



**Fábio Antônio de Albuquerque
Smith**

É conhecido, artisticamente, como Fábio Smith, ceramista, poeta, compositor e ativista cultural na cidade de Cabedelo.

Nascido em João Pessoa em 1952, filho de Geraldo Pinto Smith e Maria José de Albuquerque Smith. Viveu, desde sempre, entre a Capital e a Praia do Poço, passando na sua fase adulta a residir definitivamente em Cabedelo.

Bancário aposentado, sua trajetória artística como ceramista teve início no ano de 2003. Em seu trabalho, pautado sobretudo pela cultura popular, suas peças retratam cenas, personagens, usos e costumes do povo nordestino, e as nossas danças típicas; o coco de roda, o reisado, o bumba-meu-boi, o forró, o xaxado, a ciranda, entre outros. Além disso, algumas de suas peças representam personagens da obra de escritores brasileiros, como Graciliano Ramos (Terno sede, uma alusão aos retirantes do romance “Vidas Secas”) e Manuel Bandeira (O Bicho).

Ainda criança na Praia do Poço, conviveu com os brincantes de coco roda do mestre João Timbão, acompanhou, na beira-mar, a fabricação das jangadas e caixaras do mestre Mané da Noite e do pescador Zerero.

Todo esse universo permeia o seu amor pela cultura popular, presentes não somente na temática de seus personagens de cerâmica, nas também nas músicas compostas

em ritmo de frevo e forró, assim como na pureza de seus poemas.

Há 28 anos, criou o Bloco Carnavalesco “Bicho de Pé”, cujo nome faz alusão a predominâncias do referido bicho de pé (*Tunga penetrans*), que tanto importunava os nativos e veranistas, devido aos porcos criados livremente nas ruas de barro da Praia do Poço. Havia como característica principal a valorização do frevo, uma época em que os jovens se encantavam com o axé da Bahia. Foi uma luta grande, mas prevaleceu a valorização da cultura popular. O bloco hoje é considerado um dos maiores da cidade de Cabedelo, exatamente pelo diferencial de nele prevalecer a orquestra de frevo e a apresentação de grupos como Maracatu, Cirandas e Tocadores de Coco, considerando ainda o incentivo ao uso de fantasias. Um bloco aberto, que nunca usou os famosos cordões de isolamentos.

Sua carreira musical tem início no ano 2000, com a produção de um CD “Mar de Frevo”, coletânea de hinos carnavalescos dos blocos da cidade de Cabedelo, época em que também deu início à sua fase de compositor, criando frevos para o seu bloco “Bicho de Pé”. Dos frevos, partiu para as composições de forró, sendo premiado com o primeiro lugar no último Forrofest, em 2014, com a música, “No céu também tem forró”, uma homenagem ao cantor e compositor Dominginhos.

Foi premiado no Festival de Marchinhas de 2017, com o frevo “Cara da Folia”, em parceria com o cantor Jairo Madruga. Produziu um CD “Na Paraíba tem forro”, em 2018, com composições suas, em parceria com o compositor Leandro dos Santos.

A sua carreira de ceramista pode ser definida nas palavras da artista e educadora Maria dos Mares:

Fábio Smith modela, com vigor e técnica, as figuras que marcaram sua infância na praia do Poço, em Cabedelo. Pescadores, dançadores de coco e outros tipos

do cotidiano, traços negros – cuja histórias vão sendo desvelados através de sua cerâmica. Rigoroso com o seu fazer, pesquisa argila, terras coloridas e resinas que incorpora, em alguns momentos, às suas peças, dando-lhes um colorido suave, amenizando as expressões, transfigurando-as. Extenua a argila, agregando-lhe cacos coloridos e peças de ferro que garimpa em sucatas, ressignificando-as. Cria, entre esses materiais e a cerâmica, a possibilidade de um diálogo poético. E o seu trabalho ganha forma e dimensão estética. Parafraseando Manoel Bandeira, pode-se dizer que, falando de Fábio, estou falando de um Ceramista’.

Recebeu menção honrosa e premiações em nosso Estado e fora dele, e suas peças estão em acervos de colecionadores importantes.

O professor e pesquisador da cultura popular José Nilton da Silva define seu trabalho como um novo marco da representação plástica dos personagens da cerâmica, afirmando que “Vitalino criou os bonecos em suas cenas cotidianas, e Fábio lhes deu movimento”.

Artista habilitado na Secretaria de Cultura de Cabedelo para colocar obras de arte em edificações, de acordo com a Lei Complementar nº 03/98. Pode-se ver seus painéis e totems em edificações na Praia de Intermares, assim como em João Pessoa onde ele também é cadastrado na Fundação de Cultura de João Pessoa-FUNJOP para atender a (Lei 5.738 de 29/08/1988) com o mesmo objetivo.

Catalogado na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras, no Dicionário de Artes Visuais da Paraíba, de autoria de Diógenes Chaves, Museu Alfredo Anderson de Curitiba.

Recebeu Menções Honrosa do Museu Alfredo Anderson nos, no Salão Ana Holanda, em Pernambuco, durante a FENEART e, no Salão de Arte Chico Santeiro, no Rio Grande do Norte.

Seus poemas são publicados em suas redes sociais, compondo uma série “Poemas de um Praieiro”



CADEIRA 27

PATRONO
MÁRIO MOACYR PORTO
(1912 – 1997)

ACADÊMICO
José Ricardo Porto

OS MÚLTIPLOS HUMANISTAS EXISTENTES EM MÁRIO MOACYR PORTO

Seja como magistrado, jurista ou até como empresário do setor de mineração, Mário Moacyr Porto foi antes de tudo um humanista. Não parece exagero afirmar que foi um dos grandes paraibanos do século XX, com sua ética, sua coerência e, acima de tudo, com seu talento. Um homem que foi perseguido pelo regime militar de 1964, mas manteve a fé e a esperança no país. Poucos tiveram seu desprendimento e dedicação nas coisas que fazia. Era um crenete na capacidade do ser humano, por isso costumava dizer que “a vida é para ser reescrita por nós, corrigida por nós”.

Mário Moacyr Porto nasceu no dia 3 de janeiro de 1912, em João Pessoa, filho de José Domingues Porto e Dona Nautília da Gama Porto. Era casado com Dona Giselda Salustino Porto, com quem teve os seguintes filhos: José Moacyr, Mário Domingues, Marcelo Mário e Carlos Humberto. Faleceu na Capital paraibana, em 20 de novembro de 1997. Formou-se em Ciências Jurídicas pela Faculdade do Recife e, em seguida, exerceu o cargo de Promotor Público nas Comarcas de Piancó–PB, no Rio Grande do Norte e em Sousa, sertão da Paraíba. Ainda exerceu o cargo juiz

nas cidades paraibanas de Cajazeiras, Patos, Bananeiras, Campina Grande e João Pessoa. Nomeado desembargador, assumiu a Presidência do Tribunal de Justiça e do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba.

Ingressando no magistério superior, ascendeu ao cargo de Reitor da UFPB, onde já era catedrático na cadeira de Direito Civil, tendo também exercido a direção da Faculdade de Direito.

Transferiu-se para o Estado do Rio Grande do Norte, onde assumiu a Promotoria Pública das Comarcas de Currais Novos e de Acarí. Também, no Rio Grande do Norte, exerceu o magistério, lecionando Direito Civil na Universidade Federal, cargo no qual foi aposentado.

Era membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico e da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), tendo sido presidente do Conselho deste órgão, seção-RN; ex-presidente da Mineração Tomaz Salustino, S/A e da Associação dos Mineradores do Rio Grande do Norte. Foi eleito para a Academia Paraibana de Letras e assumiu a sua Cadeira no dia 26 de abril de 1957, tendo sido recepcionado pelo Acadêmico Higinio Brito.

Entre seus trabalhos publicados, podemos destacar: Discursos, 1962; O magistrado frente à crise universal (conferência); Aparência e realidade do Direito (discurso); *Sursum Corda* (discurso); *Deux Études sur la responsabilité civile* (tese apresentada no 6º Congresso Internacional de Direito Comparado, realizado em Hamburgo, 1962); Crise do Ensino (discurso); José Américo, o romancista (conferência); Estética do Direito; Dano Irressarcível (conferência); O caso da culpa como fundamento da responsabilidade civil; Responsabilidade Civil do Construtor; O Concubinato e as Súmulas nº 35 e 380, do Supremo Tribunal Federal; Responsabilidade civil das empresas locadoras de automóvel; Algumas notas sobre seguros de indenização e seguros pessoais; A problemática da scheelita no Rio Grande do Norte (conferência); O efêmero e o eterno no Direito, *In*: Revista

da APL, nº 07, 1960: Ação de responsabilidade civil e outros ensaios, 1966; Temas de Responsabilidade Civil, 1989.

NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

Mário Moacyr Porto foi presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba ainda jovem e se manteve na direção daquela Corte por dois mandatos, realizando uma gestão profícua e revolucionária na instituição. Tomou posse em 22 de janeiro de 1958 e, já em seu primeiro discurso, elevou o nível dos pronunciamentos com sua retórica e como cultor da ciência e do direito.

Por ser relevante, pinçamos trechos desse discurso histórico que se insere nas melhores tradições da retórica e do humanismo, como faremos a seguir.

Nesse trecho, ele exalta a importância do Tribunal de Justiça:

Faltaria à verdade se não confessasse, com humildade de coração, que o alto cargo de presidente do Tribunal de Justiça de minha terra, que ora assumo, representa para mim a mais alta aspiração da minha vida. Alfredo de Vigny dizia que nada mais belo na existência de um homem que a concretização, na idade madura, de um sonho da mocidade. Quiseram os fados, através da generosa deliberação dos meus pares, que esse prêmio me viesse antes que se extinguísse a minha famosa carreira de magistrado. Para mim, para todo aquele que se dedicou de corpo e alma à judicatura e que serviu à toga com o desvelo e o amor de quem cultua uma religião, a investidura na presidência do Tribunal de Justiça é algo que não se confunde com a simples posse de um múnus público. Não é cargo que se tome nas mãos, mas coroa que se cinge à cabeça, não é honraria que incense a vaidade, mas galardão que consagra uma vida, não é prêmio que compense canseiras, mas ideal que floriu na hora undécima das nossas aspirações.

Neste outro trecho, faz o elogio e reconhecimento da importância da magistratura, sem esquecer o tom filosófico:

Ninguém empobrece quando dá sem receber, pois, ninguém tira o que Deus nos concedeu. O que se perdeu não era nosso; a gente só perde aquilo que não tem. E nenhuma atividade proporcionou ao homem tão amplas possibilidades de realizar-se do que a magistratura, e em nenhuma época ofereceu ao magistrado tão sedutoras oportunidades de servir do que a atual. O juiz é um algodão entre dois vidros. Mas a sua sobre-humana missão não se cifra em conjurar ou amortecer os choques dos interesses conflitantes. Quando o mundo estala pelas costuras, como acontece com o mundo dos nossos dias, o poder de orientar, intervir e dirigir de magistratura, longe de extragar dos modelos de sua disciplina, é uma inelutável imposição do interesse público. Nas épocas de crise para o magistrado como para o homem, a virtude está nos extremos. O meio termo, quando urge uma definição do princípio, sobre ser uma deserção, é uma incoerência. Quem se quedar, perplexo, entre as correntes bipolares da civilização contemporânea, arrisca-se a morrer de fome e de sede, como sucedeu com o vacilante asno de Buridan. Não falta quem apregoe que o Direito é um epifenômeno que não tem meios de sobrevivência em um mundo dominado por uma técnica materialista e iconoclasta, e que nós, magistrados, constituímos o traço remanescente de uma ordem superada.

E continua em sua explanação, exaltando o idealismo:

O que é necessário é dar vida e calor humano ao ordenamento jurídico da nossa época. O que se impõe a nós juizes é um trabalho de recriação do Direito através de uma aplicação progressiva da norma. Não basta, para o êxito da nossa tarefa, o domínio da técnica jurídica e a imparcial consciência dos nossos deveres. Para o trabalho de restauração do Direito na

confiança e na estima dos homens, mais vale o arrojo dos insurgentes do que a prudência dos glosadores, mais frutifica o idealismo temerário de Dom Quixote do que o álgido bom senso de Sancho Pança. O povo não ama os virtuosos; admira-os ou teme-os, simplesmente. Só os que fazem de sua vida uma aventura passional ou um risco permanente logram afeições profundas e dedicações constantes. Ao homem não se chega perto pelo raciocínio, mas pela emoção, isto é, pela força carismática das mensagens salvadoras. Um chefe, como dizia Napoleão, *é um mercador de esperanças*.

E, obviamente, não deixa de enaltecer o Direito:

Com o tempo, com a experiência que adquiri no diuturno contato com as lutas e querelas entre os homens, vim capacitar-me de que a norma não exaure o Direito, e que muitas vezes há uma inconciliável contradição entre a correta aplicação da Lei e a real distribuição de Justiça, entre o que é certo em face da lógica formal e o que é verdadeiro à luz dos reclamos da equidade. Mas a cisão entre o fato e o texto não cava um abismo entre o Magistrado e a Justiça e, quanto mais cresce, no mundo contemporâneo, a impiedade e a iniquidade entre os homens, mais avulta, na consciência do intérprete, a magnitude e excelência; não é um regulamento dos justos, mas uma disciplina de pecadores. É assim o Direito, algo mais para se sentir do que para se dizer, pois a verdade jurídica, como toda verdade, é mais uma certeza da alma do que uma conquista do conhecimento. O reino do magistrado é deste mundo, mas a transigência e acomodação não são deste tempo. A casa do Direito, como a casa de Deus, tem muitas moradas, mas não há lugar, em nenhuma delas, para os medíocres de vontade, timoratos de coração. Esta é a minha profissão de fé, e que me sobre alento para não permutar a riqueza da minha tarefa de sacrifícios pela indigência dos sucessos neste mundo.

Como já dissemos, Mário Moacyr Porto realizou uma gestão profícua à frente do Tribunal de Justiça da Paraíba. Entre outras ações, como presidente do TJPB, citamos algumas: novas instalações, reestruturação do pessoal da Secretaria, organização do serviço contábil, reorganização da biblioteca e dos arquivos, instalação do Gabinete da Corregedoria de Justiça, reforma nas instalações dos gabinetes da Presidência e da Procuradoria-Geral, reaparelhamento do fórum da Capital, aquisição de mobiliário e reforma do prédio de Campina Grande, além de projeto para ampliação do Palácio da Justiça. Para o historiador Deusdedit Leitão, Mário Moacyr Porto deu ao Tribunal de Justiça uma indiscutível projeção como uma das mais respeitáveis corporações judiciais de todo o país.

Segundo Maria José Teixeira Lopes Gomes, Mário Moacyr Porto teve seu nome lembrado para preencher vaga do antigo Tribunal Federal de Recursos. Neste sentido, memorial assinado pelos governadores Pedro Gondim (PB), Dinarte Mariz (RN), Cid Sampaio (PE), Juraci Magalhães (BA), Chagas Rodrigues (PI), Parsifal Barroso (CE), Luiz Garcia (SE) e Matos de Carvalho (MA), foi encaminhado ao presidente da República, solicitando a nomeação do paraibano. O pedido foi endossado por treze bispos do Nordeste, Assembleia Legislativa da Paraíba, Associação dos Magistrados da Paraíba e Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito. Infelizmente, tal movimento não logrou êxito. Maria José Teixeira Lopes Gomes atribui o insucesso ao fato de que os Estados mais ricos e industrializados detinham a maioria dos cargos federais.

NO MAGISTÉRIO

Mário Moacyr Porto foi também um reconhecido professor. Na época em que foi nomeado reitor da então Universidade Estadual da Paraíba, era professor da Cadeira de

Direito Civil na Faculdade de Direito. Um bom caminho para quem quer conhecer a sapiência, o carisma e o humanismo de Mário Moacyr Porto está na pesquisa de mestrado de Juliana Augusto Dionísio de Lima, intitulada “História da Vida Professoral de Mário Moacyr Porto: a cultura jurídica em favor dos Direitos Humanos” (1950-1959), apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, em 2016.

Conforme Juliana Augusto, as ideias de Mário Moacyr Porto contribuíram para a melhoria do processo educativo e para a disseminação dos direitos humanos, bem como para o estabelecimento da democracia. No período em que era professor, colaborou com artigos para jornais da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, com variedade de temas nos artigos, crônicas, poemas e reflexões. A preocupação com o Nordeste era predominante, com o objetivo de chamar a atenção das autoridades para os problemas da região, principalmente a partir dos anos 1980 (redemocratização do país e elaboração da nova Constituinte)

Num desses artigos, publicado no jornal O Norte, afirmou:

Fui professor, diretor de Faculdade e reitor da Universidade. Por isso, não é fácil desencarnar o espírito universitário que há em mim, desligar-me de atividades e problemas que, por muitos anos, foram, a bem dizer, a razão de ser da minha vida profissional.

Conta a pesquisadora Juliana Augusto, em conferência realizada em agosto de 1945, que Mário Moacyr Porto desenvolveu um ensaio intitulado “O magistrado frente à crise universal”. Era uma época marcada pelo fim da Segunda Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que se comemorava a fundação dos cursos jurídicos no Brasil. Segundo a pesquisadora, Mário Moacyr Porto considerava ser uma

época de revisão de valores, anulação do individualismo e das unidades capitalistas: “Liberalismo decadente, enfim, pede-se, exige-se a substituição do direito-poder pelo direito-função, do estado neutro, liberal, abstencionista e afinástico, pelo estado intervencionista, autoritário e diretivo”, afirmava o professor Mário Moacyr Porto, que tinha preferência por temáticas no ambiente do Direito Civil e estudou a fundo o Código de 1804, como os grandes civilistas do século XIX: “Como liberal assumido, produto de uma casa de ensino, concebia o liberalismo como possibilidade de acesso à liberdade e à igualdade, aproximando a sociedade dos seus princípios democráticos”, afirma Juliana.

Para a pesquisadora, o “fazer-se professor” na história de vida de Mário Moacyr Porto deu-se mais no âmbito familiar, ao usufruir e se deixar permear pelas práticas de sua mãe (também professora) do que por uma formação acadêmica especializada no professorado. Sua mãe, Dona Nautília, teria exercido forte influência em sua escolha profissional pelo magistério. Neste sentido, vale frisar uma fala de Mário Moacyr Porto: “A minha mãe era superiormente inteligente e culta, o que é de causar surpresa, pois, no seu tempo de moça, a quase unanimidade era semianalfabeta e simplesmente de prendas domésticas”.

Sobre seu relacionamento com os estudantes, o próprio Mário Moacyr Porto destacava as afinidades que havia entre eles. Conta-se, inclusive, que num congresso de reitores, em que o debate era sobre os estudantes, Mário Moacyr Porto fez um airoso comentário, dizendo que não tinha problemas com estudantes, mas sim com os professores que não compareciam às aulas.

O Mário Moacyr Porto professor humanista na verdade repetia o comportamento que já se fazia vislumbrar quando ainda era apenas um estudante. Como já dissemos, havia uma influência muito grande de sua mãe, Dona Nautília, na formação de seu gosto pelo estudo, pelo magistério,

pela valorização do humanismo, ela que o alfabetizou, inclusive. Na estante de sua casa, havia muitos livros e ainda criança teve acesso a clássicos da literatura, com especial predileção pela cultura francesa. Realizou o curso ginásial no Liceu Paraibano.

Conta Gileno Guanabara de Sousa que, ainda muito jovem, Mário Moacyr Porto observava a efervescência do movimento estudantil, mostrando lampejos de sua inteligência e perspicácia precoce. Tão precoce que, com quinze, anos ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Quando seu pai morreu, em 1930, já tinha dezoito anos e era acadêmico de Direito. Órfão de pai e com a mãe sem receber a pensão a que tinha direito, trancou a matrícula na Faculdade e passou a estudar em casa, aproveitando do fato de que a Escola do Direito do Recife não exigia frequência escolar. Por essa época, chegou a morar em Cruz do Espírito Santo–PB, onde sua mãe abriu uma escola com cujo rendimento conseguiu sustentar a família.

Quando era acadêmico de Direito, não ficou preso a uma especialidade e nem limitou-se a um formalismo técnico das disciplinas do curso; pelo contrário, era inquieto e atento às ideias que circulavam na instituição acadêmica, aprofundando os conhecimentos com a leitura de grandes escritores.

Fiquemos com um comentário de Maria José Teixeira Lopes Gomes que resume bem esse período do acadêmico Mário Moacyr Porto:

Mário Moacyr Porto, jovem e inteligente, filho de um magistrado e de uma professora, encontrou terreno fértil no curso de Direito para moldar sua intelectualidade. Os ingredientes históricos, a simbologia daquela casa de ensino, o convívio intelectual do meio acadêmico acabaram por constituir os esquemas intelectuais e o ideário político e social de uma personalidade socialmente construída.

NO REITORADO

Mário Moacyr Porto tornou-se reitor da Universidade Estadual da Paraíba em 8 de abril de 1960. O ato de nomeação levou a assinatura do governador do Estado, José Fernandes de Lima. Na mesma época, exercia, também, a presidência do Tribunal de Justiça e era um dos titulares da Cadeira de Direito Civil, na Faculdade de Direito. O primeiro reitor nomeado foi José Américo de Almeida, sucedido por Dumerval Trigueiro Mendes e João Medeiros. Mário Moacyr Porto veio a seguir, ocupando a Reitoria da Universidade Estadual. Com a federalização, conforme a Lei 3.835, de 3 de dezembro de 1960, foi reconduzido ao cargo, em 6 de outubro de 1961, como Reitor da Universidade Federal da Paraíba.

Segundo Gileno Guanabara de Sousa, a então Universidade da Paraíba não dispunha de Campus Universitário, com cada faculdade funcionando com sede e estrutura própria. Foi na gestão de Mário Moacyr Porto que aconteceu a construção da sede da Reitoria, então localizada em torno do Parque Sólon de Lucena. Ainda em sua gestão, foram instalados restaurantes para universitários em João Pessoa e em Campina Grande, sendo entusiasta, também, enquanto reitor, do apoio aos eventos culturais. Foi inclusive desta época a decisão de admitir a representação paritária nos Conselhos dirigentes da Universidade.

Vale a pena transcrever o depoimento do próprio Mário Moacyr Porto de como encontrou a Universidade ao assumir a reitoria:

Quando eu fui nomeado Reitor, vou dar um exemplo de como a Universidade era pobre: a Universidade ocupava uma casa na Rua Duque de Caxias, tinha três birôs e seis funcionários requisitados do Estado. O meu antecessor foi João Medeiros, aliás, um homem excelente, um homem de bem. Ele requisitou –

imagine! – seis funcionários e três birôs para a Reitoria; não havia automóveis, não havia nada. Olha, eu não quero puxar brasa para minha sardinha, mas eu quero contar os fatos que parecem não ser verídicos. Mas – digamos – meus conterrâneos, gente da minha idade, gente que fez comigo a Universidade, sabe muito bem. Por exemplo, eu tinha que ir a Brasília ou ao Rio para cuidar de interesses da Universidade junto ao Ministério. A Universidade não tinha dinheiro, e eu ia às minhas custas. A Universidade não me pagava passagem e nem ajuda de custo, não me pagava nada. Hermes Pessoa também fazia muito isso; ia cuidar dos interesses da Faculdade de Direito às suas custas. Até presente levamos para o Diretor de Ensino Superior, às nossas custas. De maneira que era uma fase heroica, de abnegação e renúncia. Não havia nada. Só muito boa vontade, muito sacrifício e muito espírito público.

É forçoso reconhecer, no entanto, que o país vivia uma época de grave crise política, com greve de trabalhadores e outras manifestações, inclusive estudantis.

Gileno nos relata como era o clima na época:

Ações conservadoras de inspiração golpistas eram proclamadas contra o Governo. Durante a crise institucional que o país viveu no mês de agosto de 1961, com a renúncia de Jânio Quadros e a tentativa de impedir a posse do vice-presidente, Sr. João Goulart, o então Reitor, que na ocasião era também o presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba, manifestou-se em favor da legalidade e em respeito à Constituição ‘como única forma de solução jurídico-política para a crise instalada no país’. O Reitor compareceu ao Palácio e comunicou ao governador Pedro Gondim a sua posição.

Claro que isso não iria acabar bem. Logo chegaram aos ouvidos de Mário Moacyr Porto os boatos de mudanças

e de que haveria substituições de reitores em todas as universidades brasileiras. Rodrigo Patto de Sá Motta acredita, por exemplo, que a destituição de Mário Moacyr Porto teria sido motivada por questões referentes à sua ligação com as causas do movimento estudantil. As informações dos órgãos de inteligência eram de que o reitor teria apoiado atividades dos comunistas e facilitado o proselitismo da esquerda. Entre outras coisas, chegou a ser acusado de financiar viagens de estudantes à União Soviética e de publicações subversivas em jornal estudantil. Sua destituição do reitorado chegou em forma de documento, com o seguinte teor:

Comunico a V. Sa. que este comando militar, fiel aos ideais de renovação da revolução vitoriosa, deliberou intervir nesta Universidade. 2. Cabe-me registrar que a sua destituição do cargo de reitor não decorre de nenhuma dúvida quanto a sua probidade ou suspeita de atividade subversiva. (a) Arthur Duarte Candal, comandante da Guarnição Militar de João Pessoa.

Anos depois, Mário Moacyr Porto proclamou inexistir qualquer vinculação política partidária no exercício dos cargos que ocupou, em depoimento que enfatiza ainda mais seu lado humanístico:

Não tenho e nem nunca tive filiação partidária e jamais me candidatei a um cargo eletivo de natureza política. Mas confesso que sou ‘político’ ardoroso no sentido aristotélico da expressão, isto é, interesso-me profundamente pelo bom governo do estado, pela sorte do povo, notadamente pela pouca sorte do nordestino que amarga a condição de uma vida sub-humana, muito mais pela inaptidão dos que cuidam de solucionar seus problemas que pela complexidade e dificuldades que os problemas em si apresentam.

Para contextualizar o pensamento e a postura de Mário Moacyr Porto durante aquele período, recorreremos a trechos

de entrevista concedida pelo ex-presidente do Tribunal de Justiça para o livro “O Jogo da Verdade – Revolução de 64 30 anos depois”, publicado pela Editora A União em 1994.

Seguem os trechos:

Não fui cassado, fui demitido. Fui destituído do cargo de reitor por um ato do comando militar. Agora, quase dois meses depois, o presidente da República, Castello Branco, me exonerou, sem dizer por quê. Mas continuei no cargo de professor. Estava ensinando, fui receber meus vencimentos, e a moça disse que tinha ordem verbal do interventor para não me pagar. Então pedi uma certidão de que estava no cargo e pedi que explicasse porque não estava me pagando. Me respondeu que, de acordo com relatório secreto enviado ao Sr. Ministro da Educação, meus vencimentos não podiam ser pagos. Então retruquei: ‘Não posso me defender de um relatório secreto’; ela tinha que me dizer o que tinha nesse relatório. Não me respondeu nada. Então, promovi uma ação para ter acesso a essas informações. Então, ela informou que o relatório sumiu. Agora, teria que pagar, e recebi os quatro meses atrasados.

E, mais adiante:

Os reitores foram processados. Nunca fui processado. A barra aqui ficou pesada, não para mim, mas para os professores que foram mandados para Fernando de Noronha. Muitos sofreram vexames de toda natureza, inclusive alunos da Universidade. Me lembro bem de Antônio Augusto Arroxelas, que foi preso. Estavam cometendo muitos desatinos. Aconteceu um fato que me levou a sair daqui em novembro. Estava em casa, quando me apareceu um tenente, que não quis nem sentar. Eu tenho um filho, Marcelo, formado em Economia, que, naquele ano de 64, estava colando grau, e esse tenente veio dizer que eu não poderia assistir à festa. Naquela época, cada faculdade tinha sua festa separada. Então, eu disse:

‘Mas tenente, qual o motivo?’ ‘Fomos informados de que o Sr. está aliciando os estudantes para dar uma vaia no Reitor’ – respondeu ele. Como é que, numa festa de formatura, eu estaria estimulando estudantes para darem uma vaia no Reitor? Fiquei chocado. Tinha um vizinho que morava na Rua Capitão José Pessoa, um homem de bem, que me disse: ‘Às vezes, isso é intriga. Sou do Exército, sei o que é isso. Possivelmente, o comandante do Grupamento nem sabe disso. Se você quiser, posso conseguir uma audiência’. Ele trabalhava lá. Fui falar com o general. Conteí que não comparecer seria uma humilhação injusta, chocante. Era um filho que se formava. Então, o general me atendeu. Os militares têm vantagem sobre os paisanos, eles decidem com facilidade. Meu entendimento com ele foi rápido e satisfatório, uns cinco ou seis minutos. Ele disse: ‘Não acredito nisso, não, estudantes darem uma vaia numa solenidade. O Sr. faz o seguinte: comparece. E quem perguntar diga que fui eu quem mandou’. Compareci e houve um fato muito interessante. Entre minha conversa e a solenidade houve um intervalo de dez dias, e a coisa se espalhou. Recebi a maior manifestação de minha vida e acho que não receberei coisa igual novamente. Foi no (Esporte Clube) Cabo Branco. Quando meu filho foi chamado para receber o canudo, fui com ele, porque era paraninfo, e fui aplaudido de pé, até chegar e retornar. Foi como um certo desagravo. Quando voltei, fiquei muito emocionado com aquela manifestação de desagravo àquela violência.

IMORTAL NAS LETRAS

O caminho natural para uma pessoa com talento, inteligência, cultura e sapiência é se tornar um imortal nas letras. Com Mário Moacyr Porto não poderia ser diferente, e ele assumiu a Cadeira nº 4, cujo patrono é Adolfo Cirne, na Academia Paraibana de Letras. A posse foi em 24 de abril de 1957, sendo recepcionado pelo acadêmico Higino Brito. Assumir uma cadeira cujo patrono era Adolfo Cirne, espe-

cialista em Direito Civil, só reforça a importância da posse na Academia Paraibana de Letras para Mário Moacyr Porto. Sua biografia e a biografia de seu patrono se confundiam em muitos aspectos.

Adolfo Cirne nasceu na cidade de Bananeiras–PB, no dia 24 de agosto de 1855 e faleceu no dia 21 de junho de 1922. De origem modesta, mas com muito desprendimento, Adolfo Cirne transpôs todas as dificuldades que o destino lhe apresentara e conseguiu realizar o sonho de menino pobre e estudioso que desejava vencer na vida, bacharelando-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1876. Depois de formado, teve os seus méritos reconhecidos pelo governador do Estado que o nomeou Promotor Público da cidade de Alagoa Grande–PB, cargo que logo abandonou ao sentir a limitação do meio que o cercava. Voltou ao Recife atraído pela movimentação cultural da cidade o que fazia bem ao seu espírito e à sua inteligência. Dedicou-se ao magistério e ao estudo do Direito; através de concurso, foi nomeado professor substituto da Faculdade de Direito e, logo a seguir, passou a catedrático da Cadeira de Direito Civil.

“Palavra fácil, estilo sóbrio, singular aptidão para transmitir com clareza e beleza o seu pensamento, o velho Cirne, como costumavam chamar os seus companheiros, é um marco no ensino do Direito Civil, no Nordeste”. Assim definiu Mário Moacyr Porto o seu patrono, Adolfo Cirne, que não deixou uma produção literária numerosa, conhecendo-se dele apenas um trabalho, publicado em 1896, intitulado “Os Civilistas e o Direito Civil”, reproduzido no 1º número da Revista da Ordem dos Advogados de Pernambuco. Mário Moacyr Porto foi substituído na APL, após sua morte, por José Loureiro Lopes, que acentuou:

Um último registro sobre nosso antecessor: um mestre da criatividade. Essa característica tão moderna e contemporânea se revela em Mário Moacyr Porto, sobretudo quando analisa as relações entre o Direito

e a Arte. E o fez em uma de suas mais belas páginas, o Discurso de Posse nessa Academia.

Mário Moacyr Porto também ingressou na Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupando Cadeira cuja patronesse era Auta de Souza. Auta de Souza foi poeta romântica da segunda geração do Romantismo, sendo destacada por Câmara Cascudo como a maior poetisa mística do Brasil. Na posse, foi saudado por Nilo Pereira, seu colega da Faculdade de Direito do Recife, nos seguintes termos:

Confesso que é das maiores honrarias acadêmicas de minha vida receber hoje na Academia Norte-rio-grandense de Letras o novo acadêmico Mário Moacyr Porto, nome eminente de minha geração e de minha turma na Faculdade de Direito do Recife.

Apenas esperava por uma ocasião como essa para dar o meu testemunho, ainda que inteiramente desvalido, sobre uma das maiores figuras da minha geração. Se exalto, é por justiça; se o analiso, é para encontrar no fundo do poço a transparência do espírito humano; e, se o recebo, nesta hora ritual é porque ele me deu esse privilégio, talvez por ser eu um colega seu de turma ou por inspiração evangélica, que não lhe falta, vendo em mim aquele que só merece pela amizade, que não pelo mérito pessoal e intelectual.

Após sua morte, a Cadeira na Academia Norte-rio-grandense de Letras passou a ser ocupada pelo jornalista Dorian Jorge Freire. Na sessão solene de posse deste, em junho de 1999, Dorian assim comentou sobre Mário Moacyr Porto:

Falar de Mário plural, como seu homônimo paulista, trezentos, trezentos, trezentos e cinquenta. Cada um mais definitivo e mais sábio, mais universal e completo. O crítico literário da exposição sobre a poesia de Auta e Palmira? O jurista, o civilista dos maiores do país? O professor de enorme sabença ou humanista que ele foi? Incomparável. Sem esquecer, não

poderia, o conferencista, o orador, o jornalista e conversador. Trezentos, trezentos e cinquenta.

Dorian Jorge Freire não poderia ter sido mais feliz em sua definição ao citar o poema de Mário Andrade – poeta tão múltiplo na literatura quanto Mário Moacyr Porto o foi na vida, como professor, reitor, desembargador, presidente do Tribunal de Justiça, filho, pai, intelectual, imortal, enfim. Vale a pena reproduzir aqui o poema de Mário de Andrade:

Eu sou trezentos...

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,
As sensações renascem de si mesmas sem repouso,
Oh! espelhos, oh! Pirineus! oh! caiçaras!
Se um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!

Abraço no meu leito as melhores palavras,
E os suspiros que dou são violinos alheios;
Eu piso a terra como quem descobre a furto
Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus próprios
beijos!

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
Só o esquecimento é que condensa,
E então minha alma servirá de abrigo.

Sim, Mário Moacyr Porto foi trezentos, foi trezentos e cinquenta. Foi imenso! Foi um acadêmico brilhante, no dizer de Maria José Teixeira Lopes Gomes. Mudou a rotina de Natal, no dizer de Gileno Guanabara de Sousa. Frequentou com assiduidade a Livraria Universitária, em saudáveis e inesquecíveis tertúlias com amigos e intelectuais. Foi integrante do Instituto Histórico – nada mais natural para quem era a história viva da Paraíba e do Rio Grande do Norte na segunda metade do século XX. Participou de cam-

panhas civis memoráveis, como a da Anistia e das Diretas Já. Foi advogado militante após a aposentadoria.

No momento de sua morte, residia em Tambaú e exercia a presidência do Tribunal de Ética e Disciplina da Ordem dos Advogados do Brasil – Secção Paraíba. Sua morte até hoje é lamentada nos círculos jurídicos, acadêmicos, intelectuais e do ensino na Paraíba, no Rio Grande do Norte e – por que não dizer? – no Brasil.

Fiquemos com as palavras do advogado e escritor potiguar Lívio Oliveira, ao definir a importância de Mário Moacyr Porto, em texto publicado no jornal “Tribuna do Norte”:

Mário Moacyr Porto muito se dedicou a demonstrar ‘a similitude existente entre os processos de criação artística e os métodos de elaboração jurídica’. Evidenciaram-se, ao longo de sua vida profissional, os talentos e os frutos relativos à atuação jurídica permeada pela visão humanística profunda.

[...] Em todas as atividades, o sopro da genialidade e da sensibilidade ativa foram exibidos. Jamais descuro o papel de introduzir, mesmo que em temas e trabalhos áridos e duros, a sensibilidade do homem cultivador das artes e da palavra literária. Certamente, tudo isso decorreu, além dos objetos eletivos e da paixão, da sua formação muito distinta na tradicional Faculdade de Direito do Recife.

[...] Tinha razão e lucidez acima da média o nosso homenageado, afirmada na realidade do seu cotidiano – superando sempre os limites do vulgo e da acomodação descabida. Elaborou o seguinte enunciado com o primor de uma obra de vida toda: ‘A lei não esgota o Direito, como a partitura não exaure a música’. E também esse outro absolutamente adequado aos nossos dias: ‘A casa do Direito, como a casa de Deus, tem muitas moradas. Mas não há lugar em nenhuma delas para os medíocres de vontade e fracos de coração.’

Diríamos que o legado de Mário Moacyr Porto não se esgota em seu currículo extenso. O homem, o humanista Mário Moacyr Porto foi múltiplo porque foi o único em sua capacidade de ser naturalmente protagonista, nas mais diversas funções, nos mais diversos cargos que ocupou em sua vida.

Portanto, uma honra, repleta de emoções inenarráveis, assumir a Cadeira nº 27 da ACCAL – Litorânea que tem como patrono, meu extraordinário tio, Mário Moacyr Porto.

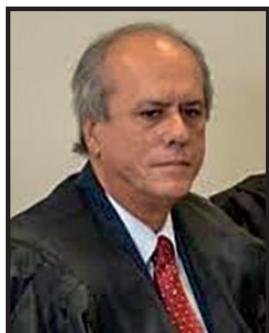
GOMES, Maria José Teixeira Lopes. A presença de Mário Moacyr Porto. João Pessoa: Editora Ideia, 2011.

GUEDES, Nonato *et. al.* O Jogo da Verdade: Revolução de 64, 30 anos depois. João Pessoa: A União, 1994.

LEITÃO, Deusdedit; NÓBREGA, Evandro da. História do Tribunal de Justiça da Paraíba. 5ª ed. João Pessoa: A União, 2005.

LIMA, Juliana Augusto Dionísio Lima. História de vida professoral de Mário Moacyr Porto: a cultura jurídica em favor dos Direitos Humanos (1950-1969). João Pessoa, PB, 2016, 134 p. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba).

SOUSA, Gileno Guanabara de. Magistrado e Humanista de nosso tempo, Ensaio biográfico. 1912-1970. João Pessoa: Editora Unipê, 2000.



José Ricardo Porto

José Ricardo Porto, filho de Sílvio Pélico Porto e Diana Nóbrega Porto, nasceu no dia 2 de agosto de 1956, em João Pessoa–PB.

Escolaridade – 1º Grau: concluído, em 1972, no Instituto Epitácio Pessoa (João Pessoa–PB); 2º Grau: concluído, em 1975, no Colégio Marista Pio X (João Pessoa–PB); Curso Superior: Direito – Ciências Jurídicas e Sociais, concluído em 1979, na UFPB – Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Sociais Aplicadas (João Pessoa – PB

Experiência Profissional – Presidente do COMAC – Centro de Oratória Ministro Alcides Carneiro, com sede na Faculdade de Direito da UFPB; Secretário de Serviços Sociais Urbanos do Município de João Pessoa, Capital do Estado da Paraíba; Advogado da Secretaria Extraordinária para Assuntos de Habitação e Saneamento do Governo do Estado da Paraíba; Assessor Técnico do Governador do Estado da Paraíba; Coordenador Especial da Casa Civil do Governador da Paraíba; Professor Universitário dos Institutos Paraibanos de Educação (IPÊ), onde lecionou Direito Civil III e Prática Forense; Juiz Eleitoral efetivo do Tribunal Regional da Paraíba, categoria de Jurista, em três biênios; Conselheiro Estadual

e Federal da Ordem dos Advogados do Brasil; Vice-Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional da Paraíba, triênio 2001/2003; Presidente do Conselho de Administração da SUDEPAR (Superintendência dos Estádios da Paraíba); Presidente do Conselho de Administração da PB-TUR – Empresa Paraibana de Turismo; Secretário do Trabalho e Serviços Sociais do Estado da Paraíba – (SETRASS); Consultor Jurídico do Banco do Estado da Paraíba – PARAIBAN; advogado do PARAIBAN – Crédito Imobiliário; Membro do Conselho Editorial da publicação “A Ordem em Revista”, órgão de divulgação da OAB/PB; representante da OAB/PB, na qualidade de Coordenador Estadual da Conferência Nacional dos Advogados, realizada no período de 11 a 17 de novembro de 2002, na cidade de Salvador–BA; Assessor Jurídico da Associação Paraibana de Imprensa (API); Diretor Jurídico do Iate Clube da Paraíba; Integrante Suplente da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal da OAB; Diretor Tesoureiro da OAB/PB; Presidente da Comissão Especial de Estudos para o Combate à Criminalidade na Paraíba, criada pela Presidência da OAB/PB; Vice-Presidente da Seccional OAB/PB; Presidente Interino da OAB/PB; Secretário Chefe de Governo do Estado da Paraíba; Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba; Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba; Presidente da Primeira Câmara Especializada Cível do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba; Presidente da 1ª Seção Especializada Cível do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba; Ouvidor Substituto do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba; Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Estado da Paraíba; Vice-Presidente e Corregedor do Tribunal Regional Eleitoral do Estado da Paraíba; Presidente da Comissão de Organização e Divisão Judiciárias do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba.



CADEIRA 28

PATRONO
MAURÍLIO AUGUSTO DE
ALMEIDA
(1926 – 1988)

ACADÊMICO
Manoel Wellington de Assis

MEDICINA EMBASADA EM EVIDÊNCIAS

No dia 8 de junho de 1926, Maurílio Augusto de Almeida veio ao mundo na encantadora cidade de Bananeiras–PB, onde passou toda sua idade de criança com todo apego, quase que sagrado, à sua origem e à sua querida cidade, localizada na Serra da Borborema, região do Brejo paraibano. Era filho de Pedro Augusto de Almeida e Dona Maria Eulina Rocha de Almeida, descendente, portanto, de duas tradicionais famílias paraibanas. Trazia consigo as marcas indelévels do seu torrão natal e recordava com ternura a educação que recebera dos seus pais e a convivência com os seus irmãos Mariana, Gastão, Lúcia, Maria Helena e Terezinha, com os sobrinhos e sobrinhas, e com os netos Pedro e Laura.

Para ele, a família sempre foi um símbolo de orgulho e honra. As famílias Almeida e Rocha eram o seu legado de altíssima devoção. O carinho com que costumava tratar os parentes enriquecia o seu espírito grandioso quando falava carinhosamente dos seus ascendentes. Desde cedo, seus pais, preocupados com a educação dos filhos, contrataram um professor particular, como era costume da época, por parte das famílias abastardas, para orientarem os primeiros

anos escolares, visto que a família via na educação um instrumento capaz de adequar as necessidades do filho a uma nova forma de organização social. Essa particularização do ensino tornava os filhos mais preparados para enfrentar os desafios da própria existência que os pais começavam a antever em futuro próximo, o que, certamente, se refletiu na formação e educação escolar dos filhos.

Objetivando uma melhor formação acadêmica e buscando torná-lo um “cavalheiro de fino trato”, com educação acadêmica refinada e disciplinada que lhe oportunizasse o estudo das ciências humanas, sociais, exatas e biológicas, Maurílio, em 1937, foi encaminhado para o Recife–PE. Ali foi matriculado no Colégio Nóbrega, onde deu início aos estudos referentes ao curso ginásial, começando, posteriormente, em 1941, a cursar o colegial, quando já tinha como alvo o curso de medicina, o que o fez intensificar os estudos para atingir os seus fins almejados.

O Colégio Nóbrega era administrado por padres jesuítas, sendo, por muitos anos, considerado uma das maiores e mais bem conceituadas escolas do Brasil. A título de curiosidade, o nome daquela escola é uma homenagem ao padre Manoel da Nóbrega, sacerdote português com relevantes ações evangelizadoras na América. Tanto é assim que, por inspiração religiosa, o escudo de seu tradicional fardamento chamava atenção, pois nele figuravam as iniciais dos dizeres latinos *IHS (Jesus Hominum Salvator)* e *AMDG (Ad maiorem Dei Gloriam)*. Para se avaliar a magnitude daquele educandário, ele ocupa um prédio de três andares e foi, por muitos anos, o mais alto da Capital pernambucana. Sempre foi uma referência de qualidade de ensino, e muitos dos seus alunos lograram sucesso na vida.

O jovem estudante viveu um período probatório mais intenso ainda, quando foi aprovado no vestibular para a escola médica que, sob vários aspectos, desfrutava do mais elevado conceito no país.

Assim, aos dezoito anos, concluiu seus estudos secundários e ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, onde mourejou nos bancos departamentais e laboratórios por três longos anos assimilando complexos conhecimentos inerentes à carreira pela qual optou.

Paulatinamente, por meio de vivências intensivas em enfermarias, ambulatórios, salas laboratoriais e cirúrgicas, bem como em períodos normais, e ainda durante os fatigantes plantões noturnos, tornou-se habilitado a diagnosticar, prognosticar e tratar os desditosos doentes. Amadureceu para alcançar o necessário equilíbrio emocional que o capacitou para suportar os limites da atuação profissional. Tornou-se médico já com bastante domínio da vivência exigida pela profissão.

Na ocasião em que se diplomava, em 1950, aos 24 anos, pontuou com entusiasmo:

Aqui o que se celebra não é propriamente a conquista do diploma de médico; é a quintessência do aprendiz no processo grandioso de formação que hoje culmina nesta cerimônia a um tempo sagrado e cívico.

Costumava lembrar-se da proverbial sabedoria popular que diz: “quem trabalha com a mão é artesão, com a mente é cientista; quem trabalha com o coração é um artista, mas quem consegue empregar bem as mãos, a mente, e o coração, esse é um médico”.

Apesar de jovem, tinha uma predileção muito especial pelo universo das pessoas, compreendia que, nas jornadas da vida, juventude é essencial, pois é esta que faz as conquistas perdurarem por toda existência, desde que se trata de um período de maturação física, intelectual e emocional do que vem desde a infância até a adolescência. São fases em que se recebe o apoio e a inspiração dos genitores, os primeiros e indispensáveis professores e mentores.

Especializou-se em Patologia Clínica. Posteriormente, fez estágios em laboratórios das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, vivenciando mais uma história de superação, com a **nova** etapa, quais sejam a residência e a especialização. Ali estava um coração jovem, pulsando com sonhos, na manhã radiosa **de sua** terceira década de vida, **plena** de luz e calor. Essa era a conquista inequívoca de um ordenamento social que precisava avançar com maestria, para cada vez mais se aperfeiçoar e concretizar o princípio constitucional da saúde e realmente ser objeto no direito do cidadão, além de um dever infestável do estado racional.

Fixando-se em João Pessoa, o agora médico, Dr. Maurílio de Almeida desempenhou as suas atividades médicas com dedicação e competência; tornou-se diretor proprietário de uma das mais modernas clínicas instaladas na Capital, com várias filiais espalhadas por diferentes bairros e que, ainda hoje, servem de ponto de referência aos que procuram bons serviços laboratoriais.

Como atividade paralela, desenvolveu atividade como professor catedrático e fundador da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Paraíba, tendo recebido o título de Professor Emérito; lecionou também na Escola de Enfermagem Santa Emília de Rodat, em João Pessoa.

Dentre as entidades médicas de que era membro, citam-se algumas: Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba, Sociedade Brasileira de Hematologia e Hemoterapia, Sociedade Brasileira de Patologia Clínica, Sociedade Brasileira de Bacteriologia, Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Sociedade Interamericana de Patologia.

Como membro das referidas instituições, sempre defendeu o paradigma da Medicina embasada em evidências, mas em que mister se faz **exercitar** primordialmente o bom-senso, **visar à sabedoria**, mais que o **próprio** conhecimento, para não **incorrer no vício ao atribuir-se tudo a uma única causa**; mais que isso, é **necessário corrigir** essa rota equivocada, rejeitar

os dogmatismos e aceitar o relativismo de muitas circunstâncias. Como o cosmos e a vida, a Medicina também é quase sempre multifatorial e o método científico, eficaz como um instrumento, que pode falhar. A verdade absoluta praticamente não existe; em geral se encontra a meio caminho entre duas hipóteses muito diametralmente opostas.

Foi sócio fundador do Lions Club de João Pessoa, ocupando a presidência por duas vezes e sendo agraciado com várias medalhas. Pessoa de prestígio na sociedade paraibana, participava ativamente das promoções socioculturais da cidade, sendo associado dos principais clubes pessoenses, de Campina Grande e do Recife. Porte fidalgo, conversa fluente, despretensioso, Dr. Maurílio foi um solteirão que confessava não sentir solidão.

Segundo consta de sua bibliografia, na Sociedade Brasileira de Bacteriologia, ele sempre

Manteve uma vida bastante ativa, dividida entre a medicina – sua paixão –, a literatura e o campo onde renovava suas energias para o enfrentamento da luta diária.

Deixou uma das mais bem organizadas bibliotecas particulares, com um acervo de mais de cinquenta mil volumes catalogados, que seus descendentes estão transformando numa Fundação. Gostava de natação, cavalgar e caçar, o que sempre fazia em sua fazenda. Era presidente da Associação dos Criadores do Estado da Paraíba e sócio da Sociedade Brasileira de Criadores de Santa Gertrudes.

Suas ações eram bem diversificadas. Tanto na área cultural como na profissional, foi contemplado com inúmeras homenagens, principalmente dos seus alunos. Participou de bancas examinadoras da UFPB, pronunciou discursos e conferências.

Das entidades culturais de que fazia parte, destacam-se algumas: a Academia Paraibana de Letras, a Sociedade

Brasileira de Escritores Médicos, Academia Nordestina de Letras e Artes (membro fundador), Academia Brasileira de História (membro efetivo), Academia Paraibana de Medicina (sócio fundador), Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (sócio correspondente).

TÍTULOS HONORÍFICOS

Alguns dos títulos honoríficos com que foi agraciado: diploma de Comendador da Legião do Mérito “Presidente Antônio Carlos”, de Minas Gerais; medalha “Amigo da Marinha de Guerra do Brasil”; placa de Honra ao Mérito, na VI Noite da Cultura/Paraíba, concedida pelo Conselho Estadual de Cultura.

TRABALHOS DIVULGADOS

Em sua área específica de atuação, deixou inúmeros e variados trabalhos, com destaque para alguns: Contribuição ao estudo do balantidíy Colli; As dosagens do cálcio, fósforo e fosfatoses em pacientes portadores de tuberculose; Considerações em torno de um caso de shistomose vesicular; Valor da cardiopilina no diagnóstico da sífilis; Dosagem de fosfatase prostática no soro sanguíneo; Aplasia medular latrogênica na infância; Estudos das transaminases em pacientes de forma totêmica da shistomose mansônica; Determinação do hematocrítico – estudo comparativo pelo micro Witrob e coulter; Anemia falciforme, estudo comparativo, pelo micro Citro e couter; Anemia falciforme; Anemia falciforme – estudos de quatro casos; Valor da proteína Creativa no diagnóstico do infarto do miocárdio; Diagnóstico da amebíase pela Hematoxilina férrica.

Possuidor de uma vasta obra literária, também, como historiador e beletrista, deixou publicadas várias obras importantes, dentre elas, Presença de D. Pedro II na Paraíba

(duas edições); Diogo Velho em síntese – Diogo Cavalcanti de Albuquerque – Visconde de Cavalcanti; O Barão de Araruna e sua prole; Discurso de Paraninfo (biblioteconomia, de 1976); Por Amor e Gratidão; Cadeira 07 (Discurso de posse na Academia Paraibana de Letras); Oração ao Livro; No tempo brasileiro de D. João VI; Seis as Pétalas de Rosas (1990); Rodolfo Garcia: a história de sua vida na vida de História (1991); Lembrando Pedro Augusto de Almeida no seu centenário (1994).

Cumprindo sua jornada no mundo terreno, Dr. Maurílio faleceu na cidade João Pessoa, no dia 14 de junho de 1988.

Tendo sido um dos pioneiros na área laboratorial na cidade de João Pessoa, com o seu laboratório fundado em 1951, deixou como legado um eficiente trabalho, **prestou inúmeros serviços à sociedade paraibana na área médica. A tradição do seu laboratório**, até hoje, tem se constituído em um nome respeitável e de grande importância não somente para a Capital como, de resto, para todo o Estado, fazendo chegar a assistência médica laborativa a várias cidades, graças ao reconhecimento de sua competência pela comunidade médica regional e à confiança que lhe é atribuída por parte dos seus primeiros e mais antigos clientes como dos atuais.

E, assim, pode-se afirmar que o Dr. Maurílio cumpriu uma página de uma vida, dedicada ao estudo da medicina e da vida.



Manoel Wellington de Assis

Manoel Wellington de Assis é natural de Mossoró-RN. Nascido em 5 de maio de 1942, foram seus pais Francisco de Assis Neto e Raimunda Carvalho de Assis.

Exerce a atividade funcional de Oficial de Registro Extrajudicial de Protestos e Títulos. É sócio militante e colaborador da Associação Paraibana de Imprensa.

De sua formação acadêmica, consta o curso de Direito (UNIPÊ), com inscrição na OAB/PB e é doutorando, na referida área, cursando na UBA – Universidade de Buenos Ayres – Argentina.

Apresentou trabalhos acadêmicos em Ciências das Religiões (em nível de Especialização e Mestrado, na UFPB), Formação e Desenvolvimento em Administração (nível Mestrado – FIA – Fundação Instituto Adm.), Extensão Universitária em Metodologia do Ensino Superior – (em nível de Pós-Graduação), Suficiência em Língua Espanhola (UFPB), Curso de Contabilidade (Colégio 17 de setembro, Recife-PE).

Cargos Públicos: Distribuidor – Contador e Partidor da Comarca de João Pessoa – PB, Coordenador Judicial da Comarca de João Pessoa-PB, Distribuidor Extrajudicial da Comarca de João Pessoa-PB, Presidente da Associação Serventuário da Paraíba, Presidente da As-

sociação Paraibana de Estudos do Instituto de Pesquisa em Ciências das Religiões (APPECR), Vice-Presidente da Academia Maçônica de Ciências, Letras e Artes AMCLA – COMAB (em nível Brasil), Presidente da Academia Paraibana de Letras e Artes – Maçom. APMLAT, membro estagiário da Associação da Delegacia da Escola Superior de Guerra (Delegacia Estadual da Paraíba), Delegado Regional da ADESG–PB.

Recebeu os seguintes títulos honoríficos: Cidadão Benemérito de João Pessoa, Medalha de Mérito do GOPB, Diploma do GOPB, Serviços Prestados, Medalha de Mérito da Loja Carlos M. Duarte, Medalha de Mérito do Grande Oriente da Paraíba, título de Cidadão Paraibano (por outorga do Governo do Estado da Paraíba), Medalha Honorífica de João Pessoa.

Em nível de atividade maçônica, desempenhou os cargos de Grão-Mestre Adjunto do GOPB – Grande Oriente da Paraíba, Grão-Mestre do Grande Oriente Maçônico do Estado do Estado da Paraíba, Orador p/ vários mandados da Loja Obreiros de São João – GOPB, Fundador da Loja Cavaleiros de Salomão – GOPB, Venerável Mestre Loja Cavaleiros de Salomão, Venerável Mestre da Loja – Filhos da Luz, GOPB, Membro da Loja Carlos Mauricio Duarte, Grande Secretaria de Liturgia do GOPB, Grande Artzata – Grau 18 –do GOPB, Grau -13 – Rito Adonhiramita, Grande Secretaria de Assuntos Exteriores do GOPB, Presidente do Grande Conselho do GOPB,

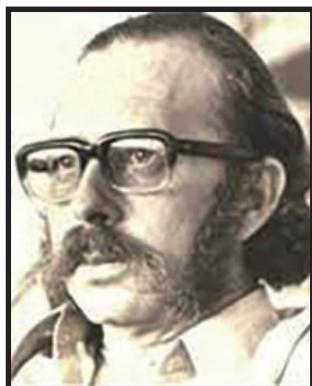
Membro da Comissão da Reforma do Rito Adonhiramita da COMAB. – Brasil.

Livros e artigos publicados: A Etnografia dos Pedreiros Livres da Loja Cavaleiros de Salomão (monografia a ser publicada pelo Instituto de Estudos das Religiões da Alemanha), Cultura Indiana Ensaio e reflexões (editado pela Editora da UFPB), O Misticismo na Maçonaria, A Maçonaria e Seus Mitos.

Ensaio e trabalhos literários: Em Lojas Maçom – Paraíba – Rio de Janeiro: Maçonaria de Traz para Frente, um Caminho a percorrer; Vamos Falar de Maçonaria à Sociedade: o Despertar para o Misticismo na Maçonaria; Vivenciando com os Maçons; A Maçonaria; As Religiões – Sociedade Atual; Servilismo na Maçonaria uma Triste Realidade; A Influência Oculta dos Símbolos Maçons; Fatos Históricos do Rito Adonhiramita: o Grão-Mestre de Calças Curtas; Crítica ao Grão-Mestre da Maçonaria de Portugal; Falando de Maçonaria.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 29

PATRONO
ORLANDO TEJO
(1935 – 2018)

ACADÊMICO
Stelo Olímpio B. de Queiroga

Nascido em Campina Grande–PB, em 1935, Orlando Tejo faleceu em Recife–PE, em 1º de julho de 2018. Advogado, jornalista, ensaísta e poeta, é conhecido por sua obra prima – Zé Limeira O Poeta do Absurdo (1973) – mais um caso clássico, em que a obra ou o personagem superam o próprio autor. Um bom exemplo é o das gêmeas Iliada e Odisseia que brilham além de Homero, e que também registram mitos transferidos pela tradição oral. Como jornalista, Tejo colaborou com a Rádio Caturité, com o jornal Diário da Borborema, Jornal do Comercio, Diário de Pernambuco e Correio Braziliense. Ainda que apresente seu emblemático ensaio literário como uma biografia e que tenha, por toda a vida, defendido a existência do seu Limeira exatamente como registrou, a polêmica, talvez até proposital, persiste e se arrastará pela imortalidade de sua obra surreal. É vasta e muito rica a repercussão da obra-prima de Tejo, por isso registraremos aqui alguns dos muitos outros escritos de sua autoria.

O belíssimo “Soneto dos dedos que falam” e mais “Conceição, 63”, “Impasse”, “As Noites do Alvorada” (poesias), “Se não foi, eu cegue!!!”(memórias) essas produções literárias juntam-se à parceria com Esmeraldo Braga para o teatro, como “A Hora e a Vez do Jumento”, que traz o estilo

fescenino de Tejo na linguagem típica do folhetim de cordel, em que critica a política do seu tempo, crítica que também se apresentaria de forma contundente no protesto da letra do poema abaixo, “O Meu País”, parceria com Gilvan Chaves, musicado por Livardo Alves:

O Meu País

Um país que crianças elimina
Que não ouve o clamor dos esquecidos
Onde nunca os humildes são ouvidos
E uma elite sem Deus é quem domina
Que permite um estupro em cada esquina
E a certeza da dúvida infeliz
Onde quem tem razão baixa a cerviz
E massacram-se o negro e a mulher
Pode ser o país de quem quiser
Mas não é, com certeza, o meu país.

Um país onde as leis são descartáveis
Por ausência de códigos corretos
Com quarenta milhões de analfabetos
E maior multidão de miseráveis
Um país onde os homens confiáveis
Não têm voz, não têm vez, nem diretriz
Mas corruptos têm voz e vez e bis
E o respaldo de estímulo incomum
Pode ser o país de qualquer um
Mas não é, com certeza, o meu país.

Um país que perdeu a identidade
Sepultou o idioma português
E aprendeu a falar pornofônês
Aderindo à total vulgaridade
Um país que não tem capacidade
De saber o que pensa e o que diz
Que não pode esconder a cicatriz
De um povo de bem que vive mal
Pode ser o país do Carnaval
Mas não é, com certeza, o meu país.

Um país que seus índios discrimina
E a ciência e as artes não respeita
Um país que ainda morre de maleita
Por atraso geral da medicina
Um país onde escola não ensina
E hospital não dispõe de raio-x
Onde a gente dos morros é feliz
Se tem água de chuva e luz do sol
Pode ser o país do futebol
Mas não é, com certeza, o meu país.

Um país que dizima a sua flora
Festejando o avanço do deserto
Pois não salva o riacho descoberto
Que no leito precário se estertora
Um país que cantou e hoje chora
Pelo bico do último conchris
Que florestas destrói pela raiz
E a grileiros de fora entrega o chão
Pode ser que ainda seja uma nação
Mas não é, com certeza, o meu país.

E o libelo gritado contra a peste dos inglesismos:

Não aguento mais

Eu saí da Paraíba,
Minha terra tão brejeira,
Pra fazer publicidade
Na Veneza Brasileira
Onde a comunicação
É toda em língua estrangeira.

É uma ingrízia só
O jeito de se falar
O que a gente não compreende,
Passa o tempo a perguntar
E assim como é que eu vou
Poder me comunicar?

É bastante abrir-se a boca
O 'inglês' fala no centro,
Nessa Torre de Babel
Eu morro e não me concentro
Até parece que estamos
De Nova Iorque pra dentro!

Lá naquele fim de mundo
Esse negócio tem vez
Porque quem vive por lá
O jeito é falar inglês,
Mas, se estamos no Brasil
Tem que falar português!

Por que complicar a guerra
Em vez de se esclarecer?
E se 'folder' é um folheto
Por que assim não dizer?
Pois quem me pedir um 'folder'
Eu vou mandar se folder.

Roteiro é 'story board'
Nesse vaivém estrangeiro,
Parece até palavrão
Que se evita o tempo inteiro
Porque seus filhos das putas,
A gente não diz roteiro?

Estão todos precisando
Dos cuidados do Pinel
Será feia a nossa língua?
É chato nosso papel?
Por que esse tal de 'out door'
Substituir painel?

É desrespeito à memória
De Camões que foi purista
Esse massacre ao vernáculo
Não aguenta o repentista
Pois chamam 'lay out-man'
O homem que é desenhista!

Matuto da Paraíba,
Aqui juro que não fico,
Onde até se tem vergonha
De um idioma tão rico
Por que chamar de 'free-lancer'
Um sujeito que faz bico?

Publicidade de rádio
Apelidaram de 'spot'
E tem outras besteiradas
Que não cabem num pacote.
Acho que acabou o tempo
De acabar esse fricote!

Por exemplo: 'body type'
'Midia', 'top', 'merchandising',
'Checking list', 'past up'
(Que se diga de passagem)
'Briffing', 'Top', 'Marketing',
Tudo isso é viadagem!

Já é hora de parar
com esse festival grosso
Para que o nosso idioma
Saia do fundo do poço.
Pra isso eu faço esse 'raff',
Isto é, perdão, esboço!

No Instituto Lourival Batista, em São José do Egito-
-PE), há uma parede com a poesia de Orlando Tejo sobre
os geniais Pinto do Monteiro e Lourival (Louro do Pajeú):

Grande saudade hoje sinto
das cantorias-tesouro
do gigante que foi Pinto,
do uirapuru que foi Louro.

Era uma graça, um estouro
ouvir em qualquer recinto
os trocadilhos de Louro
os desconcertos de Pinto.

Tal qual no Bar do Faminto,
do Pátio do Matadouro,
quando Louro aceitou Pinto
e Pinto abençoou Louro.

Mas no Bar Rosa de Ouro
houve um encontro distinto
Pinto elogiando Louro,
Louro chaleirando Pinto.

Jamais ficará extinto
o meu prazer de ouvir Louro
querendo derrubar Pinto,
Pinto brincando com Louro.

No Bar Casaca-de-Couro
vi o maior labirinto:
Pinto depenando Louro
e Louro esganando Pinto.

No Mercado, em Rio Tinto,
Um momento imorredouro
co'as emboscadas de Pinto
E as escapadas de Louro.

No Beco do Bebedouro
Um desafio ao instinto:
Pinto superava Louro,
Louro desmontava Pinto.

No bar de Moisés Aminto
(À Curva do Varadouro)
Louro acompanhava Pinto,
Pinto fugia de Louro.

Assisti, no Bar Jacinto,
Luta de cristão e mouro
Quando Louro açoitou Pinto,
E Pinto escanteou Louro.

O sol no seu nascedouro
E haja mel e absinto
Nas divagações de Louro,
Nos ultimatatos de Pinto.

Num diálogo sucinto
Reverberavam em coro
Iluminuras de Pinto,
Clarividências de Louro.

Essa dupla, sem desdouro,
Reinou do primeiro ao quinto:
Pinto maior do que Louro,
Louro maior do que Pinto.

Duas fivelas num cinto,
Batéis sem ancoradouro,
Assim foram Louro e Pinto,
Assim serão Pinto e Louro.

Penso, reflito, pressinto
Que em todo o tempo vindouro
Ninguém vai superar Pinto,
Nenhum fará sombra a Louro.

Pois não há praga ou agouro
Que manche a paz do recinto
Das glórias que envolvem Louro,
Dos louros que adornam Pinto.

Aqui faço paradouro
(Ir além me não consinto),
Rendido ao gênio que é Louro,
Curvado ao estro de Pinto.

Mais uma preciosidade de Orlando Tejo nos é apresentada por seu colega e contemporâneo Luiz Berto. Na narrativa, Tejo recorrera ao amigo para um empréstimo. Berto sugere falarem com o colega Canindé que trataria com o agiota. Conquanto as tratativas demorassem, Tejo,

impaciente, redige a primeira parte do discurso, para refazê-lo, em alto estilo, após o sucesso da operação creditícia. Ei-los:

Louvação a Canidé

Estando sem um tostão
E me encontrando bem perto,
Fui procurar Luiz Berto
Para alguma solução.
Berto disse: “Meu irmão,
Eu também queria até
Fazer um querrequequé
Daquele que o diabo pinta
Para ver se arranco trinta
Do bolso de Canindé”.

E toca a telefonar
E Canindé a correr,
Mas não pôde se esconder
E teve que tapear:
“Pela manhã não vai dar,
Porque de tarde é que é
Bom para a coisa dar pé.
Aguarde, portanto, amigo”.
Berto ficou de castigo
Esperando Canindé.

E eu que necessitava
Também da mesma quantia
Me fei nessa franquia
Que Canindé propalava
Quando eu menos esperava
O safado, de má fé,
Filho de puta ralé,
Disse que hoje não tem nada
Ah! Uma foice amolada
No chifre de Canindé.

Eu já podia notar
E mudar de interesse

Que um cabra com um nome desse
Não poderia prestar.
Vou, entretanto, esperar
Até amanhã com fé.
Se ele me deixar a pé,
Juro por Nossa Senhora
Corto de pau uma tora
E vou matar Canindé.

O cabra fuma e não traga
Faz do crime o seu idílio
Onde está Flávio Marcílio
Que não demite esta praga?
Ao menos dava-se a vaga
Pra um sujeito de fé,
Já que esse indivíduo é
Um tratante e delinquente
Haja chumbo grosso e quente
No rabo de Canindé.

Por capricho do destino
De Satanás ou Deus Brama,
O bicho também se chama
Coisa e tal e Tolentino,
Doido, avarento e mofino,
Não conhece a Santa Sé,
Faz da cola o seu rapé,
Vive da desgraça alheia,
Devia estar na cadeia
Esse tal de Canindé.

Não sei como Luiz Berto,
Este escritor inspirado,
Toma dinheiro emprestado
A um ladrão tão esperto,
Que representa um deserto
De trabalho, amor e fé,
Que anda de marcha ré
Pela estrada da virtude
E além de covarde e rude
Se assina por Canindé.

Antes quero outro ‘pacote’
Desemprego, moratória,
Ver Delfim contar história,
Comer carne de caçote,
Levar chumbo no cangote,
Me abraçar com jacaré,
Beber caldo de chulé,
Dar o rabo a marinho,
Do que tomar um cruzeiro
Emprestado a Canindé.

Nosso amigo Canindé (depois do empréstimo)

Um sujeito despeitado,
Desses de baixa maré,
Inventou que Canindé
É um canalha safado.
Eu fiquei preocupado
Com a informação ralé,
Porém não perdi a fé
Em quem merece louvores
Haja palmas e haja flores
Na frente de Canindé.

Tenho dito e sustentado
(Todo mundo sabe disso)
Que na Câmara, esse cortiço,
Há um cidadão honrado,
Pai de família extremado,
Homem de bem e de fé!
O Papa já disse até
Que há no torrão brasileiro
Padre Cícero em Juazeiro
E em Brasília, Canindé.

Sei que o Papa tem razão,
Mas ninguém quer saber disto.
Se já falaram de Cristo,

Que se dirá de um cristão
Porém a fofoca não
Atinge um homem de fé.
E se eu descobrir quem é,
Meto a mão no pé do ouvido
Do sem-vergonha enxerido
Que falar de Canindé.

Canindé – nome decente!
Tolentino – ô nome macho!
Ribeiro – lindo riacho
Que mata a sede da gente!
Honrado, amigo e valente,
Subiu da glória o sopé...
A Virgem de Nazaré
Já lhe envolveu com seu manto,
Por isso um caminho santo
Vai trilhando Canindé.

Canindé pra ser beato
Só falta mesmo a batina,
Pois tem vocação divina
Pureza, fé e recato!
Por isso ele é o retrato
Mais fiel de São José
E já se comenta até
Que Frei Damião Bozano
Sugeriou ao Vaticano
Canonizar Canindé.

Mas sabem por que razão
Já querem canonizá-lo?
É por causa de um estalo
Que recebeu nosso irmão
Lá nas margens do Jordão,
Ao lado de São Tomé,
Quando dava cafuné
Numa velhinha doente
E morreu a penitente
Nos braços de Canindé.

Nesse chão onde ele pisa,
Por ser grande patriota,
Se faz até de agiota
Pra ajudar a quem precisa.
Mas não comercializa
A sua alma de fé!
Jamais ganhou um café
Pelo dinheiro que empresta
A caridade é uma festa
Pra alma de Canindé.

Santo Agostinho, dos santos
Foi o mais puro entre os ermos
Que consolava os enfermos
E lhes enxugava os prantos.
Obrava milagres tantos,
Pela pureza e a fé
Pois acreditava até
Em fala de passarinho.
Mas sabem Santo Agostinho?
É pinto pra Canindé

Eis aí Zé Orlando Limeira Tejo, tudo junto e misturado, imbricados, amalgamados na alma poética do nordestino. Sobre eles, José Américo de Almeida previu: “O poeta Orlando Tejo expõe uma matéria nova para ser analisada pela crítica moderna”. Importa muito pouco saber o que é real e o que é ficção. Tejo é o nosso Homero, o homem que deu vida ao improvisado do repentista, que registrou a oralidade do sobrevivente deste sertão surreal. Sertão que faz sofrer e sorrir! O poeta popular, que leva Orlandos Tejos, imaginários e infindos, sertão adentro!



Stelo Olímpio Barata de Queiroga

Stelo Olímpio Barata de Queiroga, oitavo de onze irmãos, nasceu em 5 de julho de 1960, em Antenor Navarro–PB, atual São João do Rio do Peixe, alto sertão paraibano. Viveu entre Cajazeiras e Souza, a poucas léguas do Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco.

Da infância sertaneja em Souza–PB, trouxe para João Pessoa, em 1972, o gosto pela arte popular, o amor pela cultura e pelas coisas da terra. Na Capital, graduou-se em engenharia civil pela Universidade Federal da Paraíba, em 1982, quando começou sua vida profissional.

Encantado pela literatura de cordel, pelos chorosos “abôios” vaqueiros e pelo improviso da cantoria dos repentistas, somente em 2005 começa a escrever, mas de forma discreta e tímida. Em 2013, inicia a publicação de seus escritos na comunidade Recanto das Letras (www.recanto-dasletras.com.br), onde está registrada a quase totalidade de seus escritos. A partir de 2017, passa a pertencer à Academia de Cordel do Vale do Paraíba.

Fã incondicional da genialidade de Zé Limeira – O Poeta do Absurdo – e sua obra fantástica, publicou (2017), a convite do professor, poeta e colega recantista Marcos Medeiros, a obra “Resgatando Zé Limeira”, escrita a quatro mãos, ao estilo do vate que tanto admira. Na ficção, o herói

do absurdo, retido no purgatório de Dante, defende-se das possíveis causas de uma condenação, enquanto revisita a obra de Orlando Tejo.

Nas horas vagas, quando não está envolvido com sua paixão pelos escritos e versos, é empresário do ramo imobiliário com atuação na região Nordeste, em especial em Cabedelo e João Pessoa, tendo tido oportunidade de conceber, participar e dirigir algumas empresas. Também presidiu por três anos o Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa





CADEIRA 30

PATRONO
OSIAS NACRE GOMES
(1903 – 1994)

ACADÊMICO
Cleanto Gomes Pereira

Se retornarmos no tempo, teremos que fazer menção ao quanto Osias Gomes levava a sério o cumprimento do seu dever, nas múltiplas atividades que exerceu em sua labuta diária. Tais considerações são pertinentes e justificáveis, quando se recorda que, por dever de ofício, como Secretário da Imprensa Oficial, no governo de João Pessoa, foi encarregado de noticiar a visita do Presidente do Estado à vizinha cidade do Recife, fato desencadeador de toda a agitação política nacional da época.

Osias Gomes nasceu na antiga Rua da Ponte, hoje Rua da República, na Capital paraibana, em 7 de março de 1903. Aos 91 anos, em 20 de junho de 1994, veio a falecer na cidade que ele tanto amava.

Ainda hoje, os que viveram na época em que ocorreu o naufrágio de um barco na Lagoa do Parque Sólon de Lucena, em 24 de agosto de 1975, hão de recordar haver ele assumido, gratuitamente, a defesa das famílias enlutadas pelo acidente fatal.

Era filho do casal João Ricardo Gomes e Druzila Nacre Gomes. O seu pai foi operário de antiga fábrica de refrigerantes, a Sanhauá, que se situava na mesma Rua da República, onde galgou a posição de gerente. Do casamento de

Osias com Alzira Paiva Leite nasceram três filhos: Cremilda (minha genitora), Dirce e Ione.

Osias iniciou sua vida laborativa aos quinze anos, como jornalista em A União, órgão em que exerceu, progressivamente, as funções de estagiário, redator, secretário e diretor. Paralelamente, prestava sua colaboração a vários outros periódicos, como O Norte, o Diário da Paraíba, O Comércio da Paraíba, a revista Nova Era e ao Correio da Paraíba. E ainda lhe sobrava tempo para exercer atividades ligadas ao Direito: foi promotor de justiça, em Santa Rita, e advogado da empresa ferroviária Great Western,

Em atividades públicas, ainda, exerceu cargos relevantes: membro do Conselho Administrativo do Estado da Paraíba, Secretário de Interior e Justiça, Secretário da Segurança Pública, professor fundador da Faculdade de Direito, consultor jurídico geral do Estado, desembargador e presidente do TRE e do TJ, professor emérito da UEPB.

Pertenceu a várias entidades culturais, inclusive à Academia Paraibana de Letras e recebeu inúmeras comendas e medalhas, como o título de Cidadão Benemérito da Paraíba, pelos relevantes serviços prestados à cultura, ao jornalismo, ao Poder Público Executivo, à advocacia e à justiça paraibana.

Importante se faz mencionar duas de suas obras: “Estertor” (romance de ficção científica e utopia social) e “Baruque” (romance autobiográfico).

OSIAS GOMES, O ORÁCULO DE SEU TEMPO

Juízo, decerto, suspeito, pelo inocultável amor que lhe devotava, serve a minha palavra como testemunho de valor histórico a que não podem se recusar os contemporâneos sobrevividos ao seu falecimento, tão notórias as minhas afinidades, meu grato e leal companheirismo a esse incomensurável avô e mestre de todas as lições da vida.

Difícil trazer à memória as primeiras pueris impressões a seu respeito. Recordo-me, apenas, que era um homem ágil, afetuoso e cheio de vitalidade cujo principal deleite, nos vagares da advocacia e do jornalismo, terá sido, naquela quadra, levar os netos a passeios à Bica de Tambiá, pela Mata do Buraquinho, ao Horto Florestal e à Praia de Tambaú, um entre os muitos derramamentos do inexorável zelo, carinho e devoção dispensados à família durante a vida inteira.

Já nessas excursões, quase sempre vespertinas, nos despertara inocente admiração pela versatilidade com que se referia às plantas e aos animais, seu *habitat* e *modus vivendi*, à prodigalidade da natureza, enfim, e seu mundo de misteriosas leis. Ao mar, confessou-me um dia que desejara ter sido um marujo, perdido em aventuras náuticas nos Abrolhos ou nos rochedos de Gibraltar. Era um universo real que, nas suas palavras, mais parecia uma fábula aos olhos infantis e perplexos de quem ia descerrando as lições virginais da vida.

A convivência amiudada pelas afinidades libertárias e pela irresistível vocação à carreira jurídica, afinal, desenhou na retina e na consciência do neto adolescente o perfil de uma rara personalidade iluminada por uma cultura e inteligência invulgares e por um curioso e inato desinteresse pelos valores materiais.

Se tivesse vivido na Grécia antiga, na época de Diógenes, teria sido Osias Gomes o homem justo, a quem tanto procurara o filósofo grego, de lanterna em punho, em plena luz do dia. Foi sobre o alicerce desse princípio que, no curso de uma vida de infatigáveis embates, firmou suas atitudes e idealizou suas obras jurídicas e literárias.

Mesmo na esfera dos duelos advocatícios, sonhada profissão de tenra infância, sobressaía a pureza de seu espírito superior, ético e incorruptível. Preservara, assim, até a morte, a fímbria de um caráter inamolgável e de uma gran-

deza de gestos que valeu a reflexão de Hildeberto Barbosa: “O tempo passou, alterando como sempre o ritmo das coisas. Mas Osias permanece intacto na grandeza de cada gesto, no sopro de cada palavra enunciada”.

A fé cristã literalmente professada na igreja presbiteriana a que pertencera e onde pregava como teólogo autodidata, nos livros e nos artigos, antes de redimir furtivas escapadas, nos idos de 1920, com a juventude acadêmica da velha escola de Tobias Barreto, foi, sem dúvida, o elemento fundamental na formação de tão rígido caráter.

Seria, como foi, um asceta, um abstêmio por toda vida, indiferente aos prazeres mundanos, às orgias e oportunidades oferecidas no bojo de tantas conquistas, doudejantes na volúpia de quem alcança o sucesso. Foi, entretanto, um revolucionário da fé, desvencilhado das amarras do falso e hipócrita puritanismo encontrado hoje à larga, mais do que nos antigos fariseus.

Não condenava nem censurava os comportamentos sociais desviados; antes os justificava e reconhecia-os como elementos integrativos de uma sociedade polifórmica, injusta e paradoxalmente desumana, como, segundo costumava lembrar, retratada com perfeição nas páginas imortais de Machado, Balzac e Dostoiévsky.

Talentoso nas múltiplas atividades a que se dedicou ao longo da profícua existência, como as de advogado, jornalista, professor, político, escritor e magistrado, teria sido certamente nome nacional se tivesse vivido num Estado grande ou não lhe fossem incuráveis a modéstia e o desesperado amor pela terra natal. Essa a avaliação de figuras da dimensão de José Américo de Almeida, Assis Chateaubriand, Celso Furtado, Samuel Duarte, Alcides Carneiro e Joacil de Brito Pereira.

Com tal comunhão de ideias, além do inexorável liame consanguíneo, entre avô e neto, irrompera, assim, uma imperturbável, profunda e sincera amizade, caldeada, mais

ainda, pela semelhança de aflitivas idiossincrasias. Herdei-lhe, certamente e em dose dupla, a hipocondria e o martírio das almas torturadas pelo sentimentalismo, a incurável paixão telúrica, que o privou de voar ao cume das elites mentais do país.

Os vários cargos exercidos na administração pública – diretor de jornal, vereador, secretário de Estado em dois governos, conselheiro da administração, consultor jurídico geral do Estado, Vice-Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba, desembargador, Presidente do Tribunal Regional Eleitoral e, interinamente, do Tribunal de Justiça, jamais o afastaram do exercício da advocacia, pelo qual foi verdadeiro apaixonado, como peregrino do Direito, intransigente e esfalfado pelos seus rigores.

A profissão de advogado lhe produzia sim um especial fascínio sobre qualquer outra atividade, espécie de sedução mesmo em todas as fases da vida, cuja força logrou dobrar até a irresignada aposentadoria em 1973.

Permaneceu, único exemplo que conheço, a advogar depois de aposentado como desembargador, sem perceber honorários advocatícios, uma verdadeira advocacia *pro bono*, até os últimos vinte anos de sua vida, com o mesmo idealismo puro e obstinado da juventude.

Aliás, sempre foi desajeitado a esse tipo de cobrança e contratação. A profissão, na verdade, fora quase um sacerdócio, mas nunca vi habilidade e tirocínio tão grandes no seu exercício. Era um advogado nato, completo, especialmente brilhante e – por que não dizer? – o jurista de escol, exibindo, nos arrazoados e pareceres, vasta erudição e opiniões revestidas de inteira originalidade jurídica. Causas abraçadas como a dos naufragos, vítimas do trágico acidente da Lagoa, em 1975, em que vazou notáveis arrazoados, são verdadeiras e imortais lições para a juventude estudiosa de nossa terra – e fez tudo isso sem qualquer recompensa material.

Com tal idealismo, tornar-se-ia, ao tempo em que foi desembargador, um polêmico entre seus pares, pelo descortino e inovação de suas decisões, muitas vezes voto vencido, mas respeitado, admirado e citado, até na magistratura da Superior Instância.

Restou-lhe desta experiência a felicidade, sempre estampada no rosto, de haver contribuído, com a convicção dos mais puros sentimentos, para a aplicação da verdadeira justiça, na sua terra.

Inobstante, contribuiu veladamente para a construção e fortalecimento de praticamente todas as mais importantes instituições culturais da nossa terra, sendo fundador da Faculdade de Direito, da Ordem dos Advogados do Brasil / Seção da Paraíba, da Associação Paraibana de Imprensa, do Conselho Estadual de Cultura, além de haver sido membro, entre outras instituições, da Academia Paraibana de Letras.

Recebeu inúmeros títulos e comendas, porém o que mais lhe agradava era o de Cidadão Benemérito da Paraíba, concedido por nosso Poder Legislativo.

Superior sobre todos os títulos, pensador e espiritualista sem falso moralismo, poliglota, cientista, filósofo, profeta nas várias vertentes de suas elucubrações, um homem, tal como asseverou o juiz Alexandre de Luna Freire, que viveu muito à frente do seu tempo, cultuando a palavra com requintes próprios de um clássico, como opinou o escritor Luís Augusto Crispim. Algumas de suas teses jurídicas são incontestáveis precursoras de temas desenvolvidos posteriormente por juristas do calibre de Seabra Fagundes e Orlando Gomes.

Muitos dos aspectos abordados pelo jurista baiano, na sua obra *A Crise do Direito*, já haviam sido vaticinados no ensaio a que Osias intitulou *O Direito e o Tempo*, no início da década de 1950. O mesmo cabe dizer da obra literária *Ester-tor*, que levou à estampa em 1972 e onde idealizou um mundo feérico e imaginário, com súbito desaparecimento das enfermidades e da morte – cuja temática ficcional aparece, agora,

trinta anos depois, no romance *Armagedom*, de autor norte-americano, com ciclópica consagração pelo público leitor nos Estados Unidos. Nos dois casos, um exemplo lamentável da adversidade com que lida a valorosa produção artística nos meios provincianos, para alcançar a notoriedade ou, pelo menos, aceitação nos círculos culturais do país.

Desde a juventude, preservou hábitos simples e morigerados, preferindo uma conversa agradável com amigos aos banquetes e recepções engalanados de falsidade e hipocrisia. Dispensava o carro oficial para voltar para casa a pé no fim do expediente e, não raro, pelo meio do caminho, conversar com pessoas simples, sobre acontecimentos triviais. Muito conhecido e afamado, estes interlocutores, pessoas do povo, entretanto, sequer sabiam que ali conversavam com uma enciclopédia viva.

Na esfera de sua vida íntima e doméstica, foi um abnegado pela família, solícito, otimista e bem-humorado, nunca cultivou vícios de qualidade alguma, a não ser o hábito obcecado pela leitura, nem jamais demonstrou qualquer ponta de rancor, inveja ou ambição.

Terá sido naturalmente essa paz interior o grande e visceral lenitivo contra as tribulações e vicissitudes suportadas na vida. Ao longo de vários anos de convivência diária, nunca ouvi de sua boca uma palavra de ódio, bravata ou maledicência, mesmo em face de eventual prejuízo pessoal.

Eis Osias Gomes, o avô e pai, o homem e o amigo, uma personalidade, enfim, forrada de tão raras e especiais qualidades, que, tendo sido humano, deverá ter guardado os defeitos para, certamente, não tripudiar jamais sobre o semelhante. A seu respeito disse também o inesquecível Luiz Augusto Crispim que “na Paraíba jamais ouvira alguém levantar a voz contra o seu nome”.

Não tenho dúvida de que o imperecível brilho de seu exemplo e de sua obra levará às gerações vindouras, pelo menos, um sério e grave momento de reflexão.



Cleanto Gomes Pereira

Um reverente motivo de orgulho de Cleanto é ser Uneto do detentor da Cadeira nº. 30 da ACCAL – Litorânea.

Graduado em Direito pela UFPB, turma de 1977, exerceu diversos cargos públicos: Procurador Jurídico do antigo Instituto de Previdência do Estado da Paraíba / IPEP, tendo chegado a exercer a presidência da referida instituição; Procurador Chefe da Assessoria Jurídica da Fundação Cultural José Lins do Rego (Espaço Cultural / Funesc).

É advogado militante, tendo exercido a função de Conselheiro da OAB-PB e membro do Tribunal de Ética da referida entidade. É escritor textualista, tendo prestado colaboração nos jornais “Contraponto” e “Correio da Paraíba”. É colunista da revista “Tribuna”.

É membro da Academia Paraibana de Letras Jurídicas e, recentemente, lançou a obra “Minhas Admirações”. Sobre o autor, diz o professor José Octávio: “Cleanto Gomes é unanimemente reconhecido pelos méritos intelectuais, como uma das maiores figuras de sua geração”; ou, nos dizeres do desembargador José Ricardo Porto, do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba: “[...] é uma coletânea de sentimentos e emoções incontidas, retratadas pela sensibilidade e talento de quem vive a vida sem receio de ser feliz”.

De sua lavra, é também o livro “Na Tribuna – Discursos Escolhidos”.

Foi homenageado pela Assembleia Legislativa da Paraíba, com a outorga da medalha Epitácio Pessoa, por relevantes serviços prestados à previdência, ao jornalismo, à advocacia pública e à historiografia paraibana.

Aposentado como Procurador Autárquico do Estado da Paraíba, continua atuando na advocacia e, como Osias Gomes, mergulhado em suas seletas leituras.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 31

PATRONO
PEDRO AMÉRICO DE
FIGUEIREDO E MELO^(*)
(1843 – 1905)

ACADÊMICO
Oliveira Francisco de Melo
(Oliveira de Panelas)

Localizada na microrregião do Brejo paraibano, a cidade de Areia surgiu como povoado em 1625. Considerada uma terra de cultura, teve erguido o seu Theatro Minerva (1859), três décadas antes do Theatro Santa Roza, na Capital do Estado. Um grupo de famílias de senhores de engenho abastados construiu o teatro, inicialmente chamado de Theatro Particular.

A cidade foi berço de nomes que pontificam no espaço destinado à cultura nacional: José Américo de Almeida, cujo romance “A Bagaceira” teve como cenário a antiga paisagem rural areense; Maria Verônica Secreta, autora do romance “A Revolta do Quebra-Quilos”, também ali ambientado; Padre Azevedo, inventor da primitiva máquina de escrever; Pedro Américo de Figueiredo e Melo, um dos mais famosos pintores brasileiros, que tem sua arte admirada e louvada pelo mundo.

A título de curiosidade, foi Areia a primeira localidade a libertar os seus escravos, em 3 de maio de 1888, portanto, antes da outorga da celebrada Lei Áurea.

Areia dispõe de dois museus que recebem anualmente inúmeros turistas: o Museu Regional de Areia e o Museu Casa de Pedro Américo.

^(*) Texto finalizado pelo Organizador

Pedro Américo nasceu no dia 29 de abril de 1843 na cidade de Areia, município da Paraíba. Foi cientista, teórico de arte, filósofo, ensaísta, político e professor brasileiro, e é apontado como um dos maiores pintores acadêmicos do Brasil.

Ainda, praticamente na infância, quando contava de nove a onze anos, foi contratado como desenhista para acompanhar o naturalista francês Louis Jacques Brunet em missão científica pelo Norte/Nordeste do Brasil (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco). O objetivo era documentar a flora e a fauna dessas regiões.

Após o cumprimento e sucesso da missão, o menino chega ao Rio de Janeiro e, após um período de aperfeiçoamento artístico, ingressa na Academia Imperial de Belas Artes. Nessa escola, em face dos inúmeros prêmios e medalhas conquistados pelo seu talento – quinze medalhas entre ouro e prata e diferentes diplomas – é apelidado de “papa-medalhas”.

Com o reconhecimento unânime de suas qualidades, em 1859, obteve de Dom Pedro II uma bolsa de estudos para a Escola de Belas Artes de Paris, como pesquisador das obras de Horace Vernet, Jean Dominique Ingres e de León Cogniet. Em paralelo, estudava no Instituto de Física de M. Ganot, tendo obtido o diploma de Doutor em Ciências Naturais. E, como se não bastasse, ainda se matriculou nos cursos de Filosofia e Literatura, concluídos na Sorbonne.

Após uma breve estada na Itália, regressou em Brasil, em 1864, onde permaneceu por quatro anos, quando, então, empreende uma segunda viagem à Europa, especificamente a Bruxelas onde, após frequentar as aulas regimentais, se doutora em Ciências Física, defendendo sua tese de que se originou o livro *La Science et les Systèmes* (A Ciência e os Sistemas, em edição nacional).

Em 1870, novamente regressa ao Brasil, já casado com Carlota, filha do então já eminente Manuel de Araújo Porto

Alegre, Cônsul-Geral do Brasil em Portugal. Já no Rio, assumiu a cadeira de Desenho da Academia Imperial de Belas Artes e, em seguida, as cadeiras de Estética, História da Arte e Arqueologia, tendo lecionado por vinte anos, até o ano de 1890, quando foi jubilado.¹ Com a proclamação da república, Pedro Américo foi eleito deputado à constituinte de 1890.

Por essa época, o seu prestígio já estava consolidado na Europa, quando passou a residir em Florença. Em terras italianas, faleceu em 7 de outubro de 1905.

Em 1985, o celebrado cronista de artes Walmir Ayala escreveu que Pedro Américo “[...] consumou todo o seu rigor italiano de um verdadeiro academismo, o que lhe valeu a consagração da crítica europeia no final do século XIX, e conquistou no Brasil uma popularidade sem igual entre seus contemporâneos”.

SUAS OBRAS LITERÁRIAS

No universo literário, Pedro Américo escreveu o ensaio “Refutação à Vida de Jesus de Renan”², por conta de cuja obra foi condecorado pelo Papa Pio IX com a Ordem do Santo Sepulcro. Como já dito, legou-nos a obra “A Ciência e os Sistemas”, que teve tradução do Prof. Gabriel Alves de Oliveira (*in memoriam*) pela Editora da UFPB, em 2003, e, ainda, “A Reforma da Academia de Belas Artes de Paris”, e “Discurso sobre Estética”.

¹ Obtenção de aposentadoria, com vencimentos integrais, após o transcurso de período determinado por lei, como prêmio e honra em face dos serviços prestados junto a uma instituição pública.

² RENAN, Ernest. (1823-1892). Foi um acadêmico, filólogo, filósofo e historiador francês, exegeta erudito, porém audacioso no levantamento de suas hipóteses. Era um racionalista. Sua obras “Origens do Cristianismo” e “Vida de Jesus” (1863) foram colocadas pelo Vaticano no Index, que é a lista de livros cuja leitura a Igreja Católica considera nefasta quanto à fé, à moral e aos bons costumes.

SUAS OBRAS PICTÓRICAS

Inúmeras são as obras pictóricas produzidas por Pedro Américo. Algumas delas, obviamente apenas em reprodução, são mantidas no citado Museu Casa de Pedro Américo, em Areia.

Uma seleção dos seus quadros mais célebres: “Batalha do Avaí”, encomendado pelo governo brasileiro, obra iniciada no Brasil e concluída, em 1877, em Florença, quando foi exposta na *Galleria degli Uffizzi*, encontra-se hoje no Museu Nacional de Belas Artes, junto com outras dezessete de suas obras, entre as quais estão “David e Abzag” e “A Noite com os gênios do estudo e do amor”; o Grito do Ipiranga (1888), este encomendado pelo governo de São Paulo e, hoje, em exposição no Museu do Ipiranga (SP); “Batalha de Campo Grande”, “Casamento da Princesa Isabel” e “Dom Pedro II na abertura da Assembleia Geral”, essas últimas podem ser vistas e visitadas no Museu Imperial de Petrópolis. Outras obras suas estão espalhadas pelos Museus de Arte de São Paulo e na Escola (Museu) de Belas Artes do Rio de Janeiro, encontrando-se, nesta última, “Rabequista árabe”.

ACCAL - Litorânea
17 julho 2019
Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea

REFERÊNCIAS

ERMAKOFF, George. Dicionário Brasileiro Ilustrado de Personalidades da História do Brasil. G. Ermakoff – Casa Editorial, Rio de Janeiro, 2012

LELLO, José et Lello, Edgar. Dicionário Prático Ilustrado. Lello & Irmão – Editores. Porto, Portugal, 1966

MIRADOR, Enciclopédia Internacional. Vol. 2. Companhia Melhoramentos de São Paulo. São Paulo (SP), 1977.



Oliveira Francisco de Melo

Oliveira de Panelas – este o seu nome artístico – é poeta, repentista, escritor e cantor.

Aos oito anos de idade, já fazia seus primeiros versos e, aos doze, cantava pela primeira vez no Sítio Contador, município de Panelas-PE.

Seu pai, Antônio Francisco de Melo Filho, e sua mãe, Maria Virtuosa dos Santos, foram os grandes incentivadores de todo o seu trabalho.

Tornou-se profissional aos quatorze anos. Como profissional do repente, sempre demonstrou, de forma didática, os seus principais gêneros, a origem e a atuação da cantoria no Nordeste. Divulga, desde o início, a valorização do cordel como um símbolo de resistência e arte aos costumes da nossa gente, somando-se à divulgação das canções e das toadas de todo reino do repente nordestino.

Viaja pelo Brasil inteiro sempre divulgando a riqueza, a história, a cultura e os costumes do leão pernambucano.

Consciente da influência e do poder do seu trabalho, sempre se incorpora a campanhas de utilidade pública e de caráter social.

Residiu em São Paulo, capital, sendo sócio fundador de várias agremiações artístico-culturais.

Em 1975, gravou seu primeiro disco na Coletânea de Repentistas, mostrando-se possuidor de uma voz extensa, forte e afinada, e sendo considerado um renovador da cantoria pelos temas sociais abordados e pela grande técnica usada na arte de cantar.

Dos 298 congressos de cantoria de que participou, classificou-se em primeiro lugar em 185 deles.

Cantou para presidentes de países estrangeiros, como Mário Soares, Fidel Castro e outros presidentes brasileiros, além de várias personalidades do mundo artístico, político e social.

Participou, como jurado convidado, de programas da midiáticos, tendo seu nome alinhado aos melhores músicos brasileiros.

Em 1997, venceu o Primeiro Campeonato Brasileiro de Poetas Repentistas, no Memorial da América Latina, em São Paulo, concorrendo com 108 artistas de todo o território nacional e, em 2001, venceu o 1º Desafio Nordestino, concorrendo com setenta dos maiores cantadores nordestinos, realizado em Recife – PE.

Livros publicados: O Comandante do Planeta Médio, 1977 (Tipografia Alvorada), Poesia Liberdade, 1979 (Editora Jagurá), Poemas iluminados, 1983 (Editora A União), Poemas Alternativos, 1984 (Unigraf), Na Cadência do Martelo, 1993 (Gráfica Boa Impressão), Dois Poetas do Povo e da Viola, 1996 (Funesc), O Poeta Gozador, 1998 (Editora A União), Vida de José Lins do Rego, 2001 (Funesc), Cordel, 2001 (Editora Hedra), Um Tributo à Nossa Senhora – A Tecelã das Flores, 2002 (Editora Ideia), Os Maristas na Bahia, 2002 (Editora Bargaço), Cantando a História, 2002 (Editora Bargaço), Os Irmão Maristas em Taguatinga, 2003 (Editora Edições Bagaço), O Legado de uma Maria, 2003 (Gráfica Santa Marta), E Deus me fez cantador, 2005 (Editora Manufatura), O Décimo Terceiro Apóstolo, 2007 (Editora Sal da Terra), Cintilâncias, 2016 (Editora A União-

-UEPB), Nós, 2017 (UEPB), Convivência com o Semiárido, 2019 (ASA).

Alguns cordéis de sua autoria: Nas Pegadas de Champagnat, Setenta Anos dos Maristas no Brasil, Quem trabalha tem Direito, Gigante dos pés de barro, Lugar de criança é na escola, Estatutos da Criança e do Adolescente, Confissão de um Favelado, Cordel Matéria Viva, Peteleco, (humor), Outra visão, Outro Sertão (parceria Zé de Souza), Manifesto da Esperança (parceria Zé de Souza), CAVN-Sementeira de Sonhos e Esperanças (parceria Zé de Souza).

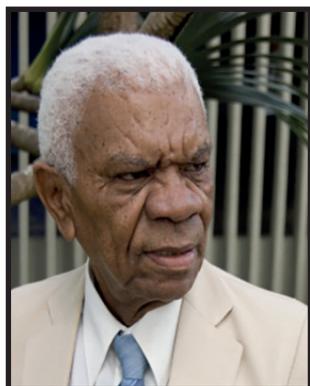
Tem gravados onze LPs e 31 CDs e tem participação em trilha sonora de filmes e seriados nacionais.

Seu trabalho é reconhecido pela imprensa de Portugal, Cuba, França e Estados Unidos, países em que se apresentou.

Fui Conselheiro de Cultura do Estado, em nome da arte e da cultura da Paraíba.

Alguns títulos e comendas: Cidadão Paraibano, Cidadão Pessoense, Cidadão Campinense, Cidadão Garanhunense (PE), Medalha dos Cabanos (Painel-PE), Medalha Augusto dos Anjos, Medalha Ariano Suassuna, Honra ao Mérito-OAB, Honra ao Mérito-Tribunal de Justiça-Pleno, Honra ao Mérito-Maçonaria, Honra ao Mérito-Heitor Falcão, Habilitação-Ordem dos Músicos do Brasil, Membro da União Brasileira de Escritores (UBE);

No ano de 2006, tornou-se membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste – ALANE; é Presidente de Honra da Academia de Cordel do Vale do Paraíba (ACVVPB) e membro da Academia Brasileira de Cordel, sediada no Rio de Janeiro.



CADEIRA 32

PATRONO
SEVERINO RAMOS PEDRO DA
SILVA
(1938 – 2018)

ACADÊMICO
Rougger Xavier Guerra Júnior

O menino pobre, que na infância vivia no seio da família, superou as agruras da existência simples que levava nos canaviais. Os seus pais moravam na Usina São João, no município de Santa Rita–PB, onde o genitor foi um simples operário, e sua mãe, eventualmente, prestava o serviço de parteira aos que dela necessitassem.

Severino Ramos, que se firmou no seu campo de atuação como Biu Ramos, nasceu, ali mesmo na usina, em 19 de agosto de 1938.

Consta que a então vereadora Madalena Alves, da Câmara Municipal da Capital, em visitas que fazia à Usina São João, com o objetivo de realizar um trabalho social com os jovens, a convite do proprietário Odilon Ribeiro Coutinho, observou que o garoto Biu, com a idade de treze anos, mostrava-se muito esperto e ativo, fazendo questão de acompanhá-la e buscando participar dos eventos. Numa dessas ocasiões, por ocasião da apresentação de um auto natalino que contou com a presença do “todo poderoso” da usina, aquele moleque o deixou impressionando com a sua desenvoltura e participação no evento. Após alguns dias e mais algumas observações do comportamento do garoto, o dono da Usina entrou em contato com o pai do garoto “despachado” e questionando se o menino tinha estudos... A resposta

do pai foi negativa, uma vez que, feitos os cursos primário e ginásial, ali não havia mais escola que lhe possibilitasse colocar o menino, além, obviamente, a falta de condições de encaminhá-lo à Capital. E o que parecia um milagre aconteceu: Odilon Ribeiro Coutinho assumiu, a partir dali, custear os estudos – ida e vinda – e demais necessidades do garoto em João Pessoa.

Começa, então, vida nova para Severino Ramos, dos canaviais de Santa Rita para as salas de aula: começou na antiga Escola Industrial, ainda na Rua das Trincheiras, transferindo-se depois para o Liceu Paraibano.

Desde então, inicia-se o gosto pela leitura, momento em que começa ele a entender a vida, a que foi levado sobretudo pela leitura dos jornais dominicais que eram vendidos nos trens que costumava apanhar: o Diário de Pernambuco, Jornal do Comércio, o Estado de São Paulo e A União. Foi por meio dessas leituras que começou a familiarizar-se com os textos do paraibano Assis Chateaubriand e do pernambucano Gilberto Freyre. Eram os primeiros passos dados pelo abalizado jornalista que ele viria a ser.

A literatura, no entanto, não lhe passava despercebida, sobretudo as criações literárias de José Lins do Rego, que o faziam sentir, em personagens e ambientações, o mundo que lhe havia sido familiar: os canaviais. De Zé Lins para outros escritores foi um pulo: advieram, nas suas leituras, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, e até Machado de Assis e Eça de Queiroz. Certamente, vem daí uma contribuição essencial à criação dos seus futuros textos.

Dentre e fora de salas de aula, Biu continuava irrequieto e ativo, procurando participar dos eventos escolares, dentro e fora do Liceu. Como seus pais continuavam residindo na Usina, ele, aos domingos, consumia o tempo nos escritórios da fábrica, aprendendo, como autodidata, os manejos da máquina de escrever. Foram o hábito de ler, a facilidade de assimilar o que lia e a prática datilográfica

ca que o levaram ao primeiro emprego e ao contato diário com a redação jornalística. Tendo a morte de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, provocado uma suspensão de aulas, ele procurou a redação do recém-criado jornal Correio da Paraíba (5 de agosto de 1953) e conseguiu que lessem um artigo por ele escrito e que sempre trazia consigo. Quem o recebeu foi o secretário de redação, José Barbosa de Souza, que, gostando do que lera, prometeu-lhe divulgar na coluna “Escreve o leitor”. Era pouco: o garoto, insistente e persistente, já se mostrando entendido no assunto, argumentou que o texto estava digno de figurar numa página de “Colaboradores”. Ganhou a aposta: dias depois, o jornal estampa sua matéria na página pretendida. Já se achando com a “bola cheia”, a Biu lhe é permitido passar a frequentar a redação do jornal, produzindo novos textos, mas foi a sua habilidade com a máquina de escrever que o fez ganhar a atenção do novo secretário de redação, Expedito Silva. Novo evento improvável: tendo o pessoal da redação provocado uma greve, Biu, que não era empregado do jornal e “não tinha nada com isso”, compareceu normalmente à sala de trabalho e permaneceu no seu canto escrevendo mais um artigo. Brilhou, então, a sua estrela, e o jovem foi convidado a “fechar” a edição do jornal do dia seguinte. Recebidas as devidas instruções, estava lá o novel jornalista, sendo aprovado, com louvor, no desempenho de sua tarefa. Esse pequeno “acidente de percurso” colocou o pretense jornalista em contato com um ícone do jornalismo da época: Ivaldo Falcone, então editor do jornal. Este procurou o secretário e disse estar carecendo de um datilógrafo tarimbado para transcrever o seu artigo. A sorte ajudou Biu. Expedito o apontou como a pessoa indicada para a tarefa. Ivaldo dita o texto, e Biu, rápido e perfeito, capricha na datilografia. Nota dez para o datilógrafo, que ganha a sua recompensa, Ivaldo, então, disse: “A partir de amanhã, eu quero esse menino como meu datilógrafo!” E,

dirigindo-se ao garoto: “Chegue sempre às nove horas!” Ganhou Severino o seu lugar no jornal e no jornalismo. Foi assim que ele ganhou o emprego, e a Paraíba ganhou em jornalista de fôlego e competência.

Foram seis décadas de “batente”, diversificando-se entre o jornal o rádio e os seus encaminhamentos pelo mundo da escrita de suas memórias e ocorrências citadinas.

SEVERINO RAMOS EM PALAVRAS DOS OUTROS

Os seus colegas de batente, os que com ele conviveram ou acompanhava o que ele escrevia, tinham opiniões sobre a essência do pensamento do jornalista e escritor Biu Ramos. Vamos a algumas.

Nas palavras de Gonzaga Rodrigues, outro jornalista maior, Biu seguia o modelo de Joel Silveira, “sendo escritor sem deixar de ser jornalista”.

Alarico Correia afirmava que Biu “sabia observar e interpretar as nuances da vida com olhar crítico sem contudo perder o senso de humor. Mas sabia ser contundente quando perseguia a construção da verdade na construção dos seus comentários e na interpretação dos fatos”.

Para Martinho Moreira Franco “[...] era rigoroso na avaliação dos textos...”.

Ipojuca Pontes, misto de cineasta, escritor e jornalista, que mantinha com ele encontros e desencontros de natureza opinativa, afirmou que “[...] o jornalista gerava luz própria e cedo superou as adversidades”.

É o jornalista Nonato Guedes quem afirma que “[...] a sólida bagagem cultural moldou a trajetória de Severino Ramos”.

Para Walter Santos, “Biu [...] quando militava na crônica política, era o mais expressivo pela contundência (com) que tratava a abordagem dos personagens e os fatos políticos do Estado”.

Antônio Barreto Neto, o Barretinho, que militou nos meios radiofônicos, jornalísticos e cinematográficos, via no companheiro “[...] um narrador fluente, hábil desenhista de perfis, com a graça natural de um bom contador de casos, que simpatiza e se diverte com os seus personagens”.

Sobre Biu Ramos, Wellington Aguiar afirma que “Severino Ramos era um jornalista dos bons, boêmio de fina sensibilidade e conhecedor de todos os becos, ladeiras, ruas e praças desta cidade de João Pessoa”.

Mário Moacyr Porto reconhecia que Biu Ramos “traçou, com leveza e fidelidade excelentes, os tipos da boêmia paraibana”.

Carlos Romero afirmava que não sabia “a quem admirar em Severino Ramos, se a argúcia do repórter, a atenta observação do sociólogo ou a penetração do psicólogo, a amenidade e o humor do cronista, a imaginação do poeta ou os questionamento do crítico”.

Também o homem de imprensa, William Costa, que vem a ser genro de Severino Ramos, quando fala sobre uma das obras dele, diz que “Os matizes são propositalmente variados, única maneira de dar conta da multiplicidade de personagens e situações que conformam este mirabolante painel social que é a Arca de Sonhos”.

Ivan Bichara, na majestade do comando do governo paraibano, mas com a visão de quem conhecia bem das anuências que comandam o mundo do jornalismo, da literatura e da política, comentando “A Arca de Sonhos” afirmou: “A sua tendência para a ironia, para a mistura de sal e pimenta com a sua prosa sensual e ágil, se junta à evocação de figuras do passado [...], fazendo tudo isso junto com uma combinação que torna seu livro saboroso, rico, luminoso, raro”.

O crítico literário Hildeberto Barbosa Filho, que bem “entende do traçado”, reconhece que “Biu Ramos foi o primeiro a registrar, por dentro, enquanto observador e per-

sonagem, certa temperatura da cidade, certas oscilações de suas ‘veias e artérias’ que os livros didáticos sempre esquecem”.

Outro que “passeia” pelos meandros da crítica literária, Gemy Cândido diz que “sem nenhum compromisso literário, rico de peripécias, (Biu) conseguiu exprimir, com a força do seu espírito lunar, a crônica histórica de uma cidade que se encontra imersa no solo do passado”.

Severino Ramos dizia ter três ícones: Carlos Lacerda, na política; Manuel Bandeira, na poesia; e Cartola, na música.

O OPERÁRIO DA NOTÍCIA

Com vida dedicada à profissão que escolheu, foi repórter de rádio e de jornal, com passagens pelo sistema Correio da Paraíba; chefe de redação da Secretaria de Comunicação do Governo da Paraíba (1967), quando criou uma estrutura própria para o organismo; A União, onde chegou aos cargos de diretor-geral e superintendente; Rádio Tabajara, onde de diretor artístico passou a Superintendente. Chegou à presidência da Associação Paraibana de Imprensa / API e foi correspondente de alguns periódicos de renome nacional, como Jornal do Brasil (de 1965 a 1975), da Folha de São Paulo e das revistas Veja e Realidade, além de dirigir a sucursal paraibana do Diário de Pernambuco.

No âmbito da política, foi candidato a Deputado Estadual, em 1986, na campanha ganha por Tarcísio Burity, que o colocou como Secretário de Cultura, Esporte e Turismo.

SUAS OBRAS

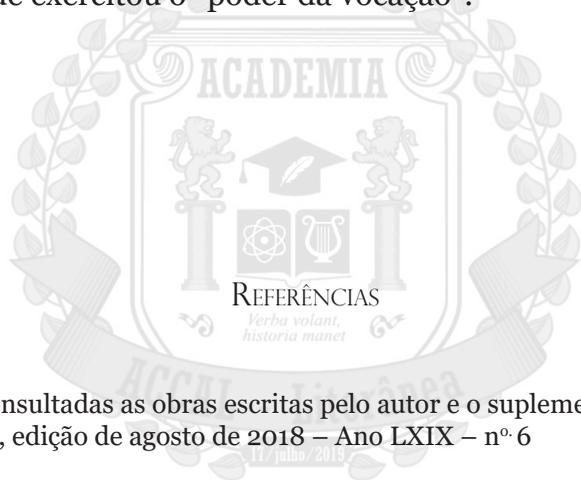
Dentre os onze livros de sua autoria, merecem destaque os seguintes: “João Agripino – O Mago de Catolé”; “Crimes que abalaram a Paraíba”; “Memórias de um Repórter”;

“Era uma vez boêmio”; “Burity Esplendor e Tragédia” e, sua obra maior, “Arca de Sonhos ou Mocidade e outros heróis”.

Severino Ramos, que se aposentou como Procurador do Estado, faleceu em 28 de julho de 2018.

Como afirma William Costa, em Editorial do Correio das Artes, da época, Biu Ramos era “Dono de uma personalidade que reunia talento, coragem e perspicácia, entre outros atributos, fez-se admirar por muitos e temido por alguns”.

Este é o jornalista, cronista, radialista e tudo o mais, que a Paraíba reverencia como possuidor da “força da vontade” que exercitou o “poder da vocação”.



Foram consultadas as obras escritas pelo autor e o suplemento Correio das Artes, edição de agosto de 2018 – Ano LXIX – nº 6

Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



Rougger Xavier Guerra Júnior

É bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo concluído os cursos de pós-graduação em Direito Processual Civil, em 2009, e em Ciências Penais, em 2012, (Universidade Anhanguera – LFG – São Paulo). Nessa mesma Universidade, exerceu a função de monitor, em nível de graduação, nas disciplinas de Direito Administrativo e Direito Penal, no curso de Direito. Tem doutorado em Ciências Jurídicas e Sociais, concluído em 2014 (Universidad del Museo Social – UMSA, Buenos Aires – Argentina).

Profissionalmente, exerce o cargo de diretor jurídico da empresa Grankasa Empreendimentos Imobiliários Ltda., de que é sócio, com atuação nas áreas de Direito Imobiliário, Empresarial e Civil. Também é sócio do Escritório Xavier Guerra & Advogados Associados, com sede na Capital paraibana, com trabalhos em todas as instâncias do poder judiciário, com enfoque voltado para o Direito Criminal, Cível e Consumerista; atua ainda como sócio do Escritório Guerra, Benjamim e Oliveira Advogados, com sede no Rio de Janeiro, nas áreas do Direito Consumerista, Civil e Judiciário.

É coordenador do Setor Jurídico da Fundação de Ação Comunitária – FAC; Procurador, Secretário Legislativo e Assessor Jurídico da Câmara Municipal de Cabedelo–PB;

Chefe da Assessoria Jurídica da Secretaria Municipal do Consumidor de João Pessoa–PB / PROCON-JP.

Recentemente, foi aprovado em concurso público, para os cargos de Policial da Polícia Rodoviária Federal e para Agente da Polícia Federal.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 33

PATRONO
SILVINO OLAVO DA COSTA
(1897 – 1969)

ACADÊMICO
Francelino Soares de Souza

Em Lagoa do Açude, que era apenas uma fazenda, o seu pai possuía algumas propriedades espalhadas pela região, onde administrava seus bens: plantio de algodão, cereais de subsistência e criação de gado. O Coronel Manoel Joaquim Cândido e dona Josepha Martins Costa eram assim considerados e respeitados proprietários rurais. Silvino Olavo da Costa foi o primogênito do casal, nascido por volta das 11h, do dia 27 de julho de 1897. A propriedade do coronel localizava-se ao povoado de Esperança, então um simples distrito de Alagoa Nova.

Batizado na capela de N. S. do Bom Conselho, no referido povoado, o menino, como era costume na época, somente teve o seu Registro Civil de nascimento assentado no Cartório do Registro Civil de Esperança, em 21 de fevereiro de 1920, quando, já adulto, decidiu “ir embora” para o Rio de Janeiro, numa imperiosa necessidade, como ele dizia, para “buscar novos rumos”.

Em 1915, o Coronel Manoel resolveu mudar-se de sua propriedade, indo residir na então próspera vila de Esperança, onde, diversificando seus negócios, estabeleceu-se no ramo comercial, abrindo uma padaria e uma mercearia que, como era costume na época, “vendia de tudo”. Naturalmente,

te, esse teria que ser o roteiro nos caminhos da vida traçado pelo pai para o primogênito.

Em Esperança, Silvino, então, já frequentava a escola particular do professor Joviniano e da professora Maria Augusta Sobreira, que vinha a ser a genitora do Coronel Elísio Sobreira, que se transformaria no conhecido personagem do movimento revolucionário de 1930. Com os primeiros mestres, Silvino concluiu seus estudos preliminares (alfabetização, elementar), o que o fez com absoluta “distinção”, sendo, ao final do curso, escolhido para fazer a saudação aos mestres.

O pai, que acompanhava com orgulho a desenvoltura escolar do filho, já o havia escolhido, por ser o primogênito de uma prole de vinte filhos, como seu substituto na administração do seu patrimônio, desejando fazer dele um grande fazendeiro e comerciante. Mas, outros planos rondavam a cabeça do jovem Silvino: empolgado com o próprio sucesso escolar, resolvera continuar seus estudos, não acatando os planos do pai. Assim é que, gerando, como seria natural, um impasse doméstico e familiar, ele resolve “fugir de casa”, rumando para o Recife–PE, em busca de dar continuidade aos seus estudos. Corre ainda a estória de que a fuga da casa paterna ocorreu, também, em função da não aprovação, por parte dos pais, de um namoro com uma moça, jovem e bonita da cidade, de nome Severina Lima, por quem ele nutria uma conturbada paixão. Falam que a mãe, certamente por excesso de zelo, teria dito em público que preferia ver o filho “doido” a vê-lo casado com a sua pretendente.

Para sustentar-se, já na Capital pernambucana, Silvino arranja um emprego de balconista, serviço de que já tinha conhecimento e prática. Não é que a loja pertencesse a um “português sabido”, mas, segundo ele, atrapalhava a sua busca pelos seus novos rumos, os estudos. Então resolve abandonar o primeiro emprego e recorre ao esposo de uma sua tia, Henriqueta Marimbondo, de nome Antônio

Luiz de Souza, e com eles vai morar, sofrendo a sua primeira e grande decepção: para se afastar da pensão em que residira até então, teve que deixar “empenhadas” ali as suas roupas e outras bugigangas de uso pessoal. Sabendo notícias do acontecido, o Coronel seu pai resolveu “absolvê-lo” e decidiu, após entendimento com os parentes hospedeiros, aprovar a sua matrícula no então já celebrado Colégio Pio X, na Capital paraibana, onde viria a concluir o então Curso Secundário, tendo sido escolhido, por três anos consecutivos, como orador da turma e recebido uma festejada medalha de Honra ao Mérito.

Concluídos esses ciclos discentes, em 1920, parte para o Rio de Janeiro, para prestar os temidos exames vestibulares para o curso de Direito, mantendo-se na então Capital Federal, conseguiu duas atividades remuneradas: nos antigos Correos & Télégraphos e ainda arranjava tempo para, após as aulas noturnas, trabalhar como revisor de jornais. É justo que se diga que, mesmo assim, ainda recebia pequena ajuda financeira do seu pai.

Na antiga Capital da República, Silvino, como estudante, ajudou a criar uma Academia de Letras e Ciências, centro literário dos alunos da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, nos moldes da Academia Brasileira de Letras. Fazia parte dela junto com dezesseis membros titulares dentre os quais Prado Kelly, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes (neto), Afonso Arinos Sobrinho, entre outros.

Por ocasião do lançamento do seu livro *Cysnes*, o influente Rego Monteiro, falando sobre a obra afirmou tratar-se de uma obra “[...] de quem traz consigo a tristeza profunda das desilusões, e que, longe de se revoltar, surge com frases meigas de perdão aos esquecimentos que sofre”. E, quase profeticamente, disse ainda: “[...] teus versos têm o poder mágico de evocar o teu próprio *Eu*, magnífico pala sinceridade e poderoso pela vibração, sob a sombra da

grande tragédia oculta que, como tu mesmo dizes, **existe em todo coração humano**”.

Colou grau como Bacharel em Ciências Jurídicas, em 1924, sendo escolhido, uma vez mais, orador da turma. Do seu discurso de formatura, destaca-se a passagem: “[...] o dever de não trair a confiança dos que esperam dela a conquista de novos horizontes para o progresso do mundo”.

Em princípios de 1925, retorna, temporariamente, à sua terra natal Esperança–PB, com dois troféus: o título de “doutor advogado” e um seu livro de poesias, *Cysnes*, editado no Rio, ano anterior. Voltava, como ele mesmo registrou “com a saudade nos olhos [...] e da delícia espiritualíssima dos seus dias cariocas”. Passa a colaborar na imprensa da Capital, como em *A União*, órgão oficial do governo, em *O Jornal* e na revista *Era Nova*, e até com o periódico carioca *A Província*, para onde encaminhava a sua produção poética. Por essa época, Silvino, pelo natural fascínio e pela sua inteligência privilegiada, acompanhados pela sua modéstia e bondade, liderou o chamado “Grupo dos Novos”, que havia criado com expoentes culturais, como Peryllo d'Oliveira, Eudes Barros, Raul de Góis e Amarílio de Albuquerque. O grupo marcou época na Capital, destinando-se a promover encontros literários em residências de intelectuais citadinos. Havia quem assegurasse que o “Grupo dos Novos” teria servido de inspiração para outros, como teria ocorrido com o advogado João Dantas, com a professora Anayde Beiriz e outros.

Por esse tempo, inicia uma luta exaustiva, objetivando libertar sua terra da subordinação a Alagoa Nova, alardeava ser Esperança “um povoado com proporções de cidade”. Perseguindo seus objetivos e exercendo o seu poder de persuasão, tornou-se amigo pessoal do Dr. João Suassuna, que era Presidente do Estado, tendo, com a aquiescência deste e participação de um bloco legislativo, composto pelo esperancense Coronel Elísio Sobreira e de Antônio Botto,

Genésio Gambarra e Antônio Lucena, conseguido inúmeros benefícios para a terra/mãe. A luta pela sua emancipação política inicia-se com a obtenção dos serviços de energia elétrica. Quando da inauguração do sistema, que contou com a presença do Presidente João Suassuna, Silvino Olavo, em brilhante oração, cunhou uma frase que ficou famosa e viria a ser uma espécie de aforisma: “Esperança, lírio verde da Borborema”, nos moldes do que Alcides Carneiro faria sobre a minha terra: “Cajazeiras, a cidade que ensinou a Paraíba a ler”.

Dessa sua aproximação com os poderes executivo e legislativo, em novembro daquele ano, Silvino conseguiu que fosse levado ao plenário da Câmara Estadual (atual Assembleia Legislativa) o seu projeto que criava o Município de Esperança, o qual, somente em terceira discussão, iniciada em 16 de novembro, foi aprovado, depois de oposição feroz do Deputado Pe. Aristides Ferreira. O fato é que o intento saiu vitorioso e, em 1º de dezembro de 1925, Esperança se tornava mais uma cidade paraibana.

Em entrevista a *O Jornal*, Silvino afirmou que “[...] A consolação que nisto experimento é tanto mais comovida e grata quanto mais essa ideia andava semeada no meu desejo desde a minha idade de adolescente”.

O Jornal, que até então estava vinculado a um grupo político, tornou-se um órgão independente, sem vinculação política em 25 de abril de 1926, tendo como proprietário o Sr. Horácio Rabello, com direção do Dr. José Gaudêncio. Independente, mas ainda sofria a influência política do Presidente João Suassuna, que “recomendou” o nome de Silvino Olavo, já residindo na Capital, para a chefia de redação.

Em 1927, mais uma vez Silvino Olavo se vê compelido a deixar a Paraíba, aprovado que fora, sem ingerência política, portanto, em concurso para Agente Fiscal de Imposto e Consumo, sendo nomeado para a cidade de Vitória, capital do Espírito Santo.

Nesse mesmo ano, no Rio de Janeiro, seus amigos, diante do sucesso de seu primeiro livro *Cysnes*, festejam o lançamento do seu segundo livro, ***Sombra Iluminada***, que foi recebido, lido, aplaudido, recitado e até imitado. O já renomado crítico literário Agrippino Grieco, cativado pela leitura de suas duas obras, escreveu: “Poucos artistas estream de modo tão brilhante”. E disse mais: (Os seus livros revelam) “esplendores de suaves e ardentes alegrias a ais cortantes de requintada dor estética”. Não sem justa razão, Silvino dedicou o seu segundo livro “Ao Dr. João Suassuna, meu eminente e generoso amigo”. Pela mesma época, o já influente líder político, seu conterrâneo Samuel Duarte afirmou que “[...] a sua poesia e o próprio artista é um balbucio de enternecidas mágoas evocando nuances que só o gosto muito educado surpreende”. Eudes Barros, que também fazia parte do já citado “Grupo dos Novos”, assim definiu a poesia de Silvino Olavo: “[...] trata-se de um poeta parnasiano pela forma clássica do verso, a exemplo de Bilac e Alberto de Oliveira, e um simbolista pela inspiração algo nevoento e fava, como Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens”.

Quando o Dr. João Pessoa foi eleito Presidente do Estado da Paraíba, indicado por amigos, mas, sobretudo, pelos caminhos que havia percorrido junto às lideranças políticas e culturais contemporâneas dele, Silvino Olavo foi convidado a fazer parte do *staff* presidencial, como Oficial de Gabinete do Presidente, ato publicado no Diário Oficial do Estado, no mesmo dia da posse do Dr. João Pessoa, 22 de outubro de 1928. Da equipe do Presidente já faziam parte os renomados políticos e intelectuais Celso Mariz e José Américo de Almeida.

Já fazendo parte de um bloco político, passa a integrar a caravana da Aliança Liberal, que postulava as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa para presidente e vice-presidente da República, respectivamente. Ao resto

dessa história, os compêndios escolares fazem referências que deságuam nos episódios da chamada Revolução de 30, com desfechos não desejáveis, como todos conhecem.

Ainda em 1928, no dia 6 de março, Silvino noiva com Maria Carmélia Veloso Borges, que ele chamava carinhosamente de Cacá, filha de Anísio Ferreira Borges e Virgínia Veloso Borges, de tradicional família paraibana, com quem viria a se casar em 28 de novembro de 1929, apesar de já haver sofrido o início do seu calvário, em setembro daquele ano. A cerimônia ocorreu em terras da família da noiva (Engenho Recreio, Pilar–PB), servindo de padrinhos seu cunhado Miguel de Souza Marimbondo e esposa, e José Américo de Almeida e esposa.

Em 26 novembro de 1929, quando, a bordo do paquete “Flandria”, acompanhava o Dr. João Pessoa em uma sua viagem ao Rio de Janeiro, para contatos políticos com Getúlio Vargas, seu companheiro na chapa liberal, Silvino começa a viver o seu calvário: ao desembarcar a comitiva em Salvador–BA, sofre o seu primeiro ataque de esquizofrenia, ficando, por recomendação do Dr. João Pessoa, interno em uma clínica na capital baiana.

Após breve internamento no Hospital de Doenças Nervosas e Mentais do Recife, diagnosticado com uma psicose permanente, veio a ser removido para a Colônia Juliana Moreira, na Capital paraibana.

Com aparente recuperação, só retorna à Parahyba em 6 de junho do ano seguinte, 1930, e, em 2 de setembro daquele ano, alegando “motivos de natureza privada, solicita por carta, ao Dr. Álvaro de Carvalho, então Presidente, sua exoneração da Chefia de Oficial de Gabinete do Presidente. Na ocasião, o Presidente assim agradeceu-lhe:

Embora privado da cooperação e do convívio de um dos mais idôneos auxiliares da administração do Estado, apraz-me a certeza de que, voltando ao seu lugar efetivo na Fazenda Federal, continuará

aí o senhor a prestar bons serviços à causa pública, graças às qualidades que o distinguem, das quais dou sobejas provas quando no exercício do cargo de que agora se afasta, espontaneamente, em perfeita harmonia com o meu governo. Seu patrício, amigo e admirador – Álvaro de Carvalho.

Por essa época, os já agitados dias que antecederam a Revolução de 30 não lhe deram mais sossego mental, vindo a predispô-lo às psicopatias diante dos eventos da fatal tragédia que ceifou a vida do Dr. João Pessoa.

Desde então, o seu padecimento somente se prolongou: enviuvou em 1944, quando já se encontrava interno na Colônia Juliano Moreira, na Capital paraibana.

Foi um seu cunhado, Waldemar Cavalcanti, esposo da irmã dele, Alice Costa Cavalcanti, quem por ele se fez responsável, retirando-o da colônia, em 1952, onde ele havia passado mais de duas décadas. Sob os cuidados do casal, Silvino passou a morar sob os cuidados do casal, no sítio Bela Vista, na cidade de Esperança. Mesmo assim, esquecido pelos seus amigos e conterrâneos, alheio ao que se passava no mundo, ainda produziu, em momentos de lucidez, poemas, pensamentos e opiniões.

O casal, seus cuidadores, sempre o manteve como paciente do Hospital Dr. João Ribeiro, depois Instituto Campinense de Neuropsiquiatria e Reabilitação Funcional, da cidade de Campina Grande–PB. Ali, Silvino foi internado em 16 de setembro de 1969, vindo a falecer vitimado por uma uremia aguda, em 26 de outubro do mesmo ano. Está sepultado no Cemitério N. S. do Carmo, em Esperança.

Carmélia, a Cacá, sua esposa e curadora, faleceu em 1º de maio de 1944, na Rua Saldanha da Gama, bairro do Róger, nº. 74, na Capital paraibana, vitimada por um coma hepático. Por essa época, ela já vivia com um companheiro de nome João Florêncio da Silva, separada, de fato e de direito, do marido, Silvino Olavo. Com a morte da esposa,

judicialmente, assumiu a curadoria de Silvino o seu irmão mais novo, Sebastião Cândido da Costa. Este, primogênito da família, herdou a fazenda Lagoa dos Macacos, situada nas cercanias de Esperança. Seu Sebastião, como eu o tratava, por muito tempo vinculou-se ao comércio da Capital, no ramo de vendas de bicicletas, com sócio da firma Inácio Vinagre & Cia., localizada no Varadouro, esquina da Rua Maciel Pinheiro com a Barão do Triunfo. Após o falecimento do sócio Inácio, a firma passou às mãos daquele, com nova denominação – VICAN – associação de VI (de Vinagre) com CAN (de Cândido). Sebastião Cândido, de cuja convivência tive o prazer de usufruir, residiu, por muitas décadas na Av. Duarte da Silveira, na Capital paraibana, vindo a falecer, aos 86 anos, em 11 de março de 2003, quando já residia na praia Ponta de Campina.

Ao que se sabe, Severina Lima, a pretendida amada de Silvino Olavo, faleceu, em data não sabida, mas quando já residia no bairro do Roger, na cidade de João Pessoa.

Sua única filha, Mariza Veloso Borges da Costa, morreu em 1950, quando Silvino ainda se encontrava interno na Colônia Juliano Moreira. Ela estava com doze anos de idade e foi vitimada por uma parada cardíaca, quando vivia interna no Colégio Santa Gertrudes, em Olinda–PE.

Silvino Olavo da Costa já é Patrono da Cadeira nº. 35 da Academia de Letras de Campina Grande, e agora temos a honra de assumir a Cadeira nº. 33 de nossa ACCAL Litorânea, de que ele também é Patrono.

Resumidamente, hoje dentre suas obras se conhecem as seguintes publicações:

Poesias: Os Cysnes (Rio, 1924), Sombra Iluminada (Rio, 1927);

Prosa: Estética do Direito (obra acadêmica, Rio, 1824), Esperança, Lírio Verde da Borborema (discurso, em plaquete, 1925); Cordialidade (estudo literário, 1ª. série, Nova Iorque).

Há notícias de alguns inéditos, a cujos originais não se consegue acesso: Homens de Comando (estudo sociológico), Flora Macerada (poesias em prosa), Santos de Casa (estudos literários) e Cordialidade (2ª. série).

Sua obra cultural pode ser considerável, em se levando em conta os seus problemas existenciais.

A grandiosidade intelectual e cultural de Silvino Olavo da Costa pode ser resumida em alguns depoimentos selecionados abaixo.

"A poesia de Silvino Olavo é suave até na dor, na tortura da ânsia. E ele é sereno como um cisne". (Orris Barbosa)

"Afasta-se da rotina pelo cunho original do seu estilo". (Oscar Lopes)

"Esse poeta honesto e sóbrio não tem fome de aplausos e bem sabe que basta a autoria de um belo verso para consolar-nos de tudo". (Agrippino Grieco)

"Os *Cysnes* refletem, por vezes, num só verso, uma filosofia cheia de resignada indiferença, talvez desinteressada pelas imperfeições da humanidade". (Samuel Duarte)

REFERÊNCIAS

Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea

DEUS, João de. A Vida Dramática de Silvino Olavo. Unigraf, João Pessoa, 1990.

MARTINS, Eduardo. Obra Poética – Silvino Olavo. Mídia Gráfica e Editora, João Pessoa – PB, 2018.

OLAVO, Silvino. *Cysnes / Sombra Iluminada* (edição especial, dupla). Organização: Marcos Souto Maior. Edigraf, João Pessoa – PB, 1985.



Francelino Soares de Souza

Natural em Cajazeiras, sempre se sentiu atraído pelos universos da cultura, aí englobadas a literatura e a música. Advindo de estudos realizados no Seminário Arquidiocesano da Paraíba, formou-se em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, onde lecionou, nas Cadeiras de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Linguística Geral, Língua e Literatura Latina, por duas décadas, após militância docente em vários estabelecimentos de ensino de sua terra, Cajazeiras, e na Capital do Estado. Participou do grupo de professores fundadores do UNIPÊ, entidade em que coordenou, por juma década, os Exames Vestibulares. Aficionado por música, foi Diretor de Programação das emissoras Difusora Rádio Cajazeiras e Rádio Alto Piranhas, de cujas criações participou ativamente. No mundo cultural, envaidece-se de haver participada, ativamente, da fundação de três Academias: A ACAL – Academia Cajazeirense de Artes e Letras; da incipiente APLA – Academia Princesense de Artes e Letras e, agora, da Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras – ACCAL Litorânea. Dentre suas obras publicadas, merecem destaque as direcionadas ao seu campo de magistério – Ensaio Literários – Vols. I – II – III – IV; Periodização da Literatura Brasileira; Língua Portuguesa / Interpretação de Textos; Português Prático –

Vols. I e II – (três edições). No ramo memorialista, publicou, recentemente, a obra *Portal da Memória – Um passeio pelo passado de Cajazeiras*, além de parcerias nas obras biográficas; *Memorial de um Grande Homem – Biografia de José Rolim Guimarães*, (parceria com Aguinaldo Rolim); *Romualdo Braga Rolim – Cem Anos* (parceria com Gilvan Bezerra de Brito) e *José Cavalcanti da Silva – O Homem, o Trabalho e a Dignidade* (parceria com Maria Miriam Cavalcante Andriola); organizou e editou o livro *Patronos & Patronesses*, obra biográfica dos Acadêmicos da ACAL/Cajazeiras. Dedicou-se no momento à editoração de várias obras, além de manter Colunas nos jornais *Gazeta do Alto Piranhas* e em *A União*.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 34

PATRONO
TARCÍSIO DE MIRANDA BURITY
(1938 – 2003)

ACADÊMICO
Abelardo Jurema Filho

POLÍTICO POR ERUDIÇÃO

Era um professor universitário de extraordinária inteligência e cultura que deixou a atividade acadêmica para cumprir o seu destino como homem público, surgindo como solução mediadora a um impasse político, quando as forças políticas da Paraíba disputavam o poder, e as decisões eram tomadas nos gabinetes, em Brasília, durante a fase mais aguda do Regime Militar que dominava o País e que, naquela altura, já apresentava sinais de fadiga.

Ex-seminarista, na ocasião ocupando a Secretaria de Educação do Governo Ivan Bichara, o tímido professor de Direito Internacional Público, Tarcísio de Miranda Burity, era escolhido pelo presidente Ernesto Geisel como o novo governador da Paraíba, iniciando a sua carreira política por onde muitos terminam.

Nunca pensei em me tornar um político e muito menos governar a Paraíba. Minha vocação sempre foi o magistério, mas os fatos conspiraram a meu favor, e o destino se encarregou de me colocar no epicentro do furacão, precipitando a minha ascensão ao Governo do meu Estado e a descobrir a minha veia de homem público.

São revelações de Burity, em entrevista a mim concedida em 2001 e publicada no livro “Paraíba, sim Senhor”, com selo da editora Texto Arte, do jornalista Fernando Moura.

Burity percorreu uma longa trajetória, de altos e baixos, indo do poder ao ostracismo. Concluiu o seu primeiro mandato com o reconhecimento praticamente unânime da Paraíba à sua cultura e à seriedade de suas decisões administrativas, marcas do seu Governo. Fez obras que marcaram a sua gestão, com destaque para o Espaço Cultural José Lins do Rego, que se tornou um símbolo de sua administração. Ao final do seu governo, desincompatibilizou-se do cargo e foi eleito deputado federal com a maior votação proporcional de toda a história da Paraíba.

Como chegou a relatar,

O parlamento foi uma experiência decepcionante. Naquela época, o deputado praticamente não tinha função, a não ser homologar as decisões do executivo. Eu me sentia um despachante de luxo.

Ainda assim, orgulhava-se em ter votado a favor das eleições diretas e na candidatura de Tancredo Neves, no Colégio Eleitoral.

Em 1986 a sua estrela voltaria a brilhar. Adversário político do então Governador Wilson Braga, a quem ajudara a eleger, mas de quem se tornara ferrenho adversário logo nos primeiros dias de Governo, foi convidado pelo então senador Humberto Lucena a se filiar ao PMDB para enfrentar o poderoso esquema braguista, que lançara o senador Marcondes Gadelha, à época um dos expoentes da política brasileira, como candidato a sucessão estadual. Humberto enfrentava problemas de saúde e lançou o nome de Burity com o aval do ex-governador João Agripino. E venceu as eleições com 54% dos votos.

Mas, no seu segundo mandato, as coisas não andaram tão bem. Com o país vivendo período conturbado,

com inflação galopante e sucessivos pacotes econômicos, os problemas foram se acumulando. Politicamente, o desgaste também se acentuava com o rompimento com PMDB e uma relação difícil com Assembleia Legislativa, que se agravaria com a Constituição de 1988, que ele se negaria a jurar, alegando inexecutabilidade da Carta Constitucional que deixaria o Poder Executivo refém do Poder Legislativo. Na entrevista, Burity relatou as suas dificuldades naquele período:

Enfrentamos uma hiperinflação no Brasil, onde tivemos cinco moedas diferentes em quatro anos. Mas o que desgastou o Governo foi o fechamento do Paraíba e, conseqüentemente, o confisco do dinheiro do Estado, quem estava na conta única do banco. Foi uma violência inimaginável contra a Paraíba e que motivou o atraso no pagamento dos funcionários e outras dificuldades que fomos obrigados a enfrentar.

Foi quando estava fora do Governo, na planície, que Burity foi um dos protagonistas de uma cena que marcou para sempre a política paraibana: o atentado do Gulliver, quando ele almoçava em companhia de amigos e foi alvejado, com três disparos feitos à queima-roupa pelo então Governador Ronaldo Cunha Lima. Na conversa que tivemos, ele fez considerações sobre o episódio: “Depois de todo esse tempo, estou convencido de que ele atirou na pessoa errada. E tenho convicção de que ele reconhece que cometeu um grave erro”, assinalou.

Burity morreu sem perdoar o seu agressor mas não alimentava ódio no seu coração, considerando que o que aconteceu, “foi algo do passado”. Ainda no hospital, em atendimento de emergência, ele chegou a escrever um bilhete dirigido aos seus filhos em que escreveu “Não se vinguem!”, preocupado com o que poderia acontecer no caso de uma represália.

Em 1998, ele tentou voltar à vida pública como candidato ao Senado. Em posição de visível inferioridade numérica perante o seu adversário, o senador Ney Suassuna, que contava com o apoio do Governo e da maior coligação partidária já vista no Estado, aliada ao esquema governista, Burity obteve uma expressiva votação, mas foi derrotado por apenas 5% dos votos válidos. Mas justificou o resultado:

Como se não bastassem as dificuldades de infraestrutura da campanha, motivada pela falta de recursos, ainda sofri um enfarte no meio do caminho. Hoje, interpretando aquele resultado, considero que uma boa parcela da população desejava o meu retorno à atividade política.

Com a experiência de dois governos em situações distintas, permeado por um mandato de deputado federal, Tarcísio Burity permaneceu um homem simples, de hábitos modestos, que viveu do seu trabalho e da pensão a que teve direito como ex-governador. Não fez fortuna, não permitiu favorecimentos ilícitos e manteve sempre uma postura digna, dentro e fora do poder. Pelo que se observa hoje na política brasileira, onde a ambição pessoal se sobrepõe ao interesse público, Burity ainda teria muito o que oferecer a Paraíba e aos paraibanos.

Ex-aluno do Colégio Pio X e ex-integrante do Seminário Arquidiocesano da Paraíba, onde permaneceu toda sua juventude, Tarcísio de Miranda Burity foi sempre o primeiro aluno da classe. Sempre mergulhado nos livros, acumulou uma biblioteca de mais de doze mil volumes, onde se destacam as obras raras de autores famosos, incluindo temas de Filosofia, Sociologia, Direito e Literatura Brasileira e Internacional.

Filho caçula de uma família de nove irmãos, foi casado com professora Glauce Burity - primeira e única mulher da sua vida – com quem teve os filhos Tarcísio, Maurício,

Leonardo e André. Obteve o primeiro lugar em todos os exames de que participou, a partir do vestibular de Direito da UFPB, em 1961. Órfão de mãe muito cedo, começou a vida ministrando aula de línguas e literatura no Colégio das Neves, Lourdinias e no Lyceu Paraibano.

Ex-promotor de justiça, amante da música erudita – tinha uma sólida formação musical e era capaz de acompanhar os concertos através das partituras – fez curso de Doutorado em Ciências Políticas no Instituto de Altos Estudos Internacionais de Genebra. Foi professor concursado da UFPB nas cadeiras de Direito Internacional Público e Introdução à Ciência do Direito.

Filho de Luís Gonzaga de Albuquerque Burity e Maria José de Miranda Henriques, Tarcísio de Miranda Burity nasceu em João Pessoa, em 28 de novembro de 1938 e morreu no Instituto do Coração, em São Paulo, no dia 8 de julho de 2003, aos 64 anos, para onde foi levado acometido de um infarto. Segundo sua esposa, Glauce Burity, que o acompanhou em todos os momentos de sua vida, Burity teria começado a morrer a partir dos tiros que levou no atentado do Gulliver quando foi atingido à queima-roupa pelo então governador Ronaldo Cunha Lima. “Dalí em diante ele nunca mais teve saúde, além de atingido por forte depressão”, afirma dona Glauce em depoimento que consta na Wikipédia, da plataforma Google, na Internet.

AS OBRAS QUE DEIXOU

Como gestor público que governou a Paraíba por duas vezes, Tarcísio Burity deixou obras marcantes, entre elas o Espaço Cultural José Lins do Rego, um equipamento grandioso que se incorporou à paisagem e à história da Capital paraibana. Foi dele, também, a iniciativa de construir o Mercado de Artesanato Paraibano, localizado em Tambaú, que

reúne o trabalho de artesãos e artesãs, dando grande impulso ao setor e ao turismo de João Pessoa.

O Hemocentro da Capital, a Fundação de Apoio ao Deficiente, a via litorânea – ligando João Pessoa a Cabedelo, e a PB-008, interligando as praias do litoral sul no que se denominou Projeto Turístico Costa do Sol, foram outras realizações do ex-governador a quem tenho a honra de ter como patrono da Cadeira que agora ocupo na Academia Cabedelense de Letras e Artes presidida pela professora Tania Castelliano.

Mas a grande obra que marcou a passagem do professor Burity na vida pública da Paraíba foi a criação da Orquestra Sinfônica da Paraíba, que implantou e tornou-se uma das mais aplaudidas e respeitadas orquestras sinfônicas do País. A pauta cultural, com concertos e festivais de Música Erudita, destacando-se o Festival Nacional de Violoncelo, reunindo os mais renomados violoncelistas brasileiros e internacionais, com a presença do maestro Aldo Parisot, e os inúmeros concertos da OSPB, realizados no auditório do Cine Banguê, do Espaço Cultural, foram momentos inesquecíveis na memória dos paraibanos que lotavam os auditórios para ouvir e assistir, orgulhosos, à sua grande orquestra.

Por fim, este era o professor Burity. Considero uma grande honra estar ocupando hoje a cadeira de um paraibano tão ilustre, que deixou um legado incomensurável para os seus conterrâneos e que se notabilizou pela sua inteligência, integridade e compromisso inarredável com o bem comum dos seus conterrâneos e a cultura do seu Estado.



Abelardo Jurema Filho

Jornalista e advogado, Abelardo Jurema Filho nasceu no Rio de Janeiro, em 1952, onde, aos vinte anos, foi repórter estagiário do Jornal do Brasil. Em 1975, fixou-se em João Pessoa, na Paraíba, onde concluiu o curso de Direito e iniciou as suas atividades na imprensa paraibana como colunista do semanário “O Momento”, dirigido pelo jornalista Jório Machado. Filho de Abelardo de Araújo Jurema, Ministro da Justiça do Governo João Goulart, é autor do livro “Cesário Alvim 27 – Histórias do Filho de um Exilado”, editado em 2010 pela Universidade Federal da Paraíba que está em sua segunda edição.

Responsável, há 46 anos, pela coluna Abelardo Jurema, publicada hoje nas principais plataformas digitais, é empresário, publicitário e apresentador de televisão, atualmente no ar com o programa Vanguarda, na TV Master de João Pessoa.

Membro da Academia Paraibana de Letras, é autor de cinco livros publicados “Paraíba Feminina” (1993), “Paraíba Masculina” (1997) e “Paraíba, sim Senhor” (2001 – Texto arte editora), “Cesário Alvim 27 – Histórias do Filho de um Exilado” (Editora Universitária – UFPB) e “Na Janela da Cidade” (crônicas – Forma Editorial). Foi um dos fundadores e ex-presidente da Associação Brasileira de Jorna-

listas de Turismo na Paraíba (Abrajet-PB). É diretor-presidente da Abelardo.com – Comunicação & Marketing e responsável pelo portal *www.abelardo.com.br*.

Formado em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa – Unipê (turma de 1977), possui curso da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra-PB. Foi Diretor do Departamento de Documentação e Informação da Assembleia Legislativa da Paraíba e Coordenador de Comunicação do Tribunal de Justiça do Estado.

Foi Vereador em João Pessoa, no período de 1982 a 1986, e um dos fundadores e dirigentes da extinta TV O Norte de João Pessoa, órgão dos Diários Associados, na qualidade de Diretor Superintendente. Possui os títulos de Cidadão Pessoaense, conferido pela Câmara Municipal; Cidadão Paraibano, pela Assembleia Legislativa; Medalha JK, conferida pelo Governo do Estado de Minas Gerais, e da Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho Epiácio Pessoa.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 35

PATRONO
VANILDO RIBEIRO DE LYRA
BRITO
(1937 – 2008)

ACADÊMICO
Majda Hamad Pereira

HISTÓRIA, VIDA E OBRA

Homem apaixonado pelo desconhecido, desbrava-va com maestria os falsetes literários com uma mente alta e incansavelmente produtiva com poemas fulminantes de riqueza verbal, cores e sons.

Não aceitava viver na obscuridade marginalizada da época, quando o preconceito imperava entre os poetas nordestinos. Não aceitando a condição de poetas de gueto, marginais, criou um movimento que ficou conhecido como Geração 59, em que pode reunir vários poetas, servindo como ponte e ponto de partida para que a poesia nordestina fosse devidamente reconhecida, respeitada e lida.

Homem de um coração apaixonado pelo amor da sua vida: Inalda, sua companheira até o último dia do seu suspiro.

Vanildo Ribeiro de Lyra Brito foi uma das referências da literatura contemporânea da Paraíba. “Poesia capitaneada por sentimentos intensos, desbravando mares, nos deixou com suas palavras um universo”.

APRESENTAÇÃO

Vanildo Ribeiro de Lyra Brito, doravante citado como Vanildo Brito, natural do município de Monteiro, nos Ca-

riris Velhos. Ainda, em 1939, com apenas dois anos de idade, passou a morar na cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. Poeta e escritor, poliglota (inglês, francês, italiano), professor de filosofia – aposentado pela Universidade Federal da Paraíba; estudioso da Filosofia Oriental, indiana, ou seja, Xainismo, Budismo, Filosofia Sampaia, chegou a ministrar uma disciplina voltada para estas correntes filosóficas. Faleceu em 28/07/2008, mantendo ainda uma intensa atividade intelectual.

ATIVIDADES LITERÁRIAS

Na adolescência teve forte influência dos escritores Guedes Monteiro e Antero de Quental. Na juventude, conheceu a poesia de Augusto dos Anjos. Suas maiores influências literárias foram, dentre elas, Guerra Junqueiro, Raul de Leoni, Antero de Quental, Cecília Meireles e Jorge de Lima. As obras de poesias mundiais que mais o agradavam eram os clássicos: Dante Alighieri, com a Divina Comédia; Charles Pierre Baudelaire, entre outros poetas franceses.

Entretanto, Vanildo Brito afirmava achar

essa coisa de influência um tanto quanto equivocada, porque o que existe é uma certa continuidade. Virgílio, quando escreveu a Eneida, foi influenciado por Homero, que era um verdadeiro clone adaptado à história romana. As grandes obras, na realidade, são reescritas de outras, com raras exceções.

Publicou os primeiros poemas, em 1956, nos jornais literários de João Pessoa–PB e do Recife–PE. Vanildo Brito é criador do primeiro movimento literário, intitulado de Geração 59, que resultou na publicação de uma antologia com a participação de vários poetas brasileiros.

Ele foi diretor do suplemento literário do jornal, A União, Correio das Artes, no período de agosto de 1959 a maio de 1960.

Na vida literária organizou e publicou “A Construção dos Mitos”, republicado em 1982 com alguns acréscimos; participou da antologia “Novos Contos Paraibanos” (1976); editou, em 1985, o livro “Memorial Poético” e, no ano seguinte, publicou o livro duplo “Sinal das Horas” e “Cantigas de Amor para Inalda”; em 1998, publicou: “A Sagração do Emblema: o livro das paisagens”.

O CLUBE DO SILÊNCIO

Conforme o testemunho de Vanildo Brito, o “Clube do Silêncio foi um movimento de adolescência que queria chocar, chamar a atenção. De silêncio não tinha nada, era mesmo para contrapor a ideia de barulho”. Na época, o João Freitas, um pintor surrealista, defendia a tese do silêncio como portal de viagens. A ele era atribuída a defesa de que “poesia era palavra e por ser palavra era limitada”. Já a pintura, por ser silenciosa, oferecia a possibilidade de a pessoa atravessar dimensões, mediante a contemplação no silêncio. Foi um movimento precursor da Geração 59.

O MOVIMENTO GERAÇÃO DE 1959

Segundo Vanildo Brito, o objetivo da Geração 59 era fazer aquilo que o João Lelis predicava no ensaio que ele publicou em 1950, chamado “Maiores e Menores”, que dizia que a literatura brasileira, por causa da multiplicidade e heterogeneidade cultural do Brasil, deveria se escrever a partir das literaturas regionais localizadas das províncias dos Estados.

Na época, na literatura brasileira, só se registravam poesias de autores do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. “O resto do Brasil era ignorado, então o movimento

da Geração 59 era uma espécie de Novo Negro. Um nego literário. Um nego àquela homogeneização”. Este movimento teve efetivamente frutos, uma vez que cada Estado nordestino passou a valorizar a produção regional, de modo que já podemos citar, dentre outros, alguns livros importantes que registram tais frutos: “História da Poesia Paraibana” e “História da Literatura Pernambucana”.

Como toda regra possui exceção, escritores nordestinos que fossem para o sudeste poderiam ter visibilidade, a exemplo de Augusto dos Anjos, cuja obra o “Eu” foi publicada no Rio de Janeiro.

Contemporaneamente, já se reconhecem as contribuições regionais como importantes para a afirmação de uma efetiva literatura brasileira. E, amoldados movimentos ficaram como registros de momentos de produção literária em busca de uma identidade nacional. Hoje, na produção literária, se busca a singularidade do poeta, do escritor.

A POESIA PARAIBANA

Vanildo Brito não define o que seja a poesia paraibana, prefere reconhecer que é muito rica tanto em qualidade quanto em quantidade. O que ele prefere é estabelecer um sentido universal que toda poesia deve almejar: “sentido humano tem que ter uma sabedoria, perenidade e conteúdo humano”. Assim sendo, ele se opõe a que a poesia tenha apenas beleza verbal. Lembra que as música dos grandes mestres não morrem porque possuem “beleza, bondade, sabedoria e equilíbrio formal”.

Inquerido a citar alguns exemplos, e feita a ressalva de ter esquecido alguns nomes, cita Augusto dos Anjos, Raul Machado, Sérgio de Castro Pinto, Otávio Sitônio, Rejane Sobreira, Luis Correia, Hildeberto Barbosa Filho e Lúcio Lins. Dentre as poetisas, com igual ressalva de possíveis esquecimentos, cita Rejane Sobreira e Eliana Mesquita.

TESTEMUNHOS

Segundo Hildeberto Barbosa Filho, Vanildo Brito foi um dos mentores da Geração 59. Esta foi a geração que colocou a poesia paraibana dentro do Modernismo brasileiro com trinta anos de atraso.

Raul Córdula Filho resume um pouco a importância da Geração 59, da qual fez parte Vanildo Brito. No final da década de 50, segunda ele, surgiu em João Pessoa um grupo de jovens poetas que mobilizou a vanguarda da época.

Organizados em torno de ideias comuns, eles editaram, por meio da Divisão de Documentação e Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, incluída na já existente Coleção Paraibana, uma coletânea de poemas do grupo intitulada Geração 59 com a participação de quatorze poetas: Celso Almir Japiacu de Lins Falcão, Geraldo Medeiros, Clemente Rosas Ribeiro, João Ramiro de Melo, Jomar Morais de Souto, José Bezerra Cavalcanti, José Carlos Cabral, Jurandy Moura, Liana de Barros Mesquita, Luiz Correia, Marcos Aprígio de Sá, Ronaldo Cunha Lima, Tarcísio Meira Cezar e Vanildo Ribeiro de Lyra Brito.

A professora Ângela Bezerra (2008)¹, presta o seguinte depoimento sobre o poeta:

Vanildo Brito é um intelectual marcante para a história da literatura paraibana. Integrou a Geração 59 e tem uma poesia de gosto clássico para a época. Nunca aderiu ao Modernismo, manteve a posição de uma poesia filosófica. Distende um pouco a forma de poesia, mas sempre muito preso à técnica do verso, que ele conhece muito bem. Tanto que o último trabalho diverso latino, que ele faz com toda maestria, transforma o ritmo latino e só um grande conhecedor de versos poderia fazê-lo.

Petra Ramalho tentou resgatar para as novas gera-

¹ Cf disponível em: <<https://ptdocz.com/doc/302731/a-para%C3%ADba-perdeu-ontem-um-de-seus-grandes>> Acesso em: 04/junho/2021.

ções a importância da poesia de Vanildo Brito. Participei com ela de uma homenagem feita ao autor de “Cantiga de Amor para Inalda” num evento do Fernarts. Vanildo chegou para a homenagem, levado por familiares em cadeira de rodas. Já não tinha o pique de vida de outrora. Depois, fizemos outra homenagem a ele no Liter Arte Musical, evento que coordenei com Petra Ramalho.

Vanildo Brito, sempre gostou das poesias portuguesas. Aos 23 anos, curiosamente, leu Augusto dos Anjos, algo incomum na sua época. Sempre se impôs uma distância entre os poetas da época e o seu leitor, por isso aqueles eram chamados de Mestres, porém, quando Vanildo Brito começou a escrever e entender a poesia, passou a chamar seus mestres de “meus irmãos”.

Poemas de Vanildo Brito²

A Raça-Mãe e suas geometrias
já sepultas estão. Porto sem caís,
o Planeta contempla as suas luas
sulcando o sulco amargo dos canais.
A Raça-Mãe ruma o seu degredo.
Aquém no tempo, naves ancoradas
Syrtis Major, Calixto, Ganimedes
ó memória nas rotas orbitada!
Agora a Raça-Mãe ante os humanos:
o milenar e repetido encontro.
Há um gosto de tempo e olhos bebendo
o céu violeta, os gelos e as montanhas.
Como cinza estrelar na imensa tarde
a morte em Marte seus desertos arde.

² Cf. Extraído de POESIA SEMPRE – Revista Semestral de Poesia. ANO 4 – NÚMERO 7 – JULHO 1996. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Ministério da Cultura, Departamento Nacional do Livro, 1996. Ex. bibl. Antonio Miranda. Disponível <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/paraiba/vanildo_brito.html> Página publicada em janeiro de 2018 – acesso em: 04/junho/2021.

Em “A Construção dos Mitos”

Aligerum mare

O nauta despe-se das âncoras, despede-se
do imóvel cais, a voz dos ventos pressagia.
Não teme as marés de sizígia
inflando os líquidos canais. O leme
inventalhe os caminhos.

Pelagus patet, dixit

E se parte para o espaço do grande mar aberto
aos sonhos. Nos seus olhos a bússola certa
alertas carata de remotas
/ rotas.

No coração as velas da lesta navegação.
A nave plange seus madeiros.
Aquém as rocas roídas de salsugem.

Lento, o silêncio doura
o dorso alígero da tarde.
O sol, fruto maduro, arde
seu rastro na pele do tempo.

A viagem revela o seu rosto curtido pelo sol da febre marinheira.
E as ilhas se revelam no navelo da quilha,
sobre o azul do fundo pélagos.
Mui brancas, as gaviotas gritam seu canto gaio

SEUS LIVROS MAIS CITADOS E PUBLICADOS³

1. PINTO, Sérgio de Castro. O Caos e a Neblina: Vanildo Brito e a Geração de 59. João Pessoa: Ideia, 2011.
2. BRITO, Vanildo de. A Construção dos Mitos. Poemas. s.l.: Edição do Autor, s.d. 94p. Broch.

³ Cf. Disponíveis em: <<https://www.estantevirtual.com.br/livros/Vanildo%20Brito>> Acesso em: 04/06/2021.

3. BRITO, Vanildo de. Novos contos paraibanos. Edição do Autor, s.d. 94p. Broch.(1976)
4. BRITO, Vanildo de. A Construção dos Mitos. Poemas. s.l.: Edição do Autor, s.d. 94p. Broch, 1960.
5. BRITO, Vanildo de. Cantigas de amor para Inalda. 57p. João Pessoa: Edições 200. 1987.
6. BRITO, Vanildo. A sagração do emblema: o livro das paisagens. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1998. [s.n.].
7. Poesia Selecta Seleta Carmina – editora: Edições Linha D’água, 2007.
8. Geração 59 – 14 Jovens Poetas Paraibanos – Edição do Cinquentenário – editora: Edições Linha D’água, 2009.
9. Quatro Meditações Nietzscheanas – Editora UFPB, ano (?).
10. Memorial Poético 1958/1985 – Editora da Secretaria da Cultura e Desporto, 1985.
11. Sinal Das Horas / Cantigas De Amor Para Inalda – editora 200Livros, 1987.

REFERÊNCIAS

Academia Cabedense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea

INVENTÁRIO. Paraíba Criativa. João Pessoa: 12 de maio de 2016, disponível em: <<https://www.paraibacriativa.com.br/artista/vanildo-brito/>> Acesso em: 04/junho/2021.

A Paraíba perdeu ontem um de seus grandes. PTDOCZ. João Pessoa: 29/julho/2008, disponível em: <<https://ptdocz.com/doc/302731/a-para%C3%ADba-perdeu-ontem-um-de-seus-grandes>>. Acesso em: 04/junho/2021.

CRISANTO, Adriana. Blog jornalismo. João Pessoa/PB. Jul/2008. Disponível em: <<http://adrianacrisanto.blogspot.com/2008/07/home-nagem-vanildo-brito.html>> Acesso em: 06/junho/2021.



Madja Hamad Pereira

Madja Hamad Pereira, filha natural de Campina Grande-PB, graduada em Turismo e pós-graduada em Gestão Empresarial.

Atualmente, é Diretora Financeira da Mibra Minérios Ltda. Poeta, escritora, compositora e artista plástica. Na sua trajetória como compositora, compôs várias músicas, algumas destas foram selecionadas e participaram do Forrofest, o maior festival de Forró do Nordeste, promovido pela TV Cabo Branco, no Estado da Paraíba.

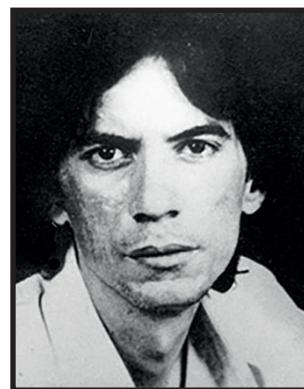
Outras músicas foram gravadas por intérpretes e cantores locais.

Autora de centenas de poemas, alguns publicados em jornais locais, além de um livro com suas poesias que está prestes a ser lançado. Como membro do Movimento Poético de Campina Grande, participou como delegada representando a Paraíba, no Movimento Poético Nacional, que ocorreu em São Paulo-SP, no ano de 2013, presidido pelo Sr. Walter Argento. No período de 2007 a 2014, participou da revista A Voz da Poesia-SP, como parceira e colaboradora. No período 2004 a 2007, participou do jornal Tribuna Aliterária-PB, com publicações no Boletim dos Poetas e Escritores Independentes, filiado a Federação Brasileira de Alternativos culturais (FEBAC).

Dentre os seus trabalhos publicados, destacam-se alguns: O jardim de cada um & outras canções. Epgraf: Campina Grande/PB: poesia (2020); Beleza da Paraíba: poesias e contos. Org. Por Jô Mendonça Alcoforado. 1ª Edição. Ed. Câmara Brasileira (2011); Peril 2008. Associação Profissional de Poetas no Estado do Rio de Janeiro. Org. Por Sérgio Gerônimo. Ed. Oficina Editores (2008); em parceria com V.L.A. Simões e M. L. Simões Filho, Avaliação de equipamentos turísticos de um atrativo: A Pedra de Santo Antônio, Fagundes – PBIn: 7º Encontro de Iniciação Científica do IESP (2007), Cabedelo. Livros de Resumos. João Pessoa – PB: Imprima Gráfica Editora, v.7 (2007); em parceria com A. L. Tito e V.L.A. Simões, Turismo e pessoas com deficiência física: análise da acessibilidade no receptivo de Campina Grande–PB. Tema: Campina Grande, v. 5 (2006).



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 36

PATRONO
VICENTE DE PAULA HOLANDA
PONTES
(1940 – 1976)

ACADÊMICO
José Bezerra Filho

Mesmo que tenhamos tido as mesmas idades – ele mera apenas um ano mais novo que eu! – e tivéssemos habitado a mesma geografia, perseguido os mesmos ideais artísticos, afinados pelo diapásão da mesma ideologia, Paulo Pontes, ao contrário de mim, foi um invejável menino precoce.

Nasceu em Campina Grande–PB, em 8 de novembro de 1940.

Começou a vida “pública” como jornalista, em A União, e radialista, na Rádio Tabajara.

Antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente, no ano de 1951, toda a cidade comentava o fato de um menino com apenas onze anos, que desde os nove frequentava a Biblioteca Pública do Estado, ter escrito uma carta publicada no Diário Carioca, jornal do Rio de Janeiro, fazendo um apelo para que todos os brasileiros se integrassem na Cruzada de Combate ao Câncer – doença que o mataria anos depois – liderada pelo médico paraibano Napoleão Laureano, também ceifado pelo mesmo mal.

Comentavam que o menino tinha uma grande admiração por Dr. Napoleão Laureano, pelo fato de este o ter operado de um defeito no pé. E, certamente por isso, tomara a decisão de escrever a referida correspondência.

Creio que o vi pela primeira vez, ele mal saído da adolescência, no palco do Teatro Santa Roza, integrando o elenco da peça “A Beata Maria do Egito”.

Desde o momento em que conheci Paulo Pontes, fui dominado por sentimento de admiração e de respeito.

Paulo Pontes, mesmo ele sendo ainda um garoto, já possuía uma voz definida de adulto, segura, grossa, grave, pesada, mas suave como uma enorme luva de boxe e até – quando ele a trabalhava – veludável como se fosse o passo fofo de um gato.

Se tivesse de fazer alguma comparação de Paulo Pontes com alguma coisa, naquela época, eu o compararia a uma pirâmide secular, forte, imponente.

Terminava a década de 1950, e começavam os agitados dias dos anos 60: o rock já se tornara uma febre mundial; os Beatles davam seus primeiros ensaios; o Brasil já era Campeão Mundial de futebol pela primeira vez; o *sputinik* russo já voara na órbita terrestre, e Gagárin, alumbrado por ser o primeiro homem a dar uma volta completa no planeta Terra, pilotando a cápsula Volstok-I, já pronunciara a célebre frase: “*The earth is blue!*”. O Brasil mudava de Capital e fabricava seus primeiros automóveis; as Ligas Camponesas, lideradas por Francisco Julião, cresciam em todo o Nordeste brasileiro...

Aqui na Paraíba, a fama de Paulo Pontes crescia a cada instante. E foi, exatamente, um acontecimento envolvendo conflitos de terras de que resultaram as mortes de alguns agricultores, na cidade de Mari–PB, que elevou o prestígio e a fama de corajoso de Paulo Pontes: deslocado àquela cidade para fazer a cobertura jornalística do conflito, ao lado do também jornalista Vladimir Carvalho, Paulo Pontes extrapolou suas obrigações de jornalista e proferiu, sobre um caixote, numa praça daquela cidade, um discurso acalorado, pedindo justiça, cobrando das autoridades uma urgente reforma agrária, convocando para a luta os trabalhadores

rurais que, segundo sua visão, viviam esmagados pelos latifundiários. Quando eu tomei conhecimento desse fato, eu que já o admirava e invejava, passei quase a idolatrá-lo.

Sua atividade era incessante. Em 1962, em parceria com Jório Machado, recebeu o prêmio por uma reportagem sobre Campina Grande intitulada “Campina dos sete instrumentos”. O concurso foi patrocinado pela Varig e organizado pelo jornal Correio da Paraíba. Na mesma época, idealizou, escreveu e começou a apresentar o programa Rodizio, na PRI-4 – Rádio Tabajara da Paraíba. Eu, particularmente, adorava ouvir esse programa na hora do almoço. Os personagens por ele criados ou colhidos da vida real eram comentados em todos os bairros e, sobretudo, no Ponto Cem Réis.

Nessa época, ele foi nomeado diretor artístico da Rádio Tabajara. Seu prestígio era crescente.

Chegado o tempo de eu entrar para serviço militar, fiz curso de cabo e engajei por três anos. Nessa época, conheci o sargento Pontes, pai de Paulo Pontes. Tornamo-nos amigos e, da convivência, fiz uma dedução que não era precipitada: pareceu-me que havia uma certa indiferença entre o pai, sargento Pontes, e o filho, Paulo Pontes, decorrente, certamente, de uma pouca afetividade entre os dois. Deduzo que tal afastamento talvez existisse por conta da condição de militar daquele. Enfim, seu filho estava claramente envolvido com o Movimento de Cultura Popular – CEPLAR – que tanto aqui quanto em Recife seguia orientação filosófica e pedagógica do professor Paulo Freire e recebia apoio político de Miguel Arraes, governador de Pernambuco.

Seu filho, como já foi dito acima, fizera um discurso em Mari–PB, posicionando-se a favor da reforma agrária. E esta era a bandeira mais importante das Ligas Camponesas, entidade que era alvo maior das investigações dos militares que já preparavam a mudança dos rumos políticos da Nação, em 1964.

Mesmo não tendo provas e desconhecendo o nível de convivência do sargento Pontes com seus familiares, acho até muito normal que o pai temesse uma aproximação com o filho, porque o exército era seu ganha-pão. E o que aconteceria pouco tempo depois – 1964 – viria emprestar uma certa lógica à minha desconfiança.

Paulo Pontes viajou ao Rio de Janeiro e lá se radicou, quando foi participar de reunião do CPC (Centro Popular de Cultura).

Quando estava lá, o regime militar depôs o presidente João Goulart. Paulo Pontes foi impedido de voltar à Paraíba, mas o bicho era o que o matuto chama de “um cão chupando manga”.

Três anos depois, em 1967, Paulo Pontes enfim retornou à Paraíba. E veio com todo o gás do mundo... Fundou o Teatro de Arena da Paraíba e escreveu a peça “Paraí-bê-a-bá”.

Foi então que aconteceu a minha tão desejada aproximação com Paulo Pontes, aproximação que faria crescer entre nós uma amizade sincera que durou até seus últimos dias de vida, em 1976.

Desnecessário dizer que estabelecemos laços de amizade duradora.

Selamos um pacto e amizade, de respeito mútuo, que durou até seu último instante de vida.

Já a partir de 1971, Paulo Pontes intensificara os trabalhos, lá no Rio de Janeiro, tornando-se, desde então, um nome conhecido nacionalmente, quando escreveu a peça “Um edifício chamado 200”. Juntou-se a Vianinha, Armando Costa, Ferreira Goulart, Tereza Aragão, Pichin Plá, Denoy de Oliveira e João das Neves e formaram o Grupo Opinião. E, já em dezembro do mesmo ano, o Brasil inteiro, aplaudia a coragem de Paulo Pontes em escrever e montar, junto com Vianinha e Armando Costa, o show “Opinião”, que representava um grito de resistência contra os poderosos anos de chumbo que o Brasil estava vivendo.

A última vez que o vi foi em fevereiro de 1976, quando veio ministrar um curso de dramaturgia brasileira no Primeiro Festival de Arte de Areia.

Dentre alguns dos seus trabalhos para o teatro, alguns destaques: em 1975, escreveu o espetáculo “Gota d`Água”, em parceria com Chico Buarque de Holanda, com cuja peça foram premiados com o Prêmio Molière. Outras suas peças foram “Dr. Fausto da Silva”, “Check-Up”, “O Homem de la Mancha”

Nos seus últimos anos de vida, viveu, maritalmente, com Bibi Ferreira, atriz de grande sucesso no teatro e na mídia.

Paulo Pontes, apesar de ter se tornado, dentro do que se propôs fazer na vida, uma unanimidade nacional, tornando-se um dos grandes intelectuais do país, ao que se sabe era um autodidata, como costumava dizer aos que lhe eram mais próximos.

Vitimado por um câncer no estômago, Vicente Paula de Holanda Pontes – Paulo Pontes – embarcou para a região de onde viajante algum jamais conseguiu regressar às 11:20h, do dia 27/12/1976, no Hospital Samaritano do Rio de Janeiro.

Sinto saudade, mas não tenho pressa em reencontrá-lo.



José Bezerra Filho

Caminhada pela estrada da vida – década 50 – Século XX, escreveu diversos sonetos melosamente românticos, com estrutura parnasiana e rimas pobres, todos, hoje, relegados ao rol das coisas pretéritas. Compôs letra e melodia de suas duas primeiras músicas que, segundo ele, conservou guardadas na massa cinzenta que conserva em prisão domiciliar, dentro da cavidade craniana, durante mais de meio século. Gravou-as, em CD (Aracy com Y), em 2011, com letras atualizadas, e rebatizou-as com os títulos: Aracy e Receita Romântica. Em 1963, interpreta o personagem Calixto, na peça O Novo Otelo, encenada no Teatro Santa Roza, em João Pessoa–PB. Escreveu e montou a peça Ele e Ela, no mesmo teatro.

Nascido em 1939, sua carreira empregatícia iniciou-se no Banco do Brasil, cujo emprego foi obtido por concurso público, emprego no Banco do Brasil, agência de Pombal – PB.

No Sertão paraibano, foi redator da revista “Letras do Sertão”, editada em Sousa–PB.

Romancista, contista, poeta, teatrólogo, ator, cineasta, compositor e cantor, é autor de seis romances, contos e poemas, nove peças para teatro, onze CDs autorais, tendo atuado como diretor ou ator em vários shows. Foi o produ-

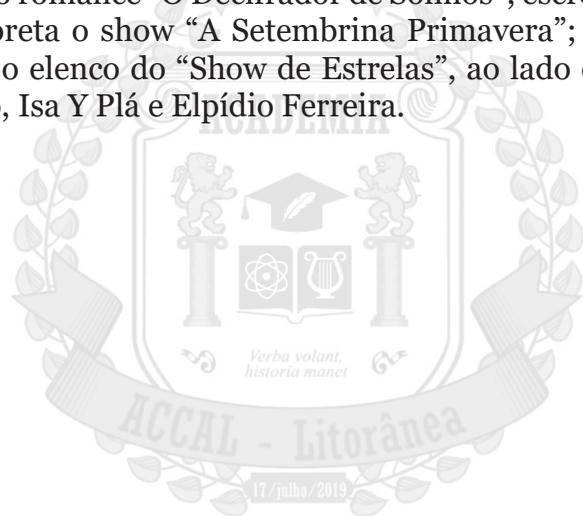
tor do primeiro filme de ficção (em 35mm), autenticamente paraibano.

Ocupa a Cadeira nº 41 da Academia Paraibana de Cinema – ACP.

Com o seu primeiro romance – Fogo –, de 1967, ganhou o prêmio Manuel Antônio de Almeida, da Secretaria de Educação do Estado da Guanabara; foi colaborador do Novo Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, como convidado do autor, Aurélio Buarque de Holanda, especificamente no que se refere à parte concernente ao linguajar do povo da Paraíba; em 1968, escreve seu segundo romance – Aluvião, barro mole, ainda inédito.

No teatro, remontou a peça “O Novo Otelo”, no Colégio Diocesano de Pombal–PB; montou a peça “Canudos”; organizou a Primeira Semana de Teatro Sertanejo de Pombal–PB.; foi premiado na VIII Semana de Teatro da Paraíba – Teatro Santa Roza – João Pessoa–PB, com a peça “Canudos”; integrou o elenco do espetáculo “Viva a Nau Catarineta”, com o Grupo o Teatro Santa Roza, João Pessoa–PB; em 1969, montou a empresa Cactus Produções Cinematográficas da Paraíba Ltda., que produz o filme “O Salário da Morte”, ficção, autenticamente paraibano; em 1971, escreveu e montou a peça “Enquanto não arreventa a derradeira explosão”; em 1974, escreveu e montou a peça “O Mundo louco do poeta Zé Limeira”; em 1975, contratado pelo MOBREAL, escreve e monta a peça “Zebra, do primeiro ao quinto” e integra o elenco do filme “Soledade”, dirigido por Paulo Thiago; escreve, dirige e produz o curta-metragem, em Super-8, “Absurdamente”, filme com que ganha o prêmio da Aliança Francesa – (Rio de Janeiro); em 1978, escreveu e montou a peça “Lampião, o Rei do Cangão”, com que ganha prêmio da Secretaria da Secretaria De Educação e Cultura de Brasília; nomeado Diretor Administrativo do Teatro Santa Roza, João Pessoa–PB) integra o elenco do espetáculo “Cordel”; em 1984, escreve, monta e interpreta o “Show da Terra” que

marca sua estreia como cantor; em 1992, escreve, monta e apresenta o show “Canhoto da Paraíba”; em 2000, realiza a gravação em estúdio do CD “Lá em casa”; em 2006 o filme “O Salário da Morte” é lançado em DVD; escreve, monta e interpreta o show “Sonhos”, apresentado no Teatro Santa Roza; em 2007, retorna à literatura e escreve o romance “A Paixão segundo o Metrópole”, com que ganha o prêmio “Letras do Brasil”; em 2008, ocupa a Cadeira nº 41, cujo patrono é Antônio Serafim Rego – e se torna Imortal da Academia Paraibana de Cinema–APC; em 2009, escreve e lança o romance “O Decifrador de Sonhos”; escreve, dirige e interpreta o show “A Setembrina Primavera”; em 2010, integra o elenco do “Show de Estrelas”, ao lado de Jessier Quirino, Isa Y Plá e Elpídio Ferreira.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 37

PATRONESSE

VIOLETA GONÇALVES FORMIGA
(1951 – 1982)

ACADÊMICA

*Érika Patrícia Serafim Ferreira
Bruns*

A POESIA EM QUE AS SENSACIONES “CONTRA CENA(M)”

INTRODUÇÃO

O poeta Manoel de Barros escreveu: “Uma violeta me pensou. Me encostei no azul da sua tarde.” Tomando por empréstimo as palavras do autor do *Livro sobre nada*, sigo me encostando nas palavras de Violeta e penso as suas memórias por meio dos seus escritos. Para essa criação, lembro-me dos historiadores March Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956) que criaram a *Revista dos Annales* e fizeram nascer, conseqüentemente, a Escola dos Annales. Assim, acenaram para o mundo acadêmico com uma nova forma de saber histórico, uma construção historiográfica que considerou a escrita para do além dos fatos e abandonou o caminho da História Tradicional, factual, positivista e cronológica, que expunha uma sequência de fatos com nomes e datas.

Em tal referência, considero que ambos se empenharam em legar para a epistemologia da história uma contribuição sob a forma de um método analítico e crítico que considera, dentre outros aspectos relevantes, a complexa relação do trinômio – o homem, a sociedade e o tempo.

Essa forma de escrever a história mudou profundamente o mundo, desdobrando-se entre a Nova História e a História das Mentalidades.

Será nesse lugar que me sinto à vontade para juntar nessa composição à vida de Violeta, pensada na concepção de acadêmicos que associaram a história de vida da jovem poeta às teorias socioantropológicas para dimensionar uma questão maior que se desenvolveu numa trama de gênero temperada pelo caos, ciúme, perdas, opressão, perseguição e morte. No entanto, o seu legado maior vem da sua vida e obra testemunhada pelos amigos, poetas e escritores seus contemporâneos que falam da sua alegria de viver em uma busca angustiada por liberdade: “Que me ame como sou princípio e meio. O fim? Eu mesma desconheço”.

Nesse espírito que busca honrar, encontro-me munida do propósito de reviver seus escritos e trazer a memória de Violeta Formiga (1951-1982), procuro um caminho que a reconheça, que considere a vida feminina e a sua breve, porém profunda, escrita poética. Nesse sentido, persigo atenta os passos de Certeau que contestam os paradigmas tradicionais, do estruturalismo e da história serial e quantitativa, enquanto tomo atenção aos elementos culturais que estão no entorno da vida de Violeta, as trajetórias individuais percorridas por ela e as suas experiências cotidianas, traçando uma breve biografia.

Com a responsabilidade de não minimizar e nem desconsiderar os aspectos mais relevantes da personalidade eleita, mesmo que irremediavelmente possa cair no erro do reducionismo, por ser, nesse contexto, o seu eu lírico muito maior, além da sua importância para o panorama da literatura paraibana, como afirmou o crítico literário Hildeberto Barbosa Filho: “A poesia de Violeta é rica, lírica e confessional, mas não resvala para o subjetivismo, é uma poética que se centraliza no emissor no ‘eu-lírico’, com aspectos da vida cotidiana”.

Não é tarefa fácil escrever sobre alguém sem cometer um erro recorrente nas biografias: de um lado, uma escrita laudatória; do outro, uma crítica que, por vezes, até desmerece o biografado. Aqui, é o meu lugar de busca, como assinala Dosse, por uma concepção de memória que nos aproxima – somos mulheres, somos escritoras, queremos espaço, lutamos por liberdade. Portanto, procuro ressaltar o poder evocativo na conexão direta com o passado de Violeta, trazendo-a para mais perto, a saber – essa é a função que me cabe como acadêmica investida e honrada pela obra dessa patrona da Academia Cabedelense.

O JEITO VIOLETA DE FLORIR

Violeta Formiga ou, simplesmente “Viola” nasceu no dia 28 de maio de 1951, numa terça-feira simples, no mês do trabalhador, na cidade de Pombal, Sertão paraibano, onde passou a infância e a adolescência. Filha de José Formiga e Dona Prima Gonçalves. Ao término dos estudos secundários, seguiu para a Capital do Estado e ingressou na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no curso de Psicologia (há quem fale em Filosofia), enquanto despertava para a escrita poética e iniciou as suas publicações no jornal *A União*, com uma certa regularidade, no suplemento *Correio das Artes* e, oportunamente, noutros periódicos.

Compilou e publicou poemas inéditos em sua única obra em formato de livro: *Contra Cena* (1981), de maneira independente, com direito a noite de autógrafa, na famosa Galeria Gamela, do casal amigo Roseli e Altemir Garcia, em uma noite misturada entre socialites, intelectuais e artistas, trazendo para a sociedade paraibana a escrita de uma autora jovem, vibrante e com reflexões profundamente maduras. Sua morte interrompeu essa carreira.

Nenhuma vida é assim tão retilínea, porque viver é percorrer meandros de um rio de correntezas que arras-

tam, cotidianamente, as pessoas e as coisas, ou como a poeta escreveu: “Este poema vale uma entrada para o mágico circo da vida”. Ora, calmamente, no entanto, em algumas vezes, nem sempre. Violeta casou! Amou um homem que conheceu, um iminente advogado, professor universitário que nutria como ela o amor pelas letras, viveu um casamento no início dos anos 1980, tão breve quanto a sua vida que teve fim dois anos depois.

Uma existência assim, finda precocemente, carece de um esmiuçar mais apurado, a fim de orientar algo mais do que já foi dito, embora as palavras sobre a poeta ecoem em vozes uníssonas que bradam a alegria em viver, sua doçura, fragilidade, vivacidade e o som do seu sorriso. Dessas vozes violetas, como clama tenente Lucena, folclorista paraibano, ao exortar o uso da flor da *Saintpaulia ionantha* como um símbolo da resistência feminina contra a violência. Nascer, viver e morrer parece ser a lógica da vida, mas a poesia de Violeta trouxe pequenas epifanias sobre a liberdade de viver, o encarceramento enquanto se vive e a “Dádiva – Ser pássaro / e voar o infinito / quer seja o meu último / castigo” – adiante um pouco da sua poesia e poética da (e na) vida, nas vozes contemporâneas que até hoje reverberam a importância da sua existência, bem como ecoam o vazio da sua falta.

Violeta é a cor da diversidade cultural, étnica, religiosa, de gênero e tantas outras condições humanas, das alegrias múltiplas, das polifonias, dos objetos polissêmicos e da multiplicidade das coisas, portanto é possível ouvir as vozes dos amigos, daqueles que partilharam da sua juventude, dos que a amaram e que até beberam da sua fonte contemporânea; um manancial literário que mata a sede dos poetas, contistas, ensaístas, escritores enfim. Pessoas anônimas e famosas, importantes no contexto local, no cenário nacional e que se dedicaram declamar uma poesia de amor, sem preocupação com a métrica e nem com a rima, falando apenas da forma Violeta de estar na vida.

Outros nomes do cenário paraibano, como o de Evandro Nóbrega que descreve o retrato físico de Violeta Formiga como uma mulher com ar de boneca, pequena, sorridente, de olhos pretos, vivos, penetrantes, prazenteiros e joviais, sendo talvez a frase mais repetida nos lidos sobre Violeta. Nesse caminho, as palavras do jornalista são de longe as mais repetidas sobre a presença física, seu jeito de ser e estar, tanto quanto o nome de Hildeberto Barbosa Filho, assegurando uma opinião qualitativa e positiva sobre a sua obra.

Nesse âmbito, em 2013 a página eletrônica *Recanto das Letras* presta homenagem a poeta como exemplo da mulher paraibana referindo-se: *Violeta Formiga e o desejo de ser pássaro* e cita alguns depoimentos dos amigos, citações breves e um pequeno histórico da vida de poeta e alguns exerotos da sua poesia. No mesmo ano, o jornal *A União*, em sua edição domingueira, no aniversário da Capital do Estado, lembra ds 31 anos passados, quando “um disparo silenciou a voz de Violeta Formiga”. É uma edição comemorativa que relembra o relançamento – segunda edição do livro *Violeta Vive! – 30 anos de encantamento*, da professora Neide Medeiros, dessa vez sob a chancela do Sebo Cultural. Tal obra recebeu mais dois ensaios em comparação à edição anterior, publicada pela Editora Universitária.

Em maio de 2016, Violeta Formiga foi homenageada com a peça “Liberdade para as Violetas”, do dramaturgo Fábio Mozart, sendo apresentada dentro das comemorações de quarenta anos do Grupo de Teatro Experimental de Itabaiana (Geti). Também dessa cidade, a escritora Jandira Lucena, lançou o seu livro *Uma homenagem a Violeta Formiga e outros escritos*, uma obra de qualidade que garante a memória viva da poeta e acerca da qual a Academia de Cordel do Vale do Paraíba aponta que a autora da obra da coleção Humanidades da Editora da UFPB presta uma homenagem a Violeta Formiga e demais.

[...] personagem importante no universo literário e nas ações libertárias femininas nos anos 80, em João Pessoa. Como complemento, Jandira acrescenta poemas e crônicas que falam de sua terra natal, Itabaiana, e suas atividades culturais nos anos 70, como uma das fundadoras do Grupo Experimental de Teatro de Itabaiana.

São homenagens que se agarram à oportunidade de mantê-la viva e entre nós. São atividades que ajudam a trazer a memória de uma vida jovem, ao mesmo tempo que falam de um registro literário de uma autora ainda iniciante, mas com uma obra sensível e assentada nas mesmas bases que solidificam a qualidade da poesia paraibana, ao mesmo tempo que levanta uma bandeira de luta feminista contra as atrocidades que as mulheres enfrentam cotidianamente e que, quase sempre, não encontram justiça.

Em janeiro de 2020, o nome de Violeta Formiga é lembrado pelo Governo do Estado, por ocasião do lançamento do livro *Paraíba na Literatura* que traça o perfil de vinte autores paraibanos, alguns deles com reconhecimento internacional. O livro tem por serventia como objeto de diplomacia a ser distribuído para as autoridades que tiverem audiência com o governador João Azevêdo, na forma de divulgação do potencial cultural do Estado. A obra conta com a impressão da gráfica A União e homenageia Aldo Lopes, Ariano Suassuna, Augusto dos Anjos, Bráulio Tavares, Coriolano de Medeiros, Edilberto Coutinho, Ivan Bichara Sobreira, Jomar Morais Souto, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Leandro Gomes de Barros, Lourdes Ramalho, Luiz Gonzaga Rodrigues, Paulo Pontes, Políbio Alves, Ronaldo Cunha Lima, Sérgio Castro, Maria Valéria Rezende, Marília Arnaud e Violeta Formiga.

Nesse momento de homenagens, as vozes que organizam as nossas ideias em favor de Violeta não ecoam apenas de maneira a acrescentar uma personalidade

a ser elogiada; é que não se encontra nada desfavorável ou funesto, exceto na defesa de quem lhe tirou a vida, o que é o discurso desconstruído mais adiante, quando tratamos de apresentar os muitos momentos que se seguiram ao seu assassinato.

LOGO NO CORAÇÃO...

Será a sua irmã Djian Formiga a responsável por trazer um material inédito, elaborando uma nova obra, ressignificando uma homenagem póstuma sob a forma de uma lembrança viva e dinâmica. Conta para essa empreitada com a ajuda valiosa de alguns amigos, com os quais coletou, organizou e publicou *Sensações* (1983). Nessa obra, Violeta traça sinteticamente sua maneira de estar na vida “Faço poema como quem faz pão: faminta e necessária”. Sua irmã Djian também não será menos poética na busca por mostrar a vibração que vem do texto de Violeta e escreve:

Não se passou muito tempo entre a alegria do primeiro poema e a tristeza do último. O que Violeta deixou escrito não morrerá. Viverá na vida de outras pessoas e renascerá como as flores da primavera. Categoria é o seu poema imortal. Com ela ainda estou a andar e recordar. Juntas, atravessamos as águas do rio Gurupi, do rio Jari, e as águas que desaguam em sua vida. O destino nos uniu com fios de aço e diamantes. Fomos irmãs queridas e companheiras de uma vida toda que foi curta. Ajudem-me, pois, a chorar o bem que perdi; que perdemos. Aí está Violeta com a sua alma translúcida, vestida de luar. As pessoas que a amaram e conheceram sabem disso.

À parte possíveis críticas que possam surgir, que há nesse discurso um envolvimento afetivo-familiar na voz da irmã enlutada e esperançada na prática de uma justiça terrena que traga ao menos o alento de que o assassinato da irmã não tenha sido em vão, mas que se some à trajetória

de muitas mulheres em luta por um mundo mais humano, no qual não existam lugar para misoginia e falta de empatia, que não falte sororidade e nem alteridade. Que possa enxergar o outro não como o diferente, mas numa visão antropológica geertziana que combate o risco da etnografia, procurando não aprisionar o ser humano em sua interpretação pessoal, mas dinamizar a compreensão do outro sem comparar as diferenças que nos tornam parte de um conjunto diversificado (em cultura, gênero, etnia, dentre outros aspectos essenciais numa sociedade).

Geertz afirmou que o problema humano no estudo antropológico não é de estranhar o outro, mas de estranhar a si mesmo. Assim, o antropólogo americano estimula que o conhecimento de nós mesmos é essencial no estudo do outro. E ninguém melhor para testemunhar uma sociedade patriarcal, redutora do papel da mulher, engessada, formatada e modelada em uma postura que sufoca o papel feminino para além da casa e castra todas que fogem desse contexto.

Violeta foi um desses casos, e à sua irmã coube o infeliz papel de chamar a atenção da sociedade paraibana, muito embora estivéssemos vivendo a década de 1980, com muitos ganhos para as mulheres que começaram a ocupar alguns espaços impensados, mas por elas pleiteados. Infelizmente aos 31 anos, Violeta não fez parte dessa feliz estatística. Antes, pelo contrário, não teve chance alguma de viver e entrou (não por vontade própria) em um período sangrento que vendeu e rendeu muita literatura policial. O final dos anos 70 e a década de 80 do século XX, no Brasil, foi uma estação sangrenta que levou a vida de muitas mulheres: Cláudia Lessin Rodrigues – morta em 1977, aos 18 anos; Ângela Diniz – assassinada em 1976, tinha 32 anos; Elena de Grammont – morta em 1981, aos 25 anos; Mônica Granuzzo – 14 anos, morta em 1985.

Mas a morte dessas mulheres, que tiveram as vidas ceifadas ainda bem jovens, alertou a sociedade para

pleitear mudanças significativas na Ciências Criminais, transformando os parâmetros de defesa dos homens que insistiam em justificar tais crimes amparados no instituto da “legítima defesa da honra”. Exceto os casos de Cláudia Lessin e Mônica Granuzzo, as mulheres referenciadas estiveram às voltas com companheiros que não “suportaram” o abandono e, movidos por ciúmes, mataram. Assim, foi também a defesa do algoz de Violeta Formiga.

Ou seja, essa violência contra as mulheres possui como base estruturante o patriarcado, que, por sua vez, está enraizado na sociedade brasileira e, sistematicamente, beneficia o homem, como assegura Eva Blay ao anunciar que a mulher – esposa, mãe, filha – é propriedade do homem numa sociedade patriarcal, sendo um contexto historicamente assegurado, que precisa ser rompido cotidianamente, sob pena de continuar a reproduzir-se e perpetuar esse lugar de desrespeito à vida e, nesse contexto, quando esse homem é o marido, e a mulher tenta romper o relacionamento, quase sempre o preço desse final é a própria vida. Por que cometem esse tipo de crime? Regra geral, há uma tentativa de buscar nessas raízes o avivamento do poder patriarcal que minimiza o evento e quase sempre desqualifica a vítima, porque o abandonou.

A sua poesia fala muito de si, sobretudo quando sutilmente deixa à mostra o quanto o seu relacionamento difícil em um casamento que se revelou, em seguida, tão complicado que lhe custou a vida. Mas, enquanto buscava voar, escreveu: “Minha vida por uma palavra: liberdade.” Uma outra referência que colocou em evidência essa situação e lhe alçou para além do papel de poeta, para uma personalidade notável, ainda que postumamente, na área da luta contra misoginia e pelo fim do feminicídio. Ela influenciou e deu força aos coletivos feministas na Paraíba, e nós mulheres ganhamos muito com isso, como afirmava tenente Lucena – ela foi mártir. Vida breve, rápida, uma brisa leve de final de tarde, seu fim também não foi em vão, uma vez

que alavancou a agenda política do movimento das mulheres, sobretudo, quando sua escrita denunciava: “a cena do poema não é a mesma cena de quem encena a cena”.

Mesmo quando os termos não se constituíam tão usuais, foi a monografia em História que fala do assassinato de Violeta como uma questão referencial para reforçar a luta dos coletivos feministas contra a invisibilidade feminina que silencia os casos que atentam contra a vida feminina, reforçando a violência por meio da impunidade existente, da autoria de Rayane Oliveira e defendida em 2017, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nesse entendimento, Oliveira assinala que, em sua morte, Violeta Formiga tornou-se uma mulher representante de muitas histórias de outras tantas mulheres, que têm e tiveram suas vidas aprisionadas e atingidas mortalmente.

Essas mulheres sucumbiram em um universo de redes trançadas pelos fios de silêncios e dores, nas tramas dos corpos docilizados, como leciona Foucault, tracejadas por silêncios, dores e violência empregada em seus corpos. Portanto, o registro do enfrentamento ao fundamento da vida de Violeta, por ter sido ceifada no momento em que a vida brotava, sem tempo de desabrochar totalmente ou amadurecer seu fruto, é como aponta a narrativa de Caio Fernando Abreu, “[...] não se deve decretar a morte de um girassol antes do tempo, compreendeu?” Julgavam que o fim da sua vida era morte e mataram-na, decretaram o seu fim, mas o final não aconteceu, e violeta nasce todos os dias numa mulher que seguiu em frente, que voou como um pássaro, que vive a sua liberdade.

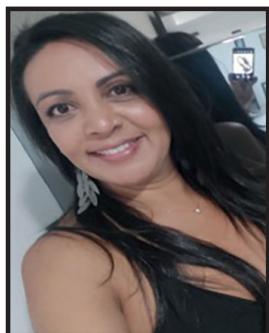
RECORTES DE UMA ESCRITA BIOGRÁFICA

Por fim, terminamos com o mesmo fio do início, contar uma breve história dessa mulher de vida curta e de dimensões gigantescas que repercutem até os dias de hoje.

Sinto-me mais que horada por ter tido a oportunidade de escrever sobre uma Violeta de azul tão vibrante que segue em um céu infinito das praias do Litoral paraibano. Assim, poderia escrever muito mais da pessoa e da poeta patrona dessa Academia.

Considero ter honrado, com a proposta inicial, a Violeta Formiga escritora, poeta e cronista (sim, algumas crônicas foram publicadas, embora não tantas como poesias), a escrita da história biográfica que permeou todo esse trabalho. Espero ainda ter sido fiel aos relatos que li, aos testemunhos que presenciei e a todo o material que os seus amigos e admiradores produziram não apenas como uma mensagem póstuma, mas transformando a vida de Violeta em um patrimônio intangível, na oralidade dos discursos que continuam a defender o doce estandarte dos seus olhos vívidos, tanto quanto ao mesmo tempo a memória latente da sua vontade de viver plena, em um voo como o da Cotovia de Manuel Bandeira “[...] Andei onde deu o vento. Onde foi meu pensamento. Em sítios, que nunca viste, De um país que não existe... Voltei, te trouxe a alegria.

Voe bem alto, Violeta!



**Erika Patrícia Serafim Ferreira
Bruns**

Erika Patrícia Serafim Ferreira Bruns é filha de Eunice Serafim Ferreira e José Ferreira da Silva, paraibana nascida em Campina Grande–PB, de onde saiu para estudar na Europa e frequentou as faculdades de Nice, na França, e a Academia Internacional de Direito de Haia, na Holanda.

De volta ao Brasil, concretizou o sonho de ser advogada. Foi na atuação como advogada criminalista que encontrou a inspiração de suas escritas. Coautora em dez obras coletivas, Erika foi a protagonista do poema escrito por Manoel Vicente Filho, sendo que ela traduziu a obra para o idioma francês e publicou a obra bilíngue intitulada “Bruns advogada, aparência persuasiva”.

Erika é autora da obra publicada no ano de 2020, “O crime na mira da mídia: a influência da mídia em crimes de comoção social”. A publicação de 2021 é a obra “Os paradoxos do amor bandido – A hibrístofilia sob uma abordagem da advocacia criminal”.

Erika Bruns é a presidente da Academia Brasileira de Ciências Criminais – ABCCRIM, na Paraíba.

Ocupa a Cadeira nº 37 da Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras – Litorânea, cuja Patronesse é Violeta Gonçalves Formiga.



CADEIRA 38

PATRONO
VIRGINIUS FIGUEIREDO DA
GAMA E MELO
(1922 – 1975)

ACADÊMICO
Cosmo Feliciano da Silva

O MENESTREL DE TODOS OS PARAIBANOS

Uma rápida ida ao dicionário e será fácil entender o apelido de “menestrel”, usado, carinhosamente, para designar Virgínius da Gama e Melo, sem dúvida um dos maiores críticos literários que já houve na Paraíba, além de ser ele primoroso romancista.

Dado à boemia (sim, sem o acento mesmo; ao gosto popular, na “língua errada do povo/língua certa do povo”¹ no feliz dizer de Manuel Bandeira, no antológico “Evocação do Recife”), seu dia a dia gravitava entre a Universidade Federal da Paraíba, onde lecionava, e a “Churrascaria Bambu,” para onde se dirigia todos os dias e fazia de lá uma verdadeira “sala de aula” e, ao mesmo tempo, “clube literário”, que reunia contemporâneos dele, além de jovens que despontavam para a literatura e recebiam os ensinamentos do mestre, a exemplo do poeta Sérgio de Castro Pinto, entre outros.

É Sérgio quem assinala, em “O leitor que eu sou” (pp. 39/40), lembrando a época:

¹ O vigente VOLP (Vocabulário Ortográfica da Língua Portuguesa) abona as duas grafias: boêmia / boemia.

As décadas de 60 e 70, aqui na Paraíba, e em todos os quadrantes do Brasil e do mundo, foram marcadas por um arraigado sentimento grupal. Em João Pessoa, proliferavam grupos de artes plásticas, de teatro, de literatura, etc., todos assíduos frequentadores da Bambu, onde as discussões, apesar de acaloradas, dificilmente resvalavam para o desforço físico, pessoal. As ideias é que se digladiavam, é que pugnavam, com argumentos cada vez mais belicosos, mais beligerantes. E tais discussões, quase sempre, eram provocadas pelo crítico e ficcionista Virgínius da Gama e Melo que, atijando, açulando, instigando, punha uns contra os outros, para, por trás das grossas lentes dos óculos, e disfarçando um sorrisinho maroto, acompanhar as contendas como um inocente e impassível espectador. Virgínius, esse enormíssimo Cronópio, ainda continua uma personagem em busca de um autor, sobretudo pelo seu lado boêmio, pelos seus tiques, cacoetes, pelo seu humanismo, pela sua voz metálica, de araponga-martelo. Não se pense, porém, que Virgínius semeava a discórdia e a maledicência entre os jovens que o rodeavam nas mesas da Bambu. O que ele queria, simplesmente, era agitar a vida cultural da província, suscitar polêmicas, réplicas, tréplicas, através dos jornais. Evitar, em suma, que a João Pessoa de então mergulhasse no profundo estado de letargia em que vivia imersa num passado quase recente. E fomentar ainda mais a efervescência da província, que vivia a pleno vapor a revolução cultural dos anos 60. Daí, num tom provocativo, bem ao seu feitio, denominar o Grupo Sanhauá de ‘a marcaria’ (pela abundância de Marcos que o integravam). Ou matricular em um curso de Português, ministrado na antiga FAFI (Faculdade de Filosofia), os integrantes da recém-fundada UPE (União Paraibana de Escritores), entidade que fazia oposição à UBE (União Brasileira de Escritores), à qual ele pertencia, quando, num deslize gramatical, escrevemos: ‘Nós, da UPE, viemos...’, logo no início do manifesto que havíamos tornado público nas páginas do jornal ‘O Norte’.

Descendente de conceituada família de políticos paraibanos, Virgínius da Gama e Melo nasceu no dia 19 de outubro 1922, na Rua General Osório, 71, João Pessoa.

Muito cedo – aos três anos de idade – perdeu a mãe, indo morar na casa da avó paterna; com apenas treze anos, ficou órfão, também, de pai.

Ainda criança, revelou extraordinário gosto pela leitura, começando a produzir seus primeiros textos, que ainda não revelavam, evidentemente, o grande escritor que mais tarde seria.

No âmbito acadêmico, fez o curso ginásial no colégio Pio X, em João Pessoa, de onde saiu para o Colégio Pernambucano, ingressando, por fim, na Faculdade de Direito do Recife.

Foi no Recife que passou a tomar contato com a vida boêmia e frequentar os famosos “cafés”, para desgosto e preocupação da família.

Dessa época, as amizades marcantes foram com o paraibano Sílvio Porto e os poetas Carlos Pena Filho – reconhecidamente um expoente entre os boêmios – e Deolindo Tavares; estes, pernambucanos. Começa, então, intensa colaboração na imprensa de Pernambuco, escrevendo artigos de crítica literária e textos de ficção.

Concluído o curso de Direito, voltou à Paraíba, abrindo Banca de advocacia em Campina Grande, a convite do tio Argemiro de Figueiredo, ex-interventor da Paraíba. Antevendo o declínio político da família, retorna, algum tempo depois, para o Recife, sendo acolhido por outro tio: Veneziano Vital do Rego.

Na primeira metade dos anos 50, já se torna conhecido como o mais respeitado crítico literário do Recife.

A desregrada vida boêmia custou caro, no entanto, ao nosso menestrel. Tal estilo de vida levou-o a internamentos para tratamento de tuberculose pulmonar. Vieram, depois, os sintomas de perturbação mental e as tentativas de fuga de um dos hospitais onde estava internado.

Após tais complicações, volta a João Pessoa e torna a publicar colunas nos jornais daqui, ingressando, então, na Universidade Federal da Paraíba, como professor de Teoria da Literatura, cadeira da qual foi fundador e, também, de Literatura Hispano-americana e de Língua Portuguesa, passando a liderar nosso movimento cultural; inclusive, como já se disse, exercendo influência definitiva sobre jovens escritores e movimentos literários.

TRAJETÓRIA LITERÁRIA

A respeito da produção literária de Virgínius da Gama e Melo, vejamos o que diz o crítico literário e ensaísta João Trindade, na obra “Coletânea de Autores Paraibanos” (pp. 217/18):

Figura das mais respeitadas na literatura paraibana, Virgínius da Gama e Melo tornou-se conhecido, sobretudo, como crítico literário, cronista e boêmio.

O ‘menestrel’, como era carinhosamente chamado, atraiu para si novos e consagrados autores que o rodeavam, como grande crítico que era, de sua geração. Nos seus escritos, colocava em pauta suas **impresões** e seus **sentimentos** (grifos do autor), o que leva hoje alguns autores a acusarem-no de ‘benevolente’ com os novos; outros, de impressionista em excesso; há até aqueles que lhes negam o valor (!).

Ainda a respeito da crítica literária em Virgínius, é imperioso acrescentar que o autor tinha uma visão peculiar e definitiva sobre o ofício de crítico, conforme revelou, certa vez, a Ernani Sátiro:

Só há uma coisa importante para a crítica literária – é compreender a obra criticada. Não precisa o crítico elogiar nem atacar. Ao analisar, compreendendo, ele dirá tudo; e o leitor compreenderá também.

Extraordinariamente eclético na produção intelectual, Virgínius da Gama e Melo enveredou pelos mais variados campos e movimentos de arte, entre eles o cinema (foi consultor literário do filme “Menino de Engenho”); roteirista (“Paraíba para seu Governo” e “Poética Popular”); pesquisador (“Incelência para um trem de ferro”) e diretor (“Contraponto sem Música”), mas a grande paixão dele e o segmento no qual brilhou mais foi, sem dúvida, a literatura.

Como jornalista e escritor, deixou inúmeras crônicas e artigos nos jornais Correio da Paraíba, A União, O Norte e grande número de ensaios na imprensa pernambucana e no sul do país.

Inegavelmente reconhecido na vida literária brasileira, foram vários os prêmios recebidos por ele, valendo destacar o da UFPB e o Carlos de Laet, da Academia Brasileira de letras, com o impecável ensaio “O Alexandrino Olavo Bilac”, obra de consulta obrigatória para quem quiser conhecer, a fundo, a produção poética do mais renomado parnasiano brasileiro.

Destaquem-se, ainda, o do Serviço Nacional de Teatro, pela peça “Modelação”; o “Paulo Setúbal”, pelo Conselho Estadual de Cultura de São Paulo, pelo ensaio “Campo Épico e Lírico do Cavaleiro de Tatuí”; e o “José Lins do Rego”, do Instituto Nacional do Livro, com o romance “Tempo de Vingança”, publicado pela editora “Civilização Brasileira”. O segundo romance dele, “A Vítima Geral”, publicado postumamente pela José Olympio, foi recebido com entusiasmo pela crítica nacional e conquistou o prêmio de ficção da Fundação do Distrito Federal e da Academia Paulista de letras.

Virgínius da Gama e Melo faleceu quando contava 52 anos de idade, no dia primeiro de agosto de 1975, vítima de enfisema pulmonar.

A morte do menestrel não só enlutou, entristeceu e provocou comoção em toda a Paraíba, bem como deixou uma lacuna imensa no mundo literário paraibano; mormente, no tocante à crítica literária e à produção romanesca.

OBRA

- Os Seres (contos). João Pessoa, Edição do autor, 1963.
- O Alexandrino Olavo Bilac (ensaio). Prêmio Universidade Federal da Paraíba; Prêmio Carlos de Laet, da Academia Brasileira de Letras. João Pessoa, Imprensa Universitária, 1965.
- A Modelação (teatro). Prêmio Serviço Nacional de Teatro. Rio de Janeiro, SNT, 1966.
- Tempo de Vingança (romance). Prêmio José Lins do Rego, do Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1970.
- A Vítima Geral (romance). Prêmio de ficção da Fundação Cultural do Distrito Federal; Prêmio da Academia Paulista de Letras. Rio de Janeiro/Brasília, Livraria José Olympio Editora/Instituto Nacional do Livro, 1975.
- O Romance Nordeste e Outros ensaios (ensaios). João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1980.

TRECHOS SELECIONADOS

Crítica literária:

Vitalismo da Morte em José Lins do Rêgo (Virgínius da Gama e Melo)

[...] Essa harmonização de paisagem e personagem para concluir numa ambiência humano-geográfica

é em José Lins do Rêgo uma grandeza extraordinária. O romancista, em virtude mesmo de uma compreensão panteísta, em que o homem não é um produto do meio, mas uma parte desse próprio meio, inelutável em destino, infunde um caráter vegetativo, digamos assim, às suas personagens.

[...] A esta altura, em que se pretende fixar o caráter vegetativo das personagens de José Lins do Rego, convém ressaltar que, em sua obra, a presença animal é muito inferior à presença vegetal. E de repercussão mínima. O gado, tanto no engenho como na usina, tem um sentido apenas de manutenção. As próprias aves aparecem apenas nos dias de festa. E na parte de sua obra, aquela mais fundamental memorialista, que são os romances do 'ciclo da cana de açúcar', a presença animal é mínima. A introdução dos primeiros tipos de gado indiano na Paraíba, introdução que viria dominar quase totalmente os tipos raciais, é tratada de maneira rápida, puramente acidental. E quando a ficção se afasta da realidade, sentimos que a presença animal, realmente, ao romancista não teve o poder do vegetalismo. Até a amizade que Carlinhos dedica ao carneiro 'Jasmim' no 'Menino de Engenho' é muito inferior à que dedica o menino José Lins do Rego ao canário em 'Meus Verdes Anos'. (In Jornal do Comércio – 30/09/1956 – *apud* "Correio das Artes", 04/08/1990, p.p.6 e 7).

Academia Cabedense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea

Romance

Tempo de Vingança

Súbito, ouviram-se os tiros. Acorreram às janelas e viram o povo correndo e se escorando nas paredes, nas árvores, nos postes. Diversas pessoas deitadas no leito da rua. E gritos, diversos gritos e chamados. Eduardo, que se tinha recostado na parede ao ouvir o primeiro tiro, dirigiu-se para a porta. Pessoas corriam; os que se tinham encostado às paredes, encorajados, partiam para o meio da rua.

Via-se alguém no fim da rua deitado no calçamento irregular. Havia também alguém curvado sobre ele.

Eduardo viu saírem pela porta, correndo, Dr. Pacheco e Benedito Campos.

– Para aonde vão?

Voltaram-se sem parar:

– Diz-se que tem um ferido.

– Quem é?

A pergunta morreu sem resposta.

Agora entrava e saía muita gente na casa.

Eduardo saiu também. Só na rua notou que Dr. Campos o acompanhava.

– Doutor, não precisa ir.

Campos, bem pálido, cujas pernas não ajudavam, iluminou-se. Se não parou, pelo menos retardou os passos.

Eduardo já estava bem adiantado na frente. Não perguntava nada a ninguém. Agora ele mesmo ia ver e saber. Dr. Campos, ao vê-lo na frente, atravessando rápido a distância, encorajou-se e, embora ainda de pernas pesadas, apressou o andar, alargueceu os passos, garantindo a proximidade do coronel, mas conservando-se sempre atrás.

Eduardo, ao passar, ouvia murmúrios. Não se retardava, aproximava-se do amontoado do fim da rua. Amontoado silencioso, subindo na ponta dos pés para ver melhor. Ao chegar, rompeu o círculo com facilidade, pois todos ao vê-lo afastavam-se.

Ouviu alguém que estava mais à frente dizer:

– Não tem homem que dê jeito.

Viu Dr. Pacheco sem paletó, as mangas da camisa arregaçadas, nas mãos panos levemente sujos de sangue, curvado sobre o corpo deitado. A um gesto mais desenvolto do doutor viu o rosto de Paulo. Sereno, apenas a boca um pouco aberta. As faces embranquecidas, os cabelos com reflexos avermelhados onde batia a luz das lanternas, que diversas pessoas seguravam para ajudar o trabalho do médico. Os olhos de Paulo, espantados, em todo o rosto uma expressão quase envergonhada de menino surpreso. No centro da testa, bem no centro, meio entre as sobrancelhas,

uma mancha de vermelho leve, nuclearmente mais carregada, mais vibrante.

[...] Eduardo marchava por aquele calçamento irregular que durante anos seus pés haviam desgastado, mas nunca tinham sido tão automáticos, tão pesados. Os joelhos pareciam não se dobrar, as pernas ficavam avançando para a frente. O olhar fixo, a face endurecida, a cabeça de pé, como num desafio supremo. Mas corriam-lhe lágrimas pelas faces, brilhando. Combinavam no reflexo dos cabelos – no escuro da noite os jogos de luz branca.

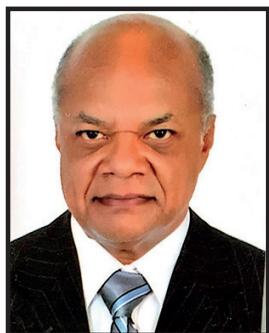
Caminhavam. As calçadas enchiam-se à sua passagem. Havia murmúrios. Os cabras, no percurso, se iam ajuntando ao povo. E a procissão seguia silenciosa. Só atrás os comentários existiam, que Eduardo não podia ouvi-los. Seguiam a multidão das calçadas juntava-se ao cortejo.

Várias pessoas adiantaram-se para receber Eduardo. Pareciam esperar que ele, pelo peso da emoção, de atitude rígida, viesse a tombar. Mas nem sequer os gritos das mulheres, de Vitória e Alice, ao verem o corpo flácido, conduzido pelos outros, o fizeram tombar. Passou pelo portão e caminhou para o próprio quarto, fez que depositassem o corpo na própria cama. As mulheres, apressadas, iam e vinham, em cuidados inúteis. Cleonice estacara na porta, os olhos enormes no rosto estampado, muda. Tinha nojo do corpo flácido, não sentia piedade, não sentia nada. Só a fascinação. Vivia só pelos olhos imensos, pulados para fora. Olhos que não eram mais dela e sim do corpo flácido em frente, deitado na cama.

(Tempo de Vingança, 2ª edição, Editora universitária/UFPB, 1980, pp.103 a 106).

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE:

No contexto geral do romance, Paulo, personagem morta, é neto do coronel Eduardo.



Cosmo Feliciano da Silva

Cosmo Feliciano da Silva nasceu na cidade de Campina Grande–PB, no dia 28 de abril de 1952.

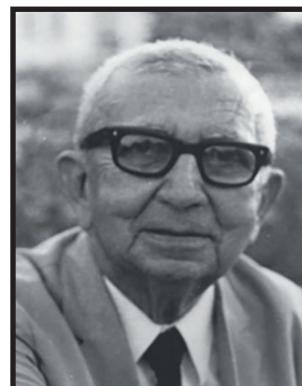
Formou-se em medicina na Universidade Federal da Paraíba. Tem títulos de especialista em Cardiologia Cirúrgica e em Terapia Intensiva (UTI).

É médico da equipe fundadora do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas (INCOR)

Exerceu a presidência do Hospital Geral Clinicords, no período de 1993 a 2010.

Foi presidente do Rotary Club São Paulo / Mooca (gestão 1991/1992).

Casado com Iracema Maria Liguori Feliano, e são filhos do casal: Paulo Feliciano da Silva, Thiago Liguori Feliciano da Silva e Matheus Liguori Feliciano da Silva. O casal possui ainda o neto Matulevicius Feliciano.



CADEIRA 39

PATRONO
WALFREDO RODRIGUEZ
(1893– 1973)

ACADÊMICO
Hélio Rodrigues da Costa

WALFREDO RODRIGUEZ É CONSIDERADO O PAI DO CINEMA PARAIBANO

O talentoso Oscar Wilde dizia que a arte começa quanto a imitação acaba. Ele também tem muito disso. Walfredo Rodriguez procura ser o mais original possível. Nada de imitação. Se outro começa pela cabeça, ele opta em focar os pés; se uns optam pelos gestos, ele prefere o olhar.

Um olhar diferente, ele não faz questão de ter: tem! Não se apresenta como “artista”. Apresenta-se como “um homem da arte”. Não diz um homem que “faz arte”; mas “da arte”. Assim mesmo, um homem da arte que sabe fazer arte como poucos. Ele bem poderia dizer assim. Não disse.

Ontem o encontrei no Ponto Cem Réis. A arte do encontro? Não! O encontro com um sujeito que faz arte. O papo? Tudo a ver com o papo deste malabarista de palavras: arte sem pretensões intelectuais. Se é um intelectual? Ele é.

Mas um intelectual não daquele sentido chato que vocês sabem melhor do que eu. Também nada de sábio ou erudito. Nem pretendo. É apenas um sujeito que sabe pensar e pensa como poucos no que sabe: fazer excelentes comentários.

Fotógrafo, cineasta, diretor e pesquisador. Walfredo Rodriguez é considerado o pai do cinema paraibano.

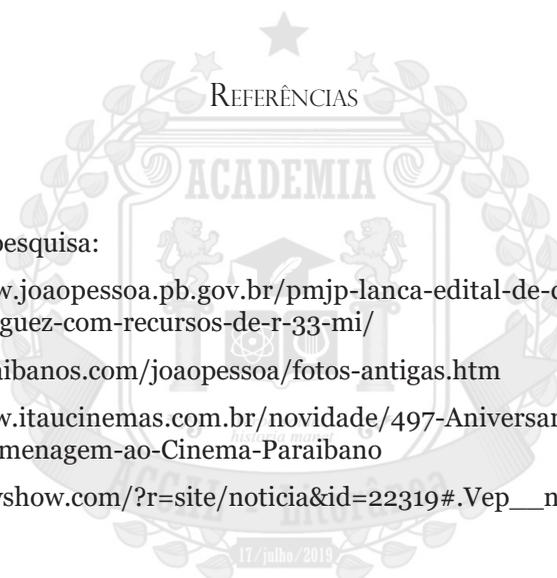
O fotógrafo testemunhou o crescimento de João Pessoa em negativos que mostram a evolução da cidade desde a época em que ela ainda se chamava Parahyba do Norte, desde as “cacimbas de banho” públicas até a chegada da energia elétrica e dos bondes.

Mudou-se para o Rio de Janeiro onde passou alguns anos e trabalhou com cineastas, quando aprimorou suas técnicas em cinema, além de adquirir novos conhecimentos. Voltou à Paraíba, onde produziu vários filmes, a grande maioria do gênero documentário, dentre os quais os mais conhecidos são “Sob o Céu Nordestino”, “Amor e Perdição”, “Reminiscência de 30” e “Carnaval Paraibano e Pernambucano”. As primeiras produções nascidas na Paraíba começaram em 1918, tendo como realizador Pedro Tavares, que era fotógrafo do Governo do Estado e fez os primeiros registros de obras governamentais. Mas o Cinema Paraibano começou a consolidar-se mesmo no ano de 1923, com o lançamento de “Carnaval Paraibano e Pernambucano”, realizado por Walfredo Rodriguez. Em 1924, o cineasta começa a rodar “Sob o Céu Nordestino”, que só foi concluído em 1928 e é considerado pela crítica como um marco etnológico do cinema brasileiro, por ter sido o pioneiro a retratar a cultura nordestina sem a ótica do esoterismo.

De sua obra, restaram apenas fragmentos mais tarde utilizados por Wladimir Carvalho, em “Homem de Areia” (1982). Walfredo Rodriguez foi diretor do Teatro Santa Roza. Como pesquisador, escreveu os livros “História do Teatro na Paraíba” e “Roteiro Sentimental de uma Cidade”. Esta última publicação foi de fundamental importância para o conhecimento da sociedade paraibana nos séculos XIX e XX.

Por todos esses motivos, o artista recebeu algumas homenagens da Prefeitura Municipal de João Pessoa, como

por exemplo, O Museu Fotográfico da Casa da Pólvora que, recentemente, passou por uma reforma ganhou seu nome e hoje se chama Museu Fotográfico Rodriguez. Em 2012, a Prefeitura Municipal também deu início ao evento cultural “Prêmio Walfredo Rodriguez de Produção Audiovisual” que premia curtas, medias e longas-metragens locais.



Fontes de pesquisa:

<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/pmjp-lanca-edital-de-cinema-walfredo-rodriguez-com-recursos-de-r-33-mi/>

<http://paraibanos.com/joaopessoa/fotos-antigas.htm>

<http://www.itaucinemas.com.br/novidade/497-Aniversario-de-Joao-Pessoa-homenagem-ao-Cinema-Paraibano>

http://tonyshow.com/?r=site/noticia&id=22319#.Vep__n9Viko

Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



Hélio Rodrigues da Costa

Hélio, como ele próprio se considera, pode ser chamado de um homem da arte.

Tem um olhar sensível, sério, discreto, silencioso, extremamente competente.

É um multimídia conhecido por sua arte de documentar a história dos artistas da Paraíba.

Indicado ao troféu "Fenacom 2019 – Deputado Federal Rômulo Gouveia", está incluso no rol de documentarista.

Nasceu em João Pessoa–PB, já tendo residido em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Tem pós-graduação em Publicidade, pela escola Superior de Propaganda e Marketing.

Fez o curso de Radialismo e Mídia Impressa na antiga Escola Técnica Federal da Paraíba.

Exerce as atividades de advogado e jornalista.

Como documentarista, é produtor cultural, multimídia e criador de diversas logomarcas e capas de livros e circula hoje entre os nomes importantes entre divulgadores dos artistas paraibanos em seu canal do Youtube, sendo considerado um dos youtubers mais respeitados do meio da classe artística paraibana. Hélio Costa é possuidor de um imenso acervo fotográfico de artes plásticas da Paraíba.

Chefe de comunicação da Controladoria do Município, e também responsável em documentar as bienais de arte Naif em São Paulo, Paraty e Rio de Janeiro.

Fui premiado pela FENACOM como melhor Documentarista de 2020.

Troféus conquistados: Troféu Rômulo Gouveia, Troféu Jurandir Maciel, Amigos do Museu.



Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea



CADEIRA 40

PATRONO
WILLS LEAL
(1936 – 2020)

ACADÊMICO
Gilberto Silva

Trecho do discurso de posse do acadêmico Wills Leal, na Academia Paraibana de Letras, em fala, por ocasião de comemorações por ocasião dos festejos do seu aniversário de oitenta anos:

Eu me considero uma pessoa que tem uma única linha, sempre com coerência. Por isso, de tudo que fiz, ou escrevi, não tiro nenhuma linha nem vírgula. Não deleto nada do que fiz dentro do tripé jornalismo, cinema e turismo. No fundo, no fundo, minha formação filosófica me levou a uma atividade pluralista. São anos bem vividos e tenho a certeza de que tenho sido muito cerebral, crítico, o que é reflexo de um pensamento já estruturado e que preservo, dentro de um critério lógico. Me considero feliz, alegre, expansivo, sem remorso e sem trauma.

Com as palavras acima, o jornalista, escritor e professor Wills Leal se definiu ao completar oitenta anos de idade.

Wills Leal, o criador da Roliúde Nordestina, projeto cinematográfico implantado e efetivado no município de Cabaceiras, na Paraíba, morreu na madrugada de quinta-feira, 7 de maio de 2020, em João Pessoa. Com 83 anos, era um homem de vários ofícios: jornalista, professor, escritor, pesquisador e ex-Secretário de Turismo da Paraíba. Wills

Leal, que foi Presidente da Academia Paraibana de Cinema, nos últimos anos andava muito doente e estava perdendo a audição e a visão. Todavia assistia a todas as sessões do Festival Aruanda do Audiovisual Brasileiro.

Como escritor, Wills Leal deixa muitos livros. O de maior abrangência e visibilidade continua sendo “O Cinema na Paraíba” que, em formato álbum, capa dura, contém um poderoso material ilustrativo e informações sobre nomes consagrados do cinema paraibano, como Linduarte Noronha e Vladimir Carvalho, ao lado de realizadores que se firmavam, como Manfredo Caldas, Vânia Perazzo, Marcus Vilar, Torquato Joel, Bertrand Lira, incluindo ainda os então “novíssimos”, aqueles que chegavam fazendo muito barulho, causando polêmica.

A PRESENÇA DE WILLS LEAL

Em 2007, ano em que Wills lançou os dois luxuosos volumes sobre o cinema na e da Paraíba, a Roliúde Nordestina estava bombando. Guel Arraes, respaldado pela Rede Globo e pelo imenso talento de Matheus Nachtergaele e Selton Mello, produzira a série, transformada em filme, chamada “O Auto da Compadecida” (2000). Enquanto na TV, conforme registrou o Ibope, o texto de Ariano Suassuna batia recordes no horário noturno, nos cinemas, em versão suavemente resumida, foram vendidos mais de dois milhões de ingressos, o que levou o diretor Daniel Filho, entusiasmado, a bradar, ao festejar o sucesso da fita: “Trata-se do verdadeiro Milagre da Compadecida”. Euforia no Sul e indignação no Nordeste paraibano.

Novas produções chegavam à nossa região, do Rio de Janeiro ou de São Paulo, para utilizar os cenários de Cabaceiras e do Lajedo do Pai Mateus, (magnífico e “místico” para alguns), um complexo rochoso que encantou o ca-

rioca Júlio Bressane ao pernambucano Guel Arraes. Ali, o primeiro lá realizou as filmagens de “São Jerônimo”, com Everaldo Pontes, e o segundo, “Romance”, com Letícia Sabatella e Wagner Moura. Foi então que, liderados por Ana Bárbara Ramos, autora do ótimo curta-metragem “Cabaceiras” (2007, disponível no Porta Curtas), os curta-metragistas paraibanos resolveram questionar os gastos governamentais destinados ao fomento do “polo de cinema de Cabaceiras”.

O criador da Roliúde Nordestina e da Festa de Bode Rei, Wills Leal, não se deu por vencido. Continuou valorizando o gigantesco letreiro plantado na entrada da cidade sertaneja e inspirado na matriz parodiada, a poderosa Hollywood. Continuou usando todas as suas forças para levar o projeto paraibano adiante. Criou, em parceria com a Prefeitura de Cabaceiras, um pequeno museu na cidade (com imagens de duas dezenas de filmes lá realizados), deu entrevistas (muitas à repórter Bernadete Duarte, do Canal Brasil) sobre as virtudes de seu projeto turístico-cinematográfico; cantou a beleza do Lajedo do Pai Matheus e mostrou-se um resistente, como as cabras, que ele e Suassuna amavam. Então vieram os males de saúde, e Wills Leal já não podia enfrentar os pouco mais de 200 km que separam a Capital do Estado de “sua” Cabaceiras.

Principais filmes “roliudianos”: São Jerônimo, de Júlio Bressane (2000); O Auto da Compadecida, de Guel Arraes (2000); Viva São João, de Andrucha Waddington (documentário, 2002); Madame Satã, de Karim Aïnouz (2003); Cinema, Aspirinas e Urubus, de Marcelo Gomes (2006); Canta Maria, de Francisco Ramalho Jr. (2007); Cabaceiras, de Ana Bárbara Ramos (curta, 2007); Romance, de Guel Arraes, (2008); Garoto, de Júlio Bressane (2015); Por trás do céu, de Caio Soh (2016); Beijo de Estrada, de Eliézer Rolim (2017).

IMAGENS MÚLTIPLAS DE UM “AGITADOR CULTURAL”, NAS PALAVRAS DE AMIGOS

O jornalista Luiz Gonzaga, por exemplo, publicou, em A União, que Wills Leal “preferiu o desafio de ser nacional sem deixar a Paraíba. Se a calçada é na Paraíba, lá vai Wills; se a calçada é no Norte ou no Sul, lá vai a Paraíba. Ainda vai ser estátua”.

Martinho Moreira Franco, também, por ocasião do centenário do jornal da imprensa oficial, escreveu que “como debatedor de filmes, Wills é imbatível. Ficou célebre o debate que travou, na sede da Associação Paraibana de Imprensa, sobre o filme ‘Os Fuzis’, de Ruy Guerra. Inesquecível”.

No jornal “Contraponto”, o poeta e crítico Hildeberto Barbosa Filho registrou que “é impossível se pensar a Paraíba do ponto de vista turístico, cultural, gastronômico, histórico, boêmio e festivo sem passar pelos estudos de Wills Leal. É, sem dúvidas, o topógrafo dos nossos territórios simbólicos”.

No “Correio das Artes”, suplemento literário de A União, Carlos Romero escreveu que “Wills Leal é um homem primaveril por índole. Tristeza nele não encontra vez. É só agitação. Só para quando está dormindo, ou quando vira fotografia”.

Principais obras de Wills Leal: A Aventura do Amor Atonal, A União, 1992; Discursos Cinematográficos dos Paraibanos, A União, 1992; Nordeste no Cinema, A União, 1992; Cinema e Província, A União, 1992; Verbo & Imagem, A União, 1992, (parceria com Jomard M. Britto); Gastronomia como produto turístico (parceria com Carlos Trigueiro); Conquistando o turista pela boca – Gastronomia; Um Leal Iluminado ou muito além do Atonal (Organizador); Memorial da Festa das Neves, JB, 1995; No Tempo do Lança-perfume, A União, 1996; Jamais deletado, 2011;

Aventura do Amor Atonal; Primeiro de Abril antes e depois de 1964; A Saga de um Grande Clube, JB, 1997; Escritores Brasileiros no Cinema; Paraíba Cultural VII, (parcerias diversas); Eram felizes e sabiam; Elas só citavam O Pequeno Príncipe; Cinema na Paraíba, Cinema da Paraíba; Iate nos seus 25 anos, JB, 1997; Eu era feliz e não sabia, Arpoador, 2000; O Real e o Virtual no Turismo da Paraíba, 2001.

BIOGRAFIA DO “TOPÓGRAFO DOS NOSSOS TERRITÓRIOS SIOMBIÓLICOS”

Wills Leal nasceu no dia 18 de setembro de 1936, em Alagoa Nova–PB. Era filho do Sr. Antônio Leal Ramos e de D. Ana Meira Leal Ramos (D. Nenê). Aprendeu as primeiras letras em casa, com o seu pai, prosseguindo a aprendizagem no Grupo Escolar Estadual de Alagoa Nova, onde concluiu o curso primário. Vindo à Capital do Estado a fim de complementar os estudos, matriculou-se no Lyceu Paraibano e, em seguida, na Academia de Comércio Epitácio Pessoa. Mais tarde, graduou-se em Filosofia, na Faculdade de Filosofia de João Pessoa, FAFI e, posteriormente, bacharelou-se em Línguas Neolatinas, na UFPB, especializando-se em Língua e Literatura Francesa.

Poliglota, Wills Leal, incentivado pelo tio José Leal Ramos, considerado o decano da imprensa paraibana, ingressou na imprensa, iniciando a carreira como revisor do jornal “O Norte”, ascendendo, nesse mesmo veículo, à condição de colunista e articulista, mantendo uma página dedicada ao turismo e atuando nessa área como presidente da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores de Turismo (Abrajet).

Professor aposentado do Estado, já havia lecionado Língua e Literatura Francesa no Conservatório Antenor Navarro e na Escola de Formação de Professores.

Desenvolveu atividades relacionadas ao turismo, exercendo o cargo de diretor de eventos e operações na Empresa Paraíba de Turismo (PB-Tur). Sempre ligado às atividades jornalísticas e de turismo, teve a oportunidade de viajar muito, conhecendo quase todos os países do mundo. Durante três anos, foi o promotor, na Paraíba, do concurso Miss Paraíba, com reconhecimento nacional.

Nos anos 60, liderou um grupo de amigos, fundando o Clube dos Solteiros, instalado na Boate Maravilha, na praia de Tambaú, sendo reconhecido hoje como “o último dos solteiros” daquele grupo. Também foi o idealizador da “Banda de Tambaú”, com atuação nas prévias carnavalescas de João Pessoa, inspirado na Banda de Ipanema, do maestro Albino Pinheiro.

Como crítico cinematográfico, publicou inúmeros trabalhos em jornais de João Pessoa, em revistas especializadas e até no exterior. Foi um dos questionados pelo regime militar de 1964, considerado “subversivo” por suas posições libertárias. Ingressou na Academia Paraibana de Letras em 29 de maio de 1992, recepcionado pelo acadêmico José Octávio de Arruda Mello. Wills Leal também é um dos fundadores da Academia Paraibana de Cinema (APC), da qual foi presidente.

Formado em Filosofia, dedicado ao jornalismo e estudioso de línguas, o crítico assinou mais de quarenta obras, entre livros e filmes. Em torno do clássico “Vidas Secas”, promoveu o ensaio “Verbo e Imagem”, em parceria com o pernambucano Jomard Muniz de Brito e Virginius da Gama e Melo.

Wills Leal foi professor das Universidades do Rio de Janeiro, de Brasília e, na Paraíba, da Universidade Regional do Nordeste.

Wills Leal realizou 23 filmes, dentre os quais as obras intituladas “Tudo é improvisado”, “Festa das Neves” e “Presença da Música no Cinema”, além de ter sido responsável por

diversos projetos, a exemplo do Roliúde Nordestina, Festcine Digital do Semiárido e o Polo Hoteleiro do Cabo Branco, e ter tido participação fundamental na criação de instituições públicas e privadas, como a Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba, Academia Paraibana de Cinema, Conselho Estadual de Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) e Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo (Abrajjet) – Paraíba.

Ele foi o primeiro *ombudsman* da imprensa paraibana, atuando no já extinto jornal “O Norte”, quando esse veículo era dirigido por Marcone Goes de Albuquerque, tendo como um dos diretores Teócrita Leal, irmão de Wills.

Na noite do dia 16 de setembro de 2011, Wills lançou o livro “Jamais deletado”, na Academia Paraibana de Letras. Na ocasião, ele recebeu o título de Cidadão Pessoaense, que lhe foi outorgado por propositura do vereador Tavinho Santos.

Por ocasião da passagem dos seus 75 anos, em 2011, Wills afirmou que “A melancolia é inerente ao ser humano diante do nascer e do morrer. Todos sabemos que vamos morrer. Se eu morrer, quero morrer vivo, não quero morrer morto”. A frase apresentava para o mundo o seu perene estado de espírito.

Em abril de 2014, mês em que o País relembra a instauração do regime militar de 64, Wills Leal lançou o livro “Primeiro de Abril, antes e depois de 1964”. Segundo Wills, não havia outra data mais propícia para o lançamento do livro, a não ser o 1º de abril: “Havia muitas mentiras nesse regime. A maior delas é que naqueles vinte anos vivíamos em uma democracia, e o livro traz todo esse espírito de 1º de abril”. Na época do regime militar, o escritor chegou a ser preso no Aeroporto Internacional dos Guararapes, em Recife, acusado de ser o autor que jogou uma bomba para matar o ex-presidente Costa e Silva. As narrativas de Wills são baseadas em fatos vivenciados e observados pelo pró-

prio autor, todas contadas sob uma linguagem leve, recheada de humor e brincadeiras.

Wills criou laços muito fortes com a cidade de Cabaceiras, através da criação do projeto Festa do Bode Rei, um evento que ultrapassou as barreiras da Paraíba e ganhou o mundo. Da mesma forma, foi o projeto Roliúde Nordestina, que visava enaltecer a cidade que, aos poucos, se transformou em um polo cinematográfico, com mais de trinta produções. Ao longo desses mais de vinte anos de relação com Cabaceiras, Willis fez amigos e recebeu o título de Cidadão Cabaceirense.

A Paraíba enalteceu, em vida, a importância de Wills Leal para cultura, turismo e história do povo paraibano. Em vida, recebeu premiações significativas, entre elas o Troféu João Ramiro Melo, no Festival Aruanda (2006). Na noite de abertura da edição do Fest Aruanda, no ano de 2018, um dos momentos mais icônicos foi a homenagem ao jornalista e escritor Willis Leal. Ele recebeu o troféu “Memória Viva do Cinema PB” das mãos de Marília Franco, professora de Cinema da USP. Na ocasião, emocionado, ele falou que “De todas, esta foi uma das homenagens mais importantes que já recebi. Estou extremamente emocionado com este reconhecimento”.

Nos últimos anos, a atual presidente da Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo da Paraíba, Messina Palmeira, criou, em homenagem ao jornalista, a comenda Wills Leal, que premia anualmente personalidades que promovem a cultura e o turismo paraibano. Wills Leal faleceu aos 83 anos em João Pessoa, na madrugada de 7 de maio de 2020, vítima de uma parada cardiorrespiratória.

REFERÊNCIAS

<https://paraibamaster.com.br/2020/05/07/morre-o-jornalista-e-escritor-paraibanowil/s-leal/>

<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/05/07/jornalista-e-escritor-wil/s-leal-morre-aos-83-anos-em-joao-pessoa.ghtml>

https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/jornalista-e-escritor-wil/s-leal-comemora-aniversario-de-80-anos

https://portalcorreio.com.br/morre-escritor-jornalista-wil/s-leal/https://www.paraibacriativa.com.br/artista/wil/is-leal/https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/05/07/interna_diversao_arte,852310/morre-aos-83-anos-o-critico-e-escritor-paraibano-wil/s-leal.shtml

<http://revistadecinema.com.br/2020/05/morre-wil/s-leal-o-criador-da-roliuendenordestina/>

<http://revistadecinema.com.br/2020/05/morre-wil/s-leal-o-criador-da-roliuendenordestina/>

<https://paraiba.pb.gov.br/noticias/wil/s-leal-sera-homenageado-pela-fundacao-casade-jose-americo>

<http://www.clickpb.com.br/paraiba/morre-o-escritor-critico-de-cinema-e-jornalistaparaibano-wil/s-leal-283509.html>

<https://www.osebocultural.com/galeria/8,wil/s-leal/galeria.html>

<https://revistacontinente.com.br/edicoes/206/wil/s-a-mais-de-oitenta>

<https://www.metropoles.com/brasil/wil/s-leal-criador-da-roliuendenordestina-morreaos-83-anos>

<https://www.jornaldaparaiba.com.br/cultura/os-dossies-de-wil/s-leal-escritor-faz-75-anos.html>

<https://www.estantevirtual.com.br/livros/wil/s-leal>



Gilberto Silva

Sua formação acadêmica aponta-o como especialista em Psicologia. Possui Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba.

No seu histórico profissional, são citados alguns destaques: atual Chefe do Setor de Projetos Educacionais da Secretaria Municipal de Educação de Cabedelo-PB; Coordenador Estadual da UNCME-PB, UNCME Nacional, em Cabedelo-PB.

Responsável pela realização de dois Encontros Estaduais de Conselhos Municipais de Educação, na Paraíba (Campina Grande e Cabedelo); realização do Encontro Nordeste dos Conselhos Municipais, em Cabedelo-PB.

Coordenador do projeto de Formações Continuas para Conselheiros da Educação, em várias cidades da Paraíba.

Tem registrada a participação, com a delegação paraibana, em vários encontros nacionais da UNCME Nacional.

Foi Coordenador Municipal do Programa Mais Educação/MEC, Governo Municipal, Bayeux-PB.

Atuou como Secretário Executivo da GEEIEF, Secretaria de Estado da Educação – Governo da Paraíba.

